

DM

**Luzia e as Escritoras da sua Época**  
Uma constelação de mulheres  
entre a Madeira e o mundo

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Cátia Micaela Coelho Vieira Pestana**  
MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

setembro | 2025



Procuramos as escritoras  
as vozes onde elas estão  
teimamos nas suas vidas

E se a escrita foi seu chão

Vamos atrás das palavras  
através do tempo ido encontrá-las recolhidas  
No passado desvalido

Maria Teresa Horta<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>Horta, M. T. (2009). *Poemas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, p. 45.

## Agradecimentos

À Alice, Eva e Ricardo, a minha constelação pessoal, que foram, ao longo deste percurso, a força, o motivo e o mapa.

À minha orientadora, a Estrela-guia desta jornada. Agradeço pela sabedoria, pela paciência, pela capacidade de iluminar o caminho sempre que a dúvida se estabelecia e, sobretudo, por fazer-me acreditar.

À Cristina e ao Vítor, estrelas de uma mesma constelação, agradeço por todas as conversas e por todas as partilhas, essenciais neste caminho de descoberta.

A Luzia, cuja existência foi tão grandiosa que hoje, 150 anos depois do seu nascimento e 80 anos depois da sua morte, foi capaz de me tocar tão profundamente. Luzia, uma eterna inspiração para as mulheres do seu tempo e do meu, que nos recorda que a escrita é também uma forma de resistência e de afirmação.

## Resumo

Luzia viveu entre a Madeira, Portugal Continental e o mundo, frequentou os salões literários mais relevantes – quer em Portugal, quer em Paris –, conheceu dois regimes políticos, viveu duas guerras mundiais e os designados “loucos anos 20”. Ao longo da sua vida, procurou um lugar de fala e de pensamento próprio, conviveu com a elite intelectual portuguesa e estrangeira, esteve a par da literatura de relevância nacional e mundial e foi uma ávida e crítica leitora, sempre a par do que se publicava no país e fora dele.

Através do seu *Diário* e de um importante conjunto de cartas pertencentes aos acervos documentais da Fundação António Quadros e do Arquivo Regional da Madeira (Fundo Florival de Passos), as primeiras publicadas em 2024 sob o título *Adeus por Hoje, Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro*, e as segundas em fase final de publicação, juntamente com os livros *Cartas do Campo e da Cidade* (1923) e *Cartas de uma Vagabunda*, cuja edição original data de 1926, podemos estabelecer uma série de relações entre Luzia e diversas outras mulheres escritoras regionais e nacionais.

Esta dissertação procurará analisar quem são essas mulheres, qual a sua produção literária e a forma como se relacionam, numa tentativa de aferir se a escrita feminina nos finais do séc. XIX, início do séc. XX poderia configurar um sistema literário.

**Palavras-chave:** Luzia, mulheres, escritoras, saudade, solidão, literatura feminina, sistema literário.

## Abstract

Luzia lived between Madeira, mainland Portugal and the world, attended the most relevant literary salons – both in Portugal and in Paris –, experienced two political regimes, lived through two world wars and the so-called “roaring 20s”. Throughout her life, she sought a place of speech and her own thought, she lived with the Portuguese and foreign intellectual elite, she was aware of literature of national and global relevance, and she was an avid and critical reader, always aware of what was published in the country and abroad.

Through her *Diary* and an important set of letters belonging to the documentary collections of the António Quadros Foundation and the Madeira Archives (Florival de Passos Fund), the first published in 2024 under the title *Adeus por Hoje, Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro* and the second in the final stages of publication, supported by the books *Cartas do Campo e da Cidade* (1923) and *Cartas duma Vagabunda*, whose original edition dates from 1926, we can establish a series of relationships between Luzia and several other regional and national women writers.

This dissertation will analyze who these women were, their literary output, and how they interacted with one another, to determine whether women's writing in the late 19th and early 20th centuries could constitute a literary system.

**Keywords:** Luzia, women, writers, longing, loneliness, women's literature, literary system

## Conteúdo

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Introdução .....	9
1. Do final do séc. XIX à primeira metade do séc. XX: exclusão, feminização e profissionalização.....	13
O contexto histórico.....	13
A condição feminina.....	17
A instrução e educação feminina.....	24
Das Associações à luta pelo voto .....	31
1.1. A Exclusão <i>versus</i> a afirmação das mulheres nas letras .....	39
Os salões literários .....	39
Os Gabinetes de Leitura e o mercado livreiro.....	47
A imprensa periódica .....	49
1.2. Para uma revolução: autonomia e autoridade .....	59
A escrita feminina e a sua profissionalização.....	59
2. Luzia – círculos de escrita.....	74
2.1. Luzia: da saudade à palavra, entre a epistolografia e a diarística.....	75
Diarística e Epistolografia: o lugar do “eu” e um espaço para a afirmação feminina.....	76
Luzia, Condessa de Noailles e Katherine Mansfield: uma tríade de “mulheres de génio” .	82
A saudade como princípio estruturante da escrita.....	86
O não-pertencimento em Luzia: o desejo de estar sempre noutra lugar.....	93
A solidão como escolha e condenação .....	95
Saudade, solidão e identidade .....	96
2.2. A relação com outras escritoras: Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro .....	98
A cumplicidade pela palavra: uma constelação de <i>afinidades eletivas</i> .....	99
As letras com rosto de mulher: o estado da arte a partir de Luzia .....	114
A sororidade nas letras.....	120
3. A constituição de um “sistema literário feminino”?.....	126
A consciência da expressão feminina na literatura.....	126
Por um “sistema literário feminino” .....	130
3.1. A busca permanente por um lugar de voz .....	134
O caso da revista <i>Atlântico</i> .....	134
3.2. Para uma maior presença das mulheres.....	139
As mulheres no cânone literário português.....	139

Conclusão.....	145
Bibliografia .....	149
Apêndices.....	160
Apêndice 1:.....	160
Periódicos de e para mulheres em Portugal, no final do séc. XIX, início do séc. XX .....	160
Apêndice 2:.....	165
A “saudade” e a “solidão” como princípios estruturantes da personalidade e percurso de Luzia.....	165
Apêndice 3:.....	180
" <i>Femmes de lettres</i> " (escritoras e salonières) portuguesas e estrangeiras .....	180
Apêndice 4:.....	198
As mulheres na <i>Atlântico: Revista luso-brasileira</i> .....	198

## Introdução

A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX representaram um período de profundas transformações políticas, sociais e culturais em Portugal. A transição da Monarquia Constitucional para a República, as convulsões das duas Guerras Mundiais, as tensões sociais decorrentes da industrialização, da urbanização e da secularização, que levaram a mudanças graduais na educação e no papel social da mulher, e, mais tarde, a Ditadura Militar e o Estado Novo marcaram decisivamente o panorama do país, em geral, e as mulheres portuguesas, em particular. No entanto, apesar de uma maior participação das mulheres em espaços públicos e culturais, o acesso à criação literária e à sua legitimação continuava condicionado por barreiras estruturais impostas por uma sociedade patriarcal.

É neste contexto que se inscreve a vida e obra de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino (1875-1945). Conhecida também pelo pseudónimo literário de Luzia, esta mulher desenvolveu um percurso intelectual que atravessou fronteiras geográficas e culturais, integrando-se tanto na vida literária nacional como em circuitos internacionais.

Oriunda de uma das mais notáveis famílias madeirenses, os Lomelino, e de uma família igualmente notável alentejana, os Grande, nasceu em Portalegre, mas viveu parte da sua vida na Madeira, onde morreu, aos 70 anos. Ganhou grande relevância na escrita a partir dos 45 anos, tendo publicado a primeira obra em 1920, apesar de já antes ter colaborado com a imprensa madeirense.

As balizas temporais propostas para este estudo são o ano do seu nascimento, 1875, e o da sua morte, 1945, e correspondem não apenas ao arco biográfico da autora, mas também a um período histórico que testemunhou a emergência e consolidação de redes femininas de produção e circulação literária, como procuraremos aferir.

Luzia viveu entre a Madeira, Portugal Continental e o mundo, frequentou os salões literários mais relevantes, quer em Portugal, quer em Paris, conheceu dois regimes políticos, viveu duas guerras mundiais e os designados “loucos anos 20”. Ao longo da sua vida, procurou um lugar de fala e de pensamento próprio, conviveu com a elite intelectual portuguesa e estrangeira, esteve a par da literatura de relevância nacional e mundial e foi uma ávida e crítica leitora, sempre informada do que se publicava no país e no mundo.

Através do seu *Diário*, organizado, anotado e publicado pela Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares (ADEGI) em 2023 (*Diário de Luzia: Caminhos da Vida um Jornal*<sup>2</sup>), e de um importante conjunto de manuscritos – cartas –, pertencentes aos acervos documentais da Fundação António Quadros e do Arquivo Regional da Madeira (Fundo Florival de Passos), as primeiras cartas publicadas com anotações, em 2024, também pela ADEGI, sob o título *Adeus por Hoje, cartas a Fernanda de Castro e António Ferro*<sup>3</sup> e as segundas<sup>4</sup> em fase final de publicação pela mesma associação, conjugadas com os livros *Cartas do Campo e da Cidade* (1923)<sup>5</sup>, edição original, e *Cartas de uma Vagabunda*<sup>6</sup> – edição igualmente anotada e publicada pela ADEGI, em 2025, cuja edição original data de 1926 – podemos estabelecer uma série de relações entre Luzia e diversas outras mulheres escritoras regionais e nacionais. Estas obras de cunho intimista e pessoal, nos domínios da diarística e da epistolografia – conceitos que exploraremos enquanto formas da “escrita de si”, de acordo com Michel Foucault, representam bem a forma como viveu – tanto a sua vida pessoal como literária –, o que pensava, quem admirava e de quem não gostava, como percecionava a vida política do seu país e como se relacionava com elite à qual pertencia, as viagens que fazia e todo o seu universo da intimidade.

A escolha deste *corpus* justifica-se por, quando ordenado como abaixo apresentamos, representar um espaço temporal da vida de Luísa Grande quase

---

<sup>2</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte.

<sup>3</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri.

<sup>4</sup> *Manuscritos de Luzia (1924-1931)*. Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos PT/ABM/FPS-LUZ/001- em tratamento para publicação.

<sup>5</sup> Luzia (1923). *Cartas do Campo e da Cidade*. Lisboa: Editora Portugália.

<sup>6</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas.

ininterrupto, entre 1902 e 1945, que retrata a sua vida a partir dos 27 anos até à sua morte, aos 70 anos, abrangendo o casamento e divórcio, a perda da irmã, o início da atividade de escritora e o fim de vida, momentos que a definiram enquanto mulher e enquanto escritora.

<i>Diário de Luzia: Caminhos da vida, um jornal</i>	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i>	<i>Cartas d'uma vagabunda</i>	<i>Manuscritos de Luzia (cartas a Laura de Castro, Conde de A. e António Ribeiro)</i>	<i>Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro</i>
[1902-1915]	[1918-1919]	[1923-1924]	[1924-1931]	[1928-1945]

A presente dissertação procura compreender a forma como Luzia se inseriu e contribuiu para a construção de uma constelação de escritoras que se lia mutuamente, se comentava, se criticava e se divulgava. Pretendemos analisar essa constelação de mulheres escritoras à luz da proposta teórica de Fernando Cristóvão e de Luísa Marinho Antunes [Paolinelli] sobre a literatura enquanto sistema comunicativo, de modo a percebermos se no final do século XIX e, sobretudo, no início do século XX, podemos estar perante a existência de um “sistema literário feminino”.

Assim, no primeiro capítulo propomo-nos a estudar qual foi o impacto das transformações sociais e políticas do final do século XIX e início do século XX na luta por direitos das mulheres em Portugal, fazendo, deste modo, uma contextualização histórica do país e da condição feminina da época, passando pela educação, pela implementação de um movimento associativo direcionado para as mulheres e pela luta pelo direito ao voto, para depois entrarmos propriamente no campo literário onde abordaremos a exclusão *versus* afirmação das mulheres nas letras e o caminho por elas percorrido dos salões literários até ao mercado livreiro e imprensa periódica até chegar finalmente à profissionalização da escrita.

Terminada a contextualização, entramos, no segundo capítulo, no tema central desta dissertação que é a escritora Luzia enquanto parte integrante de uma constelação de mulheres escritoras. Através do estudo da frequência dos termos “saudade” / “saudades” e “solidão” nas obras selecionadas como *corpus* desta dissertação, pretendemos

estabelecer a caracterização e o percurso da autora e que influência estes dois conceitos operaram na sua vida e personalidade.

Estudaremos a sua relação com outras escritoras portuguesas e estrangeiras, entre as quais destacaremos a Condessa de Noailles e Katherine Mansfield, enquanto “mulheres de génio”, e as *afinidades eletivas* estabelecidas com Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro. Abordaremos, neste capítulo, a existência, ainda que informal, de círculos femininos de escrita. Faremos igualmente o levantamento das *Femmes de Lettres*, expressão usada por Luzia e que no contexto deste estudo se refere a escritoras e *salonières*, portuguesas e estrangeiras, agrupadas por origem, sendo que as lusófonas se subdividem em originárias de Portugal e do Brasil e originárias da Madeira.

No terceiro capítulo, propomos a verificação da existência ou não de uma consciência de expressão própria da escrita feminina. Partindo das críticas feitas por Luzia a Fernanda de Castro relativamente à fraca presença de mulheres na revista *Atlântico*, nas cartas que com ela trocou entre 03.06.1942 e 24.02.1944, faremos o levantamento de todas as mulheres que viram os seus textos ali publicados, qual o género a que pertenciam esses textos e qual o número de textos de autoria masculina presentes em cada edição.

Aferiremos igualmente a possibilidade de estarmos perante um “sistema literário” feminino, partindo das bases para a concepção da literatura como sistema comunicativo, proposto por Fernando Cristóvão e Luísa Marinho Antunes [Paolinelli]. Ainda neste capítulo, abordaremos a presença das mulheres no cânone literário nacional da época.

Procuraremos, através desta dissertação, fornecer as ferramentas históricas, sociais e teóricas necessárias para compreender o papel de Luzia e das suas contemporâneas na literatura portuguesa do início do século passado e qual as relações que existiam entre elas, contribuindo, desta forma, para atribuir a Luzia e às mulheres referidas neste estudo um lugar na memória cultural coletiva como parte de uma constelação de mulheres escritoras portuguesas no final do século XIX, início do século XX.

## 1. Do final do séc. XIX à primeira metade do séc. XX: exclusão, feminização e profissionalização

O final do século XIX e a primeira metade do século XX, compreendidos nas balizas de tempo estabelecidas para este trabalho (1875-1945), marcou um período de profundas transformações na sociedade portuguesa. A industrialização, a urbanização e a secularização foram processos que se intensificaram neste hiato temporal e que alteraram significativamente as relações sociais e as dinâmicas de poder existentes.

Enquanto essas transformações abriam espaço a novas oportunidades para alguns setores da sociedade, as mulheres, confinadas a papéis tradicionais e com pouca autonomia, enfrentavam desafios particulares. A esfera doméstica, o casamento e a maternidade eram os pilares da identidade feminina, delimitando as suas possibilidades e restringindo o seu acesso ao espaço público e à participação política.

### **O contexto histórico**

O período português em estudo – 1875-1945 – caracterizou-se por diversas crises políticas, sociais e económicas que moldaram a identidade nacional e deixaram marcas duradouras na sociedade portuguesa. Após séculos de glória advinda do domínio colonial, Portugal enfrenta, neste momento da sua história, uma monarquia constitucional parlamentar representativa que durou desde 1820 até à destituição de D. Manuel II, em 1910. Este foi um período marcado por uma grande instabilidade política. De acordo com Joaquim Veríssimo Serrão, "os reinados de D. Carlos e D. Manuel II corresponderam a

uma era de grandeza dos nossos destinos como nação ultra-marina”<sup>7</sup>. No entanto, o outrora imponente Império Colonial Português, que se estendia por África e Ásia, encontrava-se em declínio no dealbar de um novo século: a posição alcançada por Portugal era disputada por potências europeias, como a Inglaterra e a França.

A economia portuguesa era frágil e assente na agricultura, que estava a passar por um período de grandes crises, causadas, por exemplo, pela filoxera, que devastou as vinhas. A indústria era ainda pouco desenvolvida. As desigualdades sociais eram bastante vincadas, o que levava a um aumento do descontentamento social, que alimentou ideias socialistas e anarquistas difundidas pela Europa. Em termos de governação, a monarquia portuguesa vivia uma crise de legitimidade.

Um marco deste período foi o Ultimato Britânico de 1890 que, na opinião de João Caetano, surgiu num momento em que “os interesses portugueses embateram numa miríade de outros interesses nacionais – alemães, franceses e sobretudo britânicos – mais fortes”<sup>8</sup>. Segundo Serrão, esta crise “provocou uma chaga profunda na alma portuguesa, como se a Nação se encontrasse de repente à beira do abismo”<sup>9</sup>. A exigência britânica de que Portugal se retirasse militarmente dos territórios entre Angola e Moçambique, sob a ameaça do rompimento das relações entre as duas potências europeias, revelou a fragilidade do Império Português e a incapacidade do governo em defender os interesses nacionais, contribuindo, assim, para “desacreditar o regime”<sup>10</sup>. Na visão de Amadeu Carvalho Homem, o Ultimato representou uma cisão na História Contemporânea Portuguesa<sup>11</sup> e o “colapso da monarquia constitucional”. Segundo o autor:

polissémico por sua própria natureza, ele definiu ainda um espaço de confronto, até de natureza estética literária, entre os que o encararam com o irremediável

---

<sup>7</sup> Serrão, J. V. (1988). *História de Portugal, Vol X: A queda da Monarquia (1890-1910)*. Editorial Verbo, p. 10.

<sup>8</sup> Caetano, J. (2011). “O lugar da República, em Portugal, entre o séc. XIX e o séc. XXI”. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Do Ultimato à República: Variações Literárias e Culturais* (pp. 201-223). Lisboa: Esfera do Caos Editores, p. 205.

<sup>9</sup> Serrão, J. V., *op. cit.*, p. 13.

<sup>10</sup> Serrão, J. V., *op. cit.*, p. 18.

<sup>11</sup> Homem, A. C. (2011). “Linhas de Clivagem do Ultimato Inglês”. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Variações Literárias e Culturais* (pp. 11-17). Lisboa: Esfera do Caos Editores, p. 11.

ponto de chegada do declínio coletivo [...] e os que acalentaram [...] a esperança de um resgate, de um ponto de partida para novos desígnios.<sup>12</sup>

A questão do Ultimato marca um novo rumo na história de Portugal que, nas palavras de João Maurício Barreiro Bráz:

servirá estrategicamente vários interesses comuns aos jovens republicanos: o descrédito da Monarquia; o mal-estar de alguns monárquicos contra a própria Monarquia; o reforço de uma ideia de nação e uma lógica de desgaste que se insere na estratégia da decadência.<sup>13</sup>

Em 1908, inicia-se um ponto de viragem com o assassinato de D. Carlos I e do Príncipe-Real, D. Luís Filipe. D. Manuel II sobe ao trono, mas apenas consegue manter o Regime por mais dois anos. Em 1910, a 5 de outubro, a Revolução que derrubou a Monarquia surgiu como uma tentativa de modernizar o país e de implementar reformas sociais e económicas. No entanto, a República veio a revelar-se também um conjunto de desafios dos quais destacamos: a instabilidade política, a guerra civil e a participação na I Guerra Mundial. Este período de guerras a vários níveis gerou um agravamento na crise económica e social que preparou o caminho para a instauração de ditaduras militares, a nível internacional, caracterizando estas primeiras décadas como um período de instabilidade e incerteza.

O Ultimato Britânico veio agudizar a crise com que Portugal se debatia: a economia portuguesa enfrentava dificuldades, com a agricultura em declínio, como já mencionado, e a industrialização ainda pouco significativa. A crise económica agravou as desigualdades sociais e o descontentamento da população. Conceição Andrade Martins, no artigo sobre “Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913), relativamente a este período, salienta que o crescimento económico e a modernização do

---

<sup>12</sup> Homem, A. C. (2011). “Linhas de Clivagem do Ultimato Inglês”. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Variações Literárias e Culturais* (pp. 11-17). Lisboa: Esfera do Caos Editores, p. 17.

<sup>13</sup> Barreiro Bráz, J. M. (2011). 1890-1910: A eficácia republicana e o Ultimatum - aparentes sucessos e fracassos. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Do Ultimato à República: Variações Literárias e Culturais* (pp. 225-239). Lisboa: Esfera do Caos Editores, p. 238.

país se pautaram por um atraso em relação aos países mais desenvolvidos do continente europeu sendo inegável, no entender da autora:

o processo de modernização e desenvolvimento económico que o país conheceu na sequência da política desenvolvimento encetada pela Regeneração contribuiu para que se alargasse consideravelmente o mercado de trabalho e melhorassem (na generalidade) as condições de vida da população portuguesa durante este período.<sup>14</sup>

No artigo “A queda da 1.<sup>a</sup> República: uma interpretação”, António Costa Pinto reflete sobre o impacto da emigração para o estrangeiro enquanto “factor estruturante da economia” (Pinto A. C., 2004), fazendo com que “o mundo rural e aldeão” dominasse na sociedade portuguesa. De acordo com o autor, “em 1910 [Portugal] possuía uma economia atrasada, com uma industrialização fraca, incipiente e pouco concentrada”<sup>15</sup>, o que fazia com que, em 1911, as taxas de analfabetismo fossem bastante elevadas: “70% da população com mais de sete anos era analfabeta”<sup>16</sup>, sobretudo a das áreas rurais. Segundo Pinto, “a cultura alfabetizada situava-se principalmente nas áreas urbanas, onde os níveis de leitura de jornais eram bastante elevados”<sup>17</sup>.

A crise económica, a instabilidade política, a fragilidade do Império Colonial e o crescimento do republicanismo levaram o país à mudança do Regime, no culminar de um processo de insatisfação crescente, que será agravada pela participação de Portugal na I Grande Guerra. Com a queda da monarquia, em 1910, Portugal adotou um regime republicano, marcado por um forte sentimento nacionalista e pela promessa de modernização, que persistiu até 1926, marcado por uma grande instabilidade política. Durante a 1.<sup>a</sup> República, os governos sucederam-se (48 governos em 16 anos) e os partidos políticos foram gradualmente enfraquecidos.

O país encontrava-se frequentemente em crise, situação agravada pela participação portuguesa na Grande Guerra, em 1916. Fruto do agravamento das

---

<sup>14</sup> Martins, C. A. (1997). Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913). *Análise Social, Vol. XXXII (142), (3.º)*, p. 485.

<sup>15</sup> Martins, C. A., *op. cit., idem.*

<sup>16</sup> Martins, C. A., *op. cit., idem.*

<sup>17</sup> Martins, C. A., *op. cit., idem.*

sucessivas crises económicas e sociais, instauraram-se graves conflitos que envolveram diversas classes, regiões e grupos ideológicos. Esta situação levou o país a um golpe de Estado militar, em 1926, que derrubou a 1.<sup>a</sup> República e instaurou a Ditadura Militar que durou até 1933, numa tentativa por parte dos militares de estabilizarem o país a nível político e económico.

Gradualmente, esta Ditadura Militar vai dar lugar ao Estado Novo, ou Segunda República Portuguesa, o regime autoritário liderado por António de Oliveira Salazar, que por um breve período, entre 1928 e 1932, assumiu a pasta das finanças no governo de Óscar Carmona, para depois se tornar chefe de estado de um governo repressivo e autoritário, baseado na tradição e unidade nacional, mantendo-se no poder até ao final da vida de Luzia.

Salazar, o estadista que por mais tempo governou Portugal, não goza por parte da escritora Luzia de qualquer carinho especial, apesar de reconhecer, recorrendo à ironia que a caracteriza, o papel na condução do país: “quanto ao nosso Hitler – Salazar *s’il vous plait* – acho que merece um grande bravo, tão bem tem conduzido o barco através de tamanha procela, festinhas para os lados da Alemanha”<sup>18</sup>.

O período entre 1910 e 1945 caracterizou-se por profundas transformações em Portugal marcadas por uma modernização económica e social sob um regime autoritário. As desigualdades sociais, a urbanização crescente, as mudanças nos papéis de género e as novas formas de organização social foram alguns dos principais desafios enfrentados pela sociedade portuguesa que estiveram na base da profunda transformação vivida também pelas mulheres, que se lançam em desafios que até então lhes eram vedados.

## A condição feminina

O contexto histórico de profundas transformações sociais e políticas contribuiu para mudanças muito significativas nos papéis de género em Portugal. As mulheres começaram a participar mais ativamente na vida pública e a questionar o seu papel

---

<sup>18</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 94.

tradicional que, no final do século XIX, era fortemente marcado pela esfera doméstica e familiar. Maria Antónia Lopes, no artigo “Estereótipo de ‘a mulher’ em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)”, caracteriza a mulher do final de século da seguinte forma:

Mulher-anjo, espécime que a chamada família burguesa irá cultivar e propagandear entre as classes desfavorecidas, que precisavam de ser ensinadas e moralizadas – o que se fará com notável persistência e longevidade (de notar o combate inglório) e de que são modelares as organizações femininas dos regimes ditatoriais do século XX<sup>19</sup>.

A autora nota que a imagem da mulher enquanto uma “força feminina na doçura e na abnegação” ficou de tal modo enraizada que se manteve até aos dias de hoje, sendo que é nesse lugar-comum que se pensa “quando se evoca a figura de ‘a mãe’ e quando se referem os estereótipos femininos ‘do passado’”<sup>20</sup>. Numa sociedade, de fins do séc. XIX, hierarquizada, com os papéis de género bem definidos, cabia às mulheres a responsabilidade pela educação dos filhos, pela gestão do lar e pelos cuidados com os membros da família. Maria Antónia Lopes refere, a esse propósito, o seguinte:

O casamento representava para a mulher a mudança de tutela e para o marido a sua aquisição, o *poder marital* que obrigava ao respeito e obediência por parte da esposa, a *reverência marital*. A mulher casada era sempre uma menor. Mas esta passara a ser enaltecida tanto na função de esposa abnegada como na de mãe não menos imolada, sempre boa, sempre santa<sup>21</sup>.

O domínio doméstico era considerado o espaço natural da mulher, que nele desempenhava um papel basilar na organização e manutenção do lar, berço da família, com grande responsabilidade na transmissão de valores morais e religiosos aos filhos, o

---

<sup>19</sup> Lopes, M. A. (2017). Estereótipos de 'a mulher' em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro). Em M. A. Rossi, *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)* (pp. 27-44). Sette Città: Viterbo, p. 42.

<sup>20</sup> Lopes, M. A., *op. cit., idem*.

<sup>21</sup> Lopes, M. A., *op. cit., idem*, p. 44.

que representava a base da educação, isto numa esfera familiar cimentada na subordinação da mulher ao marido, o efetivo detentor da autoridade familiar.

As oportunidades profissionais eram escassas, determinadas pela classe social de onde provinham e limitadas às atividades consideradas femininas, como a costura, o bordado e o cuidado das crianças. A maioria das mulheres trabalhava em condições, em geral, precárias e desvalorizadas, com salários muito inferiores aos dos homens, mesmo quando desempenhavam as mesmas funções e longas e exaustivas jornadas de trabalho, sem qualquer tipo de proteção social. As mulheres das classes menos abastadas dedicavam-se, sobretudo, aos afazeres domésticos (cozinhar, limpar e cuidar), geralmente em casas de famílias mais abastadas.

Com a crescente industrialização e proliferação das fábricas, a indústria têxtil era um dos poucos setores que empregava um número significativo de mulheres, principalmente em tarefas repetitivas e mal remuneradas; nas áreas rurais, as mulheres auxiliavam nas tarefas agrícolas, como a colheita e a ordenha; e apenas um número muito pequeno de mulheres, geralmente das classes mais altas, tinha acesso a profissões liberais como as das áreas da educação e da enfermagem.

No entanto, Irene Vaquinhas, no seu artigo "Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI" (2009)<sup>22</sup>, assinala que existe uma considerável ausência de dados acerca da presença das mulheres “no mundo do trabalho”, servindo apenas de base aos estudos os dados provenientes dos recenseamentos populacionais que incidem sobre a evolução da população ativa feminina, características da força de trabalho, etc.), após 1890, que revelam que “a partir da última década do século XIX, as portuguesas começaram a marcar presença no sector da administração pública e funcionalismo do Estado”<sup>23</sup>, uma participação que só ganha maior expressão (33,9%) muitos anos mais tarde, já na década de 60, do século XX. Segundo a autora, uma parte muito significativa da população ativa era constituída pelo “tradicional mundo das profissões femininas urbanas (criadas, amas, lavadeiras, costureiras, leiteiras, etc)”<sup>24</sup>. Sobre estas, muito pouco ainda se sabe, assim como acerca “do exercício de profissões que não se adequavam à imagem de ‘sexo fraco’: estivadoras,

---

<sup>22</sup> Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis*, v. 6, n.º 1, jan./jul., pp. 241-253.

<sup>23</sup> Vaquinhas, I., *op. cit.*, *idem*, pp. 249-250.

<sup>24</sup> Vaquinhas, I., *op. cit.*, *idem*, p. 250.

carregadoras de malas, distribuidoras do correio, guardas-linha, entre outras”<sup>25</sup>. No que respeita ao operariado, o seu peso, segundo a estudiosa, era menor, com “cerca de 19% em 1900, 23,1% em 1911, 21% em 1930”. Existem também ainda poucos estudos sobre “o conhecimento das mulheres rurais”, cujo lugar na família, aponta Vaquinhas no artigo “As mulheres na sociedade portuguesa oitocentista”, “dependia do acesso a um património ou a um dote”<sup>26</sup>.

A igreja católica exercia uma forte influência sobre a sociedade portuguesa e reforçava a ideia da mulher enquanto esposa e mãe, o que se refletia nos valores culturais em voga da feminilidade, maternidade, submissão, castidade e pureza. Almeida & Boschetti (2018) apontam a Igreja Católica como mediadora educacional, referindo a religião católica enquanto “elemento formativo da alma da nação lusitana”<sup>27</sup>. Na opinião das autoras:

a concepção da casa como santuário familiar e da mulher como anjo do lar, mantinham [no séc. XIX] o arcabouço sócio religioso considerado indispensável para a ordem e a manutenção dos papéis sociais, que explicam em parte o lento processo de modernização da sociedade portuguesa do período<sup>28</sup>.

Até então não se reconheciam as “mulheres como seres juridicamente autónomos”<sup>29</sup>, já que apenas existiam enquanto parte de um agregado familiar, juridicamente desprovidas de direitos próprios e financeiramente dependentes, o que lhes conferia uma grande fragilidade, em termos físicos e morais, e uma dependência social. A doutrina católica defendia a submissão da mulher ao marido, que era considerado o chefe da família, postura que justificava com o recurso a passagens bíblicas. A Igreja controlava a educação feminina, transmitindo valores e normas que reforçavam o papel

---

<sup>25</sup> Vaquinhas, I., *op. cit., idem, idem*.

<sup>26</sup> Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX* (pp. 149-164). Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa CEHCP-ISCTE, p. 153.

<sup>27</sup> Almeida, J. S., & Boschetti, V. R. (2018). A Educação feminina e propostas coeducativas (séculos XIX/XX): A Igreja Católica como mediadora educacional. *Revista História de la Educación Latinoamericana*, vol. 20, n.º 31, p. 156.

<sup>28</sup> Almeida, J. S., & Boschetti, V. R., *op. cit.*, p. 158.

<sup>29</sup> Almeida, J. S., & Boschetti, V. R., *op. cit., idem*.

tradicional da mulher, ofereciam uma formação restrita aos cuidados domésticos e à religião e preparavam as jovens para o casamento e para a vida religiosa.

O confessionário era um espaço de poder da Igreja, no qual as mulheres eram orientadas a seguir os preceitos religiosos e a cumprir os deveres conjugais. Também através dos sermões e homilias, os padres reforçavam os valores tradicionais e a submissão da mulher. A cultura popular, profundamente marcada pela religiosidade, difundia imagens e representações da mulher que reforçavam os papéis tradicionais.

Mais tarde, com a diminuição da influência da religião na vida pública e privada – a crescente secularização – abriu-se espaço para o questionamento dos papéis tradicionais da mulher, lançando um debate sobre a importância da educação das mulheres e a necessidade de ampliar as suas oportunidades de estudo. A secularização contribuiu para uma mudança gradual de mentalidades, tornando mais aceitável a participação das mulheres na vida pública e em diversas profissões e criou um ambiente mais propício ao surgimento de movimentos feministas, que lutavam por direitos como o voto feminino, a igualdade salarial e a autonomia das mulheres.

Apesar de bastante restrito, o papel tradicional da mulher em Portugal nos finais de mil e oitocentos começava a dar mostras de uma alteração profunda, à semelhança do que se assistia um pouco por todo o mundo ocidental. As autoras Maria José Magalhães, Raquel Rodrigues, Ana Beires e Camila Iglésias dão nota de algumas precursoras mundiais desta luta que aos poucos também se instala em Portugal:

Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft que, durante o século XVIII, reivindicaram para as mulheres a categoria de cidadã e uma melhor educação, respetivamente; a americana Isabella Baumfree/Sojourner Truth que chamou a atenção para as interseções género/raça, no século XIX; e as feministas de variados países que alimentaram os movimentos até, pelo menos, à segunda metade do século XX, durante as duas primeiras ondas dos Feminismos<sup>30</sup>.

Em *Linhas de Investigação para a História das Mulheres nos séculos XIX e XX. Breve Esboço* (2002), Irene Vaquinhas salienta que “os anos 1850-1870 marcam uma

---

<sup>30</sup> Magalhães, M., Rodrigues, R., Beires, A., & Iglésias, C. (2020). Dos tempos da urgência de pensar e agir: educação, cidadania e prevenção da violência de género em Portugal. *Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: A Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade*, p. 21.

viragem na condição das mulheres portuguesas, abrindo-se-lhes possibilidades de intervenção social que, no início do século XIX, pareciam inviáveis<sup>31</sup>”. Importa aqui ressaltar que as mulheres portuguesas viviam diversas realidades que variavam de acordo com a classe social a que pertenciam, a região onde habitavam ou a família da qual descendiam. Ainda na opinião de Vaquinhas (2004) era muitas vezes na surdina que as mulheres atuavam: “Era sob o signo do anonimato que se dedicavam a obras filantrópicas, colaboravam na imprensa periódica, patrocinavam causas sociais ou intervinham na vida económica como empresárias agrícolas ou industriais”<sup>32</sup>.

Neste período, algumas mulheres começaram a lutar pela sua educação como forma de emancipação e a integrar novas atividades sociais e políticas que aconteceram neste virar de século e que fizeram colocar em causa o que Maria Regina Tavares da Silva considerou “os conceitos relativos ao papel da mulher na sociedade, à sua função e valor como pessoa, à sua afirmação e relação social”<sup>33</sup>. Assim, na opinião da estudiosa, as noções em torno da mulher e do seu lugar na sociedade e “muitos outros conceitos e valores fundamentais”<sup>34</sup> são, de forma inevitável, colocados em questão naquilo a que aos poucos se começa a desenhar como “um movimento e uma corrente de tom nitidamente feminista que, embora elitista no tipo de mulheres que reúne, se reveste, no entanto, de um significado notável”<sup>35</sup> ao nível dos esforços que reúne, da ideologia que preconiza e dos objetivos e aspirações que congrega, de influência internacional já muito em voga em outros países da Europa e da América do Norte. Assim, em Portugal, de acordo com Ana & Filipa Vicente, assiste-se, nesse momento da História, àquilo que ficou caracterizado como:

[a] primeira vaga de feminismo, que ocorreu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX, [e] caracterizou-se pela procura do acesso à educação, à profissionalização artística e literária, à propriedade e, portanto, à independência económica, bem como do acesso à esfera pública e, mais tarde, ao direito de votar e de ser eleita<sup>36</sup>.

---

<sup>31</sup> Vaquinhas, I. (2002). Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras História, III Série, vol. 3*, p. 210.

<sup>32</sup> Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX*, p. 151.

<sup>33</sup> Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 9.

<sup>34</sup> Silva, M. T., *op. cit., idem*.

<sup>35</sup> Silva, M. T., *op. cit., idem*.

<sup>36</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L. (2015). Fora dos cânones: artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX. *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, 33, p. 38.

Os exemplos da afirmação feminina em Portugal, são vários, de entre os quais destacamos: a revista *A Voz Feminina* (1868-1869) que, na opinião de Anne Martina Emonts, é prova de que “o feminismo europeu remonta *grosso modo*, ao ano de 1865”<sup>37</sup>, e a *Liga Portuguesa da Paz*, fundada em 1898, e presidida pela escritora Alice Pestana (Caiël)<sup>38</sup>, que lutava pela defesa da paz e do internacionalismo; no entanto, é a partir da primeira metade do século XX que os movimentos feministas em Portugal adquiriram uma maior expressão, numa altura em que as mulheres “formam associações, organizam-se, escrevem, difundem publicações, fazem conferências”<sup>39</sup>.

Um caminho que foi traçado entre avanços e recuos. Um deles acontece com a entrada do Estado Novo que preconiza “a apologia do “regresso ao lar”, a “glorificação da maternidade” e de um certo modelo de “família”, enquanto célula vital da sociedade”<sup>40</sup>, e que “introduz o princípio da igualdade dos sexos enunciado na Constituição de 1933, uma disposição específica que, “em nome das diferenças resultantes da natureza e do bem da família”, negava às mulheres a completa igualdade com os homens.”<sup>41</sup>. Salazar mantém-se, assim, fiel “à ideia tradicional de que as mulheres se situam do lado da natureza e os homens do lado da cultura”<sup>42</sup>.

O surgimento e afirmação do movimento feminista em Portugal abriu caminho para a luta pela igualdade de direitos a vários níveis e sobretudo no que tocava à instrução e à educação feminina.

---

<sup>37</sup> Emonts, A. (2001). *Onde há Galo não Canta Galinha: Discursos Femininos, Feministas e Transgressivos nos Anos Vinte em Portugal. O caso do suplemento literário e ilustrado de A Batalha (1923-1927)*. Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 21.

<sup>38</sup> Nascida com o nome Maria Evelina Pestana Coelho, é também conhecida por Alice Evelina Pestana Coelho, Alice Pestana ou pelo pseudónimo literário Caël (1860-1929). Foi uma humanista, jornalista e pedagoga da Institución Libre de Enseñanza, feminista e fundadora da Liga Portuguesa da Paz.

<sup>39</sup> Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 11.

<sup>40</sup> Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis, v. 6, n.º 1, jan./jul.*, p. 249.

<sup>41</sup> Vaquinhas, I., *op. cit., idem*.

<sup>42</sup> Vaquinhas, I., *op. cit., Idem*.

## A instrução e educação feminina

A instrução e educação da mulher dos finais do século XIX à primeira metade do século XX caracterizam-se por profundas desigualdades relativamente aos homens: enquanto a eles estava reservada uma educação mais ampla e formal, às mulheres, que, como já se disse anteriormente, viviam confinadas à esfera do lar e às tarefas domésticas, impunha-se uma educação mais restrita e limitada, sobretudo em função da posição social que ocupavam, e como um meio de preparação para o casamento e para a maternidade, através do ensino de matérias relacionadas com as artes, a religião e as boas maneiras, com pouca ênfase para as áreas consideradas do domínio do homem, como as ciências ou a matemática. Conforme explica Maria Regina Tavares da Silva, “pior que a ausência de direitos cívicos ou políticos, pior que a dependência económica, é a ignorância total da mulher, a total inércia intelectual e a total dependência que daí resulta”<sup>43</sup>.

A igreja ocupava um papel central na educação, que era elitista, estando acessível apenas a uma pequena franja da sociedade. A partir dos séculos XIX e XX, por via da vitória dos ideais iluministas, da ascensão do liberalismo e, sobretudo, a partir da afirmação do feminismo, profundas transformações ocorrem em Portugal que levam a um maior acesso ao conhecimento e à promoção da igualdade entre homens e mulheres.

Se o acesso à instrução em geral era dificultado às mulheres, o acesso à educação superior era praticamente impossível e sujeito à autorização do pai ou do marido. Assim, a instrução em geral, e da mulher em particular, era ainda pouco expressiva no Portugal dos finais do século XIX, período no qual, na aceção de Ana Maria Costa Lopes, a mulher “era ignorada na maior parte dos discursos políticos e das preocupações governamentais, designadamente quando pertencente às classes mais desfavorecidas”<sup>44</sup>.

No entender de Irene Vaquinhas, “o acesso à instrução foi uma das principais reivindicações do século XIX, mobilizando os sectores mais esclarecidos da sociedade portuguesa. Começando por ser considerado uma necessidade social, imprescindível à consolidação do Estado-nação, converteu-se, no final de Oitocentos, na principal

---

<sup>43</sup> Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 48.

<sup>44</sup> Lopes, A. C. (2005). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas (10)*, p. 84.

exigência do movimento feminista português”<sup>45</sup>, que considerava que a emancipação e independência da mulher só seriam possíveis pela via do ensino que proporcionaria um natural acesso às profissões que representariam o sustento de uma vida independente.

Na década de vinte de oitocentos, Mouzinho de Albuquerque dá sinais de entender a importância da necessidade de promover a igualdade no ensino, definindo como princípio, em 1823, o fim do abandono da educação das mulheres, através da determinação da abertura de escolas tanto para mulheres como para homens, “sendo equivalente para os dois sexos o ensino de disciplinas como leitura, escrita, cálculo dos números inteiros e fracções, pesos e medidas”<sup>46</sup>. Na política escolar feminina, assistimos a uma tentativa de promover a criação de “classes para meninas”. No entanto, este esforço é tido como pouco frutífero. Entre as várias escolas criadas para o género feminino, havia algumas mantidas por leigos. No entanto, eram as dirigidas por instituições religiosas que exigiam em número superior, o que justificava um ensino mais tradicional e patriarcal.

Na viragem para o século seguinte, vivemos uma tentativa de elevação da instrução feminina, passando, no entender de Elizabeth Sousa Abrantes, de uma educação “virada para tornar a mulher numa melhor mãe de modo que os homens pudessem encontrar esposas mais cultas para serem suas companheiras no corpo e no espírito”<sup>47</sup>, para uma educação “como fator de segurança económica”<sup>48</sup>. Neste período, caracterizado por várias mudanças políticas e por uma crise do patriarcado, várias senhoras reivindicaram, apesar dos obstáculos, expandir os horizontes das mulheres do seu tempo através do acesso à instrução, entre as quais destacamos a professora, jornalista e escritora Caiël, pseudónimo de Alice Pestana, que, em 1892, apresentou ao Congresso Hispano-Português-Americano a necessidade da instrução da mulher, através da comunicação “O que deve ser a instrução secundária da mulher?”, e, em 1900, a publicação da compilação *Comentários à vida*, na qual expõe a situação cultural das mulheres portuguesas e do país: “Somos, de direito, o paiz barbaro da Europa. Em 5.049:729 habitantes, há 4.000:957 que

---

<sup>45</sup> Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis*, v. 6, n.º 1, jan./jul., p. 251.

<sup>46</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 86.

<sup>47</sup> Abrantes, E. S. (2017). A instrução feminina como dote moderno: estudo comparado entre Brasil e Portugal na virada do século XIX. *XXXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia*, p. 2.

<sup>48</sup> Abrantes, E. S., *op. cit.*, *idem*.

não sabem ler. Tirado pouco mais de um quinto da população, Portugal é um paiz de analphabetos”<sup>49</sup>.

Na mesma altura, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)<sup>50</sup>, a primeira professora catedrática portuguesa, Presidente de Honra do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, defendeu a educação, num extenso artigo publicado em diversos números do jornal *Primeiro de Janeiro*, com o título “O movimento feminista em Portugal” (1902) e, conseqüentemente, o trabalho como fatores fundamentais no processo de emancipação das mulheres, apontando a instrução como a principal arma de desenvolvimento:

o caminho está, pois, nitidamente traçado: fundar escolas, libertar as futuras gerações femininas da ignorância e da superstição, de preceitos mesquinhos e de prevenções dogmaticamente inculcadas, *pregar-lhes o evangelho do trabalho*. Urge, acima de tudo, desenvolver as tendências nativas das futuras esposas e mães, por meio da educação intellectual, moral e fisica apropriadas, e pela instrução domestica, scientifica ou artistica [...] importa utilizar as atividades que espontaneamente forem surgindo facultando-lhes a indispensavel independencia material no exercicio das profissões de mais pronto acesso – taes como professoras, medicas, parteiras, aias, enfermeiras<sup>51</sup>.

Em 1905, no livro *Às Mulheres Portuguesas*, Ana de Castro Osório (1872-1935)<sup>52</sup> afirmava que “o maior mal do nosso paiz é a ignorancia, que o analphabetismo é a causa da nossa decadência moral”<sup>53</sup> e acrescenta “do milhão de portugueses que sabem ler e escrever a sua lingua, apenas um terço são mulheres!”. Ana de Castro Osório acusa os governantes de terem “deixado cahir a instrução pública”<sup>54</sup> e, na oposição entre a mulher

---

<sup>49</sup> Caiël *apud* Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 51.

<sup>50</sup> Carolina Wilhelma Michaëlis de Vasconcelos foi uma crítica literária, escritora, lexicógrafa e professora universitária. Foi a primeira mulher professora universitária em Portugal, primeiro na Universidade de Lisboa e depois na Universidade de Coimbra. Integrou a Academia das Ciências de Lisboa.

<sup>51</sup> Carolina Machaelis *apud* Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 49.

<sup>52</sup> Escritora, jornalista, pedagoga e feminista que se envolveu na luta pelo republicanismo e pelos direitos das mulheres. Colaborou em várias revistas e jornais.

<sup>53</sup> Osório, A. d. (1905). *Às Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, p. 169.

<sup>54</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, *idem*.

de 1905 e a de há trinta anos, a diferença que encontra está na evolução que se fez em termos de instrução, conforme se pode constatar no excerto que se segue:

numa época em que a mulher não tinha como hoje [1905], facilidade em se instruir, em que a instrução por essas províncias fora era um caso esporádico, em que os liceus lhe eram franqueados e nas escolas superiores se falava do exemplo de Publia Hortensia de Castro, que cursou na Universidade vestida de homem, como dum fabuloso, porventura menos provável do que a sabedoria de Minerva, a deusa mitologica da sciencia<sup>55</sup>.

A autora faz a distinção entre a instrução e a educação e aponta como principal problema o facto de as mulheres, fora dos centros intelectuais, “de que as mulheres só raramente fazem parte”<sup>56</sup>, não lerem, não falarem de literatura, nem conhecerem os escritores do seu tempo. Ana de Castro Osório defende que “é urgente que se convençam de que a mulher ignorante é o mais triste e aborrecido verbo de encher que a sociedade agasalha”<sup>57</sup> e alerta para o facto de, do ponto de vista social, “os efeitos da ignorância feminina são ainda mais tristes e de deletérias consequências”<sup>58</sup>, pois, a mulher, “como toda a criatura sem educação, é retrograda e timorata, influindo com os seus pavôres e ideias velhas no espirito das gerações”<sup>59</sup>, contribuindo assim para a criação de uma geração de “cobardes” perante a perspectiva do futuro, “presos ao passado pelo sentimento do medo”<sup>60</sup>.

Osório focou-se na educação das mães, considerando que estas deveriam concentrar-se na educação das suas filhas de modo a lhes transmitirem a ideia de se tornarem independentes, motivando-as para a possibilidade de exercerem uma atividade profissional<sup>61</sup>. No entanto, nota que sobre a minoria de mulheres que sabia ler pesavam as alcunhas de *sabichonas* e *doutoras* o que fazia com que muitas mulheres não quisessem

---

<sup>55</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, p. 114.

<sup>56</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, p. 121.

<sup>57</sup> Osório, A. d. (1905). *As Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, p. 125.

<sup>58</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, *idem*.

<sup>59</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, p. 219.

<sup>60</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, *idem*.

<sup>61</sup> Abrantes, E. S. (2017). A instrução feminina como dote moderno: estudo comparado entre Brasil e Portugal na virada do século XIX. *XXXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia*, p. 6.

instruir-se com receio de serem ridicularizadas: “as mulheres deixaram de lêr com receio de que as chamassem *litteratas* — o epíteto mais desagradável que podia ser dito a uma senhora que era vista com um livro na mão.”<sup>62</sup>.

Em 1906, a escritora e conferencista Olga Morais Sarmiento de Silveira (1881-1948)<sup>63</sup> defendeu, na obra *Problema Feminista* (1906), uma educação que possibilitasse à mulher tornar-se, por via do conhecimento, uma “melhor esposa e muito melhor mãe”<sup>64</sup>, sem que isso representasse uma inversão do seu papel no seio da família, reconhecendo, no entanto, que “a mulher só necessita instruir-se, emancipar-se da sua ignorância, para se colocar no mesmo nível do homem e tornar-lhe suave a existência para a luta para o *struggle for life*”<sup>65</sup>. Assim, o deficiente acesso à educação e à instrução por parte das mulheres era visto pela autora como uma das causas do seu atraso e da situação de inferioridade em que viviam<sup>66</sup>. Só por esta via, a mulher seria “convenientemente educada e como o homem, apta, portanto para as lutas pela vida”<sup>67</sup>, de modo a acabar com a dependência relativamente ao homem<sup>68</sup>.

Outras mulheres, orgulhosamente *litteratas*, juntaram-se a esta luta pela instrução e educação: Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945)<sup>69</sup>, na sua obra *A Mulher*, em 1913, define o género como “Gatas Borracheiras com o cérebro vasio, que esperam, sentadas na lareira e com estremecimentos morbidos, a hypothetica aparição do príncipe encantado”<sup>70</sup>; Antónia Pusich (1805-1883)<sup>71</sup>, tornou-se a primeira mulher proprietária, fundadora e diretora de diversos periódicos; e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921)<sup>72</sup>, que, contrariamente às anteriormente mencionadas, não se assume como feminista, defende uma educação de qualidade para a mulher “não para doutora nem para

<sup>62</sup> Osório, A. d. *op. cit.*, p. 122.

<sup>63</sup> Foi escritora e conferencista. Dirigiu a publicação *Sociedade Futura*, criada em 1902, sucedendo no cargo a Ana de Castro Osório, e também se conhece colaboração da sua autoria na revista *A Arte Musical* (1898-1915). Foi presidente da secção feminina da *Liga Portuguesa da Paz*.

<sup>64</sup> Silveira, O. M. (1906). *Problema Feminista*. Lisboa, p. 6.

<sup>65</sup> Silveira, O. M., *op. cit. idem*.

<sup>66</sup> cf. Silveira, O. M., *op. cit.*, p. 11.

<sup>67</sup> Silveira, O. M. (1906). *Problema Feminista*. Lisboa, p. 14.

<sup>68</sup> cf. Silveira, O. M., *op. cit. idem*.

<sup>69</sup> Nascida Virgínia Folque de Castro e Almeida Pimentel Sequeira e Abreu, foi escritora, tradutora e a primeira guionista em Portugal. Também foi a primeira mulher a pedir o divórcio no nosso país.

<sup>70</sup> Almeida, V. d. (1913). *A Mulher*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, p. 16.

<sup>71</sup> Jornalista, poetisa, dramaturga e conferencista. Foi a primeira mulher proprietária, fundadora e diretora de jornais em Portugal. Integrou a loja maçónica Direito e Razão, a primeira loja portuguesa feminina.

<sup>72</sup> Escreveu poesia, ensaios, contos e biografias, dedicou-se ao ativismo pelos direitos das mulheres. Foi a primeira mulher a ingressar a Academia das Ciências de Lisboa.

sábua, não para concorrer às carreiras oficiais nem liberais mas para companheira útil, prestável, inteligente e forte do homem, que por ella se completa e que por via d'ella se hade ir aperfeiçoando moralmente”<sup>73</sup>.

A proclamação da República em 1910 e a Primeira Constituição da República Portuguesa, de 1911, representaram a esperança numa sociedade mais justa e mais igual, alicerçada numa lei fundamental que veio representar um avanço significativo nos direitos das mulheres, através do acesso à função pública, de novas oportunidades de carreira e do estabelecimento de princípios de igualdade de tratamento no casamento e no divórcio, que, entretanto, é instituído. Apesar de a República ter trazido novas oportunidades, a igualdade no acesso à educação enfrentou ainda vários obstáculos, como os relacionados com a ideia de que a educação superior era destinada aos homens ou a discriminação no acesso ao mercado de trabalho.

A instrução feminina passou então a ser vista como um “dote” para as classes média e alta, que possibilitava “dotar as mulheres de conhecimentos intelectuais para o melhor cumprimento dos seus papéis de mães e esposas, mas que também poderia mobilizar tais conhecimentos para novas conquistas no espaço público”<sup>74</sup> e proporcionou – sobretudo às mulheres da classe média – o acesso a um mercado de trabalho mais amplo, contrariamente às menos abastadas que continuaram a desempenhar tarefas nas fábricas, no trabalho doméstico e na venda ambulante. Ainda aponta Abrantes:

A escolarização foi um instrumento nas estratégias de mobilidade social das classes trabalhadoras e de reprodução das famílias burguesas que pretendiam dotar as suas filhas com uma bagagem escolar como uma forma de superar a ausência de dote material<sup>75</sup>.

Se, na 1.<sup>a</sup> República, 70% da população era analfabeta, como vimos anteriormente, durante o Estado Novo, os números do analfabetismo em Portugal

---

<sup>73</sup> Carvalho, M. V. (1911). *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Editores Santos & Silveira, p. 146.

<sup>74</sup> Abrantes, E. S. (2017). A instrução feminina como dote moderno: estudo comparado entre Brasil e Portugal na virada do século XIX. *XXXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia*, p. 1.

<sup>75</sup> Abrantes, E. S. (2017). A instrução feminina como dote moderno: estudo comparado entre Brasil e Portugal na virada do século XIX. *XXXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia*, p. 11.

permaneceram elevados. Maria Filomena Mónica, em *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar* (1978), dá conta que, em 1930, em cada 100 portugueses, 70 não sabiam ler, fazendo com que este fosse o principal obstáculo ao desenvolvimento do país<sup>76</sup>. Entre 1930 e 1940, a questão em torno do elevado analfabetismo mantém-se. Na opinião da estudiosa, “os salazaristas ressuscitaram a crença tradicional (para cuja divulgação durante o século XIX contribui, entre outros, Ramalho Ortigão) de que o povo português ‘não sentia necessidade de aprender’”<sup>77</sup>.

Helena Costa G. Araújo constata que a mulher mantém, neste período, as funções primordialmente relacionadas com a esfera doméstica, envolvendo o cuidado dos filhos, da casa e do marido – “a família como célula central na nova sociedade que se pretendia construir e consolidar”<sup>78</sup>. Salazar defendia que o sustento da família deveria ser garantido pelo homem e que cabia às grandes nações conservar as mulheres no lar. Assim, durante esse período, o acesso feminino ao ensino avançou a um ritmo lento, quer do ponto de vista das mulheres instruídas, às quais continuavam a bastar conhecimentos ao nível do cuidado da família e educação dos filhos, quer no que concerne à existência de professoras.

Maria de Fátima da Silva Mariano defende que “apesar do intenso debate sobre a necessidade de melhorar a instrução das mulheres e dos diversos projetos e reformas educativas que se foram concretizando, sobretudo a partir do último quartel do século XIX, houve uma forte resistência em abrir as portas das universidades ao sexo feminino”<sup>79</sup>. A autora refere ainda que, neste período, a “utilidade de as mulheres frequentarem o ensino primário foi amplamente questionada”, assim como, e com mais veemência ainda “o seu acesso ao ensino secundário e, principalmente, ao universitário”<sup>80</sup>.

Embora durante a República as mulheres tenham encontrado as condições para o reconhecimento de direitos como a igualdade na família, a independência económica, o divórcio e o direito ao voto, o Estado Novo estrutura-se ideologicamente em torno da

---

<sup>76</sup> cf. Mónica, M. (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar (A Escola Primária Salazarista 1926-1939)*. Lisboa: Editorial Presença, p. 109.

<sup>77</sup> Mónica, M., *op. cit.*, p. 110.

<sup>78</sup> Araújo, H. C. (1990). As mulheres professoras e o ensino estatal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, p. 9.

<sup>79</sup> Mariano, F. (outubro de 2022). *Às urnas: a reivindicação do voto feminino na Península Ibérica (1821-1934)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 95.

<sup>80</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

família, contribuindo para a “continuidade das estruturas patriarcais na sociedade portuguesa”<sup>81</sup>, havendo retrocessos, por exemplo em relação ao divórcio.

Entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, a luta pela educação feminina operou grandes transformações que se tornaram um legado importante para gerações futuras e abriram caminho para uma maior igualdade de oportunidades a diversos níveis, tornando-se fundamental para a emancipação e autonomia das mulheres.

### Das Associações à luta pelo voto

A entrada no século XX traz consigo a necessidade de as mulheres se organizarem seguindo a tendência que começava a vigorar um pouco por todo o mundo ocidental. O avanço dos feminismos em Portugal abriu caminho para o aparecimento e a atuação de importantes associações de mulheres que conseguiram organizar-se e mobilizar-se em prol dos direitos das mulheres, contribuindo para um importante legado para as futuras gerações. No entender de Maria de Fátima da Silva Mariano, “foram fundadas as primeiras associações feministas, que embora pretendessem a eliminação de todas as expressões formais e informais de discriminação e de opressão das mulheres, tinham os direitos políticos no topo da lista de reivindicações. Nasceu, assim, o que se designa por feminismo sufragista (ou primeira vaga do feminismo)”<sup>82</sup>.

Com o objetivo de difundir o ideais feministas e a compreensão do seu significado, Ana de Castro Osório, escritora, feminista, e ativista, pioneira na luta pela igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, funda o *Grupo Português de Estudos Feministas*. Na sua obra *Às Mulheres Portuguesas*, publicada em 1905, defende que o “feminismo” da altura era ainda, em Portugal, “uma palavra de que os homens se riem ou se indignam [...] e de que a maioria das mulheres córam”<sup>83</sup>. A autora dirige-se, nesta obra, às várias mulheres portuguesas: desde “a pobre operária que mal ganha para o pão de cada dia”<sup>84</sup>,

---

<sup>81</sup> Araújo, H. C. (1990). As mulheres professoras e o ensino estatal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, p. 10.

<sup>82</sup> Mariano, F. (outubro de 2022). *Às urnas: a reivindicação do voto feminino na Península Ibérica (1821-1934)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 17.

<sup>83</sup> Osório, A. d. (1905). *Às Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso, p. 13.

<sup>84</sup> Osório, A. d., *op. cit.*, p. 10.

passando pela “opulenta dama avergada ao pêso dos deveres sociais”<sup>85</sup>, pelas “mães que têm filhos a entrar na lucta pela existência” que delas esperam o conselho e a orientação para a busca da felicidade, até “às raparigas que, mal iniciadas nos seus deveres, que têm de arcar com o futuro de que nem chegam a compreender as responsabilidades”<sup>86</sup>, referindo-se à mulher portuguesa do início de mil e novecentos como “naturalmente boa e inteligente, mas [que] em geral é profundamente ignorante e duma convicta preguiça para entrar na lucta pela vida”<sup>87</sup>.

Em 1906, Olga Morais Sarmiento da Silveira, Presidente da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz, considerava na obra *Problema Feminista* que “o ser-se feminista, em Portugal, é uma coisa que aterra e que afugenta os homens da nossa sociedade...”<sup>88</sup>.

Em 1909, é criada, com profunda ligação ao Partido Republicano, a *Liga Republicana das Mulheres Portuguesas*, o primeiro grupo formalmente organizado apostado em defender o estatuto das mulheres à luz do ideário republicano com o objetivo de tornar a mulher num “indivíduo autónomo e consciente”<sup>89</sup>, contribuindo para a promoção e revisão de leis dirigidas às mulheres e às crianças. Surgiram algumas divergências no seio deste grupo que contribuíram para a criação da *Associação de Propaganda Feminista*, em 1911, liderada por Ana de Castro Osório, com o principal objetivo de obter a valorização da mulher pela via do ensino e da instrução. As mulheres portuguesas iniciaram, de acordo com Vaquinhas, “um longo caminho, através do qual se foi construindo a individualidade feminina como ser social e político, sendo as reivindicações de direitos, em especial da instrução, elementos-chave do acesso à cidadania”<sup>90</sup>.

Em 1914, surge o *Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas*, a “organização de maior e mais longo impacto no movimento para a emancipação da Mulher em Portugal”<sup>91</sup>, com os objetivos da defesa da melhoria das condições das mulheres, sobretudo as proletárias, da igualdade de remuneração, na proteção às crianças, nas

---

<sup>85</sup> Osório, A. d., *op. cit.*, *idem*.

<sup>86</sup> Osório, A. d., *op. cit.*, *idem*.

<sup>87</sup> Osório, A. d., *op. cit.*, p. 222.

<sup>88</sup> Silveira, O. M. (1906). *Problema Feminista*. Lisboa, p. 9.

<sup>89</sup> Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, p. 11.

<sup>90</sup> Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis*, v. 6, n.º 1, jan./jul., p. 248.

<sup>91</sup> Silva, M. T., *op. cit.*, p. 12.

questões que envolvem as grávidas e puérperas, nomeadamente relativamente à higiene, no contraste ao tráfico de mulheres e nas questões relativas à prostituição de menores. Segundo Silva, a ação deste Conselho foi longa e abrangente: “ação doutrinária, ação educativa, ação cultural, ação educativa...”<sup>92</sup> e resultou em dois importantes Congressos (1924 e 1928).

Existiam, nas primeiras décadas do século XX, diversos movimentos de mulheres que reivindicavam igualdade de oportunidades, quer na educação, quer no acesso ao trabalho, e que lutavam pelo direito ao voto, que era limitado aos homens, em função da sua renda e instrução. A Liga da Paz, em 1898, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, a Associação de Propaganda Feminina (que atuava na divulgação das ideias feministas e na mobilização para a luta pelos direitos das mulheres), em 1911, e o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, em 1914, que tinha como principal objetivo coordenar e ampliar a influência do movimento feminista em Portugal, agrupando 22 associações femininas, e que durou 33 anos, até o seu encerramento, em 1947, por deliberação do Governo Civil de Lisboa, vigorando durante a 1.<sup>a</sup> República, a ditadura militar e parte do Estado Novo. Estas foram associações pioneiras em defender e desafiar as normas sociais estabelecidas e abriram caminho para as conquistas das futuras gerações.

João Esteves salienta, a propósito da ilusão do sufrágio na revolução republicana de 1910:

Quando a revolução republicana triunfou a 5 de Outubro de 1910, havia já alguns anos de movimentações de mulheres esclarecidas que lutavam pelo reconhecimento dos seus direitos e cujas reivindicações se impuseram durante a I República. Se o republicanismo contribuíra para o impacto e consolidação do feminismo português, sendo este suportado por escritoras, médicas, farmacêuticas, professoras, educadoras, jornalistas e domésticas, aquele começara a esboçar-se em finais do século XIX e revelou-se inicialmente autónomo, independente e diversificado<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup> Silva, M. T., *op. cit.*, *idem*.

<sup>93</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à deceção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *História Constitucional* (15), p. 473.

A conjuntura política que o país atravessava na passagem do século contribuiu para a “consciencialização, mobilização e intervenção cívica, associativa e política das mulheres em Portugal”<sup>94</sup> em torno dos novos papéis que estas buscavam ter na sociedade. Esteves elenca as questões que envolviam a situação da mulher entre a queda da Monarquia, em 1911, até ao II Congresso Feminista e de Educação, em 1928:

[A situação de] subalternidade sobressaía do Código Civil em vigor e da elevada taxa de analfabetismo (85,4%, em 1890, 85%, em 1900 e 81,2%, em 1911); divulgação das lutas travadas por todo o mundo, com enfoque nos países europeus, Canadá e Estados Unidos da América; intervenção, mediante a palavra escrita, na imprensa e, posteriormente, através de discursos públicos; adesão ao pacifismo; proximidade e iniciação na Maçonaria das principais líderes e dirigentes; constituição de agremiações feministas de cariz pacifista, maçónico, republicano, sufragista, apolítico ou nacionalista; politização, confrontos ideológicos e fragmentações; envolvimento no republicanismo militante e na construção da República triunfante; formulação de representações, umas vezes específicas, outras de natureza genérica; filiações nas organizações internacionais mais representativas; promoção de eventos<sup>95</sup>.

As mulheres organizavam-se então para lutar contra a sua minorização e, gradualmente, começaram a centrar-se na conquista de direitos políticos, dos quais se destaca o sufrágio feminino, tema que originou um amplo debate político que envolveu a imprensa, as associações, os políticos e os governantes no início da 1.<sup>a</sup> República e nos anos seguintes. Na opinião de Mariano, a postura das mulheres relativamente ao voto era de que este seria um meio que lhes possibilitaria a rutura com a mentalidade vigente que as renegava sistematicamente para um “estado de perpétua infância”<sup>96</sup>, possibilitando-lhes, por um lado, “escolherem os seus representantes nos órgãos do poder político”<sup>97</sup>, e, por outro, uma “maior visibilidade no espaço público”<sup>98</sup> que, à época, era exclusividade dos homens. A autora defende ainda que o direito ao voto “seria igualmente um modo de

---

<sup>94</sup> Esteves, J., *op. cit.*, *idem*.

<sup>95</sup> Esteves, J., *op. cit.*, pp. 472-473.

<sup>96</sup> Mariano, F. (outubro de 2022). *Às urnas: a reivindicação do voto feminino na Península Ibérica (1821-1934)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 17.

<sup>97</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>98</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

desafiarem o discurso da domesticidade e a ordem patriarcal estabelecida”<sup>99</sup>. Assim, ainda de acordo com Mariano:

O voto era uma forma de melhorarem o seu estatuto social, jurídico, político e económico, e de discutirem os assuntos que as afectavam particularmente enquanto mulheres. Representava uma ameaça ao sistema de valores culturais vigente e aos privilégios masculinos, e, por isso, se prolongou tanto no tempo<sup>100</sup>.

A luta pela conquista do direito ao voto por parte das sufragistas portuguesas foi um processo lento e longo que começou ainda no século XIX, graças às reivindicações de Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911)<sup>101</sup> e Ana de Castro Osório. A partir da implantação da República, o debate começou a ganhar maior visibilidade. Esteves aponta que “entre 1910 e 1913, as mulheres converteram-se nas protagonistas das discussões e polémicas em torno da legislação eleitoral da República, interpelaram direta e repetidamente os poderes instituídos e conseguiram, durante algum tempo, ser recebidas e escutadas por todos eles”<sup>102</sup>. As diversas associações agregaram esforços e seis das petições ou representações, como eram denominadas, continham a exigência do voto (1910, 1911, 1912, 1915 e 1918), no entanto, segundo Esteves “o que esteve sempre em causa nunca foi o sufrágio feminino universal, mas antes a concessão a uma minoria de mulheres, revelando-se fraturante dentro do associativismo feminino, entre as feministas e entre estas e os governantes republicanos, por ser restrito e não colher consenso quanto à oportunidade”<sup>103</sup>. Efetivamente, o que estava em cima da mesa na agenda política não era o sufrágio universal, mas sim o sufrágio feminino restrito. Em conformidade com Miriam Halpern Pereira:

A Associação da Propaganda Feminista, resultante de uma cisão minoritária da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, não defendia o sufrágio universal:

---

<sup>99</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>100</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>101</sup> Foi a primeira mulher cirurgiã e a primeira a votar em Portugal, nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, em 1911. Feminista, fez parte da fundação e dirigiu a Associação de Propaganda Feminista.

<sup>102</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *História Constitucional (15)*, p. 473.

<sup>103</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *História Constitucional (15)*, p. 473.

apenas o voto da minoria das diplomadas do ensino superior e ensino primário superior e o voto das chefes de família e mulheres comerciantes alfabetizadas seriam propostos pela associação presidida por Ana Castro Osório e Carolina Beatriz Ângelo<sup>104</sup>.

Procurava-se que as mulheres se transformassem em “cidadãos da República”, com o direito a votar e a serem elegíveis, “não só porque constituíam mais de metade da população, estavam sujeitas às leis e pagavam impostos, mas também porque só assim poderiam interferir na legislação que mais diretamente lhes dizia respeito”<sup>105</sup>. No entanto, nem todas as mulheres entenderam o voto como algo de prioritário. Se, para Ana de Castro Osório, o voto deveria englobar aquelas que trabalhavam e contribuía financeiramente para o Estado, como se fossem homens, para Maria Veleza (1871-1955)<sup>106</sup>, da Liga Republicana das Mulheres, essa distinção, entre quem contribui financeiramente para o Estado e quem não contribui, representava uma injustiça. Já a Comissão de Propaganda Feminista refuta a ideia de injustiça e interpreta esta distinção como um incentivo para que a mulher trabalhasse e se tornasse independente e autónoma.

Se, por um lado, tínhamos uma sociedade da viragem do século fortemente patriarcal e tradicional, por outro, a influência da Igreja Católica continuava a colocar a mulher num papel de subalternidade. Com a publicação da encíclica *Rerum Novarum*, em 1891, o Papa Leão XIII (1878-1904) insiste na defesa do papel da mulher enquanto mãe e educadora e condena a sociedade que obriga a mulher a trabalhar fora de casa por extensos períodos. No pontificado seguinte, Pio X (1903-1914) discorda com o direito de as mulheres poderem votar e ser eleitas. Conforme Mariano:

O papa seguinte, Pio XI (1929-1939), voltou a centrar o seu discurso na importância de as mulheres permanecerem limitadas à esfera privada e ocuparem-se apenas das tarefas domésticas. Para a Igreja Católica, a presença das mulheres no espaço público, fosse para trabalhar ou participar em actividades políticas, colocava em causa a sua dignidade e ameaçava a estabilidade da vida familiar<sup>107</sup>.

---

<sup>104</sup> Pereira, M. H. (2014). A 1.ª República e o sufrágio em Portugal: o debate de 1911 em perspetiva diacrónica. *História Constitucional* (15), p. 520.

<sup>105</sup> Pereira, M. H., *op. cit.*, p. 475.

<sup>106</sup> Pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crispim, foi professora, jornalista, ativista pelos direitos das mulheres e das crianças, republicana e maçónica e uma das dirigentes da Liga Republicana das Mulheres.

<sup>107</sup> Mariano, F. (outubro de 2022). *Às urnas: a reivindicação do voto feminino na Península Ibérica (1821-1934)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, p. 101.

Nesta linha de pensamento, “surgiu a ideia de que as mulheres são maioritariamente antifeministas e muito influenciadas pelas concepções católicas do mundo”<sup>108</sup>. Estas posições da Igreja a partir do Vaticano terão certamente encontrado ecos em Portugal, apesar de não dispormos da postura pública por parte da Igreja Católica Portuguesa. No entanto, esta conjuntura religiosa vigente terá contribuído para que as mulheres se tornassem “maioritariamente anti-feministas e muito influenciadas pelas concepções católicas do mundo”<sup>109</sup>, fazendo com que as conquistas fossem lentas e graduais.

Pela primeira vez, em 1911, durante as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte uma mulher conseguiu votar. Tratou-se da médica, cirurgiã e ativista, Carolina Beatriz Ângelo, viúva, chefe de família e instruída que colocou a lei a seu favor e tornou-se não só na primeira eleitora portuguesa, mas também a primeira da Europa do Sul.

Este voto foi um ato isolado que se deveu a uma decisão jurídica e simbolizou uma vitória para o movimento feminista em Portugal e uma quebra de barreiras. Com este ato, Carolina Beatriz Ângelo desafiou as normas sociais que relegavam a mulher a um papel secundário na sociedade. No entender de Esteves, “o voto singular de Carolina tornou-se, de certa forma, o facto mais importante das primeiras eleições do regime republicano, num processo iniciado nos últimos anos da Monarquia. Só em 1920, uma minoria socialista propõe o sufrágio universal que incluía as mulheres, disso dando conta, por exemplo, o *Heraldo de Madrid*”<sup>110</sup>. No entanto, esta proposta não chegou a ser votada.

A Primeira República e o período que se seguiu representou um período de grande avanço na luta pelo direito ao voto feminino, fruto do trabalho operado pelas organizações feministas lideradas por mulheres que começaram a ganhar espaço público. Segundo Vaquinhas:

a ditadura militar, implantada em 1926, não proibiu a actividade de movimentos de mulheres e abriu a esfera política a uma pequena elite de mulheres, situação

---

<sup>108</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>109</sup> Mariano, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>110</sup> Esteves, J. (2014). Da esperança à deceção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *História Constitucional* (15), p. 489.

que se manteve no Estado Novo. Trata-se, no entanto, de uma abertura que ocorreu num contexto hostil aos direitos sociais e civis adquiridos pelas mulheres durante a I República<sup>111</sup>.

As mulheres portuguesas continuaram a insistir nos anos seguintes sem grandes avanços até que a instauração da II República e as consequentes alterações à Constituição e ao Código Civil vieram equiparar juridicamente mulheres e homens. Em 1931, é concedido o direito de voto a mulheres com um determinado nível de escolaridade e condições sociais específicas. Só após a Revolução do 25 de Abril de 1974, com a aprovação de uma nova constituição, o sufrágio universal foi finalmente aprovado e o voto estendido a todas as mulheres portuguesas, sem discriminação.

---

<sup>111</sup> Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis*, v. 6, n.º 1, jan./jul., p. 252.

## 1.1. A Exclusão *versus* a afirmação das mulheres nas letras

Temos visto que ao longo de séculos as mulheres têm mantido uma dupla luta: por um lado, pelo seu lugar de voz em todas as áreas da sociedade e para saírem das sombras e dos bastidores dos homens, por outro, têm tido a necessidade de lutar permanentemente pela afirmação das várias conquistas que têm feito. Ainda hoje, nos anos vinte do século XXI, assim é. No âmbito da cultura, da escrita e da publicação, a luta tem sido semelhante. Veremos, seguidamente, que a atividade das mulheres na cena cultural do país através dos salões literários, nos quais além de cultura se discutia também a política e as ideias, a sua participação na indústria livreira e na imprensa periódica, demonstram que a sua presença na esfera cultural é diversa e abrangente e contribui para a formação de uma opinião válida na construção do país. Conforme nota Lopes, esta intervenção das mulheres na esfera cultural do país possibilita “deduzir que o papel da mulher não era tão insignificante como se poderia pensar”<sup>112</sup>. A autora refere, a esse respeito, que “desde o século XVIII ela ia conquistando um relevante espaço social e cultural, o que se manteve sem grandes interrupções no século seguinte”<sup>113</sup>.

### Os salões literários

Os salões literários enquanto centros de sociabilidade, troca de ideias e polos culturais representam, no entendimento de Rodrigo do Prado Bittencourt, uma “herança do século XVIII e da vivência aristocrática”<sup>114</sup>. Com efeito, estes espaços de “divulgação e consagração de um artista no século XIX”<sup>115</sup> remontam à primeira metade do século XVII e XVIII, a França e Itália, sendo famosos os de Madame Geoffrin, Madame de Tenci, Julie de Lespinasse, Madame du Déffand, Marquesa de Lambert, Duquesa do Maine, Madame d'Épinay, Madame Necker, Madame Helvétius, Madame Roland, Madame Swetchine, Duquesa de Garamont, Madame de Pompadour, Baronesa Almaury

---

<sup>112</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 162.

<sup>113</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>114</sup> Bittencourt, R. d. (2020). As instituições literárias em Portugal no século XIX. *Revista Terceira Margem* (v. 24, n.º 43), p. 11.

<sup>115</sup> Bittencourt, R. d. *op. cit.*, *idem*.

de Maistre, Condessa de Beaumont, Adélaïde de la Biche e Madame Récamier. Ainda em consonância com o autor, estes salões “podem ser encarados como instituições literárias e também apresentam um caráter e uma origem deveras aristocrática. Subsistem, entretanto, mesmo diante do avanço burguês e muitas vezes passam a ser presididos por novos-ricos desejosos de reconhecimento e prestígio ou por recém-nobilitados advindos da burguesia”<sup>116</sup>. A investigadora Maria Ivone de Ornellas de Andrade caracteriza os salões literários da seguinte forma:

“concorridas reuniões, frequentadas por titulares e homens de espírito, purpurados mais ou menos mundanos, jovens da corte e eruditos (exactamente por esta ordem), eram igualmente animadas pela presença de belas jovens das mais ilustres famílias, cuja graça e colorido feminino eram garantia de numerosa concorrência da aristocracia masculina”<sup>117</sup>.

Note-se que, de acordo com Rosa Dias, o salão literário funciona como “um espaço de jogo social, um fórum com mais exibição que discussão, mas através do qual se ditavam as modas literárias da época”<sup>118</sup>. Assim, “os salões com seus saraus, festins temáticos e mesmo reuniões informais de intelectuais e artistas contribuíram para a carreira de muitos escritores”<sup>119</sup>.

Os salões literários eram geralmente criados e mantidos por mulheres e representam para elas um espaço de afirmação e de “expressão pública feminina”<sup>120</sup>. Maria Amália Vaz de Carvalho, num capítulo dedicado aos salões literários, do livro *Cartas a Uma Noiva* (1899), define essas mulheres, designadas de *salonnières*, da seguinte forma:

---

<sup>116</sup> Bittencourt, R. d. (2020). As instituições literárias em Portugal no século XIX. *Revista Terceira Margem* (v. 24, n.º 43), p. 12.

<sup>117</sup> Andrade, M. d. (2011). Um salão oitocentista. *Cultura*, vol. 28, p. 204.

<sup>118</sup> Dias, F. R. (S.d.). Mobilizações e Modelos Culturais. P. 52.

<sup>119</sup> Bittencourt, R. d. (2020). As instituições literárias em Portugal no século XIX. *Revista Terceira Margem* (v. 24, n.º 43), p. 11.

<sup>120</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 144.

adorável figura feminina, inteligente, affectuosamente hospitaleira, capaz de adivinhar tudo o que não sabia, de compreender tudo o que não aprendera, de animar com a sua *sympathia* delicada, a discussão pacífica e moderada de todas as questões mais graves, de amenisar com o encanto um tanto frívolo da sua palavra, o debate dos problemas mais arduos, de applaudir todo o esforço sincero, de se entusiasmar nobremente por todo o talento verdadeiro, - em que uma convivência d' estas era a suprema deleitação da vida, o privilegio mais querido da aristocracia de raça e de pensamento!<sup>121</sup>

De entre os vários salões literários existentes em Portugal contam-se, no século XIX, o da Marquesa de Alorna (1750-1839)<sup>122</sup>, considerado “um dos mais prestigiados salões da capital”<sup>123</sup>, “*le plus concouru au monde*”, de acordo com o Conde de Saint Priest<sup>124</sup>. Nas reuniões literárias deste salão, cuja anfitriã despertava a admiração de “literatos do valor de Bocage, Filinto Elísio, Herculano, Castilho, Correia da Serra, Ribeiro dos Santos [que] passaram pelos outeiros do seu convento ou pelos seus salões”<sup>125</sup>, era habitual que a Marquesa lesse, declamasse poesias, inventasse motes, discursasse sobre literatura, discutisse ideias românticas e criticasse trabalhos literários<sup>126</sup>. Tanto no salão, como na vida, a Marquesa de Alorna deu mostras de seguir as suas próprias ideias e vontades. Lopes assinala que “este seu hábito de luta pelas suas ideias e a sua convicção da necessidade de promover o nível intelectual das mulheres do seu tempo, leva-a a considerar que não basta exprimir publicamente os seus pensamentos; é necessário fazê-lo de forma institucionalizada”<sup>127</sup>.

Outro salão que atinge grande relevância é o de Francisca de Paula Possolo (1783-1838)<sup>128</sup>, na sua casa à Rua das Trinas, n.º 128. Lopes atenta que:

---

<sup>121</sup> Carvalho, M. V. (1911). *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Editores Santos & Silveira, pp. 211-212.

<sup>122</sup> Nascida Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, tornou-se a 4.ª Marquesa de Alorna; 9.ª Condessa de Assumar. Foi também conhecida como Alcipe. Destacou-se na sociedade da época, não só pelos seus títulos, mas também pela sua inteligência, cultura e produção literária. Escreveu poemas, traduções e ensaio e foi figura central nos círculos literários e intelectuais de Lisboa, onde promovia tertúlias e salões que reuniam personalidades da época. As suas ideias progressistas valeram-lhe admiração e reconhecimento tanto em Portugal como no estrangeiro.

<sup>123</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 147.

<sup>124</sup> Andrade, M. d. (2011). Um salão oitocentista. *Cultura*, vol. 28, p. 214.

<sup>125</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>126</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 148.

<sup>127</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 149.

<sup>128</sup> Poetisa, dramaturga e novelista que escrevia com os pseudónimos Francília, Pastora do Tejo e as iniciais D.F.P.P.C. Foi considerada como uma das pioneiras do movimento pré-romântico feminino em Portugal.

Júlio de Castilho dedica-lhe grande atenção nas suas *Memórias*: ‘Bons salões [...] bom piano, bons livros, muita vez boa música; um theatrinho muito completo, onde algumas récitas agradáveis se deram; e sobretudo optima e escolhida sociedade [...] eis o que attraía n’aquella casa, e o que fez della por seguidos anos o *rendez-vous* de toda a Lisboa intelligente e litteraria.’ E conta que nesta casa “se lêem e comentam os melhores livros”<sup>129</sup>.

Maria Kruz (1815-?)<sup>130</sup>, outra das *salonnières* portuguesas de grande destaque no século XIX, “promoveu no seu salão intensa atividade, nele se fazendo sessões de leitura, antes dos lançamentos editoriais”<sup>131</sup>. Na rua Formosa, hoje rua do Século, em Lisboa, no palácio outrora pertencente ao Visconde da Lançada e onde mais tarde se instalaram a redação, administração e tipografia do jornal *O Século*, funcionou, segundo Júlio de Castilho, “o primeiro salão político e literário da cidade” que caracterizou da seguinte forma:

Ardia o fogo sagrado, e escutavam-se conversadores de primeira água: Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Tomás de Carvalho, Benalcanfor, Raimundo de Bolhão Pato, José Castilho, engraçadíssimo homem de sala, seu irmão António Feliciano, Fontes Pereira de Melo... e quantos mais!”<sup>132</sup>

Ali, Almeida Garrett leu em voz alta *Frei Luís de Sousa*. Maria Amália Vaz de Carvalho escreveu, no livro *Cartas a uma Noiva* (1899), embora sem identificar este espaço como sendo o de Maria Kruz, que neste salão, situado na rua Formosa, “se educára para as finas graças da sociedade culta uma geração de políticos e de litteratos”<sup>133</sup>.

Olga de Moraes Sarmiento, a quem compararam com a famosa Madame de Staël (1766-1817)<sup>134</sup>, também possuía o seu salão, assim como Maria da Felicidade do Couto

---

<sup>129</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 154.

<sup>130</sup> Maria Josefa de São Diogo Francisca Antónia Pacheco Krus, nasceu em Lisboa, Mártires, em 1815, desconhecendo-se a data do seu óbito. Casou-se com D. Pedro de Menezes de Brito do Rio.

<sup>131</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 155.

<sup>132</sup> Castilho, J. (1956). *Lisboa Antiga: O Bairro Alto*. 3.<sup>a</sup> Edição, Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas C.M.L., p. 198.

<sup>133</sup> Carvalho, M. V. (1911). *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Editores Santos & Silveira, p. 203.

<sup>134</sup> Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein foi uma intelectual, ensaísta e romancista francesa, que presenciou em primeira mão a Revolução Francesa, a Era Napoleónica e a Restauração. Foi uma conhecida opositora de Napoleão.

Brown (1797-1861)<sup>135</sup>, cuja biblioteca figurava entre as maiores da sua época. Lopes nota que “o salão de Felicidade Brown, tanto quanto se sabe, era o único existente na Invicta nos finais dos anos 40. Teria mantido muito tempo esta atividade”<sup>136</sup>, tendo a sua casa sido considerada um verdadeiro “cenáculo literário” que foi frequentada por Arnaldo Gama, Ricardo Guimarães, Xavier Novais e Camilo Castelo Branco, entre outros.

De facto, este período é marcado por um grande número de salões literários de relevo, aos quais ainda podemos juntar os da Viscondessa de Balsemão (1749/1824)<sup>137</sup>, Maria Carcome Lobo, Condessa de Vila Flor, Mariana Pimentel Maldonado (1771/1855)<sup>138</sup>, entre outras mulheres de relevo na sociedade da época<sup>139</sup>. Conforme aponta Esteves, “muitos dos nomes que constituíram os seus pilares estreitaram a amizade e a reflexão a partir da sua condição de escritoras e não de políticas ou feministas, tendo, a pouco e pouco, o debate sido alargado à condição feminina, aos direitos das mulheres e ao feminismo”<sup>140</sup>.

Na passagem para o século XX, Portugal contava com os salões de Maria Felicidade Brown, Olga Morais Sarmiento e Maria Amália Vaz de Carvalho (Lopes A. C., 2005, p. 157). No livro *Ao fim da Memória: Memórias I* (1906-1939), Fernanda de Castro (1900-1994) refere ainda a existência de outros salões literários “entre os quais se destacavam o de Veva de Lima, o de Elisa de Sousa Pedroso, o de Clarinha (Clara de Serpa Pinto), o de Branca de Gonta Colaço, o de Madalena Martel-Patricio, etc.”<sup>141</sup>.

A escritora frisa o salão de Veva de Lima (1886-1963)<sup>142</sup>, que “umas vezes recebia os seus convidados hierática e com um sorriso sempre um pouco esfíngico no alto das

---

<sup>135</sup> Poetisa nascida no Porto, considerada uma importante representante do ultrarromantismo português. Escreveu com os pseudónimos 'A Coruja Trovadora' e 'Sóror Dolores', que também utilizou como títulos das suas obras. colaborou com os periódicos *O Nacional*, *O Bardo*, *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* e *Miscelânea Poética*. A na sua casa, na sua quinta do Lugar do Choupelo, em Vila Nova de Gaia, albergou um salão literário.

<sup>136</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 156.

<sup>137</sup> D. Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre foi uma conhecida poetisa e dramaturga do seu tempo, cujos poemas e peças de teatro permanecem manuscritos.

<sup>138</sup> Poetisa nome Mariana Antónia Pimentel Maldonado que assinou com o pseudónimo Armania. Colaborou nos periódicos *O Portuguez Constitucional* (1820-1821), *Jornal Poético* (1812) e *O Patriota*, Bahia (1813).

<sup>139</sup> cf. Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 157.

<sup>140</sup> Esteves, J. (2010). Lagos da República.

<sup>141</sup> Castro, F. (1986). *Ao fim da memória: memórias I* (1906-1939). Lisboa: Editorial Verbo, p. 133.

<sup>142</sup> Genoveva de Lima Mayer Ulrich, escritora e socialite, detentora de um dos últimos salões literários, em Campo de Ourique.

escadas de sua casa; outras reclinada num leito romano no mais belo dos seus salões”<sup>143</sup>. Ainda conforme aponta Fernanda de Castro, Veva de Lima “tinha um dom especial: sabia juntar, como ninguém, as pessoas mais variadas, representantes da mais alta e mais velha nobreza, da alta burguesia e, ao mesmo tempo gente nova, ainda sem nome e sem obra realizada, mas com um denominador comum – o talento, ou, pelo menos, a inteligência”<sup>144</sup>. Por este salão passaram artistas de diversas áreas, escritores e músicos. A escritora relata nas suas memórias que “ao fim de alguns anos tinha três portas cheias, de alto a baixo, de assinaturas dalguns dos artistas mais famosos da Europa e também da América”<sup>145</sup>.

Carlota Laura de Serpa Pinto Moreira (1872-1949)<sup>146</sup>, escritora e cronista, conhecida por Clarinha, também dinamizou em sua casa, em Beirós, Viseu, um salão literário que, em conformidade com o que podemos ver em nota na publicação *Diário de Luzia*:

Carlota de S. P. tem um salão, em que, à semelhança das minhas amigas do século XVIII, recebe, sem preocupações de cor política, os homens mais inteligentes, mais interessantes do seu tempo. Quer apresentarmos, anunciando-me que vou ficar... *embeçada* – é dela o termo – por um deles: José Maria de Alpoim, o terrível inimigo da monarquia que Deus haja... [...] (à noite) Foi encantadora a tarde passada. Como Carlota S. recebe bem! Sim, julguei-me em casa de uma das minhas amigas do século XVIII, uma dessas endiabradas, espirituosas Marquesas, que se apaixonaram pela revolução – ou pelos revolucionários? – E lá estava o revolucionário, com punhos de renda, o novo Mirabeau, o Sr. José Maria de Alpoim, aquele que, segundo anunciou Carlota, me deixaria pelo beijo...<sup>147</sup>

Luzia refere-se, com saudade, ao Salão de Clarinha em uma carta trocada com Laura de Castro em 22.01.1929:

---

<sup>143</sup> Castro, F., *op. cit.*, p. 145.

<sup>144</sup> Castro, F., *op. cit.*, *idem*.

<sup>145</sup> Castro, F. (1986). *Ao fim da memória: memórias I (1906-1939)*. Lisboa: Editorial Verbo, p. 146.

<sup>146</sup> Foi escritora, cronista e socialite. A sua casa em Beirós era chamada de “chalé do paço” recebeu em reuniões culturais figuras monárquicas, mas também apoiantes da Primeira República.

<sup>147</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 337.

casa de Clarinha, quando vinham José de Alpoim – o melhor conversador que até hoje tenho encontrado, Aníbal Soares, Cunha e Costa, etc quando Clarinha ainda não estava doente, neurasténica, e o seu grande incomparável encanto, a sua rara inteligência, faziam esquecer os seus perigosos defeitos... (Carta n.º 81, a Laura de Castro, 22.01.1929<sup>148</sup>)

Na obra *Cartas a uma Noiva* (1899), Maria Amália Vaz de Carvalho descreve o que, no seu entender, não deveria ser um salão: “Não é decerto uma grande sala em que se dança; não é um club tempestuoso em que se discute; não é um circo franco em que todas as mediocridades têm direito de entrada; não é um recinto qualquer onde uma quantidade maior ou menor de pessoas bocejam, ou falareiam sem tom nem som”<sup>149</sup>.

A escritora critica o ambiente fútil em que reina a mediocridade, a aparência e o dinheiro nos quais estão por esses dias mergulhados os salões literários, tornando-os distantes daquilo que esteve na sua génese e que ditam agora o seu fim:

Eis aqui apontadas imperfeitamente, superficialmente, algumas das causas fundamentaes que destruíram a vida de salão, tal como o seculo XVI na Italia a imaginou com rasgos de genio e inexperiencias de principiante, tal como o seculo XVII, em França, a esboçou, nitida e largamente, tal como, emfim, o seculo XVIII a realizou, perfeita e bella, graciosa e delicada, perturbadora e excitante: um encanto, uma graça, uma flôr de extrema civilização e de extrema e requintada cultura, que a Revolução cortou pela raiz, atirando-lhe as petalas mimosas desfeitas em sangue e em lagrimas, a todas as ventanias agrestes do seu temporal medonho<sup>150</sup>.

Percebemos, então, porque Maria Amália Vaz de Carvalho foi quem esteve à frente daquele que foi considerado por muitos como o último salão literário da capital, mas que Júlio Dantas considerava o primeiro<sup>151</sup>, situado à travessa de Santa Catarina. Durou por mais de meio século e reuniu as personalidades mais marcantes do seu tempo, como António Cândido Ribeiro da Costa, o médico Sousa Martins, o diplomata conde de Sabugosa, Pinheiro Chagas, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Bulhão Pato, Eça de

---

<sup>148</sup> *Manuscritos de Luzia (1924-1931)*. Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001- em tratamento para publicação.

<sup>149</sup> Carvalho, M. V. (1911). *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Editores Santos & Silveira, p. 206.

<sup>150</sup> Carvalho, M. V., *op. cit.*, p. 210.

<sup>151</sup> Carvalho, M. V., *op. cit.*, p. 159.

Queirós, Ramalho Ortigão, Bernardino Machado, entre outros e que Luzia frequentou com alguma regularidade. Numa carta a Laura de Castro, a 22 de janeiro de 1929, passados 8 anos após a morte de Maria Amália, Luzia descreve da seguinte forma o seu salão:

ela tinha um salão – o último de Lisboa, exatamente porque soube sempre defendê-lo de uma cor exclusivamente literária, só com duas ou três pessoas falava de literatura, que aliás, como a mim, era o assunto que mais a apaixonava, mas a certos literatos – destas bem poucas e com tremenda dificuldade, lhe entraram em casa – adorava declarar que só as bisbilhotices mundanas, as receitas culinárias e as modas a interessavam! [...] a Lisboa interessante há muito morreu, para mim, Lisboa da casa da Maria Amália, com o António Cândido, o Conde de Sabugosa, o Visconde de Santa Teresa e tantos outros cheios de espírito, de inteligência, vozes que se calaram para sempre! (Carta n.º 81, a Laura de Castro, 28.06.1928<sup>152</sup>)

O escritor e jornalista Feliciano Soares, num artigo publicado no *Jornal da Madeira*, em 11.12.1956, referiu-se ao salão de Maria Amália, em Santa Catarina, como a “côrte dos intelectuais portugueses”, composta por “prosadores, poetas, jornalistas, os Grandes” que “iam beijar a mão” à reconhecida escritora. De acordo com o jornalista, quando o salão foi encerrado, “o conde de Sabugosa escreveu com lágrimas: «fechou-se o último salão de Lisboa»”<sup>153</sup>. Em nota em *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal* (2023), consta que “esta casa ainda existe, encontrando-se hoje assinalada com uma placa de mármore, colocada pela Câmara de Lisboa em 1934.”<sup>154</sup>.

Os salões literários desempenharam um papel crucial na difusão de novas ideias e tendências artísticas e literárias. Elen Biguelini chama a atenção para o seguinte:

Embora a presença feminina nos salões e nos espaços públicos tenha permitido a algumas mulheres uma participação mais ativa na sociedade portuguesa, a grande maioria das senhoras da nobreza passava a maior parte do tempo em casa. Mas é importante lembrar que nada disto se aplica às mulheres trabalhadoras, que

---

<sup>152</sup> *Manuscritos de Luzia (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001- em tratamento para publicação.*

<sup>153</sup> Soares, F. (11.12.1956). Luísa a Vagabunda. *Jornal da Madeira*, p. 1 e 5.

<sup>154</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 481.

circulavam por todo o lado com liberdade de movimentos que era impossível às senhoras nobres<sup>155</sup>.

Pese embora, na opinião de Lopes, “a melhor prova de que o seu contributo para a cultura do seu tempo não se limitava apenas aos salões literários, mas se estendia a aspetos mais sólidos e permanentes, através da sua colaboração na imprensa periódica e outra”<sup>156</sup>.

### Os Gabinetes de Leitura e o mercado livreiro

A mulher do século XIX está empenhada em romper com o papel tradicional que a sociedade e a tradição lhe impõem. Lopes refere que as mulheres de dezanove “foram-se afirmando lentamente na sociedade sem grande alarido ocupando espaços públicos e funções até aí reservados aos homens. Algumas, ao que parece, sem contestação masculina”<sup>157</sup>. Um desses exemplos é o caso dos gabinetes de leitura.

A partir de década de 30 do século XIX surgem em Portugal os Gabinetes de Leitura. No entender de Maria de Fátima Machado Pinto, “o conceito de gabinete de leitura é utilizado, na segunda metade do século XIX, em contextos muito diversos dos que assistiram à sua projeção na primeira metade desse século”<sup>158</sup>.

Ainda de acordo com a investigadora, estes espaços dedicados à leitura “assumiram em meados de oitocentos feição popular de cunho mutualista e corporativo, à semelhança do que aconteceu em muitos outros países europeus<sup>159</sup>. Estas instituições, conforme aponta Lopes, “têm um papel importante na difusão de obras nacionais e estrangeiras”<sup>160</sup>. Com uma oferta bastante variada, possibilitaram que, por um preço

---

<sup>155</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 29.

<sup>156</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 162.

<sup>157</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 163.

<sup>158</sup> Pinto, A. C. (2004). A queda da 1.<sup>a</sup> República: uma interpretação. Em M. Baiôa (ed.), *Elites e Poder*, p. 65.

<sup>159</sup> Pinto, M. M. (2017). *Bibliotecas populares em Portugal: práticas e representações esboçar de uma missão (1870-1930)*, p. 4.

<sup>160</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, *idem*.

módico, fosse possível o aluguer de livros<sup>161</sup>. A autora destaca um Gabinete em especial, criado em 1839, localizado na Rua do Carmo, n.º 42, em Lisboa, pertencente à família de livreiros Ferin e dirigido por *Mademoiselle Ferin* que, conforme a autora, “pertence à pequena burguesia lisboeta, na qual predominava então o desejo de ascensão que as luzes de uma cultura doméstica teimavam em fazer vencer”<sup>162</sup>. Esta mulher “compete num ramo que parecia ter sido iniciado por homens, numa altura em que ainda existiam salões”<sup>163</sup>, que seriam potencialmente divulgadores e potenciadores deste serviço.

Se as mulheres ganharam grande afirmação através dos salões literários e na dinamização dos gabinetes de leitura, outras há que se afirmaram no mercado livreiro que, como os outros meios em geral, era dominado pelos homens. No entanto, no entender de Catarina da Silva Lourenço, na sua dissertação intitulada “O espaço para uma editora feminista” (2022), “as mulheres sempre estiveram presentes no mundo da edição, de uma forma ou outra, mesmo que o poder não tenha sido delas”<sup>164</sup>. Muitas chegaram ao ramo editorial “por herança das atividades dos cônjuges”<sup>165</sup>, empresas que na sua maioria enfrentavam dificuldades económicas, “sem estarem [as suas proprietárias] a cargo ou sob proteção do sexo masculino”<sup>166</sup>. Ainda assim, dedicaram-se aos seus negócios seja enquanto “livreiras, distribuidoras de revistas, detentoras de armazéns, comerciantes, etc”<sup>167</sup>.

Exemplo da afirmação das mulheres nesta área são as viúvas de Bertrand, Moré e Henriques, casas editoras de grande importância e cujos negócios continuaram a prosperar, mesmo após a morte dos seus maridos. Lopes conclui que “todos estes elementos de uma breve história da intervenção feminina a nível da divulgação cultural mostram um percurso claro: dos salões, mais ou menos intelectuais ou mundanos, as mulheres enveredaram por práticas de um empenhamento social e cultural cada vez maior”<sup>168</sup>.

---

<sup>161</sup> cf. Lopes, A. C., *op. cit., idem.*

<sup>162</sup> Lopes, A. C., *op. cit., idem.*

<sup>163</sup> Lopes, A. C., *op. cit., idem.*

<sup>164</sup> Lourenço, C. d. (2022). *O espaço para uma editora feminista*, p. 28.

<sup>165</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 164.

<sup>166</sup> Lopes, A. C., *op. cit., idem.*

<sup>167</sup> Lopes, A. C., *op. cit., idem.*

<sup>168</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 167.

## A imprensa periódica

O último quartel do século XIX marca o momento em que ler jornais se torna um hábito em Portugal, apesar de já existirem periódicos publicados muito antes disso. Essa mudança está obviamente ligada à industrialização da imprensa e à introdução de um novo tipo de textos: o texto informativo, que passa a coexistir com os textos de opinião em voga na época. Para isso contribuiu grandemente a fundação do *Diário de Notícias*, em 1865.

De acordo com Lourenço, estas mudanças, às quais importa juntar a mudança de mentalidades que estava a ser operada na sociedade portuguesa, a lei de liberdade de imprensa então adotada e, consequência disso, a formação da opinião pública “transformaram o espaço público em Portugal”<sup>169</sup> e abriram espaço para uma proliferação de periódicos de diversos tipos e para uma imprensa de pendor feminino, com a participação das mulheres nesta área, muito fomentada pelo avanço das ideias feministas em Portugal e como meio de divulgação e de intervenção das mesmas. Embora a história da imprensa portuguesa seja dominada por vozes masculinas, de acordo com Luísa Antunes Paolinelli, no capítulo da *História Global da Literatura Portuguesa* (2024) intitulado “1849 — Mulheres e letras – da imprensa periódica ao livro a afirmação feminina”, o período “é marcado por profundas contradições, avanços e recuos”<sup>170</sup>. Por um lado, assiste-se “a um período de afirmação e de longa luta pelos direitos da mulher, por outro, este século também corresponde à manutenção e mesmo intensificação de discursos que a pretendem manter em posição subalterna”<sup>171</sup>. Em consonância com Lopes (2005):

a imprensa periódica é aproveitada pelos dois sexos para tratar de todos estes problemas que afligiam o século. Foi ela que permitiu a luta tanto por ideais

---

<sup>169</sup> Lourenço, C. d. (2022). *O espaço para uma editora feminista*, p. 9.

<sup>170</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 415.

<sup>171</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, *idem*.

tradicionalistas como pelas novas ideias progressistas que vinham do estrangeiro e encontravam terreno fértil nas discriminações existentes<sup>172</sup>.

Ainda que as mulheres já escrevessem desde antes da primeira metade do século XIX, apesar da existência na sociedade patriarcal da época do reiterado desejo de as manter ligadas às funções do lar e da família, muitas foram as que romperam as barreiras que lhes eram impostas e, como afirma Biguelini, “lançaram a pena ao papel e nos legaram em criações poéticas ou em prosa seus pensamentos íntimos, opiniões políticas, defesas da educação feminina, entre outros muitos temas”<sup>173</sup>, escondidas por detrás de pseudónimos masculinos e iniciais, pois, no entender de Coelho & Fontes, “às mulheres decentes impunha-se recato e silêncio”<sup>174</sup>, num nítido receio de não serem bem aceites pelo público em geral e pelos homens em particular e de serem tratadas de “sabichonas” ou “literatas”. No entender destas investigadoras, as mulheres “não desejavam que as críticas de suas obras fossem fruto apenas de uma opinião masculina acerca da autoria feminina”<sup>175</sup>, mas sim que as suas obras fossem lidas.

Irene Vaquinhas também aponta a questão da assunção da autoria feminina, dizendo que “embora a escrita se tenha tornado para muitas mulheres um meio de subsistência, colaborando na imprensa, raras eram aquelas que ousavam afirmar-se jornalistas, escondendo-se com frequência atrás de pseudónimos”<sup>176</sup>. Com efeito, era comum que a feminilidade autoral ficasse reduzida ao anonimato através do recurso a pseudónimos masculinos, anagramas ou iniciais, adotando algumas mulheres, no entanto, expressões como “huma senhora”, “huma portuguesa”, “huma anonyma”, entre outras, de modo a expressarem o género na autoria os seus textos<sup>177</sup>.

Biguelini relaciona este medo da autoria ou, como diz, “*anxiety of authorship*”, *medo da autoria* ou *ansiedade da autoria*<sup>178</sup> com o facto de na altura se considerar a escrita

---

<sup>172</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 174.

<sup>173</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. IV.

<sup>174</sup> Coelho, S., & Fontes, S. (2021). Vozes femininas a favor da instrução das mulheres nos jornais oitocentistas: *A Assembleia Literária e A voz feminina*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* (v.21), p. 243.

<sup>175</sup> Coelho, S., & Fontes, S., *op. cit.*, p. 108.

<sup>176</sup> Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX* (pp. 149-164). Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa CEHCP-ISCTE, p. 151.

<sup>177</sup> cf. Biguelini, E., *op. cit.*, p. 5.

<sup>178</sup> Susan Gubar e Sandra Gilbert *apud* Biguelini, E., *op. cit.*, p. 90.

feminina “um ato transgressor” e elas, no entender da estudiosa, “não queriam ser compreendidas como opositoras, ou mesmo como tendo intervindo de maneira proposital em um meio masculino”<sup>179</sup>. Num outro artigo, Biguelini descreve este medo como “um temor causado pelo ato transgressor de escrever e que era marcante na vida destas mulheres o que as levava a protegerem a si e a seus textos de diferentes maneiras”<sup>180</sup> como através do uso de pseudónimos ou de anagramas.

Vaquinhas também sustenta a ideia de transgressão, afirmando que “no momento em que se discutia, a nível nacional, a instrução feminina, escrever num jornal era considerado um acto transgressor, viril e uma usurpação de uma atividade exercida desde tempos longínquos pelos homens, dado o poder da palavra pública ser considerado uma prerrogativa masculina”<sup>181</sup>. No entanto, de acordo com Biguelini, “ao optar por assinar como ‘anonyma’ e não ‘anonymo’, estão a afirmar-se como mulheres que escrevem, ainda que optem por permanecer desconhecidas, tendo intervindo de maneira proposital em um meio masculino”<sup>182</sup>. O facto de, ainda que de forma discreta, assinalarem o género da autoria, mesmo mantendo o anonimato, tem também subjacente, segundo a autora, o desejo de “garantir que o leitor observe a obra com mais indulgência (por ser de mulher teria mais defeitos), seja para afirmar a feminilidade de seus textos através de temáticas consideradas femininas, ou por meio da ‘afirmação de género’ nas assinaturas”<sup>183</sup>. Na verdade, o que desejavam efetivamente era que os seus textos fossem lidos e julgados ao mesmo nível que os textos masculinos, longe de um rótulo de menorização que naturalmente se atribuía às mulheres, apesar de se colocarem na imprensa periódica do início de XIX ao lado de escritores conceituados que juntamente com elas, no entender de Lopes, ultrapassam “os convencionalismos da época”. De acordo com o autor:

---

<sup>179</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 90.

<sup>180</sup> Biguelini, E. (2015). O travestismo na literatura escrita por mulheres em Portugal no final do século XVIII e início do século XIX. *Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura: Mulheres de Letras - do Oitocentismo à Contemporaneidade: transformações e perspectivas*, p. 281.

<sup>181</sup> Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX* (pp. 149-164). Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa CEHCP-ISCTE, p. 151.

<sup>182</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevichado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 92.

<sup>183</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 116.

Enfrentando as dificuldades próprias de quem luta contra preconceitos arraigados acerca da inadequação do género feminino para as tarefas intelectuais, as mulheres do período em causa, sobretudo até à década de 70, não só enviam as suas colaborações para a imprensa periódica dirigida por intelectuais do sexo masculino, mas também, com coragem e determinação, fundam as suas próprias revistas ou assumem funções de directoras noutras. Na imprensa periódica, que é, durante o século, o mais poderoso meio de expressão pública de ideias, elas estão efectivamente presentes, dir-se-ia mesmo em força<sup>184</sup>.

As mulheres, ainda que de forma muitas vezes invisibilizada, desempenharam um papel importante na produção e consumo de conteúdos e algumas até na direcção e propriedade de periódicos. A partir de 1850, assistimos a uma afirmação do jornalismo feminino, “não obstante se restringir a temáticas femininas ou feministas”<sup>185</sup>, mas a mentalidade vigente e os costumes “impediam às mulheres o jornalismo de reportagem, também chamado “de rua”, sob pena de caírem no ridículo ou de serem conotadas com o mundo da prostituição”<sup>186</sup>.

De acordo com Vaquinhas, à mulher que escrevia “a descrição era incentivada pela cultura dominante, estando as luzes da ribalta reservadas às atrizes ou a profissões pouco consideradas, que funcionavam como contraponto do que deveria ser uma mulher honesta, ou, segundo a terminologia do tempo, uma senhora”<sup>187</sup>. O facto de serem poucas as mulheres que estavam presentes na imprensa colocava-as à mercê de comentários e julgamentos que podiam vir de qualquer lado, inclusive das suas parceiras de ofício, como enfatiza a estudiosa:

É o caso, entre outras, da escritora Maria Amália Vaz de Carvalho que, ao ser convidada para colaborar no jornal *a voz feminina*, em 1868, se recusou, argumentando que ‘o jornal enfim, deve ser masculino, porque só os homens têm o espírito positivo e esse género de manda’<sup>188</sup>.

---

<sup>184</sup> Lopes, A. C. (2005 (b)). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas* (10), pp. 169-176.

<sup>185</sup> Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX* (pp. 149-164). Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa CEHCP-ISCTE, p. 151.

<sup>186</sup> Vaquinhas, I. (2004), *op. cit.*, *idem*.

<sup>187</sup> Vaquinhas, I. (2004), *op. cit.*, p. 152.

<sup>188</sup> Vaquinhas, I. (2004), *op. cit.*, *idem*.

Alguns homens das letras também se revelaram muito críticos em relação à presença das mulheres na escrita. Ramalho Ortigão, nas *Farpas* (Tomo VIII) refere-se à escrita feminina como catastrófica. Conforme Paolinelli, “O *Almanach das Senhoras* era, para o escritor, a melhor bitola para medir o valor intelectual das suas contemporâneas, senhoras de uma sentimentalidade em segunda mão, sem ideal e de uma pieguice grotesca”<sup>189</sup>.

Os jornais desempenharam um papel importante em redor da emancipação feminina, difundindo o ideário a favor e contra. Em consonância com Francisco das Neves Alves e Isabel Lousada, “os periódicos portugueses colaboraram decisivamente na edificação de tal conflito discursivo, com a publicação de artigos tanto de autoria masculina, quanto de algumas das mais reconhecidas representantes da escrita feminina e mesmo de autoras pouco conhecidas e difundidas no cenário lusitano”<sup>190</sup>. Foi particularmente através da imprensa que, segundo Lopes, “estas damas lutaram pela melhoria da condição feminina”<sup>191</sup>, com as seguintes armas:

Deram, entre outros aspectos, testemunho dos preconceitos masculinos ainda existentes, primeiro contra a alfabetização feminina e, posteriormente, à medida que o século avançava, contra a demasiada instrução ou aplicação directa do saber ou ainda contra as carreiras profissionais que o ensino lhes poderia facultar. Estas senhoras criticaram ainda a incorrecta educação das jovens. Retrataram e condenaram a indolência, a inércia, a futilidade das classes elevadas. Por estes e semelhantes modos, apontaram e denunciaram os problemas e as injustiças que vigoraram ao longo de todo o século<sup>192</sup>.

Não podemos desassociar o avanço das mulheres na imprensa periódica do avanço do movimento feminista em Portugal e no mundo. Conforme Paolinelli, “o nascimento na Europa e Américas de publicações periódicas destinadas ao público feminino promoveu o debate sobre a condição da mulher, ainda que caracterizado por ambiguidades e contradições”<sup>193</sup>, de modo a que assistimos a “autoras que se aventuram

---

<sup>189</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 418.

<sup>190</sup> Alves, F. d., & Lousada, I. (2020). A luta pela emancipação feminina através da imprensa: dois breves estudos de caso. *Cadernos Literários [v. 27, n.º 1]*, p. 25.

<sup>191</sup> Lopes, A. C. (2005 (b)). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas (10)*, p. 171.

<sup>192</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, pp. 171-172.

<sup>193</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, *idem*.

quer na defesa de valores liberais, quer na expressão de uma tensão de mudança, sublinhando as dificuldades e limitações que as mulheres enfrentavam, criticando as representações cristalizadas do feminino como género inferior ou como negativo do homem”<sup>194</sup>.

Mas, falar de periódicos de pendor feminino implica um salto às origens e também referir o papel do *Correio das Modas*, em 1807, do *Toucador* e da *Gazeta das Damas*, em 1822, que assinalam o início da imprensa periódica feminina em Portugal, um marco que apesar de se situar temporalmente antes do período que se pretende aqui estudar merece ser aqui sinalizado. De acordo com Coelho & Fontes, “nestas publicações, predominava uma mentalidade sexista e os temas abordados situavam-se no domínio da frivolidade, debruçando-se sobre moda, poesia, romances, anúncios, crítica literária, crónica social, entre outros”<sup>195</sup>. Já no entender de Lopes, *A Gazeta das Damas* era “como um retrato vivo das intelectuais mais empenhadas que presidiam ou frequentavam os salões literários da época, pela participação política que, na verdade, tinham, e pelo tipo de interesses alargados que manifestavam”<sup>196</sup>.

Não podemos falar das mulheres na imprensa periódica sem referir Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883)<sup>197</sup>, que foi a primeira mulher portuguesa a assumir a direcção e propriedade em termos de cabeçalhos de um periódico, fundando as três revistas: *A Assembléa Litteraria*, *A Beneficencia* e *A Cruzada*<sup>198</sup>. Pusich foi sem dúvida uma mulher das letras que nunca teve medo de revelar a sua identidade e que, segundo Biguelini, publicou “todo um leque abrangente de obras: da poesia ao romance gótico, passando pela tradução e pelo teatro”<sup>199</sup> e “procurou manter-se imparcial politicamente, apesar de ela própria não o ser”<sup>200</sup>.

---

<sup>194</sup> Lopes, A. C. (2005 (b)). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas* (10), p. 172.

<sup>195</sup> Coelho, S., & Fontes, S. (2021). Vozes femininas a favor da instrução das mulheres nos jornais oitocentistas: *A Assembleia Literária e A voz feminina*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* (v.21), p. 246.

<sup>196</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 178.

<sup>197</sup> Poetisa, dramaturga, jornalista e conferencista. Colaborou em diversos jornais e revistas literárias lisboetas, foi participante ativa de conferências e sessões públicas, foi jornalista e redatora e privou com personalidades como Alexandre Herculano e Almeida Garrett e integrou a primeira loja maçónica portuguesa de adoção (feminina), a Loja Direito e Razão.

<sup>198</sup> Rafael, G. G. (2011). *A Leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal: testemunhos e problemas*, pp. 6-7.

<sup>199</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevindo muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 79.

<sup>200</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p.158.

De acordo com Lopes, “Antónia Pusich defende ideias interessantes sobre o progresso da população e do país”<sup>201</sup> que passam pela luta pela instrução das mulheres, pedindo “aos homens civilizados que mostrem aos restantes a conveniência da instrução feminina”<sup>202</sup>. De acordo com Rafael, “Antónia Gertrudes Pusich foi uma das mulheres mais relevantes no século XIX, e a sua ação social e política merece destaque pela visibilidade e previsão”<sup>203</sup>. Desde logo, “percebeu que a imprensa seria um meio para divulgar as suas ideias sociais e políticas”<sup>204</sup>. Os periódicos por si dirigidos, apesar de não se assumirem totalmente de autoria feminina, contavam com uma presença marcadamente feminina e as mulheres que com eles colaboraram passaram a ter uma participação assídua e intensa na imprensa da segunda metade de dezanove. Casada por três vezes, com onze filhos e a braços com uma situação económica difícil, Antónia Gertrudes Pusich detem importantes títulos que asseguram às mulheres, de acordo com Biguelini, “uma presença feminina mais forte do que o esperado. Não apenas publicavam folhetins, como poemas e cartas, inclusive cartas com conteúdos políticos e de escárnio, sendo que a grande maioria destes textos são poesias assinadas por anónimas”<sup>205</sup>.

*A Assembleia Literária*, publicado em Lisboa, o primeiro periódico com propriedade e direção de uma mulher através do qual Pusich, que acumulava as funções de proprietária e de redatora, no entender de Paolinelli “dá voz à necessidade da educação das meninas de classe média e inferior, dando-lhes os instrumentos literários e de formação que lhes permitam o acesso às profissões do ensino e, assim, à garantia da sua subsistência”<sup>206</sup>. Este jornal que se identifica sobretudo com a questão da educação – saliente-se que tem como subtítulo *Jornal d’instrução* – por tratar-se de uma publicação também de cariz literário, funcionava, assim como outras suas congéneres, “como

---

<sup>201</sup> Lopes, A. C. (2005 (b)). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas* (10), p. 291.

<sup>202</sup> Lopes, A. C., *op. cit.*, p. 300.

<sup>203</sup> Rafael, G. G. (2011). *A Leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal: testemunhos e problemas*, p. 10.

<sup>204</sup> Rafael, G. G. *op. cit.*, p. 20.

<sup>205</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 9.

<sup>206</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 417.

verdadeiros laboratórios de escrita”<sup>207</sup> de modo que “a imprensa periódica representa uma conquista funcional de um lugar literário e artístico central”<sup>208</sup>.

Teresa Salvador faz o levantamento dos periódicos dirigidos a mulheres, 1807 e 1974, em Portugal, tendo por base uma pesquisa resultante da consulta dos livros *Um Século de Periódicos Femininos. Arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*, de Ivone Leal, *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos de modernidade*, de Ana Maria Costa Lopes, *Os Jornais Portugueses e Jornalismo Português*, de Silva Pereira, e dos *Dicionário no Feminino. Séculos XIX-XX* e *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX. 1941-1974*. De acordo com a investigadora, neste levantamento “incluíram-se periódicos escritos por homens, por homens e mulheres e só por mulheres, de vários tipos e destinados a vários sectores”<sup>209</sup>. Salvador demonstra que “os periódicos têm legitimidade como objecto de estudo e deixam em aberto a possibilidade de uma leitura intertextual que faça emergir as diversas vontades de afirmação de um colectivo desdobrado em muitas gerações”<sup>210</sup>.

A partir do estudo realizado pela autora, e considerando uma importante ferramenta para o conhecimento da intervenção das mulheres na imprensa periódica portuguesa do final do século XIX, início do século XX, apresentamos, no APÊNDICE 1, uma listagem na qual constam apenas os periódicos de e para mulheres que se dedicaram à literatura e/ou com componente literária ou à instrução, os almanaques (por conterem alguma produção literária) e os periódicos relacionados com os movimentos feministas, uma vez que integram nas suas fileiras muitas escritoras.

Outra mulher que teve um papel marcante na imprensa periódica foi Guiomar Torrezão (1844-1898)<sup>211</sup> e através dela destacamos a afirmação das mulheres no *Almanach de Lembranças Luso-brasileiro*. De acordo com Bernardete Capelo-Pereira, Guiomar Torrezão é uma “voz insubmissa que [...] deixou uma marca indelével e deu

---

<sup>207</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 417.

<sup>208</sup> Paolinelli, L. A. *op. cit., idem*.

<sup>209</sup> Salvador, T. (2009). Em torno dos periódicos femininos. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias* (v.6), p. 116.

<sup>210</sup> Salvador, T., *op. cit.*, p. 107.

<sup>211</sup> Ficcionista, poetisa, dramaturga e ensaísta. Colaborou com a revista *Gambiarra* (1881) *Ribaltas* e no *Almanach de lembranças luso-brasileiro*. Em parte das suas publicações na revista *Gambiarra*, utilizou o pseudónimo Delfim de Noronha, mas ao fim de 10 números, assumiu a sua verdadeira identidade.

uma forte contribuição para a afirmação de uma intelectual e, assim, uma alteração do estatuto da mulher na escrita e na sociedade portuguesa de oitocentos”<sup>212</sup> e fê-lo através da sua escrita “quantiosa, diversificada, persistente, no quadro mental e social da sua época, contra todas as vozes que procuraram apagá-la ou apoucá-la”<sup>213</sup> de modo a que Torrezão tomou parte ativa “nessa revolução que é a passagem da mulher-objeto à mulher-sujeito”<sup>214</sup>.

Entre 1899 e 1900, a partir de Viseu, uma mulher – Beatriz Paes Pinheiro de Lemos (1871-1922)<sup>215</sup> –, juntamente com o marido – o poeta Carlos de Lemos – dirigiu e editou *Ave Azul: revista de arte e crítica*, que teve a duração de dois anos e fez sair 24 edições, em duas séries. Esta publicação teve a colaboração de importantes nomes nacionais como Fausto Guedes Teixeira, Eugénio de Castro, Manuel da Silva Gaio, Afonso Lopes Vieira, Camilo Pessanha, Roberto de Mesquita, Carlos de Mesquita, Henrique de Vasconcelos, Ana de Castro Osório, Ribeiro de Carvalho, Amélia Janny, Delfim Guimarães, Florencia de Moraes, Maria Velleda e António Correia de Oliveira. Contou ainda com algumas participações estrangeiras como Ary-René d'Yvermont, Rafael Altamira, Philéas Lebesgue e Tommaso Cannizzaro. Neste periódico, Beatriz Paes de Lemos publicou contos e poemas, mas também assinou editoriais que, de acordo com Anabela Ferreira Silveira, foram todos “dedicados à problemática da mulher num registo profundamente feminista, estatuto que a autora reivindicava para si”<sup>216</sup>, tornando-a, ainda no entender de Silveira, “precursora da luta pela identidade de género e dos direitos das mulheres em Portugal”, uma “militância feminista” que lhe trouxe “reações violentas e virulentas com eco na imprensa da época”<sup>217</sup>.

<sup>212</sup> Capelo-Pereira, B. (2015). Guiomar Torrezão em Almanach de lembranças luso-brasileiro. Em I. Lousada, & V. P. Chaves, *As mulheres na imprensa periódica*, p. 124.

<sup>213</sup> Capelo-Pereira, B., *op. cit.*, p. 125.

<sup>214</sup> Capelo-Pereira, B. (2015). Guiomar Torrezão em Almanach de lembranças luso-brasileiro. Em I. Lousada, & V. P. Chaves, *As mulheres na imprensa periódica*, p. 125.

<sup>215</sup> Poetisa, escritora e editora nascida em Viseu. Uma das pioneiras do movimento feminista português, fundou a União das Senhoras Liberais de Viseu, integrou o Grupo Português dos Estudos Feministas, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas e a Associação de Propaganda Feminista e colaborou com a recolha de fundos para a criação da Escola Liberal João de Deus (1901), que se destinava à educação de raparigas pobre viseenses. Colaborou em vários periódicos.

<sup>216</sup> Silveira, A. F. (2017). O protagonismo de Beatriz Pinheiro na revista viseense *Ave Azul* (1899-1900). *Historae*, Rio Grande, v. 8, n.º 2, p. 78.

<sup>217</sup> Silveira, A. F. (2017). O protagonismo de Beatriz Pinheiro na revista viseense *Ave Azul* (1899-1900). *Historae*, Rio Grande, v. 8, n.º 2, p. 80.

A partir de 1900, as revistas femininas sucedem-se num momento em que, no entender de Paulo Guinote (1997), “os principais títulos informativos se mostravam pouco sensíveis a um noticiário ou a colunas de opinião mais ligadas às questões feministas”<sup>218</sup>. Guinote assinala que “esta imprensa é um fenómeno marcadamente urbano”<sup>219</sup> e os periódicos caracterizam-se, na sua maioria, por “serem da responsabilidade das próprias mulheres”, estando poucas exceções sob direção de homens.

Também é importante notar, neste período, o aparecimento de “um leque de boletins e revistas cuja motivação básica é uma activa intervenção no debate das questões sociais”<sup>220</sup>, nomeadamente no que concerne o papel das mulheres na sociedade, sendo muitos ligados ao movimento feminista. Passamos assim de publicações de pendor lúdico ou literário para revistas e boletins de pendor reivindicativo.

Salvador destaca a importância da imprensa feminina da seguinte forma:

As revistas femininas não são o género menor de uma espécie. Para o reconhecer, basta atender à crítica situacional e às propostas reformistas de certos artigos, entre os quais os dedicados ao sufrágio, ao divórcio, à educação e à formação profissional, artigos de provocação e resistência, que mobilizaram o público para o debate de ideias e que constituem, no seu todo, um legado de posições em confronto, com múltiplas variações<sup>221</sup>.

Assim, enquanto “plataforma de fixação de ideias”, as revistas femininas representam um importante repositório de ideias e pensamentos que marcam a mentalidade desta época e as lutas que as mulheres tiveram de atravessar para garantir a sua afirmação num meio masculino. Paolinelli sustenta que “das margens à qual era votada, a mulher afirma-se através da colaboração, e mesmo direção de revistas e jornais, encontrando nas páginas dos periódicos o lugar que ainda lhe falta conquistar no mundo editorial, num movimento colaborativo que envolve as mulheres do Brasil, mas também de outras áreas lusófonas”<sup>222</sup>.

---

<sup>218</sup> Guinote, P. (1997). *Quotidianos femininos (1900-1933)*, Vol. I. Lisboa, p. 134.

<sup>219</sup> Guinote, P., *op. cit.*, p. 136.

<sup>220</sup> Guinote, P., *op. cit.*, p. 137.

<sup>221</sup> Salvador, T. (2009). Em torno dos periódicos femininos. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias* (v.6), p. 95.

<sup>222</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (b)). Na balança da Europa. Em J. E. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 381-390). Lisboa: Temas e Debates, p. 388.

## 1.2. Para uma revolução: autonomia e autoridade

Ainda que a mulher se tivesse lançado na imprensa periódica de forma discreta e muitas vezes dissimulada por via do recurso a pseudónimos masculinos, com o avançar do século XIX começou, aos poucos, a assumir a sua identidade feminina e a defender os seus ideais, projetando-se, assim, da imprensa, para a publicação de obras da sua autoria, ganhando alguma autoridade e autonomia, aproveitando o período a que Paolinelli chamou de “democratização das letras”<sup>223</sup>, um momento em que começam a surgir “um novo público e também espaço mais alargado para os autores (e autoras) [que constitui] um lugar de encontro complexo entre o «eu» e o mundo, em que a literatura é vista como sonho e prazer, mas também como documento, força e ação”<sup>224</sup>. De acordo com a autora, “a presença autoral feminina vai aumentando ao longo do século, sendo mais significativa na segunda metade, com um incremento do número de escritoras e das suas publicações, acompanhando a sempre maior presença feminina em várias esferas”<sup>225</sup>.

### A escrita feminina e a sua profissionalização

Durante o período em estudo, notamos que a mulher escritora era vítima de um estigma social baseado na ideia de que se tratava da usurpação de um domínio masculino. Assim, a assunção da identidade própria na escrita é o resultado de um longo caminho, não só de presença e aquisição de uma identidade autoral, mas também fora do domínio da escrita, na sociedade em geral, na qual as mulheres começaram a reivindicar um novo papel.

---

<sup>223</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, p. 389.

<sup>224</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, *idem*.

<sup>225</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 419.

Importa abrir aqui um parêntese para lembrar que as mulheres sempre estiveram tanto na escrita, como no meio literário, cultural e intelectual em Portugal, recuando aos séculos XV e XVI. Ainda que não seja o período em estudo nesta dissertação, importa aqui fazer uma contextualização histórica da presença e afirmação das mulheres na elite intelectual portuguesa.

Os reinados de Manuel I, D. João III e D. Sebastião, que compreendem o período entre 1495 e 1578, descritos por André Canhoto Costa no livro *A Corte das Mulheres*, foram uma época áurea de afirmação e presença das mulheres nos meios literatos, período durante o qual a corte se pautava pela presença de leitoras, escritoras, autoras de filosofia, mecenas de escritores e apreciadoras de livros, de improvisação poética, de música e de dança, em salões muito influenciados pela Itália renascentista, que aconselhavam e influenciavam ministros e embaixadores e tiveram a seu cargo a função da organização da bibliotecas das rainhas e princesas. Uma corte de mulheres humanistas – “mulheres escritoras, rodopiando as saias, tocando alaúde, improvisando versos”<sup>226</sup> – cuja figura principal foi a Infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel I e da sua terceira mulher, Leonor de Áustria, e também Catarina de Áustria, rainha de Portugal, ladeadas por mulheres como Joana Vaz (c.1500-depois de 1570)<sup>227</sup>, Públia Hortênsia de Castro (1548-1895)<sup>228</sup>, Luísa Sigeia de Velasco (1522-1560)<sup>229</sup>, Paula Vicente (1519-1576)<sup>230</sup>, Francisca de Aragão (c.1525-1615)<sup>231</sup> e Guiomar de Blaesvelt (c.1523-?)<sup>232</sup>. Em consonância com André Canhoto Costa, “a vida da corte promovia o convívio de infantas e damas, filhas da aristocracia, e era necessário educar as mulheres para o sofisticado convívio com secretários, diplomatas e outros cortesãos, escolarizados no mundo dos livros latinos e

---

<sup>226</sup> Costa, A. C. (2025). *A Corte das Mulheres*. Quetzal, p. 39.

<sup>227</sup> Foi uma humanista e poetisa renascentista da corte de D. Catarina cujas qualidades intelectuais foram apreciadas por importantes seus contemporâneos como Francisco de Sá de Meneses, o Papa Paulo III ou o poeta Clenardus que inclusive lhe solicitou que contribuísse com um poema para o funeral de Erasmo.

<sup>228</sup> Considerada uma das mais notáveis figuras do humanismo português, foi estimada pelos maiores intelectuais do seu tempo. Estudou filosofia, em Évora e mais tarde, vestida de homem, cursou Retórica, Humanidades e Metafísica na Universidade de Coimbra. Frequentou o Paço Real de Évora e a academia da infanta D. Maria.

<sup>229</sup> Poetiza e intelectual do séc. XVI, foi considerada um dos expoentes do humanismo ibérico e viveu na corte portuguesa ao serviço da infanta D. Maria.

<sup>230</sup> Filha de Gil Vivente, tornou-se conhecida pela sua erudição e talento musical, foi uma artista e dama da Infanta D. Maria.

<sup>231</sup> Foi considerada uma alta figura feminina das cortes de Portugal e de Espanha, cantada pelos poetas do seu tempo e evocada por Teófilo Braga no livro *Os Amores de Camões*, na qualidade de musa inspiradora de *Os Lusíadas*.

<sup>232</sup> Foi uma das damas da corte da Infanta D. Maria a quem Camões terá dedicado umas linhas de um soneto.

gregos”<sup>233</sup>. Desse modo, essas mulheres “passaram a receber uma educação primorosa, convivendo com os mestres recrutados nas mais prestigiadas universidades”<sup>234</sup>, de modo a estarem preparadas para dar conselhos a ministros e embaixadores, argumentar “diante dos doutores” e organizar a biblioteca das rainhas<sup>235</sup>.

De acordo com as pesquisas de Conceição Flores, no século XVI, é “em torno da corte que a vida literária continua a ocorrer”<sup>236</sup>, através de “mulheres notáveis [que] pela sua cultura literária superaram as barreiras de género e ombreavam com os doutos daquele tempo” (*Idem*). Ainda em consonância com Flores, é no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (1516), que se encontram os primeiros registos da escrita de autoria feminina dando espaço à escrita de “doze mulheres, entre elas, D. Filipa de Almada (1453-1497), neta de D. Filipa de Lencastre, casada com o poeta Rui Moniz, que também figura no Cancioneiro”<sup>237</sup>. Estas mulheres, juntamente com as suas donzelas, que também compunham trovas, tomavam parte dos “torneios poéticos que animavam os serões palacianos, aceitando e respondendo aos desafios dos poetas”<sup>238</sup>.

Também a partir dos claustros dos conventos as mulheres produziam textos literários, dos quais destacamos os da autoria das Sorores Maria do Céu (1658-1753)<sup>239</sup>, Violante do Céu (1601 (?)-1693)<sup>240</sup>, Madalena da Glória (1672-c.1760)<sup>241</sup> e da incontornável Mariana Alcoforado (1640-1723)<sup>242</sup> que, “enclausurada, contra a sua vontade, apaixonadamente escreve ao amado”<sup>243</sup>, as célebres *Cartas Portuguesas*<sup>244</sup>.

<sup>233</sup> Costa, A. C. (2025). *A Corte das Mulheres*. Quetzal, p. 51.

<sup>234</sup> Costa, A. C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>235</sup> Costa, A. C., *op. cit.*, p. 39.

<sup>236</sup> Flores, C. (2010). Escrita feminina em Portugal. *Interdisciplinar*, Ano 5, v. 10, p. 21.

<sup>237</sup> Flores, C., *op. cit.*, p. 20.

<sup>238</sup> Flores, C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>239</sup> Nascida Maria de Eça, foi uma freira clarissa, escritora, poetisa e dramaturga do período barroco português, considerada uma das raras intelectuais da sua época.

<sup>240</sup> De nome Violante Montesino, foi uma religiosa e escritora do período barroco português, foi considerada um dos expoentes máximos da poesia deste período.

<sup>241</sup> Nascida com o nome de Madalena Eufêmia de Vilhena, foi uma freira clarissa, poetisa e novelista. Utilizou o pseudónimo Leonarda Gil da Gama.

<sup>242</sup> Foi uma freira do Convento de Nossa Senhora da Conceição, em Beja, que através das suas cartas dirigidas ao Marquês Noel Bouton de Chamilly, Conde de Saint-Léger e oficial francês que lutou em Portugal durante a Guerra da Restauração, se tornou célebre, com esta obra que se tornou um clássico da literatura mundial.

<sup>243</sup> Flores, C. (2010). Escrita feminina em Portugal. *Interdisciplinar*, Ano 5, v. 10, p. 22.

<sup>244</sup> Romance epistolar publicado em francês (*Les Lettres Portugaises*), no séc. XVII (1669), pelo editor Claude Barbin, que reúne cinco curtas cartas de amor escritas pela Soror Mariana Alcoforado a um oficial francês.

Segundo Flores, “a presença da mulher na literatura portuguesa começa a ser mais efetiva no século XVII, tanto nos claustros como fora deles”<sup>245</sup> para, no século seguinte, as mulheres começarem “a ousar uma escrita que se contrapõe ao discurso masculino”<sup>246</sup>.

Com a instalação do Tribunal da Inquisição em Portugal, fundado a 23 de maio de 1536, e sobretudo com a Contra-Reforma (1540-1700), entrarmos num período de grande repressão sobre as mulheres durante o qual se assiste a um apagamento do que foi a sua presença nos meios intelectuais e eruditos da corte. Sabe-se que, neste período, se destacaram, na poesia, a Marquesa de Alorna, Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839)<sup>247</sup> e a Viscondessa de Balsemão (1749-1824)<sup>248</sup>.

Só partir da segunda metade do século XIX – fechando aqui o parêntese que abrimos anteriormente e regressando ao período em estudo – a escrita de autoria feminina se começa a cimentar, ainda de acordo com Flores, “seja através de textos publicados em jornais, seja em edições de pequena tiragem que surgem país a fora”<sup>249</sup>.

Apesar de a nossa história referir alguns textos assinados por mulheres que obtiveram reconhecimento nas letras e na ciência, no entender de Elen Biguelini:

[...] pode-se afirmar que a autoria feminina não era uma atividade aceite no país durante a primeira metade do século XIX. Quando uma mulher escrevia, consequentemente tornava público os seus pensamentos, e como o lugar visto como predestinado para a mulher era o privado, a atitude da publicação literária era transgressora<sup>250</sup>.

Biguelini assinala que a profissionalização da literatura feminina dá-se sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, apesar de “já nas décadas de 1830 e 1840 se

---

<sup>245</sup> Flores, C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>246</sup> Flores, C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>247</sup> Poetisa que pertencia à nobreza portuguesa, filha de D. João de Almeida Portugal, 2.º marquês de Alorna e 4.º conde de Assumar. Conhecida como "Alcipe".

<sup>248</sup> Catarina Micaela de Sousa Cesar e Lencastre

<sup>249</sup> Flores, C., *op. cit.*, p. 24.

<sup>250</sup> Biguelini, E. (2015). O travestismo na literatura escrita por mulheres em Portugal no final do século XVIII e início do século XIX. *Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura: Mulheres de Letras - do Oitocentismo à Contemporaneidade: transformações e perspectivas*, p. 280.

[encontrarem] mulheres que escrevem textos mais profissionais do que aqueles com cunho pessoal e voltado para um grupo pequeno de leitores”<sup>251</sup>.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Paolinelli demonstra que, à medida que nos aproximamos da viragem do século XIX para o século XX, “a presença autoral feminina vai aumentando”<sup>252</sup> até tornar-se mais significativa, através do aumento do número de autoras, de obras publicadas e da sua entrada em géneros geralmente dominados pelos homens. Conforme a autora, “às mulheres eram aconselhados os géneros de literatura infantil, a tradução e a poesia, mais consones ao génio feminino, à sua emoção e sentimento à flor da pele, à intuição e moralidade, sendo, além disso, mais facilmente abordáveis”<sup>253</sup>.

Em *Escritoras de Portugal: génio feminino revelado na Literatura Portuguesa*, volume I, Teresa Leitão de Barros procura definir, do seguinte modo, o contexto do surgimento de uma literatura feminina:

A vida literária da mulher portuguesa pode dizer-se que logo surgiu na claridade vibrante do Renascimento e que, depois de conscientemente singrado, numa atmosfera perigosa para a sua existência e propícia ao seu estiolamento, alcançou, descendo, o poente demorado dum Romantismo demasiado sentimental e lânguido<sup>254</sup>.

A escritora exige, para a mulher, a possibilidade de “ocupar um merecido lugar de honra, porque, embora sufocado pelas precárias condições de tolerância dentro das quais se desenvolveu, tem deixado através de todas as épocas, o sinal evidente de que existiu”<sup>255</sup>.

Biguelini sustenta que, com o avançar do século, muitas mulheres começaram “paulatinamente, a marcar presença na cultura literária portuguesa, encontrando [o] seu

---

<sup>251</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 162.

<sup>252</sup> Paolinelli, L.A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 419.

<sup>253</sup> Paolinelli, L.A., *op. cit.*, p. 416.

<sup>254</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 27.

<sup>255</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. I). Lisboa: [s.n.], p. 14.

espaço, que se tornaria ainda mais importante na segunda metade do Oitocentos”<sup>256</sup>. Muito graças às “extensas obras de Antónia Gertrudes Pusich, Guiomar Torrezão e Maria Amália Vaz de Carvalho, o texto feminino passou a ganhar lugar e valor na literatura portuguesa”<sup>257</sup>.

No que diz respeito à publicação, as mulheres passaram da fase do anonimato à fase da afirmação. Lourenço assinala o seguinte:

Por muito tempo, a mulher publicou em anónimo, para que não se soubesse que o livro era publicado por uma mulher – a reputação era importante – e porque a literatura era um meio pouco acessível à voz feminina. Mais do que isso, mesmo as mulheres que conseguiam superar esse primeiro obstáculo sofriam da sua própria condição. Como mulheres, não tinham acesso suficiente ao mundo para escreverem mais que romances. O mundo não lhes permitia acesso a novos e diferentes géneros literários<sup>258</sup>.

Também Lopes nota que as mulheres “escrevem romances, novelas, poesias, textos políticos ou outros. Algumas traduzem obras de vulto, não sendo menos significativa esta atividade, já começada no século anterior por ser uma forma de afirmação intelectual e um escape a críticas”<sup>259</sup>.

A temática da “mulher das letras” é abordada na imprensa nacional dos anos 20 de noventa, mais concretamente no *Diário de Lisboa*, em três artigos publicados em janeiro de 1922, abril de 1926 e maio de 1928, por Manuel de Sousa Pinto (1880-1934), Maria de Carvalho (c. -) e Norberto de Araújo (1889-1852).

Manuel de Sousa Pinto, escritor, jornalista e professor de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa, na edição de 04 de janeiro de 1922, compara a mulher da sociedade à mulher das letras de oitocentos ou, como diz, “mulher dos livros”, e faz depois o contraponto com as mulheres do seu tempo. Para ambas, a da sociedade e a dos livros, “a vida começava depois do casamento ou em seguida à falta”<sup>260</sup>, por entender que

---

<sup>256</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevichado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. IV.

<sup>257</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 15.

<sup>258</sup> Lourenço, C. d. (2022). *O espaço para uma editora feminista*, p. 30.

<sup>259</sup> Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera, p. 162.

<sup>260</sup> Pinto, M. d. (04.01.1922). A mulher e a literatura moderna. *Diário de Lisboa*, p. 3.

“só o amor legalizado, ou amor irregular, as libertava, permitindo-lhes manifestar caráter próprio e assumir caráter diferencial. A posse equivalia a carta de alforria”<sup>261</sup>. Em contrapartida, no entender do autor, para as mulheres do início do século, como para as da “literatura moderna”, os papéis estão a inverter-se: “a mulher casada perde terreno. Triunfa a flor em vez do fruto”<sup>262</sup> e isso está a refletir-se na sua escrita, no drama e no romance, na medida em que “deixou de haver lágrimas nem disparos, mas está havendo sorrisos mais frescos, conflitos mais novos, e a necessidade dum observação mais penetrante”<sup>263</sup>.

No mesmo jornal, em 13 de abril de 1926, Maria de Carvalho, escritora e jornalista, assina uma crónica intitulada “A mulher de letras profissional e a mulher de letras por ‘coqueterie’”. A jornalista constata um aumento das mulheres de letras e contrapõe as que escrevem de modo profissional às que escrevem por vaidade. De acordo com Maria de Carvalho, a mulher profissional, seja do livro ou do jornalismo, “faz das suas aptidões literárias um ofício e procura ganhar a sua vida”<sup>264</sup>. Já sobre a mulher que compõe de forma amadora, a autora diz que esta escreve por distração e por vaidade, “que tem um salão ou frequenta os salões alheios, que cultiva a literatura como um *sport* intelectual, lendo, conversando e escrevendo profusamente”<sup>265</sup>. A autora deste artigo ainda subdivide as mulheres das letras em mulheres de letras ricas, que, de acordo com Maria de Carvalho, são “para quem a literatura é uma elegância, a juntar a outras elegâncias e que facilmente se celebra e impõe na sociedade”<sup>266</sup> e as que, não sendo ricas, cuidam da casa, da roupa e dos filhos. A autora, à semelhança de Manuel de Sousa Pinto, menciona a questão da “posse” da mulher, mas sob o ponto de vista da obediência, o que colide com a emancipação natural da mulher das letras. A propósito da obediência, em contraponto à emancipação, Maria de Carvalho diz o seguinte:

[...] a mulher das letras deve ser, por condição obediente – ao pai, ao marido, e até ao filho, quando este se torna homem – e a mulher de letras cria uma independência de pensamento, que só um homem muito superior consegue

---

<sup>261</sup> Pinto, M. d., *op. cit., idem.*

<sup>262</sup> Pinto, M. d., *op. cit., idem.*

<sup>263</sup> Pinto, M. d., *op. cit., idem.*

<sup>264</sup> Carvalho, M. (13.04.1926). A mulher de letras profissional e a mulher de letras que escreve por “coqueterie”. *Diário de Lisboa*, p. 8.

<sup>265</sup> Carvalho, M. *op. cit., idem.*

<sup>266</sup> Carvalho, M. *op. cit., idem.*

dominar [...] a mulher das letras, se o é verdadeiramente, pela vocação, pelo talento, pelas amarguras da vida, que são tão grandes fatores, torna-se uma espécie de freira laica, um pouco indiferente à sua pessoa, um pouco indiferente ao mundo, absorta numa ideia profunda, ou num profundo sentimento, trabalhando, meditando, sofrendo<sup>267</sup>

No entanto, o que se verifica é o seu destino “quase nunca é invejável” e, quando decidia tornar-se mãe, forçosamente as letras passavam para um segundo plano e o marido, os filhos e a casa assumiam o papel principal. Caso não fosse rica, esperava-se que cuidasse das roupas e da casa, dos filhos e do marido, que fosse “educada e económica”, e que zelasse pela dispensa, pela alimentação, pelo conforto da casa e o equilíbrio do orçamento familiar. A autora defende que estas tarefas continuem a ser asseguradas pela mulher, sob pena de se colocar em causa a instituição família e defende: “É forçoso que esse trabalho seja feito pela mulher se é pobre ou presidido e dirigido por ela se é rica”<sup>268</sup>.

Outra condição que se coloca à mulher das letras é o talento e a capacidade da escrita: “a literatura ou a arte explica-se pelo talento que se tem ou que se julga ter”<sup>269</sup>. No entanto, as questões que se colocam a estas mulheres são as mesmas que se colocam à generalidade das mulheres que, neste momento da história, dão os primeiros passos na sua afirmação enquanto profissionais e a pressão que sofrem para não abandonarem o trabalho do lar. Maria de Carvalho observa o seguinte:

Parece-me útil, na época que vamos atravessando, que a mulher especialise as suas aptidões e possa, numa brusca transição de vida – e tantas há, na sociedade actual – ser professora ou pintora, música ou bordadora, modista ou secretária, governanta ou mulher de letras, mas nunca mulher de letras *por força*, sem vocação nem facilidade, julgando, ilusivamente, que só nesse campo se encontram triunfos, e nunca, também, abandonando o lar sem necessidade absoluta, para ganhar fóra em contacto com as rudezas deprimentes da vida, o que economisaria ficando em casa, com o seu trabalho doméstico e a sua vigilância<sup>270</sup>.

---

<sup>267</sup> Carvalho, M. (13.04.1926). A mulher de letras profissional e a mulher de letras que escreve por “coqueterie”. *Diário de Lisboa*, p. 8.

<sup>268</sup> Carvalho, M. *op. cit.*, *idem*.

<sup>269</sup> Carvalho, M. *op. cit.*, *idem*.

<sup>270</sup> Carvalho, M. *op. cit.*, *idem*.

A autora conclui defendendo que, apesar do interesse e da utilidade das letras, o que a sociedade necessita é “de uma mulher de família com todas as suas virtudes, com toda a sua abnegação, com toda a sua bondade, sabendo dirigir o lar, educar os filhos, e criar renascença da moralidade e da paz”<sup>271</sup>. Esta crónica demonstra que, em 1926, a ideia da mulher enquanto “fada do lar” ainda está muito enraizada e é defendida, inclusive, por muitas mulheres.

Em 1928, o jornalista, escritor e tradutor Norberto de Araújo, no seu espaço de comentário intitulado “Página de Quinta-feira”, aborda a literatura feminina. O jornalista começa logo por esclarecer que não gosta da literatura feminina de um modo geral, nem da portuguesa, nem da estrangeira, mas que, no entanto, limita-se a compreendê-la. Acerca dos exemplos de escrita de autoria feminina, afirma que “são poucos em relação ao montante da literatura que mãos de mulher teceram no intervalo da costura, ou mesmo em vez da costura”<sup>272</sup>. Norberto de Araújo diz nutrir “um grande respeito” por todas as escritoras portuguesas que diz conhecer e ler: “numas porque escrevem obedecendo a um impulso, direi uma fatalidade. Noutras porque tendo realmente talento, sentem o direito de o mostrar em letra redonda. Noutras ainda, e conjuntamente, porque precisam trabalhar, e escrever é uma faculdade que não desonra”<sup>273</sup>.

Ao comparar várias escritoras como Virgínia Vitorino (1895-1967)<sup>274</sup>, Branca de Gonta Colaço (1880-1945), Maria de Carvalho, Fernanda de Castro Ferro, Cândida Aires

---

<sup>271</sup> Carvalho, M. *op. cit.*, *idem*.

<sup>272</sup> Araújo, N. (15.05.1928). Página de Quinta-feira por Norberto de Araújo: Literatura Feminina. *Diário de Lisboa*, p. 3.

<sup>273</sup> Araújo, *op. cit.*, *idem*.

<sup>274</sup> Virgínia de Sousa Vitorino, também conhecida por Virgínia Vitorino, professora, poetisa e dramaturga que, em 1938, recebeu o Prémio Gil Vicente.

de Magalhães (1875-1964)<sup>275</sup>, Olívia Guerra (1898-1922)<sup>276</sup>, Laura de Chaves<sup>277</sup> (1888-1966) e Maria de Rezende, o jornalista conclui que “se parecem todas umas com as outras. Lê-las é descobri-las parcialmente umas nas outras”<sup>278</sup>, contrariamente à autoria masculina. De acordo com o jornalista, “a originalidade pujante só é possível no génio e a mulher não o possui, graças a Deus. O génio tem qualquer coisa de Hércules. Numa mulher seria horrível. Antes a quero mutilada, mas melindrosa, na perfeição das linhas sensitivas”<sup>279</sup>.

Norberto de Araújo discorre sobre os vários géneros literários através dos quais se expressam as escritoras portuguesas para adicionar mais nomes à escrita feminina e para considerar que a poesia é de todos os géneros o mais digno para as mulheres. Na prosa, coloca Luzia no topo das suas preferências e destaca Veva de Lima, NelMarily, Clarinha<sup>280</sup>, Emília de Sousa Costa (1877-1959), Mercedes Blasco (1867-1961), Helena Biancchini e Maria Amália Vaz de Carvalho, que diz ter sido “a maior de todas, como mulher e como senhora”<sup>281</sup>.

O jornalista e escritor conclui o seu artigo de uma página apresentando o que considera ser o motivo para a literatura feminina não ser ainda, em 1928, valorizada em Portugal:

---

<sup>275</sup> Cf. Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.]. p. 333: “A Senhora D. Cândida Aires de Magalhães é a poetisa em quem a maravilhosa visão crítica de Maria Amália Vaz de Carvalho descobriu raríssimos predicados literários. O seu único livro, o poema “Trevas Luminosas”, obra íntegra, harmoniosa e forte, comprova a justeza dessa afirmação. A Senhora D. Cândida Aires revelou-se uma admirável poetisa descritiva, não abusando de imagens empoladas e gastas, antes procurando, dentro da maior simplicidade, evitar os bordões oratórios e cair nos lugares-comuns onde a melhor emoção naufraga. Pela serenidade do seu lirismo toda espontaneidade, pela subtileza do pensamento, pela comedida, mas fecunda intervenção da fantasia, afasta-se bastante da corrente romântica, a cuja cadência enfática foi embalada a sua infância, enquadrada no intenso ambiente intelectual onde pontificava sua tia, a precoce poetisa de “Uma Primavera de Mulher”. A Senhora D. Cândida Aires de Magalhães é talvez a mais portuguesa das poetisas de Portugal”.

<sup>276</sup> Cf. Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 349: “A Senhora D. Oliva Guerra, musicóloga, muito culta, sobressai pela alta amplitude do seu lirismo, descritivo, que sendo dum forte poder pictural, é particularmente emotivo, por atingir uma funda e religiosa espiritualidade.”

<sup>277</sup> <sup>277</sup> Cf. Leitão de Barros, T., *ibid.*, p. 349: “O campo lírico da Senhora D. Laura Chaves, que segue um pouco na luminosa esteira da poetisa Virgínia Victorino, é quasi exclusivamente amoroso; ultimamente, porém, tem acolhido outros diversos motivos, que uma bela inspiração soube comentar de forma admirável.”

<sup>278</sup> Araújo, *op. cit.*, *idem*.

<sup>279</sup> Araújo, N. (15.05.1928). Página de Quinta-feira por Norberto de Araújo: Literatura Feminina. *Diário de Lisboa*, p. 3.

<sup>280</sup> Pseudónimo de Carlota Serpa Pinto.

<sup>281</sup> Araújo, *op. cit.*, *idem*.

A razão porque a maior parte da literatura das mulheres em Portugal não agrada ou pouco impressiona – e eu sou, talvez, o reflexo do pensamento de milhares de portugueses que não escrevem – é porque ela se complica em artificialidade, fora dos moldes da bondade e da crença, que – como me disse Guerra Junqueiro, neste gabinete onde agora trabalho – de Deus se reflecte em qualquer cousa, em qualquer chama<sup>282</sup>.

Embora o processo de profissionalização da escrita feminina, no final do século XIX e início do século XX, tenha decorrido de forma lenta e enfrentado múltiplos obstáculos, os seus efeitos revelaram-se significativos ao permitir que um número crescente de mulheres começasse a vislumbrar a possibilidade de uma carreira literária reconhecida e socialmente validada.

Para contornar os constrangimentos impostos por um campo literário predominantemente masculino, muitas autoras recorreram a estratégias discursivas e editoriais inovadoras, como o uso de pseudónimos masculinos ou ambíguos e a colaboração em publicações periódicas dirigidas a um público feminino. Estes espaços editoriais funcionaram como plataformas de visibilidade, permitindo a afirmação gradual de vozes femininas num universo cultural ainda profundamente marcado por lógicas de exclusão de género.

De acordo com Paolinelli, “a mulher que escrevia nos jornais e começava a entrar de forma cada vez mais profissional no mundo da imprensa devia lutar, assim, não só contra preconceitos religiosos, culturais e sociais, como também científicos”<sup>283</sup>, de maneira que algumas delas “vão encontrar nas margens para as quais são remetidas precisamente uma forma de afirmação”<sup>284</sup>, dedicando-se à escrita “na área da educação e da organização familiar”. A estudiosa salienta aqui o caso da madeirense Viscondessa das Nogueiras (1805-1888)<sup>285</sup>, que viu a sua obra *Diálogos entre uma Avó e Sua Neta* (1862)

---

<sup>282</sup> Araújo, *op. cit.*, *idem*.

<sup>283</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 416.

<sup>284</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, *idem*.

<sup>285</sup> Matilde Isabel de Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, poetisa e tradutora que se celebrou no meio intelectual madeirense escreveu, além de poesia, textos de intenção moral e pedagógica do qual é exemplo *Diálogos entre uma Avó e sua Neta*. Podemos encontrar poemas seus no *Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro*. A Viscondessa das Nogueiras foi cunhada de Maria do Monte de Sant’Ana e de Vasconcelos, a primeira mulher a publicar um romance histórico em Portugal (*O Cura de S. Lourenço* – 1855), e avó de Matilde Olímpia Sauvayre da Câmara (1871-1957), que se tornou uma

ser adotada pelo Conselho Geral de Instrução Pública enquanto livro pedagógico dirigido a crianças dos 5 a 10 anos.

A produção literária feminina desse período centrou-se, em grande medida, em géneros tradicionalmente associados à esfera privada e considerados “menores” pela crítica canónica, tais como o conto, a crónica, a literatura infantil ou o ensaio de índole moralizante. Esta orientação genérica, frequentemente resultante de constrangimentos externos, foi simultaneamente uma forma de limitação e uma estratégia de afirmação. Paolinelli salienta o seguinte:

O nascimento na Europa e Américas de publicações periódicas destinadas ao público feminino promoveu o debate sobre a condição da mulher, ainda que caracterizado por ambiguidades e contradições. Sujeito e destinatário – da poesia à ficção, da tradução ao artigo de opinião, do ensaio ao texto de viagem e de correspondente –, no decorrer do século XIX, a mulher não se afasta muito de uma esfera moral-patriótica, de “bom tom” e fiel ao modelo social estabelecido<sup>286</sup>.

Importa também salientar, ainda em consonância com Paolinelli, a participação das mulheres em “publicações periódicas quase exclusivamente realizadas por mulheres, que funcionaram como verdadeiros laboratórios de escrita”<sup>287</sup>, como o caso de *A Assembleia Litteraria* ou *A Voz Feminina*. No entender da autora, “a presença autoral feminina vai aumentando ao longo do século [XIX], sendo mais significativa na segunda metade, com um incremento do número de escritoras e das suas publicações, acompanhando a sempre maior presença feminina em várias esferas”<sup>288</sup>, passando assim a integrar géneros geralmente dominados por homens, como a literatura de viagem, no qual se aventuraram Guiomar Torrezão, em 1888, com o livro *Paris (Impressões de Viagem)*, ou a madeirense Maria Celina Sauvayre da Câmara, em 1899, com o seu *Diário*

---

reconhecida compositora musical, Maria das Dores Sauvayre da Câmara, uma pianista afamada, e Maria Celina Sauvayre da Câmara (1856-1929), que se destacou pela obra *De Nápoles a Jerusalém: Diário de Viagem (1899)* e pela sua participação na criação do Lactário da Assistência a Crianças Fracas (Funchal), através da doação do edifício – solar dos viscondes das Nogueiras, à rua da Mouraria que serviu de sede daquela organização de solidariedade social.

<sup>286</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, p. 417.

<sup>287</sup> Paolinelli, L. A., *op. cit.*, *idem*.

<sup>288</sup> Paolinelli, L. A. (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates, p. 417.

de Nápoles a Jerusalém; o romance histórico com outra madeirense a revelar-se, Maria do Monte S. A. Vasconcelos (1810-1884)<sup>289</sup>, em 1855, através de *O Cura de São Lourenço*, o primeiro do género escrito por uma mulher em Portugal; romances e contos, nos quais destacamos Cláudia de Campos (1859-1916)<sup>290</sup>, Alice Pestana ou Ana Augusta Plácido<sup>291</sup>.

Ao se apropriarem destes géneros, muitas mulheres escritoras conseguiram construir percursos profissionais estáveis no domínio das letras, contornando as resistências sociais e evitando um confronto direto com as normas patriarcais dominantes, utilizando, no entender de Biguelini, “as suas obras como plataformas que permitiam às suas heroínas liberdades que não seriam aceites no cotidiano feminino da sociedade portuguesa<sup>292</sup>”.

A participação regular das mulheres na imprensa periódica foi uma primeira forma de emancipação e reconhecimento na área das letras. De acordo com Alves & Lousada, “várias escritoras viriam a adquirir notoriedade nesse campo, levando em frente a flama de um novo papel social para a mulher, apesar das tantas resistências conservantistas que encontravam pelo caminho<sup>293</sup>”. Naturalmente, algumas passaram dos jornais e revistas para a publicação das suas próprias obras, assumindo já a sua própria identidade, o que viria a tornar-se um incentivo a que outras mulheres seguissem o seu exemplo, dando assim início a um processo de profissionalização da escrita de autoria feminina.

Este processo gradual de afirmação abriu espaço a outras formas de atuação das mulheres na vida pública e profissional portuguesa, contrariando, por conseguinte, a ideia de que “o lugar idealizado para as mulheres durante a primeira metade do século XIX em

---

<sup>289</sup> Maria do Monte Santana e Vasconcelos Moniz de Bettencourt, nasceu numa família privilegiada da Madeira, composta por várias personalidades com ligação às letras. Publicou três romances históricos, sendo, a primeira mulher em Portugal a afirmar-se no género, com "O Cura de São Lourenço".

<sup>290</sup> Poetisa, que usava os pseudónimos *Colette* e *Carmen Silva*, e feminista portuguesa, membro da Direcção da Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz e Vogal do Comité Português da *La Ligue et le Désarmement par les Femmes*.

<sup>291</sup> Viscondessa de Correia Botelho, também conhecida por Ana Augusta ou Ana Plácido, foi uma escritora que se notabilizou através dos seus romances, crónicas, poemas, contos e participou ativamente da imprensa portuguesa e brasileira do século XIX. Publicou *Luz Coada por Ferros e Herança de Lágrimas*. Foi casada com o escritor Camilo Castelo Branco.

<sup>292</sup> Bigueline, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 245.

<sup>293</sup> Alves, F. d., & Lousada, I. (2020). A luta pela emancipação feminina através da imprensa: dois breves estudos de caso. *Cadernos Literários* [v. 27, n.º 1], p. 25.

Portugal era o lar”<sup>294</sup>. Numa altura em que gerar dinheiro não era, por tradição, uma tarefa atribuída às mulheres, ainda que a produção literária não fosse tida como uma atividade lucrativa, a profissionalização do ofício das letras tinha o duplo pendor de, por um lado, assumir uma voz e um pensamento próprio, e, por outro, preencher os seus momentos de ócio.

Neste caminho emancipação das mulheres na escrita, elas recorreram a diversos subterfúgios como o, já mencionado anteriormente, uso dos pseudónimos, mas também a utilizações de expressões como "pobre", "inútil", "rascunho", entre outros, na forma como se referiam aos seus textos, de modo a, no entender de Biguelini, “defender-se e antecipar-se à crítica, que poderia manchar a imagem que a sociedade tinha delas e poderia causar desconforto na suas vidas”<sup>295</sup>, prevenindo, assim, o leitor “dos defeitos que ele pode vir a encontrar”, defendendo-se da possibilidade de que “estes mesmos comentários fossem usados para desvalorizar [a] sua obra”<sup>296</sup>. Este mecanismo de defesa provocava nos seus recetores um misto de “indulgência” e de afirmação da “feminilidade de seus textos através de temáticas consideradas femininas, ou por meio da «afirmação de gênero» nas assinaturas”<sup>297</sup>.

Superior a tudo isto, encontrava-se, no entender da investigadora, o desejo de atingirem o seu objetivo maior: o de serem lidas. De acordo com Biguelini, “elas não querem ter fama, mas querem ser lidas. Não querem ser autoras, mas querem escrever. Não querem ser consideradas intrusas num meio que é masculino, mas acabam, sem intenções ou ambições maiores, por se introduzir nele”<sup>298</sup>.

Este processo de afirmação das mulheres no campo da escrita caminhou lado a lado com o processo de afirmação das mulheres no geral. Tanto um como o outro beneficiaram de um grande avanço com a implantação da República, para mais adiante conhecerem um recuo, quando a mulher volta a ser colocada num lugar de silêncio e invisibilidade. No entender de Anne Martina Emonts, “as repúblicas europeias trouxeram consigo a grande chance de libertação das mulheres, mas os textos delas naufragaram uns

---

<sup>294</sup> Biguelini, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, p. 100.

<sup>295</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 115.

<sup>296</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, p. 116.

<sup>297</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, *idem.*

<sup>298</sup> Biguelini, E., *op. cit.*, *idem.*

anos depois, na consequência dos fascismos e dos totalitarismos europeus”<sup>299</sup>. Não esquecendo que, ainda de acordo com Emonts, as mulheres “da literatura europeia dos inícios do século XX dispuseram e desfrutaram do mais precioso bem: a liberdade”<sup>300</sup>. Muitos destes textos e destas autoras ficaram esquecidos, só algumas chegaram aos dias de hoje, outras estão agora a ser redescobertas. Um desses casos foi Luzia.

---

<sup>299</sup> Emonts, A. (2008). Cartas do Campo e da Cidade: Luzia no seu jogo de identidades. *IX Congresso AIL: Lusofonia e Reciprocidades* (pp. 207-213). Funchal: Edições Afrontamento, p. 212.

<sup>300</sup> Emonts, A., *op. cit.*, p. 213.

## 2. Luzia – círculos de escrita

Ainda que se tenha lançado publicamente na escrita de modo tardio, em 1920, contando já com 45 anos, com o livro *Os que se Divertem*, Luzia é íntima/cúmplice da literatura desde sempre, quer enquanto leitora que consumia o que se publicava em França e Inglaterra e o melhor do que se produzia em Portugal (quando a vista não lhe permitia ler, contratava leitoras), quer, mais tarde, enquanto escritora que escreveu até aos últimos dias da sua vida mesmo quando a falta de visão aumentava e tinha de ditar as suas palavras, como podemos verificar nas cartas que troca com Fernanda de Castro, pouco antes de morrer<sup>301</sup>.

Amante confessa da literatura e dos livros que considerou, de acordo com Alberto Figueira Gomes, em 11.12.1956, no *Jornal da Madeira*<sup>302</sup>, “os fiéis companheiros”, Luzia refere, em *Cartas d’uma Vagabunda*, o livro que só em 2025 foi possível datar como tendo sido publicado em 1926, “eu julgo amar a literatura com o melhor do meu espírito, com o melhor da minha alma!”<sup>303</sup>.

Foi na literatura que encontrou o escape para as suas perdas e através da escrita e do pseudónimo Luzia que se afirmou no mundo das letras, obtendo o respeito pelos seus pares, tanto homens como mulheres.

---

<sup>301</sup> Verificamos que as cartas n.º 62, de 02.02.1945 (p. 161), n.º 62, de 15.08.1945 (p.162) e n.º 64, de 13.09.1945 (p.163), trocadas entre as duas escritoras e reunidas no livro *Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro* (Paolinelli & Trindade, 2024), foram escritas por outra pessoa, de acordo com o tipo de caligrafia presente nos documentos originais.

<sup>302</sup> Este texto encontra-se no livro de José Martins dos Santos Conde, *Luzia, Eça de Queirós de Saias* (1990), identificado como JM, 11.12.1956 e nos recortes do Florival de Passos (Invocação a Luzia assinado A.F.G. e datado de 08 de dezembro de 1956), no entanto, não conseguimos localizar em nenhuma edição do JM de dezembro de 1956.

<sup>303</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d’uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 317.

## 2.1. Luzia: da saudade à palavra, entre a epistolografia e a diarística

A vida de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino resume-se a uma série de fatalidades, de vivências e de viagens que a moldaram e transformaram na escritora que chega aos dias de hoje, passados 150 anos do seu nascimento e 80 da sua morte.

Marcada, desde cedo, por perdas profundas: a morte da mãe no parto; a morte do pai, quando apenas tinha 10 anos, em 12 de setembro de 1885<sup>304</sup>, vítima de doença pulmonar; a morte da irmã, Ana Luísa<sup>305</sup>, em 30 de março de 1907<sup>306</sup>, também com uma enfermidade nos pulmões (pleurisia); e o divórcio que oficializou em janeiro de 1914<sup>307</sup>, após anos de sofrimentos de várias ordens, provocados pelo adultério do marido e pela assunção, por parte deste, do relacionamento que tinha com uma mulher, sua criada, do Jardim do Mar, e com quem era visto publicamente, de acordo com o depoimento de testemunhas no processo de divórcio<sup>308</sup>. Sabe-se que, ainda hoje, os habitantes de mais idade do Jardim do Mar, se recordam de Luzia e deste caso amoroso que chocou o vilarejo. Todas estas perdas fizeram de Luísa uma mulher só, mergulhada num sofrimento interno profundo que encontrou na escrita a forma de exorcizar os seus fantasmas e os seus medos.

---

<sup>304</sup> José Martins dos Santos Conde na obra *Luzia, Eça de Queirós de Saias* (1990) erradamente atribui o ano de óbito de Eduardo Frederico Dias Grande a 1884, aos 8 anos de Luzia. Esta informação é retificada por Luísa Antunes Paolinelli e Ana Cristina Trindade numa nota ao *Diário de Luzia: Caminhos da vida, um jornal* (p. 412) que referem o registo de óbito assente no Livro de Óbitos de 1885 da paróquia dos Mártires, Lisboa (depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, fl. 59 v.º).

<sup>305</sup> Ana Luísa Dias Grande (1867-1907), filha de Eduardo Francisco Dias Grande e de D. Luísa de Freitas Dias Grande, é a única irmã de Luzia, nascida em São Pedro, em 07.12.1867 (Arquivo Regional da Madeira, Fundo Paroquiais (Paróquia de São Pedro – Funchal), reg. n.º 2, Liv. 1372-A, f. 1 v.º-2, PT/ABM/PFUN08/001/00036/000002).

<sup>306</sup> Luzia descreve no seu Diário a preocupação com que enfrentou a doença da irmã. Apesar de referir-se à irmã dias antes de morrer, quando decide embarcar para França para ir ao encontro de Emília, em 01.03.1907, não faz qualquer entrada a assinalar o momento da morte. Apenas a 02.08.1907, escrevendo a partir de Valles, refere “estive desmanchando a casa que ela arranjou com tanto amor” (p.96) e apenas dois anos depois nos dá a data exata do falecimento quando a 30.03.1910 diz “Faz hoje dois anos que a minha pobre irmã morreu” (p. 195).

<sup>307</sup> Arquivo Regional da Madeira, Fundos Judiciais, Comarca do Funchal, cx. 2668, n.º 14.

<sup>308</sup> De acordo com o processo de divórcio que correu no Juízo de Direito da Comarca do Funchal em 1913, Francisco João de Vasconcelos do Couto Cardoso “cometeu adultério com uma mulher com quem notoriamente vivia e coabitava na freguesia do Jardim do Mar, onde costumava passar grande parte do ano e com a qual se apresentou por vezes em público, tanto naquela freguesia como nesta cidade.” (Arquivo Regional da Madeira, Fundos Judiciais, Comarca do Funchal, cx. 2668, n.º 14).

De acordo com Rui Dinis Alves, num extenso artigo publicado no *Diário de Notícias*, em 24.10.1991, a obra de Luzia oferece-nos “nacos de uma alma, ora hipersensível, quase doentia, inquieta e ternurenta, ora endiabrada, forte e resistente. Ela, na obra e na dádiva espelhará a vivência de todo um percurso pessoal, autêntico, que no seu tempo não desdenhou assumir e subscrever à sua maneira”<sup>309</sup>.

Desde a apresentação da dissertação de mestrado de Cláudia Neves, em 2013, intitulada *O reino encantado de Luzia: a crónica da vivência e a eterna busca do “Eu”*<sup>310</sup>, assistiu-se a uma progressiva redescoberta da escritora Luzia, quer por meio de trabalhos científicos, quer pela republicação e anotação de obras da autora, quer através da publicação anotada de inéditos. O que começou como um resgate biográfico e literário pontual, evoluiu hoje para um interesse constante que tem originado cada vez mais trabalhos de cariz científico, encontros e debates, que têm contribuído para uma visão mais alargada sobre novas perspetivas da escritora e da mulher.

### **Diarística e Epistolografia: o lugar do “eu” e um espaço para a afirmação feminina**

Luzia insere-se numa tradição romanesca em que o romance é entendido como narração de episódios da vida à volta do “eu”, procurando, no entender de Paolinelli, “responder à questão da identidade individual, do regresso à infância como lugar de formação do inconsciente, da incerteza existencial, do relato de pequenas coisas aparentemente insignificantes do quotidiano, mas carregadas de valor simbólico”<sup>311</sup>.

Tradição em que se conjugam aspetos da modernidade, como a fragmentação, a valorização da cultura da história e da identidade nacional, a crítica social, na qual se insere a crítica política e a crítica à nova burguesia e aristocracia, e outros aspetos sociais referidos por Paolinelli, como “a mudança de ritmo, a conjugação do tom memorialista e

---

<sup>309</sup> Alves, R. D. (24.10.1991). "Simplesmente Luzia". *Diário de Notícias*, p. 2 e 25.

<sup>310</sup> Neves, C. (2017). *O Reino Encantado de Luzia A crónica da vivência e a eterna busca do “Eu”*. Lisboa: Clepul.

<sup>311</sup> Paolinelli, L. A. (2022). A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas, p. 29.

íntimo com o diálogo vivo, *in presentia*, com a crítica mordaz e a descrição vizualizante”<sup>312</sup>, criando um mundo “feito de sistemas lógicos (passado-presente, felizes-infelizes, presença-ausência, modéstia-arrogância, solidez-frivolidade)”<sup>313</sup>. Também Anne Martina Emonts coloca a autora nesta corrente e, apoiando-se em Vivian Liska, a insere na ideia de um “modernismo feminino”<sup>314</sup>, na medida em que demonstra uma “identidade múltipla”, rejeita “qualquer fixação a um determinado lugar”<sup>315</sup> e integra o *estranho* na sua vida, numa alusão à proposta de Julia Kristeva em *Estrangeiros para nós mesmos*<sup>316</sup>.

No centro da sua escrita, deparámo-nos, no decurso desta investigação, com um "eu" feminino que se revela sobretudo através das formas diarística e epistolar, formas de escrita que ocupam um lugar importante na história da literatura, enquanto instrumentos de conhecimento e construção do sujeito.

Demetrio Estébanez Calderón, no seu *Diccionario de términos literarios*, considera que o diário representa um sub-género, através do qual o discurso narrativo e o descritivo se cruzam para relatar acontecimentos relativos ao sujeito, à sua jornada ou parte dela<sup>317</sup>. De acordo com este teórico, podemos dividir a escrita diarística em duas categorias distintas: o diário da intimidade e o diário de viagem. Consideramos que o *Diário de Luzia*, apesar de relatar muitas viagens, enquadra-se na primeira categoria.

Philippe Lejeune, no seu artigo intitulado “O Jornal no limiar da intimidade”, refere a forma relutante como o estilo diarístico entrou, no séc. XVIII, na intimidade das pessoas: “Au XVIIIe siècle, le journal est entré dans l’intimité... à reculons. Ou bien, disons que l’intimité est venue habiter le journal... à regret”<sup>318</sup>. De acordo com o autor, trata-se de uma forma de escrita, se não pública, pelo menos compartilhável, aberta à leitura de outros. Produzida para ser consultada e transmitida, se não factual, pelo menos

---

<sup>312</sup> Paolinelli, L. A. (2022). A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas, p. 34.

<sup>313</sup> Paolinelli, L. A. *op. cit.*, p. 35.

<sup>314</sup> Emonts, A. (2008). Cartas do Campo e da Cidade: Luzia no seu jogo de identidades. *IX Congresso AIL: Lusofonia e Reciprocidades* (pp. 207-213). Funchal: Edições Afrontamento, p. 208.

<sup>315</sup> Emonts, A., *op. cit.*, *idem*.

<sup>316</sup> Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.

<sup>317</sup> Calderón, E. (1996). *Diccionario de términos literários*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 286-287.

<sup>318</sup> Lejeune, P. (2009). Le journal au seuil de l’intimité. *Itinéraires*, p. 75.

objetiva, precisa e memorial, na qual comentários, interpretações e emoções não têm lugar.

Muitos teóricos têm colocado o diário como um género à parte, um mau género, inferior, impuro, sem valor estético, a par da autobiografia, da biografia e da correspondência epistolar. Roland Barthes refere a paradoxalidade deste género, por se tratar de um exercício de escrita pura e livre. O teórico afirma:

Le journal intime est un genre paradoxal: conçu comme l'exercice écrit de la subjectivité la plus pure, la plus libre, se refusant par nature à toutes les codifications de l'œuvre (fiction, construction, beau style), indifférent, pour ne pas dire rétif, à la publication (du moins à l'origine), c'est exactement dans son principe un défi à la littérature<sup>319</sup>.

Apesar dos primeiros diários terem sido escritos por homens, as mulheres encontraram neste género um porto de abrigo. Enquanto nos de voz masculina havia uma preocupação de fazer o registo de acontecimentos e dos negócios, os diários femininos atuavam na esfera da intimidade, como se se tratasse de conversas. De Virgínia Woolf (1882-1941) a Florbela Espanca (1894-1930), passando pela madeirense Maria Celina Sauvaire da Câmara, a narrativa diarística popularizou-se entre as mulheres, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, numa época em que as suas vozes, neste caso, a sua escrita, eram secundarizadas em função da voz e escrita masculinas. Luzia faz parte do rol de mulheres que encontrou no seu diário, e sobretudo, na escrita, um espaço de liberdade e de libertação.

O *Diário de Luzia* era um refúgio onde desabafava a dicotomia em que vivia mergulhada: ser a alma das festas e ser a mulher triste e só. Nas suas páginas, vertia as queixas, as críticas, as perdas, o desalento, o desprezo que sentia pela futilidade da sociedade aristocrata a que pertencia, numa série de confidências que revelam uma Luzia diferente de Luísa Grande das festas e dos salões.

Através do seu diário, Luzia entra num monólogo interior no qual deixa cair todas as máscaras que diariamente usa e sobre as quais fala sem restrições ao seu

---

<sup>319</sup> Barthes, R. (2002). *Alain Girard: Le Journal Intime, Oeuvres Complètes*, tomo 2. Paris: Seuil, p. 806.

confidente amigo: “Tirei a máscara, o sorriso postiço. Sou eu, eu, miseravelmente eu!”<sup>320</sup>.

Assim, o diário é a prática de escrever a própria vida – uma escrita íntima, muitas vezes não destinada à publicação, na qual o autor ensaia versões de si mesmo, constrói a continuidade do eu e reflete sobre o tempo vivido. Neste sentido, o Diário configura-se como um espaço de elaboração subjetiva, de elaboração do trauma e da memória.

Por seu turno, a epistolografia – o género das cartas como forma literária – tem sido objeto de renovada atenção por parte da crítica contemporânea, que reconhece na carta não apenas um meio de comunicação, mas também uma forma narrativa e estética singular. Segundo Demetrio Estébanez Calderón, a “carta” é uma forma de comunicação escrita entre duas pessoas ausentes para fazer saber o que diríamos se estivéssemos em condição de falar pessoalmente<sup>321</sup>.

Na literatura greco-latina, o género epistolar foi muito cultivado. No entender de Jacinto do Prado Coelho, apesar da epistolografia portuguesa não ser rica, se considerarmos apenas as *cartas vivas* (aquelas que foram realmente enviadas), “a maioria das ditas «cartas» são vulgares artigos, crónicas breves, ensaios ou apontamentos de viagem, como *As cartas sobre a história de Portugal*, de Herculano, ou as *Cartas de Inglaterra*, de Eça de Queirós”<sup>322</sup>. O crítico literário defende que a carta, enquanto expressão da sociabilidade, “atinge o seu maior esplendor nos séculos XVII e XVIII, séculos por excelência ricos em vida de salão, propícios à formação de círculos fechados, onde interessa brilhar e dar boas provas de si”<sup>323</sup>.

Paolinelli considera a correspondência feminina “um terreno fértil para equacionar o estatuto cultural das mulheres ao longo dos séculos”<sup>324</sup>, no que diz respeito aos estudos literários que permitindo:

“compreender como se realizavam as ligações entre escritoras, a discussão das propostas literárias, qual o grau de interajuda entre as criadoras, revelando não só as posições femininas, mas também o seu grau de influência, muitas vezes

<sup>320</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 194.

<sup>321</sup> cf. Calderón, E. (1996). *Diccionario de términos literarios*. Madrid: Alianza Editorial.

<sup>322</sup> Coelho, J. (1990). *Diccionario de Literatura* (Vol. 1.º vol.). (4. Edição, Ed.) Figueirinhas, p. 295.

<sup>323</sup> Coelho, J. (1990), *op. cit.*, *idem*.

<sup>324</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 19.

exercido a partir das margens da literatura dita canónica, dominada pelos escritores homens”<sup>325</sup>.

A par da literatura epistolar, as cartas têm um papel muito importante nos arquivos literários. Para além da condição de “lugar de memória”, os arquivos literários desempenham um valor documental indispensável para a história da literatura que permitem compor um perfil, quer biográfico, quer literário, do seu produtor. José Cândido de Oliveira Martins reconhece na correspondência trocada entre escritores “uma riquíssima tradição histórica ao longo dos séculos, constituindo um repositório de capital importância cultural para a construção da própria história da literatura, bem como para o conhecimento de determinado meio e atmosfera cultural.”<sup>326</sup>.

Assim, a correspondência tem sido uma importante fonte de informação menos conhecida, quer da esfera cultural, quer da relacional. As cartas presentes nos arquivos literários são motivo de grande interesse por parte de historiadores e investigadores que encontram aí importantes pistas sobre a vida e vivências dos interlocutores, bem como do meio cultural e literário em que se inserem. Constituem, assim, um repositório de factos históricos ou políticos vivenciados pelas partes, verdadeiros “lugares de memória” ou, como teorizou Michel Foucault, “lugares da escrita de si”<sup>327</sup>, uma escrita que, no entender deste teórico, “atenua os perigos da solidão”<sup>328</sup>, dando assim ordem aos “movimentos interiores da alma”<sup>329</sup>, tornando-a uma prática confessional.

Deste modo concebida, a correspondência nos arquivos literários representa um espaço de liberdade, uma ponte de diálogo com o outro, sendo organizada de forma a levar para a posteridade as facetas mais íntimas do autor. A escrita epistolar, dadas as suas características, terá sido uma das primeiras formas, a par do diário, de inserção pública da mulher no campo discursivo, funcionando como instrumento de construção identitária.

Num contexto em que a autoria feminina era restringida pelas normas patriarcais vigentes, a carta proporcionou um espaço de autoexpressão autorizado, no qual as

---

<sup>325</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 19.

<sup>326</sup> Oliveira Martins, J. (2002). Diálogos Epistolares de Jorge de Sena e João Gaspar Simões. *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos*, 36(3), p. 43

<sup>327</sup> Foucault, M. (1982). A escrita de si. *Corps écrit, n.º 5, L'autoportrait*, p. 145.

<sup>328</sup> Foucault, M. (1982), *op. cit., idem*.

<sup>329</sup> Foucault, M. (1982), *op. cit., idem*.

mulheres puderam articular um discurso sobre si próprias. No entender de Paolinelli, “à falta de uma voz pública que muitas vezes lhes era negada, as mulheres usavam a voz privada, escreviam entre si e encontravam nesse exercício uma forma de afirmação e de força como autoras”<sup>330</sup>.

Longe de constituir apenas registos confessionais ou sentimentais, as cartas assumem um papel formador de subjetividade, permitindo à mulher escrever-se como sujeito, num mundo onde o masculino predominava nas esferas da representação e da escrita pública. Janet Altman (1982), ao analisar o fenómeno epistolar, observa que a carta, mesmo quando endereçada a um destinatário real, configura um dispositivo de autodefinição através do qual o autor se apresenta, negocia afetos e constrói a sua identidade. Assim, a escrita epistolar tem um carácter confidencial e estabelece uma relação de confiança entre o autor e o confidente, criando assim uma relação “*Eu-Tu*”<sup>331</sup>. Ou seja, o “eu” que escreve constitui-se sempre em diálogo com um “tu” a quem se dirige.

No caso particular das mulheres, esta prática adquire um valor ainda mais significativo, pois permite-lhes experimentar diferentes formas discursivas e romper, ainda que parcialmente, com os limites da domesticidade. Neste sentido, a carta não se reduz a um artefacto privado, mas participa de uma gramática pública do reconhecimento e da representação e insere-se, no entender de Sidonie Smith, numa “prática autobiográfica feminina”<sup>332</sup>, colocando-a, a par dos diários, da literatura de viagem, das histórias orais, etnografias, depoimentos e narrativas de prisão. A carta revela-se, pois, como um espaço onde o feminino se diz, se reinscreve e se projeta para além da intimidade, desafiando as fronteiras rígidas entre o público e o privado, entre o autorizado e o silenciado.

Podemos concluir que é nesse “entre-lugar” discursivo que a mulher do século XIX, início do século XX, começa a afirmar-se como autora de si. No caso de Luzia, a confluência entre diário e carta não só articula a sua trajetória biográfica como produz uma escrita literária profundamente marcada pelo “eu”. Esta escrita do íntimo, do fragmento, do quotidiano e do confessional, funciona, simultaneamente, como arquivo

---

<sup>330</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 19.

<sup>331</sup> cf. Altman, J. (1982). *Epistolarity: Approaches to a form*. Columbus, OH: Ohio State University Press.

<sup>332</sup> Smith, S. (1993). *Subjectivity, Identity, and the Body: Women's Autobiographical Practices in the Twentieth Century*. Bloomington: Indiana University Press, p. 62.

existencial e laboratório estilístico. Luzia não escreve apenas para registrar a vida, mas para compreendê-la e reinterpretá-la.

### **Luzia, Condessa de Noailles e Katherine Mansfield: uma tríade de “mulheres de génio”**

No panorama da escrita feminina da primeira metade do século XX, podemos traçar um paralelismo entre a vida e obra de Luzia e a romena-francesa Condessa Anna de Noailles (1876-1897)<sup>333</sup> e a neozelandesa Katherine Mansfield (1888–1923)<sup>334</sup>, constituindo assim uma tríade de “mulheres de génio” – usando uma expressão de Luzia – com várias aproximações estilísticas, pertencentes a uma mesma geração, que partilham vivências e experiências que se assemelham e que produzem dentro de uma mesma tradição literária.

#### ***Condessa de Noailles***

A Condessa Anna de Noailles, citada por Luzia quer através de menções à sua obra, quer quando esta se coloca no seu lugar, introduzindo no seu quotidiano expressões com a marca de Noailles – como por exemplo em “desde muito nova tive a fascinação

---

<sup>333</sup> Nascida princesa Anna Elisabeth Bibesco-Bassaraba de Brancovan em Paris, e conhecida como Condessa Anna de Noailles (1876-1933), poetisa e romancista, foi membro da Academia da Bélgica e recebeu o Prémio Archon Despérouses e o Grande Prémio de Literatura da Academia Francesa. Foi a primeira mulher a quem foi atribuída a distinção da Legião de Honra francesa.  
1859 Pedro de Freitas Branco

<sup>334</sup> Katherine Mansfield (1888-1923), nascida Kathleen Mansfield Beauchamp em Wellington, na Nova Zelândia, foi uma das mais notáveis contistas do início do século XX. Mudou-se ainda jovem para Inglaterra, onde se aproximou dos círculos literários modernistas, convivendo com autores como Virginia Woolf, D. H. Lawrence e T. S. Eliot. A sua obra, marcada pela delicadeza psicológica e por um olhar intenso sobre as pequenas epifanias do quotidiano, inclui coletâneas fundamentais como *Bliss and Other Stories* (1920) e *The Garden Party and Other Stories* (1922). A escrita de Mansfield caracteriza-se por uma linguagem sensorial, um estilo impressionista e uma sensibilidade aguçada para as relações humanas. Morreu prematuramente em Fontainebleau, França, aos 34 anos, vítima de tuberculose, deixando um legado que influenciou profundamente a narrativa breve moderna.

doentia da primavera. Como à Condessa de Noailles, *elle m'enchante et me fait mal*<sup>335</sup> ou em "(...)" que diria a Condessa de Noailles: – *Elle enchante et fait mal*<sup>336</sup>.

No entender de Paolinelli, é Noailles “uma das autoras que a fazem sonhar”<sup>337</sup>. A admiração expressa por Luzia nas suas obras revela profundas afinidades entre as duas autoras, que vão além do elogio estético e se inscrevem numa complementaridade de olhar sobre o mundo, sobre a experiência feminina, o amor e o sofrimento.

Tanto Luzia como Anna de Noailles nasceram em famílias aristocráticas, o que lhes proporcionou, naturalmente, uma educação refinada, acesso precoce à leitura – “desde criança Anna de Noailles teve um contato próximo com a poesia”<sup>338</sup> – e contactos com os meios artísticos do seu tempo, uma vez que, tanto uma como a outra, frequentaram a elite cultural do seu país que, no caso de Noailles, e de acordo com Gilmara Andrade, “foram diversificados, incluindo artistas, escritores e poetas.”<sup>339</sup>.

Ambas viveram vidas marcadas por dilemas íntimos e perdas familiares – Noailles tal como Luzia perde o pai ainda criança – que levaram, muitas vezes à depressão profunda e revelaram uma sensibilidade exacerbada que viria a influenciar profundamente a sua escrita, que tem como traço comum o facto de ser íntima — sob a forma de diário, carta ou poesia confessional – e que teve, em ambas, a morte como presença constante. Em consonância com Andrade, Noailles “é consciente de que os poemas escritos são o que a manterá viva na lembrança dos outros, mesmo após o seu desaparecimento”<sup>340</sup>, um desejo de não ser esquecida nem silenciada que “faz parte do contexto literário feminino do início do século XX”<sup>341</sup>.

As duas escritoras desenvolveram um importante fluxo de correspondência com outros escritores – Noailles com Marcel Proust e Luzia com Fernanda de Castro, António

---

<sup>335</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 189.

<sup>336</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 349.

<sup>337</sup> Paolinelli, L. A. (2022). A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas, p. 33.

<sup>338</sup> Andrade, G. (2018). Estética impressionista na obra de Noailles, p. 18.

<sup>339</sup> Andrade, G., *op. cit.*, p. 20.

<sup>340</sup> Andrade, G. (2018). Estética impressionista na obra de Noailles, p. 18.

<sup>341</sup> Andrade, G., *op. cit.*, *idem*.

Ferro, Laura de Castro, Conde de Aurora<sup>342</sup> e Manuel Ribeiro<sup>343</sup>, a considerar os interlocutores cuja existência temos hoje conhecimento.

Podemos dizer que tanto Luzia como Noailles foram figuras excêntricas face às normas femininas dominantes do seu tempo. Mulheres cultas, independentes e intensamente ligadas ao mundo intelectual que recusaram o papel passivo atribuído à mulher-esposa-mãe. As suas obras afirmam uma voz feminina consciente de si, reflexiva e sensível, capaz de confrontar o mundo e de interrogar o próprio desejo.

### ***Katherine Mansfield***

Embora provenientes de contextos culturais diferentes – Portugal e Nova Zelândia –, tanto Luzia como Katherine Mansfield partilham um mesmo impulso diarístico e uma sensibilidade marcada pela introspeção, pelo exílio voluntário e pelo sofrimento físico e emocional.

Mansfield, que escreveu intensamente diários e cartas, construiu uma obra centrada na brevidade, na subtileza dos sentimentos e na observação das relações humanas. Os seus textos revelam, como os de Luzia, uma tensão entre a vida privada e o mundo exterior, entre o desejo de expressão e o peso das convenções.

A crítica literária e autora britânica Lorna Sage defende que Mansfield foi e continua a ser uma das maiores escritoras modernistas do deslocamento, inquietação, mobilidade e impermanência<sup>344</sup>. O mesmo poderia ser dito de Luzia. Outro ponto de contacto entre as duas escritoras é o facto de, de acordo com Alzira Allegro:

Mansfield sistematicamente, e à maneira de Tchekhov, [contruir] o seu discurso de forma a transmitir ao leitor as impressões básicas que a consciência pode

---

<sup>342</sup> José António Francisco Maria Xavier de Sá Pereira Coutinho (1896-1969), filho do 2.º Conde da Aurora, foi um escritor e juiz. Assinava as suas obras por Conde da Aurora. Fundou, em 1921, o jornal *Pregão Real*, dirigiu a Liga Agrária do Norte e, por interceção de António Ferro, juntamente com João Ameal e outros mais, fez parte do conselho diretivo da Liga de Ação Universal Corporativa, durante o Estado Novo.

<sup>343</sup> Manuel António Ribeiro (1878-1941), foi um escritor, poeta e um político da Primeira República Portuguesa. Fundou a primeira organização bolchevista em Portugal (Federação Maximalista Portuguesa) e foi dinamizador da fundação do PCP.

<sup>344</sup> cf. Sage, L. (2001). *Moments of Truth: Twelve Twentieth-Century Women Writers*. Londres: Fourth Estate, p. 72.

captar em um dado lugar, dentro de um reduzido espaço de tempo, filtradas pela mente do um narrador e uma personagem<sup>345</sup>.

Pode-se aproximar Luzia à caracterização de Katherine Mansfield identificada por Allegro. Através da escrita, tanto uma como outra, entregam-se à “busca da verdade do ser, da essência pura do «eu»<sup>346</sup>”, encontrando no processo criativo “vazão para os seus próprios conflitos existenciais”<sup>347</sup>. E, tal como a escritora portuguesa, Mansfield leva-nos hoje à discussão da “possibilidade da existência de uma prosa «feminina», no início do séc. XX”<sup>348</sup>.

Ambas cultivaram uma certa epifania da intimidade, uma estética do fragmento, do não-dito e da emoção contida. Ambas lidaram com doenças prolongadas (a tuberculose, no caso de Mansfield; um quadro depressivo e a progressiva perda da visão, no caso de Luzia) e escreveram sobre a proximidade da morte com uma serenidade desassossegada. O *Diário de Katherine Mansfield* (1927), tal como o de Luzia, é um espaço de elaboração da dor, mas também de experimentação literária e crítica cultural.

Recorrentemente Luzia, quer nas cartas, quer no diário encontra-se num determinado lugar demonstrando profunda saudade por um lugar diferente, ou seja, quando está na Madeira, suspira por Paris, em Paris sente saudades de Pau e assim sucessivamente, reconhecendo que a sua alma "inquieta" habita a saudade do lugar ausente. Essa oscilação entre presença e ausência, pertença e exílio, é uma característica igualmente presente nas cartas de Mansfield, sobretudo nos seus anos em Bandol e Fontainebleau, na França. Pode dizer-se que, em ambas, a escrita é casa e desterro.

Apesar das diferenças geográficas e culturais, Luzia, a Condessa de Noailles e Katherine Mansfield constituem uma tríade singular de “mulheres de génio” cuja obra se inscreve num mesmo horizonte de modernidade sensível e introspetiva que constitui um lugar de fala feminina. As três partilham, não apenas um percurso biográfico, mas

---

<sup>345</sup> Allegro, Á. L. (2004). *Mansfield e Lispector: Diálogos (des)concertantes*, p. 25.

<sup>346</sup> Allegro, Á. L., *op. cit.*, p. 28.

<sup>347</sup> Allegro, Á. L., *op. cit.*, *idem*.

<sup>348</sup> Allegro, Á. L., *op. cit.*, *idem*.

também literário, que rompe com os cânones masculinos da época, tornando-as figuras relevantes para a compreensão da afirmação autoral das mulheres no início do século XX.

### **A saudade como princípio estruturante da escrita**

Com o objetivo de caracterizar Luísa Grande e, considerando os factos que conhecemos da sua vida e obra, procedeu-se, no âmbito desta dissertação, a um breve estudo tendo por base os termos "saudade"/"saudades" e "solidão" como marcas profundas da subjetividade da autora (Apêndice 2).

Propõe-se, deste modo, uma abordagem inovadora: a partir da frequência e do contexto das palavras "saudade"/"saudades" e "solidão" nas obras publicadas pela autora entre 1923 e 1945, o seu *Diário* e alguma correspondência (publicados postumamente ou ainda em tratamento para publicação, como é o caso das cartas depositadas no Arquivo Regional da Madeira, no Fundo Florival de Passos), através da escrita epistolográfica e diarística de Luzia, pretende-se desenhar uma linha do tempo entre 1902 e 1945, quase de forma ininterrupta e, por conseguinte, delinear um retrato textual e afetivo de Luzia.

Tomando como *corpus* o *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal* (2023), que abrange os anos de 1902-1915; *Cartas do Campo e da Cidade* (1923), que relata eventos entre 1918-1919; *Cartas d'uma Vagabunda* (1926), que se debruça sobre os anos de 1923-1924; a Correspondência mantida com Laura Veridiana, Conde de Aurora e Manuel Ribeiro, em preparação para publicação e cujos manuscritos se encontram no Arquivo Regional da Madeira (Fundo Florival de Passos), que abrange os anos de 1924-1931; e *Adeus por Hoje: Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro* (2024) com correspondência datada entre 1928-1945, refletiremos sobre a forma como estas palavras operam como dispositivos identitários, literários e de memória.

Luísa Grande ficou órfã muito jovem, foi criada entre Lisboa, Madeira e o Alentejo, e viveu uma vida atravessada por perdas familiares, um casamento infeliz e sucessivos exílios voluntários, quer nas longas temporadas que passou nos Sanatórios de Pau, França, quer nas diversas quintas e hotéis que habitou na Madeira, não esquecendo também as longas temporadas em Lisboa e Paris, aí mergulhada em intensos eventos

culturais e sociais, assistindo a uma vasta programação que acontecia tanto na capital portuguesa, como francesa, tomando assim parte de uma aristocracia à qual pertencia.

Mulher culta, cosmopolita, espirituosa e melancólica, escrevia com ironia, mas também com dor. Como afirma no seu diário, em 19.10.1911: “Ter saudades: eis uma das minhas ocupações, a principal talvez...”<sup>349</sup>. Com um estilo marcado pela introspeção, pelo humor cáustico e pela nostalgia, Luzia revela uma grande sensibilidade para os detalhes do quotidiano e para a passagem do tempo. A sua escrita revela uma inteligência vivaz, uma autoanálise permanente e uma tendência à idealização do passado, que se torna uma das suas marcas identitárias.

De acordo com o nosso estudo, a palavra "saudade" (e a sua variação "saudades"), que a escritora descreve como “um sentimento delicado, em que se compraz suavemente a alma...”<sup>350</sup>, configura 362 ocorrências ao longo das cinco obras estudadas, que apresentamos, seguidamente, em forma de quadro:

---

<sup>349</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 239.

<sup>350</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 80.

Termo	Frequência / Objeto	<i>Diário de Luzia: Caminhos da vida, um jornal</i>	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i>	<i>Cartas d'uma vagabunda</i>	<i>Cartas Laura de Castro (no prelo)</i>	<i>Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro</i>
		[1902-1915]	[1918-1919]	[1923-1924]	[1924-1931]	[1928-1945]
"saudade" / "saudades"	Frequência dos termos	137	34	28	96	67
	Objeto da saudade	1. Pai 2. Irmã 3. Família 4. Infância 6. Os que partiram 7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 9. Tempos distantes 10. Alentejo 11. Madeira 12. Monte 13. Monte Palace 14. Casa das Cruzes 16. Saudade 18. Lembranças 19. Monte Estoril 20. Monarquia 21. Salesas 23. Cadela Rilka 24. Séc. XVIII 25. Bridge	7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 8. Estar num lugar com saudades de outro 16. Saudade 17. Regressar 21. Salesas	7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 15. Lisboa 16. Saudade 21. Salesas	5. Amigas 8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 11. Madeira 16. Saudade 22. Gassion 26. Trabalhar	8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 15. Lisboa 16. Saudade
		20	5	6	7	4
"solidão"	Frequência do termo	31	6	10	35	9

Quadro 1- Quadro-resumo das ocorrências dos termos "saudade"/"saudades" e "solidão" nas obras de Luzia em estudo

De acordo com o *Diário de Luzia: Caminhos da vida, um Jornal*, publicado pela primeira vez em 2023, notamos que, entre 1902 e 1915 – época situada entre os seus 27 e 40 anos – Luzia passa por momentos de grande sofrimento, muitas vezes contido e em segredo.

Entre 1902 e 1907, encontramos-la sobretudo na Madeira, quer seja no Monte, onde a aristocracia passava a primavera e verão, em diversas Quintas (da Cancela ou da Nogueira) ou no Hotel Monte Palace, quer seja no Jardim do Mar para onde se mudava durante e safra do açúcar. À medida que o seu casamento caminha para o fim, assistimos a um grande número de saídas da ilha, com temporadas fora que se tornam cada vez mais longas e que começam a denotar a tendência de passar alguns meses de verão na Madeira e os últimos e primeiros meses do ano (outono e inverno), entre Lisboa e Paris, seguindo

uma tradição muito em voga na elite aristocrática madeirense. De acordo com Paolinelli & Trindade:

Para a Luísa, o diário que escrevia no Jardim do Mar, no Funchal, em Paris, em Lisboa é estratégia de sobrevivência perante uma vida que a não satisfazia plenamente, um momento de confissão sem vergonhas e julgamentos, uma etapa de conhecimento e de cura e também de resistência, de raciocínio, mas é igualmente testemunha do seu gosto pela escrita<sup>351</sup>.

No decurso da escrita deste *Diário*, Luzia vivencia duras perdas: a cadela Rilka, que tem de mandar abater em 19.06.1904 (“Acabou a minha pobre *Rilka*. Já esta noite não ouvirei os seus dilacerantes gemidos”<sup>352</sup>), a irmã, que morre em 1907, o casamento, cujo divórcio é formalizado em 1913. Perdas que a levam a um profundo estado de neurastenia, tantas vezes ocultado dos que a rodeiam, que lhe provocam múltiplos objetos de saudade.

À questão “de que sente efetivamente saudades Luzia?”, é a própria a responder: “saudade do que passou, desencantamento do presente, terror do futuro e a imensa desconsolação de mudar, enquanto a natureza fica, tão imutavelmente bela, na sua esplêndida indiferença”<sup>353</sup>.

Apresentamos, seguidamente, exemplos dos diversos objetos de saudade presentes no *Diário*:

- **O pai, Eduardo Dias Grande (1836-1885)**<sup>354</sup>: “Aniversário da morte do meu pai, que foi a minha grande paixão e é a minha maior saudade...”, 12.09.1902 (p. 36);

---

<sup>351</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 21.

<sup>352</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 78.

<sup>353</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 162.

<sup>354</sup> Eduardo Dias Grande nasceu em 20.11.1936, em Estremoz, na freguesia de Santo André, filho de João Anastácio Dias Grande Caldeira e de D. Antónia Emília Coelho Machado (Livro de Batismos de 1835-1849, da P1111aróquia de Santo André, Estremoz, Arquivo Distrital de Évora, f. 52 vº). Foi secretário-geral do Governo Civil do Distrito do Funchal (Clode, 1983). Casou-se com a madeirense Luísa de Freitas Lomelino com quem teve duas filhas: Ana Luísa (1867), nascida no Funchal (S. Pedro) e Luísa Susana (1875), nascida em Portalegre. Faleceu em 12 de setembro de 1885, na sua residência à rua do Ferregial de Baixo, freguesia dos Mártires, Lisboa, vítima de doença pulmonar, deixando as duas filhas

- **A irmã:** “Fazia hoje anos a minha pobre irmã. Todo o dia pensei nela, todo o dia estive triste. As saudades levaram-me longe, ao há muitos anos das Cruzes.”, 07.12.1908 (p. 131);
- **A família:** “[...] que saudades da família que quase não conheci, que teimosa obsessão de um passado distante, distante!”, 21.12.1912 (p. 258);
- **A infância:** “saudades da minha já tão distante vida de criança.”, 09.08.1913 (p. 53);
- **Os que partiram:** [Prima Anica] “saudade do seu carinho, do seu interesse constante, da sua pena, das minhas penas, da sua dor ainda maior quando alguma coisa me doía...”, 18.03.1910 (p. 188);
- **Os lugares de onde parte (no dia da partida):** [Jardim do Mar] “Tenho já saudades tuas, oh! minha velha casa! Sob os teus tetos, a minha alma sentia -se menos desamparada.”, 08.06.1904 (p. 74);
- **Os tempos distantes:** “Acabámos por cair molemente num banco do jardim público e veio-nos uma vaga saudade de tardes distantes, quando era moda ir à música...”, 07.05.1913 (p. 282);
- **O Alentejo:** “Outras lembranças, outras saudades, me vêm ainda, mais distantes do que as do convento... Lembranças, saudades das primaveras no Alentejo...”, 30.03.1910 (p. 190);
- **A Madeira:** “Acordei hoje cheia de saudades da Madeira. Saudades dessas montanhas tão verdes e sempre lindas (...), saudades das doidas partidas de bridge (...), saudades de perder muito dinheiro e de dizer muitas extravagâncias e de me embriagar com o meu riso nervoso, tenho saudades das boas palestras, na tua linda salinha, fumando um cigarro

---

menores (Livro de Óbitos de 1885, paróquia dos Mártires, Arquivo Distrital de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, f. 59 vº).

perfumado (...) das noites na varanda do Alberto e das tardes de música na minha varanda.”, 27.12.1912 (p. 260);

- **O Monte:** “Penso no Monte que vou deixar amanhã, que será, na minha triste, solitária vida, mais uma lembrança, mais uma saudade.”, 01.11.1902 (p. 42);
- **A casa das Cruzes:** “Mais uma tristeza, mais uma saudade, mais um lugar vazio...”, 02.09.1904 (p. 89);
- **O Monte Estoril:** “trouxe-me a saudade dos dias serenos, sem lutas, sem insultos, sem complicações que passei no Estoril. Saudade que me fez chorar.”, 27.11.1909 (p. 170);
- **A Monarquia:** “Pensei que nunca mais via a linda bandeira azul e branca e veio-me uma saudade, uma pena, uma nostalgia de todo esse passado, cheio de tradições, que ia morrer...”, 14.07.1912 (p. 247);
- **As Salesas:** “Uma saudade das Salesas, onde, para todas nós, o mês de maio era o mês de Maria...” 01.05.1913 (p. 279). Esta temática aparece de forma mais profunda numa carta de 1919, em *Cartas do Campo e da Cidade*: “Vêm-me uma saudade das Salesas. Ah! Foi o melhor tempo! Ignorávamos o mal. Acreditávamos no bem. Pensávamos que a vida podia resumir-se n'essas duas tão doces coisas: rezar e sonhar!”, 10.03.1919 (p. 147);
- **A cadela Rilka:** “Tenho saudades tuas, de quando te enroscavas na ponta do meu vestido, e te deitavas na grande cadeira da sala, que foi sempre tua, enquanto te não tornaste a hedionda chaga que já ninguém podia ver!”, 20.06.1914 (p.78);
- **O séc. XVIII:** “Como as toilettes, as maneiras, os assuntos do século XX me fazem saudades do meu século, das suas cabeças empoadas, da graça dos *paniers*, da suprema arte de conversar! Porque não fui eu a Marquesa

de Sabran, a Duquesa de Choiseul, ou simplesmente a garota Madame de Cambise?”, 15.07.1910 (p. 209).

Nos anos seguintes, abrangidos pelas obras *Cartas do Campo e da Cidade*, *Cartas d’uma Vagabunda*, cartas a Laura de Castro, Conde de A. e António Ribeiro<sup>355</sup> e *Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro*, que abarcam uma baliza temporal situada entre 1918 e 1945, sem interrupção, estamos perante uma Luzia divorciada, independente, sozinha no meio da multidão que intensifica as suas viagens para participar da vida cultural e social de Lisboa e Paris, onde se hospeda nos melhores hotéis, como o Avenida Palace e o Cosmopolitan (em Lisboa), o West End (em Paris) e o Gassion (em Pau, França), isto apenas para citar os mais significativos. A autora passa longos períodos em repouso em França, em Pau – uma comuna francesa que se situa no departamento dos Pirenéus Atlânticos, na região da Nova Aquitânia –, no Hameau, a que chamava de “*doux monastère*” – uma casa de repouso para nervosos, dispépticos e convalescentes – e que enfrenta grandes problemas de saúde, relacionados, sobretudo, com a falta de visão, enxaqueca, problemas com os dentes, dores crónicas e doenças de pele que a levam muitas vezes a termas nos Pirenéus.

Também muito presente nestes anos está o desejo de terminar os seus dias na Madeira: “Eu sonho sempre com o meu fim de vida na Madeira, porém, como todos os outros, é provável que esse não se realize e continue fazendo a navette entre a França e Lisboa...”<sup>356</sup>.

A saudade que Luzia sente é ainda reflexo da sua relação com o tempo: “Tenho muitas saudades dos *dias que já lá vão* – como Valery Larbaud adoro esta linda expressão de nossa língua e tudo o que ela exprime de pesar, ansiedade e doce, amargo gozo.”<sup>357</sup>. A autora estetiza a saudade, atribui-lhe valor lírico, cultural e existencial, à semelhança de

---

<sup>355</sup> *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

<sup>356</sup> [Carta n.º 73], a Laura de Castro, Hameau, 19.08.1928 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos, PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

<sup>357</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 99.

Noailles e Mansfield. Numa carta dirigida a Manuel Ribeiro, que se crê datar-se de 1927, diz, a propósito da “saudade”: “é o meu destino e o meu *refrain*”<sup>358</sup>.

Neste período em que assistimos à estreia de Luísa Grande enquanto escritora e ao seu reconhecimento entre os pares, os objetos de saudade são praticamente os mesmos nas diversas obras em estudo. Mantém-se a saudade dos lugares de onde parte (no dia da partida), as Salesas, Lisboa, a Madeira, os tempos distantes. Mas um novo objeto de saudade surge no momento da partida que a acompanha até ao fim dos seus dias e que se manifesta como sentimento de deslocação e desejo: estar num lugar e desejar outro, amar um lugar e sentir falta de outro.

## O não-pertencimento em Luzia: o desejo de estar sempre nouro lugar

Em *Cartas d’uma Vagabunda*, num texto datado de 24.11.1923, Luzia escreve: “Esteja onde estiver – seja embora em Paris, que é como quem diz o Paraíso – [...] bastam para que a minha inquieta alma vá habitar a saudade do país onde não estou!”<sup>359</sup>. Essa saudade não é apenas espacial, mas existencial, metonímica da sua permanente condição de não-pertencimento.

O sentimento de não-pertencimento, amplamente debatido por pensadores como Sartre e Kristeva, manifesta-se de modo particularmente intenso na literatura contemporânea, na qual os autores e as suas personagens frequentemente habitam os chamados espaços de transição, desenraizamento e deslocação. De acordo com Emonts, “Luzia é *estranha* em qualquer parte”<sup>360</sup>.

A escritora, fortemente marcada pela perda recorrente das suas estruturas familiares – morte da mãe à nascença, morte do pai aos 10 anos, morte da única irmã e

---

<sup>358</sup> [Carta n.º 99], a Manuel Ribeiro, Pau, Hotel Gassion, 29.03.[1927] – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos, PT/ABM/FPS-LUZ/001 – *em tratamento para publicação*.

<sup>359</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d’uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 247.

<sup>360</sup> Emonts, A. (2008). Cartas do Campo e da Cidade: Luzia no seu jogo de identidades. *IX Congresso ALL: Lusofonia e Reciprocidades* (pp. 207-213). Funchal: Edições Afrontamento, p. 208.

divórcio – procura, em nosso entender, de um modo inconsciente, um lar. Há momentos da sua vida em que diz que a sua alma pertence a Pau – “Apetece-me continuar a falar de Paris, guardando, só para mim, para a minha alma mais secreta, o segredo do meu amor por Pau...”<sup>361</sup> – deixando a sensação que é ali que pretende ficar para sempre usufruindo da paz e do silêncio. Noutros momentos, declara o seu amor pela Madeira e o desejo de lá terminar os seus dias, como vimos anteriormente, para depois nos esclarecer, dizendo, “Mas quanto diferentes são as almas da minha alma!”<sup>362</sup>.

No entender de Emonts, “a falta de um ‘lar, doce lar’ estável” e a “marginalização” de que sofriam, na época, as mulheres divorciadas, e, no caso, escritoras, “conduzem-nas a frequentes deslocações, a uma vida migratória, a que (...) chamei *displacement*, considerando-o uma marca comum destas artistas errantes”, ou *flâneuses*<sup>363</sup>. Luzia confirma a regra.

A socióloga ugandense-britânica, Avtar Brah, no seu livro *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*, aborda esta ideia de lar, numa perspetiva que acreditamos que se enquadra em Luzia:

Onde está o lar? De um lado, “lar” é o local mítico de desejo na imaginação diaspórica. Nesse sentido, é o local do não-retorno, mesmo que seja possível visitar o território geográfico concebido como o lugar de “origem”. Por outro lado, lar é também a experiência vivida de um local. Seus sons e aromas, calor e poeira, noites aprazíveis de verão, ou a excitação da primeira caída de neve, noites geladas de inverno, céus cinzentos e sombrios em pleno meio-dia... Tudo isso, mediado pelo cotidiano historicamente específico das relações sociais<sup>364</sup>.

Podemos afirmar que esta inquietação de Luzia relativamente à questão do lugar ganha contornos poéticos e existenciais: as suas narrativas constroem-se a partir de lugares que não são morada, mas passagem – entre o real, o vivido e o desejado.

---

<sup>361</sup> [Carta n.º 72], a Laura de Castro, Saint Christau, 21.07.1928 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos, PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

<sup>362</sup> [Carta n.º 51], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 29.06.1927 – *Idem*.

<sup>363</sup> Emonts, A., *op. cit.*, p. 207.

<sup>364</sup> Avtar Brah *apud* Carreira, S. d. (2023). *Literatura e diáspora: passado e presente*. Em S. d. Carreira, *Deslocamentos espaciais, culturais e identitários na literatura contemporânea* (pp. 32-69). Rio de Janeiro: Dialogarts, p. 34.

A sua escrita configura-se como uma poética do exílio íntimo, mesmo quando geograficamente situada. Esse desejo constante de fuga e de procura remete-nos para a experiência do estrangeiro descrita por Kristeva: “Estranhamente, o estrangeiro habita em nós; ele é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa morada, o tempo em que se afundam o entendimento e a simpatia.”<sup>365</sup>.

Assim, o desejo de “estar noutra lugar” que perpassa a obra de Luzia e que marca a sua condição de sujeito em trânsito, será, simultaneamente, uma ausência de pertença e uma múltipla-pertença condicionada a uma ausência de lar, quer seja no seu contexto emocional, quer físico, tornando-se parte da sua identidade literária.

### A solidão como escolha e condenação

O nosso breve estudo analisou igualmente a predominância do termo “solidão”, que surge com 91 ocorrências nos textos analisados. Refira-se que esta solidão, em muitos momentos, é procurada, desejada: “Ah! Quem não gosta da solidão?!” (30.03.1903)<sup>366</sup>. Noutros, é imposta: “Estou só, só, na vida? Pois tenho um excelente remédio: habituar-me à minha solidão” (01.02.1909)<sup>367</sup>.

Com o avançar da idade e da doença, a solidão adquire contornos mais dramáticos: “Aqui [Saint Christau] a solidão é completa. Não conheço ninguém e num lugar que não tem para mim recordações nem saudades, acho-me perdida, abandonada...”, 21.07.1928<sup>368</sup>. No entanto, Luzia considera a solidão uma parte intrínseca à qual se vê obrigada a abdicar à medida que os seus problemas de saúde se vão agravando, conforme fica demonstrado em 22.01.1929:

---

<sup>365</sup> Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9.

<sup>366</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 44.

<sup>367</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 139.

<sup>368</sup> [Carta n.º 72], a Laura de Castro, Saint Christau, 21.07.1928 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos, PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

A solidão que foi o meu grande bem, deixou de sê-lo, desde que pouco, quase nada, posso ocupar-me. Quem substituiria os meus pobres, fúteis amigos? As senhoras ultra devotas, ultra virtuosas, as senhoras da Liga da Caridade oficial? Meu Deus! O defeito deve ser meu, mas nada sinto de comum entre elas e a minha pessoa<sup>369</sup>.

A dualidade solidão/refúgio e solidão/abandono percorre toda a sua obra. Trata-se de uma solidão criativa, religiosa, terapêutica, mas também de uma enfermidade, de um silêncio: “A solidão que foi o meu grande bem, deixou de sê-lo, desde que pouco, quase nada, posso ocupar-me...”<sup>370</sup> e revela-se, muitas vezes, mesmo quando está acompanhada:

Antes, mil vezes antes, a solidão de Pau, do que esta solidão por entre gente que invade a minha vida, altera todos os meus hábitos, vem visitar-me à hora em que costume jantar e fica até às nove, muitas vezes nove e meia, falando de coisas que não me interessam”<sup>371</sup>.

Importa referir que nos anos de 1944 e 1945, altura em que se encontra na Madeira, nas poucas cartas que troca com Fernanda de Castro, o termo “solidão” não é referido, sendo a sua última ocorrência notada em 05.03.1943, quando escreve “Sou, na verdade, uma freira. Amo, sempre amei, a solidão e prefiro-a a todas as companhias.”<sup>372</sup>. Refira-se que este não é um caso isolado, o mesmo podemos constatar entre 1904-1907, 1910-1918, 1919-1922, 1926, 1930-1932, 1934-1938 e 1940-1942.

## Saudade, solidão e identidade

---

<sup>369</sup> [Carta n.º 81], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 22.01.1929 – *Idem*.

<sup>370</sup> *Ibidem*.

<sup>371</sup> [Carta n.º 46], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 14.05.1927 – *Idem*.

<sup>372</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 131.

Ao cruzar a ocorrência quantitativa com a análise qualitativa, constata-se que “saudade” e “solidão” são, não apenas temas, mas estruturas emocionais de Luzia. Ambas estão enraizadas na sua experiência biográfica: orfandade, perda da irmã, isolamento conjugal, exílios sucessivos. E representam ainda modos de perceber o mundo: um mundo de impermanência, que evoca e se ausenta, que afasta e atrai. Também podemos dizer que são estéticas, no sentido em que Luzia constrói um estilo singular assente na reflexão, no isolamento que a escrita proporciona, no afastamento do outro.

A obra de Luzia não é apenas um testemunho de um percurso feminino atravessado por perdas, exílios e memórias. É também uma obra que reflete sobre si mesma, que constrói a saudade e a solidão como matéria-prima do literário e que se inscreve numa linhagem de mulheres escritoras que transformaram a intimidade em arte.

A escrita de Luzia, neste período em estudo, foi marcada por uma linguagem inovadora, situada entre o poético e o irónico, entre o fluxo da consciência e o realismo. O seu *Diário* – posteriormente organizado com o título *Caminhos da Vida. Um Jornal* – reflete essa maturação estilística: “a autora faz uma escolha que é a da mulher que é agora”<sup>373</sup>. Uma escrita que é, simultaneamente, um espaço de resistência e reconstrução do eu: “O Diário, [...] é estratégia de sobrevivência perante uma vida que a não satisfazia plenamente”<sup>374</sup>.

A publicação de *Adeus por Hoje...*, que reúne cartas enviadas a Fernanda de Castro e António Ferro, amplia o retrato da autora. Estas missivas revelam uma mulher afetuosa, consciente da sua condição periférica na vida literária portuguesa, mas ainda assim determinada a fazer ouvir a sua voz. As cartas enviadas a Laura Veridiana de Castro, ainda em tratamento para publicação pela ADEGI e depositadas no Arquivo Regional da Madeira, no Fundo Documental Florival de Passos, que consideramos que se conjugam na perfeição com o livro publicado em 1926, *Cartas duma Vagabunda*, trazem importantes contributos para a compreensão da relação entre Luzia e as escritoras da sua época e a aliança, ainda que informal, ou até mesmo inconsciente, que se estabelecia entre estas mulheres.

---

<sup>373</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 20.

<sup>374</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 21.

## 2.2. A relação com outras escritoras: Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro

A produção literária de Luzia insere-se num contexto literário marcado por uma presença feminina que começa a afirmar-se e a assumir a sua identidade no panorama português das primeiras décadas do século XX. Na sua obra, tanto a publicada em vida, como a que a título póstumo tem sido dada a conhecer, nomeadamente na correspondência que manteve com personalidades da escrita, a autora revela a sua consciência crítica sobre o lugar da mulher na literatura e a relação de grande proximidade que tinha com escritoras suas contemporâneas, sobretudo com Maria Amália Vaz de

Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro, mas às quais se juntam tantas outras com quem tem ligação ou com quem se cruza nos meios intelectuais e que fazem parte do seu núcleo de amigas, no caso das portuguesas, e as estrangeiras que admira, lê, e cuja leitura incentiva.

Este capítulo propõe uma análise destas relações, partindo do mesmo *corpus* presente no capítulo anterior que inclui o diário pessoal de Luzia, a correspondência trocada com Fernanda de Castro, António Ferro, Laura de Castro, Conde de A. e António Ribeiro e os livros de cariz epistolar, *Cartas do Campo e da Cidade* e *Cartas duma Vagabunda*. Abordaremos, igualmente, quais as mulheres, nacionais ou estrangeiras que são referidas no neste *corpus*.

### **A cumplicidade pela palavra: uma constelação de afinidades eletivas**

Como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, o final do séc. XIX e sobretudo o início do séc. XX representam um período que podemos considerar como o início da afirmação das mulheres portuguesas em diversas áreas e também na escrita. No firmamento literário português de então, surge um conjunto de mulheres cuja escrita e presença pública desafiam os contornos impostos pela tradição patriarcal das letras. Luzia é uma dessas estrelas – intensa, altamente crítica, mas sempre luminosa – que não brilha isoladamente: em torno dela desenha-se uma constelação daquilo a que Goethe chamou, tantos anos antes, de *afinidades eletivas* – numa metáfora à forma como as pessoas se atraem entre si.

Deste conjunto de astros fazem parte Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro, entre outras. Mulheres que se relacionam não apenas por circunstâncias sociais ou literárias, mas por uma proximidade de espírito, de luta, de visão da literatura e da condição da mulher, sobretudo a das letras.

Luzia posiciona-se criticamente no interior do campo literário português, denunciando a secundarização sistemática da produção literária feminina e fá-lo no seu

livro *Cartas d'uma Vagabunda*: “Lisboa desconfia algum tanto da literatura feminina”<sup>375</sup>. Ainda nessa obra, declara a sua afinidade com a escrita feminina dizendo sobre esta: “É a que sinto mais perto de mim”<sup>376</sup>.

Luzia mostra-se igualmente crítica em relação à forma como certas mulheres da sua época procuravam destaque público, particularmente no domínio político e social. Numa carta enviada a Laura de Castro, a escritora faz a seguinte afirmação, em tom de lamento e crítica: “Faz pena... mas todas as nossas mulheres em evidência querem representar papéis de destaque na política portuguesa”<sup>377</sup>. Apesar de reconhecer a importância das mulheres na cultura, Luzia mantém um olhar crítico sobre a superficialidade ou oportunismo que, em seu entender, algumas procuravam. Veja-se, a exemplo disso, as críticas que faz a Virgínia de Castro Almeida por agradar o sistema vigente para assim obter benefícios e valorização – numa troca de correspondência com Fernanda de Castro, em 01.09.1941<sup>378</sup>, Luzia refere: “essa senhora – toda poderosa no Secretariado e... suas Imediações” e mais tarde, em 15.01.??<sup>379</sup>, “amiga dileta e divindade da maior devoção do António Ferro”.

Nas confidências que faz, tanto no *Diário*, como na correspondência, Luzia também fala de si, da forma como se vê enquanto mulher e como avalia a sua escrita. Em 02.05.1914, no seu *Diário*, diz: “Sou mulher como as outras... mas parece-me que, ainda mais, muito mais, uma espécie de pudor, defesa que vem da alma e também o receio de aborrecer, de tornar-me pesada, importuna...”<sup>380</sup>.

Teresa Leitão de Barros considera que “em Luzia, é impossível separar a personalidade literária da personalidade real”<sup>381</sup>, no entanto, e apesar de concordarmos com a escritora, através da correspondência notamos, por parte de Luzia, uma tentativa de separar essas duas identidades fazendo a distinção entre *Luíza* e *Luzia*, para referir-se

---

<sup>375</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 191.

<sup>376</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A., *op. cit.*, p. 125.

<sup>377</sup> [Carta n.º 46], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace 15.05.1927 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos, PT/ABM/FPS-LUZ/001 – *em tratamento para publicação*.

<sup>378</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 102.

<sup>379</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 168.

<sup>380</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 347.

<sup>381</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 320.

à mulher e à escritora. Por isso, assina as suas cartas a Fernanda de Castro e António Ferro com o seu nome próprio, despedindo-se com “Abraço-a, Luíza” ou “L.”, quando se comunicava com Fernanda de Castro, ou então “Luísa Grande”, quando o seu interlocutor era António Ferro. Diferente de quando se refere à autoria literária, como podemos constatar numa carta endereçada ao Conde de A.<sup>382</sup>, em 12.04.1926, na qual escreve: “não quero deixar estas luminosas linhas sem lhe dizer a minha gratidão, por todas as coisas bonitas, aliás tão imerecidas, que escrevem a Luzia [...] E também por essa franqueza Luzia lhe ficou muito grata”<sup>383</sup>.

Também na correspondência trocada com Laura de Castro assistimos ao mesmo fenómeno. Em 14.06.1926 salienta: “queria conhecer todos os amigos da Luzia, todos que desejam conhecê-la”<sup>384</sup>. Já antes, em 03.05.1926, referia “aqui uso o lindo soneto que o Correia de Oliveira mandou a Luzia juntamente com o seu livro, *Venho amar...*”<sup>385</sup> e em 05.05.1926, a propósito da publicação de *Cartas d’uma Vagabunda* diz o seguinte:

todas festejaram, com entusiasmo, Luzia, que teve as honras do chá. Não sei se entusiasmo sincero ou... medida de precaução de prudência, para que a dita Luzia, com a vaidade bem satisfeita, bem lisonjeada, não se atire às senhoras do grupo das treze... – Assim as chamam, pretendendo que a sua ferocidade é tão grande como a do célebre grupo revolucionário... – Mas, enfim, *mettons* que todas elas foram sinceras e sejamos gratas à sua gentileza de ferazinhas domesticadas”<sup>386</sup>.

Luzia alude ao grupo constituído em maio de 1911 por sócias da Liga Republicana das Mulheres, intitulado Grupo das Treze<sup>387</sup>, para referir-se às reuniões que aconteciam

---

<sup>382</sup> José António Maria Francisco Xavier de Sá Pereira Coutinho (1896-1969), Conde de Aurora, foi um escritor português, autor de obra de pendor nacionalista que se apresentava como monárquico, conservador e tradicionalista, amigo de Luzia, com quem esta trocou correspondência – [Carta n.º 28], Lisboa, Avenida Palace, 12.04.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

<sup>383</sup> [Carta n.º 25], ao Conde de A., Lisboa, Avenida Palace, 12.04.1926 – *Idem*.

<sup>384</sup> [Carta n.º 36], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 14.06.1926 – *Idem*.

<sup>385</sup> [Carta n.º 32], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 03.05.1926 – *Idem*.

<sup>386</sup> [Carta n.º 32], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 05.05.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001- em tratamento para publicação.

<sup>387</sup> Cf. Esteves, J. (2005). "Grupo das Treze", *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Livros Horizonte, este grupo era constituído por Judite Pontes Rodrigues, Carolina Amado, Ernestina Pereira Santos, Lydia d’Oliveira, Maria Velede, Antónia Silva, Adelina Marreiros, Honorata de Carvalho, Marianna Silva, Filipa d’Oliveira, Berta Vilar Coelho, Lenia Loyo Pequito, e Maria da Madre de Deus Diniz d’Almeida, que na sessão solene de apresentação do grupo se faz representar por Carolina Rocha da

entre mulheres que, enquanto tomavam chá, falavam de literatura. Isto demonstra a inserção de Luzia num circuito de sociabilidade intelectual feminizado, em que a partilha de ideias, projetos e leituras faz destas relações um espaço de construção de uma identidade literária.

À cabeça desta rede de mulheres das letras temos de colocar aquelas mulheres com quem Luzia estabelece uma relação de amizade profunda, como Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro. A questão que se coloca é quem são estas mulheres, o que representam no contexto literário feminino português da época e que tipo de relação têm com Luzia?

### **Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921)**

Esta escritora, nascida em Lisboa, em 1847, “ao findar a primeira metade do século XIX, precisamente quando a vida intelectual feminina era, em Portugal, qualquer coisa de irrisório e de artificial”<sup>388</sup> vem a ocupar um lugar cimeiro na história da escrita feminina em Portugal, não apenas pela sua produção literária – que abrange a poesia, o ensaio, o conto, a crítica literária e a crónica – mas também pelo seu papel na afirmação pública da mulher escritora e na defesa dos direitos das mulheres, particularmente no que toca ao direito à instrução. De acordo com Teresa Leitão de Barros:

foi uma educadora, no sentido mais elevado da palavra. Não foi a doutrinária apostola de métodos ou de seitas pedagógicas; olhou, frente a frente, não só todos os males sociais como todos os vícios de educação, e, justamente confiada no seu bom senso, procurou estudar-lhes as causas e alvitar os possíveis meios de cura<sup>389</sup>

---

Silva. Reuniram-se com o objetivo de combater a ignorância e a superstição, usando *slogans* como “Iluminar as almas, libertar as consciências, eis a verdadeira missão da mulher moderna”, “o fanatismo é uma espécie de lepra que corrompe e devora o pensamento”, “a sociedade ideal será aquela em que a mulher levante templos à ciência”, ou ainda “a ciência fortalece as almas, a superstição amortalha-as na treva da Morte”. Lutaram pelo direito ao voto das mulheres e pelo direito ao voto e apoiaram a Obra Maternal, que defendia e educava as crianças sem família ou vítimas de violência.

<sup>388</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 224.

<sup>389</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 361.

Maria Amália casou-se com o poeta António Cândido Gonçalves Crespo, de quem enviuvou nova, aos 36 anos, e com quem escreveu a coleção de histórias para crianças *Contos para os nossos filhos* (1886), que foi aprovada pelo Conselho de Instrução Pública para uso nas escolas.

Depressa se destacou pela sua acutilância crítica, pela erudição e pela independência de pensamento, sendo uma das primeiras mulheres a afirmar-se com plena autoridade no campo literário português do século XIX, após ter sido a primeira a entrar para a Academia das Ciências de Lisboa. A sua casa acolheu o último salão literário de Lisboa do qual foram presenças assíduas Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro.

A escritora desafiou os circuitos literários dominados por homens. A sua colaboração com *O Diário Popular*, *O Século* e *A Ilustração Portuguesa*, bem como a publicação quer da obra referida anteriormente, quer de *Cartas a uma noiva* (1892), posicionaram-na enquanto escritora empenhada na conquista de direitos para as mulheres. A sua atuação na esfera pública – incluindo a participação em conferências e tertúlias literárias – rompeu com os constrangimentos sociais impostos às mulheres da sua geração. No Brasil, publicou com alguma assiduidade nos periódicos *País* e *Jornal do Comércio*<sup>390</sup>.

Conforme podemos ler em Leitão de Barros “não contando as traduções, publica, de 1885 a 1920, duas dezenas de obras originais, focando problemas educativos ou de crítica social e literária, traçando perfis de artistas, de sábios, de pensadores, fazendo reconstituições históricas e evocando personagens que vivem na História” (*Idem*), dos quais se contam uma biografia, coletâneas de contos, livros de crítica literária, livros com a temática de educação, ensaio e poesia.

Ainda de acordo com Teresa Leitão de Barros, “graças a extraordinários dotes de inteligência e de vontade, ela conseguiu amplamente reabilitar a sua geração literária, elevando-a consigo a lugar mais digno do nosso respeito e atenção”<sup>391</sup>, reconhecida tanto

---

<sup>390</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 225.

<sup>391</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 224.

por homens como por mulheres. No entender de Luísa Paolinelli, Maria Amália Vaz de Carvalho “foi das poucas a conseguir o respeito dos colegas masculinos”<sup>392</sup>.

Em conformidade com Cecília Barreira, esta escritora “constitui sem dúvida um momento alto da intelectualidade feminina entre os setenta e princípio do nosso século [vinte]”<sup>393</sup>. Ainda que com ideias bastante conservadoras, mostrou ter “uma visão globalizante da sociedade portuguesa do seu tempo”<sup>394</sup>.

Luzia privou de perto com Maria Amália Vaz de Carvalho, enquanto atenta leitora e como amiga, de quem se tornou também seguidora, partilhando com ela a lucidez crítica. Frequentou o seu salão onde, de acordo com Paolinelli & Trindade, “contacta com a fina flor da intelectualidade nacional, nomeadamente com o conde de Sabugosa, os duques de Palmela, António Cândido Ribeiro da Costa, entre outros”<sup>395</sup>. Numa passagem do seu Diário, em 08.01.1913, confessa: “Acabámos a tarde no doce *reposoir* da Maria Amália Vaz de Carvalho, onde me sinto *at home*, naquele encantador *à vontade*, em que estou com quase toda a gente e a princípio não podia estar com ela, porque ela não é... toda a gente...”<sup>396</sup>, denotando aqui a intimidade que ganhou com a anfitriã.

Também no seu Diário, Luzia refere, em 31.05.1913, uma troca de correspondência entre as duas: “Escreve-me a minha querida Maria Amália Vaz de Carvalho”<sup>397</sup>, para mais tarde, em 19.02.1914, revelar a verdadeira dimensão desta relação: “Disse-me hoje Maria Amália: - «Tenho e tive muitas amigas, mas só me entendi a valer com duas, a Condessa do Sabugal e agora a Luzia»”<sup>398</sup>.

Em 1929, numa troca de correspondência com Laura de Castro, em que Luzia fala sobre o facto das pessoas que se dedicam à “escrita ganha-pão” não aceitarem a crítica sincera, de modo que recorrem ao elogio como forma de evitarem a crítica, a escritora relembra Maria Amália ao dizer “quanto mais vou para diante na vida, melhor compreendo o feitio da querida Maria Amália, o seu terror dessa gente, a repugnância de

---

<sup>392</sup> Paolinelli, L. A. (2022). “A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita”. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas, p. 418.

<sup>393</sup> Barreira, C. G. (1991). *Universos Femininos em Portugal: Retrato da Burguesia em Lisboa (1890-1930)*. Lisboa, p. 310.

<sup>394</sup> Barreira, C. G. (1991), *op. cit.*, *idem*.

<sup>395</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 16.

<sup>396</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 263.

<sup>397</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 289.

<sup>398</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 335.

conhecer mais um literato em voga, os baldes de água fria que lançava em alguns dos meus entusiasmos”<sup>399</sup>, para referir-se aos “literatos em voga” que Luzia amiúde descobria e de quem lhe falava.

Após a sua morte, Luzia torna-se muito próxima do filho, Luís Crespo, com quem desenvolve uma grande cumplicidade:

Uma das poucas – muito poucas! – visitas que me dão verdadeiro prazer, é, sem dúvida, a do Luís C. com quem posso falar à vontade, *de igual para igual*. Entendemo-nos e além desse privilégio tão raro, entre humana gente, tem, para mim, outro grande encanto de lembrar-me a mãe quando nos vemos, falamos sempre longamente dela, da sua casa tão acolhedora, tão interessante, última sala onde se conversava... – O grande espírito da mulher tão superior sabia apagar-se para fazer brilhar os outros – Mas dessa sala o que resta? quase que nem a lembrança... os maiores amigos da Maria Amália morreram também. Os outros arranjam interesses mais palpantes. Não olham para trás. Olhar para trás é tempo perdido!<sup>400</sup>

Maria Amália Vaz de Carvalho, de acordo com Teresa Leitão de Barros, “nunca se envergonhou de ser uma profissional das letras, não se preparou, em longa aprendizagem, para o honroso mister que exerceu”<sup>401</sup>, foi alguém que escreveu e leu muito, mas que, sobretudo, “deixou falar o coração e a inteligência com o poder de simpatia, a eloquência e a lucidez que lhes eram próprios”<sup>402</sup>.

### **Teresa Leitão de Barros (1898-1958)**

Teresa Emília Marques Leitão de Barros tem um percurso multifacetado, que abrange ensaios, artigos, contos, histórias infantis, teatro e livros didáticos, e reflete uma conceção moderna e emancipada da intervenção intelectual feminina.

---

<sup>399</sup> [Carta n.º 81], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 22.01.1929 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>400</sup> [Carta n.º 46], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 14.05.1927 – *idem*.

<sup>401</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 277.

<sup>402</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 278.

De acordo com o professor universitário, jornalista e escritor, Agostinho Campos, “D. Teresa Leitão de Barros nasceu de uma família de certos educadores e trabalhadores infatigáveis, alguns dos quais deixarão o seu nome para sempre ligado à história do nosso ensino público”<sup>403</sup>. Irmã do cineasta Leitão de Barros e casada com o pintor Bernardo Marques, a escritora e ensaísta era formada em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa. Foi professora no ensino técnico e liceal e notabilizou-se na defesa da educação feminina como garante da emancipação da mulher e na defesa da importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança. As suas crónicas, críticas literárias e textos ensaísticos foram publicados em jornais e revistas de prestígio, como *O Século*, *Atlântico*, *Eva* ou *Civilização*.

Em 1924, publicou, em dois volumes, *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa*, ainda hoje uma importante obra para a compreensão do panorama nacional feminino nas letras, desde o séc. XVI até aos anos 20, do séc. XX, que, no entender de Carolina Michaëlis, na introdução à obra, representa “uma ousada tentativa de evocar, num quadro que abrange quatro séculos, as principais figuras femininas da Literatura Portuguesa”<sup>404</sup> ou, conforme refere Agostinho de Campos, da “literatura feminil ou mulheril”<sup>405</sup>.

Teresa Leitão de Barros refere Luzia no seu “inventário” das mulheres das letras portuguesas, afirmando que esta “ilustre madeirense (...) rapidamente conquistou a justíssima nomeada de ser um dos mais completos escritores portugueses da atualidade”<sup>406</sup> e assinalando a publicação de *Os que se divertem*, primeiro livro de Luzia, como “um momento áureo na história da nossa literatura feminina”<sup>407</sup>. A autora conclui as três páginas dedicadas a Luzia defendendo que esta é “um dos nossos prosadores de mais glorioso destino, um prosador que se lê sempre com supremo encanto, mesmo depois de recordar as melhores páginas epistolares de Eça de Queiroz e de Maria Amália Vaz de Carvalho”<sup>408</sup>, uma comparação que terá certamente agradado a Luísa Grande.

---

<sup>403</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. I). Lisboa: [s.n.], s.p.

<sup>404</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 22.

<sup>405</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, s.p.

<sup>406</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 319.

<sup>407</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, *idem*.

<sup>408</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 319.

Na sequência da publicação de *Cartas d'uma Vagabunda*, Teresa Leitão de Barros fez uma crítica à obra publicada no *Domingo Ilustrado*, sublinhando, entre outras coisas que terão sido do gosto de Luzia, que “os escritores que possuem, como Luísa Grande, o segredo de saber espalhar um fluído de simpatia, isentam-se, por isso, mesmo, de qualquer análise protocolar e seca”<sup>409</sup>. Numa carta ao Conde de A., em 27.06.1926, Luzia assinala esse momento em que a publicação do seu livro gerou vários textos na imprensa portuguesa, referindo que:

de todos os artigos o que mais me agradou foi o de Tereza Leitão de Barros que quase não me conhecendo, fala de mim como falaria uma – amiga – amiga compreensiva e indulgente: Espécie que, diga-se de passagem, se vai tornando rara...<sup>410</sup>

Pelas suas palavras percebemos que não havia, aquando deste texto de opinião, ainda grande proximidade entre as duas escritoras. Este artigo terá certamente contribuído para o espoletar de uma grande amizade que Luzia cultivou para o resto da vida e que está bastante evidente nas cartas que troca com Fernanda de Castro, mais tarde reunidas na obra *Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro* (2024).

### **Fernanda de Castro (1900-1994)**

Maria Fernanda Teles de Castro e Quadros Ferro nasceu em Lisboa em 1900, quando Luzia contava com 25 anos. A sua versatilidade na escrita foi uma marca que a levou à ribalta. Poeta, romancista, cronista, dramaturga, tradutora, autora de literatura infantil e mulher de causas sociais, a sua obra abarca diversos géneros e revela uma rara combinação de sensibilidade estética e compromisso cívico. Esposa de António Ferro, escritor, jornalista, diplomata e político, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional e figura de destaque do Estado Novo. Fernanda construiu, apesar desse enquadramento político, um percurso literário próprio e independente, marcado por uma criatividade fecunda e por uma linguagem simultaneamente lírica e visual.

---

<sup>409</sup> *O Domingo Ilustrado*, Ano II, n.º 64, 4 de abril de 1926, p. 9.

<sup>410</sup> [Carta n.º 31], ao Conde de A., [Lisboa], Avenida Palace, 27.04.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

De acordo com Teresa Leitão de Barros, “a intensidade pictural do pormenor e da cor, nas suas descrições poéticas, substitui vantajosamente a tradicional correspondência de efeitos líricos entre aspetos idênticos da natureza e da alma”<sup>411</sup>, de maneira que Maria Fernanda “limita-se a descrever, a descrever sempre, embora com palavras que já trazem em si a melhor certeza de encanto”<sup>412</sup>.

Descrita por Leitão de Barros “com uma individualidade já tão bem definida”<sup>413</sup>, Fernanda de Castro, para além da criação literária, dirigiu iniciativas de grande impacto social, como a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), que introduziu uma vertente de pedagogia cultural nas classes populares. Foi fundadora e diretora da Associação Nacional dos Parques Infantis, da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, que fundou com o marido, atualmente designada por Sociedade Portuguesa de Autores, e da revista *Bem Viver*.

A sua relação com Luzia era de grande cumplicidade. De acordo com Mafalda Ferro, sua neta, que prefaciou o livro *Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro*, ambas “partilhavam vivências marcantes, traumatizantes – dir-se-ia hoje – como o facto de ambas terem crescido com notória falta de mãe (a mãe de Luísa Grande morre depois do parto e a de Maria Fernanda, quando esta tinha apenas 12 anos) e de pai (o pai de Luísa morre quando esta tinha 9 anos e o da amiga está quase sempre ausente)”<sup>414</sup>, para além do “o amor pela poesia e pela natureza”<sup>415</sup>.

Acredita-se que, pelo facto de Luzia ter privado com a mãe de Fernanda de Castro, Ana Isaura Teles de Castro, com quem frequentou o Colégio das Salesas, juntamente com as tias maternas de Fernanda, a relação de ambas tenha sido sempre de grande ternura. Podemos encontrar nas cartas de Luzia um certo tom maternal e conselheiro. Entra as duas estabelece-se uma importante troca de correspondência que engloba os últimos anos de vida de Luzia, baseada numa relação de proximidade intelectual, estética e afetiva. Ambas leem-se, comentam-se e aconselham-se. Luzia demonstra uma admiração pelo

---

<sup>411</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.], p. 338.

<sup>412</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 339.

<sup>413</sup> Leitão de Barros, T., *op. cit.*, p. 340.

<sup>414</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 8.

<sup>415</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, *idem*.

talento de Fernanda, a quem chama “minha panterazinha”<sup>416</sup>, descrevendo-a como alguém “que tem o defeito de querer fazer mil coisas ao mesmo tempo, traz agora entre mãos, um romance, uma novela e um livro de versos”, “uma apaixonada de Lisboa”<sup>417</sup> com “estranhos olhos de bayadera”<sup>418</sup> e “qualquer coisa de felino”<sup>419</sup>, uma mulher “cheia de atividade, [que] trabalha tanto como o marido – vivem só da sua pena – muito boa mãe, boa *ménagère* e ainda encontra tempo para se ocupar dos pobres, vai ter uma árvore de Natal para as criancinhas”<sup>420</sup>.

Nas cartas que troca com Laura de Castro, Luzia não mede os elogios a Fernanda. Em 13.07.1927, diz: “Não sei onde Maria Fernanda foi buscar o seu talento, mas fosse onde fosse, esta rapariga tem *muita coisa* dentro da cabeça. Vai agora publicar um romance. A sua prosa não é inferior aos versos, a sua prosa é poesia ainda...”<sup>421</sup>. No entanto, apesar de reconhecer em Fernanda a autoria de “versos maravilhosos”, Luzia também tece críticas ao livro *Jardim*, que só viria a ser publicado em 1928, demonstrando a cumplicidade que tem tanto com Fernanda como com Laura de Castro:

a escolha devia ter sido mais cuidada, porque a par deles há alguns banais – ou que me parecem banais, comparados aos outros, talvez não sendo dela os achasse passáveis... para encher, para acabar mais depressa. É esse o defeito de Fernanda de Castro. Tem sempre pressa de acabar, daí a desigualdade do que faz<sup>422</sup>

Mais tarde, já em correspondência com a autora, e sobre o texto *Creoula das Antilhas*<sup>423</sup> Luzia diz:

venho dizer-lhe quanto me encantou, me prendeu, me deslumbrou a sua “Creoula das Antilhas”! Tem um sabor único, uma originalidade que há tanto tempo anda

---

<sup>416</sup> [Carta n.º 36], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 14.06.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>417</sup> *Ibidem*.

<sup>418</sup> *Ibidem*.

<sup>419</sup> *Ibidem*.

<sup>420</sup> [Carta n.º 62], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 24.11.1927 – *idem*.

<sup>421</sup> [Carta n.º 52], a Laura de Castro, Lisboa, 13.07.1927 – *idem*.

<sup>422</sup> [Carta n.º 62], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 24.11.1927 – *idem*.

<sup>423</sup> Alusão a um poema de Fernanda de Castro, intitulado “Ana Lúcia” e publicado no primeiro volume da *Revista Atlântico*, que saiu na primavera de 1942.

fugida deste triste, tristíssimo mundo! Cor, harmonia... tem tudo o que pode pedir-se ao verso. Li-o uma, muitas, perto de mil vezes e de cada vez gostei mais! Já sabia, pela nossa amiga Teresa, que era esplêndida, mas eu prefiro sempre ver com os meus olhos e julgar com a minha cabeça... não porque a imagino melhor, mas porque é... a minha: razão suprema<sup>424</sup>.

A relação entre Fernanda de Castro e Luzia é, pois, uma das mais ricas da constelação feminina que este capítulo procura cartografar: “Escrever-te é descansar, estar triste à minha vontade... Parece-me que me ouves, que me compreendes, que tens pena de mim.”<sup>425</sup>.

Ambas as autoras partilham muita afinidade e cumplicidade ainda que, por vezes, a partir de posições políticas opostas, já que Luzia manifesta desprezo por Salazar para quem Fernanda de Castro e o marido trabalhavam.

### **Laura Veridiana de Castro (1870-1964)**

Laura Veridiana Castro e Almeida Soares nasceu no Funchal, filha de pai goês, descendente dos vice-reis da Índia e casou-se com Feliciano José Soares, conhecido professor e diretor do *Diário de Notícias* e era prima da escritora Virgínia de Castro Almeida, com quem convivia em Lisboa, nas suas estadias durante as quais privava com intelectuais e artistas como Maria Amália Vaz de Carvalho<sup>426</sup>. Laura insere-se numa linhagem feminina culta, viajada e cosmopolita, e integra as elites intelectuais que fizeram da Madeira um centro de convívio artístico e literário.

De acordo com Luiz Peter Clode, “cursou com brilhantismo o liceu, numa época em que as raparigas raramente tomavam tal decisão, tendo sido pela vida fora uma autêntica autodidacta”<sup>427</sup>. Teve um importante percurso ligado às questões sociais que abraçou nas funções que teve de diretora e fundadora do “Lactário”, enquanto dama de

---

<sup>424</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 115.

<sup>425</sup> [Carta n.º 94], a Laura de Castro, Paris, Hotel West End, 15.11.1931 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>426</sup> cf. Clode, L. (1983). *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal, p. 456.

<sup>427</sup> Clode, L. (1983), *op. cit.*, *idem*.

caridade do Hospício Princesa Dona Amélia ou como parte da “Associação Católica” e das “Conferências de S. Vicente de Paulo”.

Na escrita, atuou com o pseudónimo Maria Francisca Teresa, assinando, por vezes, em conformidade com Macedo, com L. C. e Almeida ou L. de C. e A.<sup>428</sup>. De acordo com Luiz Peter Clode, “foi uma escritora dotada de uma inteligência invulgar”<sup>429</sup>. A sua produção literária é ainda pouco estudada. Durante o tempo em que o marido dirigiu o *Diário de Notícias* coordenou a secção quinzenal infanto-juvenil “Notícias Infantil”.

Notabilizou-se como tradutora e autora de literatura infanto-juvenil<sup>430</sup> com a obra *O Querido Tio Gustavo* que, uma vez mais, revela a sua capacidade de falar às crianças e sobre elas com delicadeza, humor e profundidade. Esta dimensão é reiteradamente valorizada por Luzia, que vê em Laura uma autora com um talento raro e subestimado: “Tens o talento – tão raro! – de saber falar às crianças e das crianças. Far-me-á a maior pena se não publicares o Tio Gustavo”<sup>431</sup>.

A relação entre Luzia e Laura Veridiana de Castro transcende o plano literário para uma dimensão afetiva de grande profundidade. Laura é, ao longo de toda a correspondência trocada com Luzia que conhecemos, a amiga íntima, a destinatária privilegiada, a confidente dos abismos e dos entusiasmos, alguém com quem a autora partilha não apenas reflexões estéticas, mas também angústias existenciais, frustrações criativas e anseios espirituais. Podemos considerar que, de todas as amigas, Laura é a que conhecerá Luzia mais a fundo, sem máscaras. “Escrever-te é descansar, estar triste à minha vontade... Parece-me que me ouves, que me compreendes, que tens pena de mim”<sup>432</sup>, escreve Luzia, revelando que em Laura encontra um porto seguro e uma presença constante.

Laura de Castro surge também como musa discreta e fonte de inspiração direta: é a ela que Luzia atribui o plano do livro *Na grande claridade*, um projeto inacabado que pretendia narrar histórias de almas redimidas – entre as quais se incluiria, entre outras

---

<sup>428</sup> Macedo, L. A. (2013). *Da voz à pluma: escritoras e património documental de autoria feminina Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde, Guia Biobibliográfico*. Ribeira Brava: Amazon, p. 210.

<sup>429</sup> Clode, L. (1983). *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal, p. 456.

<sup>430</sup> cf. Ascensão de Macedo, L., *op. cit.*, *idem*.

<sup>431</sup> [Carta n.º 1], a Laura de Castro, Pau, Hotel Gassion, 22.01.1924 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – *em tratamento para publicação*.

<sup>432</sup> [Carta n.º 94], a Fernanda de Castro, Paris, Hotel West End, 15.11.1931 – *idem*.

mulheres que tiveram um percurso em que a dado momento foram tocadas por Deus, como *Madame de la Sablier*<sup>433</sup>, *Madame de Mailly*<sup>434</sup>, *Polastron*<sup>435</sup> e a própria Laura, enquanto “*femme du monde* (...) elegante, cheia de graça na sua aceitação do sofrimento e da morte”<sup>436</sup>. De acordo com Luzia, “seria decerto um bom livro, um grande livro sob a mesma aparência de futilidade que dou aos outros para não assustar as minhas frívolas leitoras, uma lição que elas aprenderiam sem dar por isso e que, ensinando-as, talvez eu aprendesse também!” – Luzia revela aqui também o que pensa das suas leitoras e que tipo de leitoras acredita atrair.

A importância desta relação é ainda ampliada pelo facto de Laura ser guardiã da memória e da obra de Luzia. É a ela que Luzia pede que conserve os manuscritos, as cartas, os jornais antigos – fragmentos de uma vida e de uma escrita que Laura ajuda a preservar. Essa função quase de arquivista da memória íntima reforça o papel de Laura como elemento coesivo da constelação feminina a que Luzia pertence: “Peço-te pois para me mandares todos os manuscritos que aí deixei e as minhas cartas que tiveres conservado”<sup>437</sup>.

Diferente de Fernanda de Castro, que representa a vitalidade criativa e a exposição pública, ou de Teresa Leitão de Barros, símbolo da elegância intelectual, Laura Veridiana de Castro encarna a esfera da intimidade, da escuta e da permanência. A sua relação com Luzia é uma das mais longas e profundas do epistolário e do diário, destacando-a não apenas como amiga, mas como cúmplice espiritual e testemunha essencial do processo literário.

---

<sup>433</sup> Marguerite de la Sablière (1640-1693) foi uma *salonnière* famosa no seu tempo, e patrona de vários escritores como Jean de La Fontaine e Charles Auguste, marquês de Fare com o qual vai viver uma paixão fora do casamento. Depois do fim do relacionamento, ela, que era protestante, converteu-se ao catolicismo e tornou-se grande benemérita, colaborando ativamente com um hospital de incuráveis.

<sup>434</sup> Marie Anne de Mailly Nesle (1717-1744) foi uma das quatro irmãs Nesle a tornar-se amante de Luís XV. Apesar de ter sido a mais importante e duradoura das quatro irmãs no que toca aos amores do rei, este acabou por a trocar e ela entrou num convento, no qual morreu, tendo-se, entretanto, tornado muito religiosa.

<sup>435</sup> Yolande de Polastron (1749- 1793), conhecida como Madame de Polignac, foi uma dama da rainha Maria Antonieta de quem, segundo rumores, teria se tornado amante. Muito protegida pela rainha, foi subindo na escala social tendo atingido o título de Duquesa de Polignac, enquanto o marido era agraciado com o mais alto posto dos militares franceses - o de Marechal. Com o aumento da tensão pré-revolucionária, a rainha insistiu para que a família abandonasse o país, o que de facto aconteceu, tendo depois optado por viver na Suíça onde veio a falecer ainda bastante nova.

<sup>436</sup> [Carta n.º 59], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 29.10.1927 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>437</sup> [Carta n.º 83], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 11.02.1929 – *idem*.

Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro e Laura Veridiana de Castro não são só escritoras que Luzia admira, por quem é encorajada e a quem encoraja. São amigas verdadeiras. Todas, à exceção de Fernanda de Castro, são referidas no testamento de Luzia.

Quando morre Luísa Grande deixa uma fortuna estimada em mais de 2 milhões de escudos e torna os seus criados, a família e amigos mais chegados seus herdeiros. No processo de imposto sobre as sucessões e doações n.º 12846<sup>438</sup> e no testamento cerrado aberto em 10.12.1945<sup>439</sup>, dia da morte de Luzia, documentos depositados no Arquivo Regional da Madeira, identificámos 48 beneficiários desta herança, entre os quais Teresa Leitão de Barros, que herda “a quantia de vinte mil escudos e a propriedade de todos os seus livros escritos e publicados, a maior bandeja de prata e um tinteiro de latão amarelo”<sup>440</sup>. A Luís Vaz de Carvalho Crespo, filho de Maria Amália Vaz de Carvalho, já falecida na época, deixa “um prego de gravata em forma de galo, com brilhantes e um pequeno rubi”<sup>441</sup>. A Laura de Castro, 10.000\$, um anel rodeado de pérolas (que tinha sido pertença da sua mãe), um par de castiçais de prata antiga e o seu maior tesouro: todas as cartas, papéis e retratos, “podendo-lhes dar o destino que quiser”<sup>442</sup>. A Fernanda de Castro não coube uma herança, mas a possibilidade de juntamente com Teresa Leitão de Barros publicar, no ano a seguir à sua morte, o livro *Dias que já lá vão*, deixado a meio por Luzia.

Outras mulheres das letras também fazem parte deste círculo de influência de Luzia, como veremos mais adiante, muitas fazendo parte do seu grupo de amigas, ou outras que diz admirar ou ler ou cujas obras cita ou sobre as quais emite juízo.

A cumplicidade a que aludimos revela-se para lá da escrita e entra também no campo das relações pessoais e de amizade. O *Diário de Notícias* de 11.12.1945 dá conta que, no seu funeral, Luzia contou com a presença da família e de “outras senhoras que a

---

<sup>438</sup> *Processo de Imposto sobre Sucessões e Doações* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundo da 1.ª Repartição de Finanças do Funchal, n.º 12346, cx. 256, cap. 44.

<sup>439</sup> *Auto de Abertura de Testamento Cerrado de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundos Notariais, Liv. 12047, f. 9-14 v.º.

<sup>440</sup> *Ibidem*.

<sup>441</sup> *Ibidem*.

<sup>442</sup> *Ibidem*.

ela se prenderam pelos laços da amizade”<sup>443</sup> e que a sua urna foi “ladeada por senhoras da intimidade da venerada finada”<sup>444</sup>.

## As letras com rosto de mulher: o estado da arte a partir de Luzia

Através da escrita de Luzia são muitas as escritoras portuguesas e estrangeiras que são dadas a conhecer e cuja produção literária acompanha de perto, o que lhe possibilita aferir o lugar subalterno, e imerecido, da escrita feminina no campo literário português. Com ironia, regista o desprezo do meio lisboeta pela chamada “literatura de mulheres”: “Lisboa desconfia algum tanto da literatura feminina. Já não acha pouco ver-se a braços com as suas numerosas plunitivas”<sup>445</sup>. Contudo, resiste a esta marginalização com gosto declarado: “Longe de desprezá-la tenho por ela uma grande predileção. É a que sinto mais perto de mim”<sup>446</sup>.

Partindo do *corpus* proposto inicialmente, procedemos ao levantamento das referências feitas por Luzia àquelas que a autora chama de *Femmes de Lettres* e que, no contexto deste estudo breve, se trata tanto de escritoras como de *salonières*, dividindo-as pela sua origem, optando por reuni-las em quatro grupos: as de origem Lusófona de Portugal Continental e do Brasil, as da Madeira; as de origem francófona; e as de origem anglófona, conforme o levantamento que consta do APÊNDICE 3.

Sintetizamos o levantamento dessas autoras referidas por Luzia tanto no Diário como nas cartas, enquadrando-as no contexto mais amplo da literatura feminina do período em estudo. Pretende-se analisar de que modo Luzia, leitora voraz e crítica exigente, foi uma apreciadora atenta e incentivadora do trabalho de outras mulheres escritoras, atuando como uma espécie de “agente cultural”, isto para utilizar um termo em voga no séc. XXI, que reconhece, aconselha e legitima as suas contemporâneas e antecessoras.

---

<sup>443</sup> *Diário de Notícias*, 11.12.1945, p. 1.

<sup>444</sup> *Ibidem*.

<sup>445</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 125.

<sup>446</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A., *op. cit.*, p. 191.

Após a análise ao *corpus* proposto conseguimos identificar a referência a dezenas de escritoras, abrangendo autoras portuguesas (continentais e madeirenses), brasileiras, francófonas e anglófonas. Este conjunto expressivo de 73 nomes evidencia o amplo horizonte de leitura de Luzia, bem como o seu empenho em dialogar com uma tradição literária feminina.

Apresentamos um quadro-resumo quantitativo das mulheres referidas por Luzia:

<b>Origem:</b>	<b>Lusófona (Portugal Continental e Brasil)</b>	<b>17</b>
<b>Origem:</b>	<b>Lusófona (Madeira)</b>	<b>2</b>
<b>Origem:</b>	<b>Francófona</b>	<b>49</b>
<b>Origem:</b>	<b>Anglófona</b>	<b>5</b>
<b>Total:</b>		<b>73 mulheres</b>

Quadro 2: Quadro-resumo do levantamento das referências de Luzia a “Femmes de Lettres” (escritoras e saolinières)

### As lusófonas

Entre as 73 escritoras mencionadas por Luzia, um número significativo é de autoras portuguesas, tanto de Portugal Continental quanto da Madeira. Essas referências vão desde figuras pioneiras da geração anterior até talentosas contemporâneas e amigas de Luzia:

- 1. As portuguesas pioneiras:** Um nome incontornável é o de Maria Amália Vaz de Carvalho, cuja importância já foi amplamente abordada. Outra referência importante é Virgínia de Castro e Almeida (1873-1945), escritora e cineasta pioneira. Curiosamente, Luzia mantinha com Virgínia um relacionamento pessoal difícil, “*menos bom*”, de acordo com Paolinelli & Trindade<sup>447</sup> mas nem por isso deixava de reconhecer a sua importância: quando defendeu a inclusão de mais mulheres na revista *Atlântico* (que abordaremos mais à frente neste trabalho), fez questão de citar Virgínia entre as autoras que “*deveriam também ser incluídas*” pelo valor de sua obra. Esse facto ilustra a

<sup>447</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 115.

imparcialidade crítica de Luzia – distinguindo opinião pessoal de mérito literário – e o seu compromisso em legitimar autoras, independentemente de afinidades particulares.

2. **As portuguesas contemporâneas:** Neste capítulo entram outras duas autoras cuja relação de afinidade com Luzia já referimos – Teresa Leitão de Barros e Fernanda de Castro, às quais se juntam Florbela Espanca, Veva de Lima, Maria Archer, Maria Amélia Teixeira, Maria Franco, Raquel Bastos (cujo conto “Um fiozinho da música” é elogiado por Luzia numa carta de 1942<sup>448</sup>, Maria Marques de Carvalho (poetisa e jornalista que tem um livro analisado criticamente por Luzia, que o achou “chocho” (insípido) – uma observação franca registada numa carta para Fernanda de Castro<sup>449</sup>, Virgínia Vitorino, dramaturga e declamadora de renome, Maria Franco, Carlota Serpa Pinto ou Clarinha (a quem Luzia se refere como “embaixatriz da graça”<sup>450</sup> e de quem diz tanto gostar, mas de quem a vida a separou “da Clarinha separou-me... a vida...”, diz a Laura de Castro, em 22.01.1929<sup>451</sup>), entre outras. Este leque variado comprova que Luzia estava atenta tanto às grandes figuras da literatura feminina nacional, quanto às suas pares menos conhecidas, cultivando um conhecimento amplo da produção das mulheres de seu tempo.
3. **As brasileiras:** Dentro das escritoras lusófonas, este estudo também identificou uma do Brasil: Maria Amélia Teixeira, que viveu em Portugal, onde fundou a revista *Portugal Feminino*, em 1930.
4. **As madeirenses:** Encontramos neste levantamento a referência a duas madeirenses – Laura Veridiana de Castro, anteriormente abordada, e Maria Celina Sauvayre da Câmara, que, em 1899, publicou o diário de viagem *De Nápoles a Jerusalém*, pessoa com quem Luzia convive na Madeira e que

---

<sup>448</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 22.

<sup>449</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 30.

<sup>450</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 115.

<sup>451</sup> [Carta n.º 81], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 22.01.1929 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

íntegra a elite aristocrática e cultural madeirense cosmopolita que transita entre a Madeira, a capital portuguesa e as principais capitais europeias.

Ímporta aqui salientar que a postura de Luzia face a essas escritoras nacionais não era de veneração acrítica. Pelo contrário, os seus comentários revelam um olhar crítico apurado: elogia quando considera justo elogiar, mas não hesita em apontar falhas ou fraquezas nas suas obras. Esta franqueza – sempre “por amor da arte”<sup>452</sup>, como ela própria justificava – era, em última análise, outra forma de incentivo, pois denota que Luzia levava a sério o trabalho das companheiras de ofício, dignando-se a avaliá-lo com o mesmo rigor aplicado aos escritores consagrados.

Abrimos aqui um parêntese para salientar que Luzia também criticava a produção escrita de vários homens consagrados, como Manuel Ribeiro, por exemplo, quando, em 1927, se anuncia um seu novo romance, declara:

Desconfio que será como tudo o que tem escrito ultimamente, bonitas descrições e a parte romance uma miséria razoavelmente contada, muito faz ele, muito talento precisa ter, para trabalhar cheio de preocupações e, acima de todas, a de não morrer de fome! Que tortura os livros ganha-pão!<sup>453</sup>

No ano seguinte, Luzia volta a criticar o livro *Planície Heróica* dizendo: “livro embora maçudo, comprido demais e já com coisas grosseiras, de mau gosto, há páginas maravilhosas que, só por si, o tornam um grande, inegavelmente grande escritor”<sup>454</sup>; Aquilino Ribeiro, também não escapa a críticas, quando, em 1931, diz, a propósito do livro *o Homem que matou o diabo*:

tem páginas verdadeiramente assombrosas, mas outras dum massudo que eu nunca levaria a cabo se lesse, em vez de ouvir ler. Além desse defeito o constante *parti pris* antirreligioso, tão exagerado que nenhum mal faz à religião, mas ofende a delicadeza, o bom gosto como tudo o que é grosseiro. Realmente acho pena que Aquilino Ribeiro, com o seu imenso talento – o maior da atualidade em Portugal

---

<sup>452</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 115.

<sup>453</sup> [Carta n.º 56], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 02.09.1927 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>454</sup> [Carta n.º 70], a Laura de Castro, Hameau, Avenida Palace, 28.06.1928 – *idem*.

– não se civilize, não se eduque... É sempre ordinário, malcriado a escrever e, pelo menos a mim, isso tudo estraga<sup>455</sup>.

Ainda na mesma carta, Luzia debruça-se sobre *Novo Mundo, Mundo Novo*, de António Ferro, dizendo: “crónicas brilhantes, brilhantíssimas, impressões da sua viagem à América. (...) António Ferro é um escritor que faz progressos em cada um dos seus livros!”<sup>456</sup>.

Fechado este parêntese, regressamos ao olhar de Luzia sobre a escrita feminina lusófona: relativamente à escrita de autoria feminina de língua portuguesa, seja ela de Portugal ou do Brasil, a escritora atuou de forma ativa como leitora, crítica e promotora das mulheres escritoras, esforçando-se para que as suas vozes ressoassem num universo literário em mudança. Já, relativamente ao que as mulheres de outras latitudes escreviam, Luzia limitou-se a ser apreciadora e promotora: “Para te compensar recomendo-te outro livro de mulher: *Les allongés*, de Jeanne Galzy. Nunca ouviste este nome”<sup>457</sup>.

### As francófonas

A admiração de Luzia pelas autoras francófonas reflete a forte influência da cultura francesa na formação da elite intelectual portuguesa do início do século XX em geral e da de Luzia em particular, que viveu temporadas em França – país que chamava de “*predileto*” – e dominava a língua, o que lhe permitiu absorver obras diretamente da tradição francesa. Das 73 mulheres referidas, 49 são francófonas.

Nos seus escritos, Luzia faz frequentes menções à obra epistolar da Marquesa de Sévigné (1626-1696) e à correspondência de Madame du Déffand (1697-1780). Ambas foram célebres “*femmes de lettres*” francesas, conhecidas pela inteligência e vivacidade das suas cartas no ambiente dos salões dos séculos XVII e XVIII. Ao referir-se a Sévigné e Du Déffand, Luzia situa-se explicitamente numa linhagem de mulheres epistológrafas: as escritoras eram modelos do género epistolar que Luzia tanto prezava, e cujo espírito procurava estimular nas suas próprias missivas e crónicas. De facto, num dos seus livros,

---

<sup>455</sup> [Carta n.º 93], a Laura de Castro, Paris, Hotel West End, 11.10.1931 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>456</sup> *Ibidem*.

<sup>457</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 320.

*Cartas d'uma Vagabunda*, Luzia descreve sua própria vida “como uma longa carta”<sup>458</sup>, sinalizando o quanto as leituras epistolares – francesas e inglesas – moldaram o seu estilo e visão literária.

Luzia mantinha-se atualizada quanto às novidades literárias francesas: registos indicam que recebia livros da Europa regularmente (“os navios levavam e traziam livros de Lisboa para o Funchal, numa troca intensa, alimentando a leitura e a escrita”, notam as organizadoras de sua correspondência<sup>459</sup>). Essa circulação de obras estrangeiras incluía, sem dúvida, títulos franceses.

Em síntese, as referências francófonas na escrita de Luzia revelam dois aspetos complementares da sua *persona* literária: por um lado, a influência formativa das escritoras francesas clássicas de cartas (que inspiraram a sua voz epistolar elegante e irónica); por outro, a sintonia com a literatura francesa moderna, que lhe fornecia novos horizontes temáticos e estilísticos. Essa combinação ajudou Luzia a refinar o seu próprio estilo – muitas vezes apelidada de “Eça de Queirós de saias”<sup>460</sup> pela crítica da época – e reforçou nela a percepção de pertencer a uma constelação transnacional de mulheres de letras.

### As anglófonas

A par da influência francesa, Luzia também manteve contacto com a literatura de expressão inglesa, referindo sobretudo autoras anglófonas cujo universo criativo ressoava com as suas sensibilidades. Em especial, Katherine Mansfield (1888-1923) que ocupava um lugar de destaque no panteão pessoal de Luzia, como vimos anteriormente. As cartas de Luzia revelam que Mansfield era uma das suas “autoras de predileção”, a tal ponto que a autora a tratava intimamente como “a nossa amiga”<sup>461</sup>.

---

<sup>458</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 29.

<sup>459</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 23.

<sup>460</sup> O jornalista, advogado, diplomata e político Augusto de Castro atribui-lhe o cognome de “Eça de Queirós de Saias”, num artigo publicado no Diário de Notícias, de 27.01.1943. Cf. Conde, J. M. (1990). *Luzia, o Eça de Queirós de Saias*. Portalegre: Edição de Autor, p. 64.

<sup>461</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 142.

No âmbito anglófono, Luzia menciona também autores homens de renome – por exemplo, D. H. Lawrence é citado entre as suas leituras favoritas – mas é relevante notar que, quando se trata de *afinidades eletivas*, regressando a Goethe, a figura feminina escolhida como “amiga” é Mansfield, sugerindo assim, que Luzia valorizava especialmente o olhar feminino na literatura em língua inglesa.

De salientar que a literatura americana feminina sua contemporânea não está fortemente representada nas referências feitas por Luzia no *corpus* utilizado. À exceção das Irmãs Brontë – “Ainda a propósito dos livros que me mandou: o que mais me tenta é o da Emily Brontë, eu gosto tanto destas irmãs Brontë, mas conheço sobretudo Charlotte, a autora da deliciosa *Jane Eyre*.”<sup>462</sup> –, não encontramos qualquer referência a, por exemplo, Virginia Woolf (1882-1941). Talvez seja pertinente aqui lembrar que Luísa Grande não era uma mulher assumidamente de ideais progressistas, apesar de incentivar a presença das mulheres nas letras e nas esferas do pensamento, era uma mulher conservadora, que teve muita dificuldade em aceitar o fim da monarquia, amante assumida do séc. XVIII (“o século da minha predileção”<sup>463</sup>) e da *belle époque*, com a sua *toilette* e “as suas maneiras”. Em *Cartas do Campo e da Cidade* confessa: “Eu tenho a alma, e até as sobrancelhas, segundo os moldes do séc. XVIII”<sup>464</sup>.

Tanto na correspondência por nós estudada, como no Diário, Luzia cita frequentemente excertos ou ideias de autores estrangeiros, o que, em nosso entender incorpora à sua constelação literária elementos de universalidade, ampliando o diálogo cultural para além do eixo luso-francófono tradicional em Portugal, apesar desse se encontrar fortemente representado. Isso enriqueceu, em nosso entender, a sua visão crítica e conferiu-lhe argumentos quando advoga, por exemplo, a qualidade literária independentemente do género ou nacionalidade – percepção reforçada pela comparação de obras de origens diversas.

### A sororidade nas letras

Não será exagero afirmar que Luzia é protagonista daquilo a que hoje chamaríamos de “sororidade” nas letras, na medida em que reconhece o valor das suas

<sup>462</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas, p. 81.

<sup>463</sup> Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A., *op. cit.*, p. 257.

<sup>464</sup> Luzia (1923). *Cartas do Campo e da Cidade*. Lisboa: Editora Portugália, p. 32.

pares e cultiva com elas uma solidariedade intelectual efetiva, incentivando-as, aconselhando-as e celebrando os seus sucessos, mas também recebendo de volta incentivo e motivação, tecendo assim uma teia de interajudas e motivação.

Longe de ser um mero gesto de cortesia ou de solidariedade circunstancial, a forma como Luzia escreve sobre e para outras autoras inscreve-se numa lógica de reconhecimento mútuo, de estímulo ativo e de construção de um espaço partilhado entre mulheres criadoras. Podemos considerar que a sua obra, e sobretudo a sua correspondência, constitui um laboratório de crítica literária feminina, como já tivemos oportunidade de atestar a partir do Apêndice 3, onde a admiração, o incentivo e a exigência coexistem em equilíbrio.

Este espírito sororal é especialmente visível na sua relação com figuras como Fernanda de Castro, Teresa Leitão de Barros e Laura Veridiana de Castro, mas vai além deste círculo. A respeito da primeira, Luzia declara ter lido “mil vezes” o poema *Creoula das Antilhas*, considerando-o “único”, com “um sabor original”, representando “tudo o que pode pedir-se ao verso”<sup>465</sup>. À mesma autora, solicita que lhe envie os capítulos do novo livro, interessando-se pelo processo criativo da amiga<sup>466</sup>, e tece elogios à sua prosa, tão rica quanto os seus versos (“A sua prosa não é inferior aos versos, a sua prosa é poesia ainda...”<sup>467</sup>) e à sua dedicação à arte (“trabalha tanto como o marido – vivem só da sua pena”<sup>468</sup>).

Para além da admiração e da crítica, há em Luzia um gesto contínuo de incentivo e validação das suas contemporâneas. No caso de Teresa Leitão de Barros, Luzia não hesita em afirmar: “ninguém escreve português melhor do que ela”<sup>469</sup> destacando a sua ausência inexplicável de uma publicação relevante que adiante abordaremos<sup>470</sup>.

---

<sup>465</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 115.

<sup>466</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C., *op. cit.*, p. 127.

<sup>467</sup> [Carta n.º 52], a Laura de Castro, Lisboa, 12.07.1927 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – *em tratamento para publicação*.

<sup>468</sup> [Carta n.º 62], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 24.11.1927 – *idem*.

<sup>469</sup> Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 116.

<sup>470</sup> *Revista Atlântico*.

Da mesma forma, Luzia tenta mobilizar apoios, no início de 1924, para a publicação de *Querido Tio Gustavo*, de Laura de Castro, através do pseudónimo Maria Francisca Teresa, que vem a ser editado em 1925:

Quando for para Lisboa (...) tornarei a falar ao Correia, se quiseres. Nada mais me disseste a esse respeito. Talvez imaginasses que ele recusou a edição por eu não me ter interessado bastante. Se assim foi enganaste-te e com muita injustiça. Dependesse de mim que o livro já estaria publicado<sup>471</sup>.

Já depois da sua publicação, Luzia insiste em divulgá-lo junto de Teresa Leitão de Barros, que recorrentemente escrevia nos jornais acerca de livros, e de livros escritos por mulheres:

Tereza Leitão de Barros esteve em Paris. Voltou há dias... lá tem *O Querido Tio Gustavo*. Ainda não consegui falar-lhe, para saber as suas impressões. Acabei agora mesmo de telefonar à Fernanda para trazê-la cá amanhã. Veremos se vem<sup>472</sup>.

Entre as autoras que admira destacam-se ainda Virgínia Vitorino sobre a qual diz “a mais bonita poetisa portuguesa, publicou um novo livro de versos: *Renúncia*, em que há dois ou três sonetos, para que não é exagerado o qualificativo de obra-prima<sup>473</sup> e Marta Mesquita da Câmara (1895-1980)<sup>474</sup>, que aprecia, mas que considera excessivamente comovente:

Esta poetisa, cujos primeiros versos apareceram o ano passado, está sendo muito festejada e apreciada pelo público e pela crítica. Eu acho-lhe inspiração, dom de comover, mas para o meu gosto, chora de mais, conta-se de mais...<sup>475</sup>

---

<sup>471</sup> [Carta n.º 1], a Laura de Castro, Pau, Hotel Gassion, 22.01.1924 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em tratamento para publicação.

<sup>472</sup> [Carta n.º 36], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 14.06.1926 – *idem*.

<sup>473</sup> [Carta n.º 27], ao Conde de A., Lisboa, Avenida Palace, 10.03.1926 – *idem*.

<sup>474</sup> Professora, poetisa, jornalista e autora de literatura infantil de origem açoriana que usava o pseudónimo de *Tia Madalena*.

<sup>475</sup> [Carta n.º 32], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 03.05.1926 – *idem*.

Importa sublinhar também que esta rede de incentivo era recíproca. Teresa Leitão de Barros publica um artigo elogioso sobre *Cartas d'uma Vagabunda*, que Luzia comenta com gratidão: “fala de mim como falaria uma amiga compreensiva e indulgente: espécie que, diga-se de passagem, se vai tornando rara...”<sup>476</sup>. Alguém de quem vem a tornar-se grande amiga e que a ajuda na publicação da 3.<sup>a</sup> edição de *Os que se divertem*, colocando-a em contacto com Bernardo Marques<sup>477</sup> que vem a ser o ilustrador desta edição:

eu recebi, longe da música e do rebuliço, a Teresa Leitão de Barros e o Bernardo Marques – A. finalmente não apareceu – Trouxeram-me as primeiras folhas da edição ilustrada de *Os que se divertem*. Que bonita, que artística a achei! Posso dizê-lo sem vaidade, porque nada tenho feito. A Teresa, ajudada por ele, ocupa-se de tudo. Não conhecia o Bernardo Marques<sup>478</sup>.

A publicação de *Cartas d'uma vagabunda* foi um momento festejado por todas: “E todas festejaram, com entusiasmo, Luzia, que teve as honras do chá.”<sup>479</sup>, demonstrando-se aqui o entusiasmo partilhado por esta rede de mulheres.

Também Fernanda de Castro e Laura de Castro desempenham papéis ativos no incremento da carreira de Luzia, ajudando na produção editorial através das suas impressões de leitura, guardando manuscritos e incentivando novos projetos. Em 11.02.1929, Luzia partilha com Laura ideias para um novo romance:

(...) Não sei se lerias a “Carta” que mandei para *O Século*. Considerava-a tão má que não quis juntá-la às da *Vagabunda*. Depois de publicadas estas, reli-a e já me pareceu menos insignificante, guardei-a para fazer parte dum novo livro de cartas e agora, à falta de melhor, desejando ser agradável ao Augusto Gil, dei-a para a página literária de *O Século*. Teve o mais inesperado sucesso! Telefonaram-me, escreveram-me... Fiquei espantada, atordoada,... meia resolvida também a pôr

---

<sup>476</sup> [Carta n.º 31], ao Conde de A., Lisboa, Avenida Palace, 27.04.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>477</sup> Bernardo Loureiro Marques (1898-1962) foi um pintor, ilustrador e artista gráfico português, autor de uma obra vasta e multifacetada que inclui desenho, artes gráficas e decoração. Destacou-se na 2.<sup>a</sup> geração de pintores modernistas portugueses e participou no movimento renovador das artes em Portugal nas primeiras décadas do século XX.

<sup>478</sup> [Carta n.º 83], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 11.02.1929 – *idem*.

<sup>479</sup> [Carta n.º 32], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 03.05.1926 – *idem*.

de parte o meu projeto de novelas e dedicar-me a um novo livro de cartas, que constituem, para mim, o género mais fácil, que melhor faço e, segundo creio, mais agrado... Aproveito sempre as que escrevo sem intenção de publicar, são as melhores pelo seu tom de naturalidade que dificilmente se imita quando se escreve para o público...<sup>480</sup>

Luzia já tinha título para este projeto: *Cartas de há mil anos (idem)* e que reuniria informação contida no seu *Diário*:

só posso ir buscá-las ao meu jornal que tu guardaste, jornal de há mil anos também, onde há comentários, impressões, *compte rendu* de festas madeirenses que talvez ainda interessem e a mim interessar-me-á reconstituí-las. Gosto de sentir nos dedos e na imaginação o pó do passado, o pó que cobre os mortos... É uma maneira de ressuscitá-los, de enganar a saudade... Peço-te pois para me mandares todos os manuscritos que aí deixei e as minhas cartas que tiveres conservado. Diz se aprovas o meu projeto<sup>481</sup>.

Esta reciprocidade reforça a pertinência do uso do termo *sororidade*, entendido aqui na sua aceção feminista: não apenas como solidariedade de género, mas como construção conjunta de um espaço de legitimidade e visibilidade para a autoria feminina.

Luzia não se limita, pois, a admirar as suas congéneres, mas cria com elas um círculo de interdependência literária no qual o valor da escrita feminina é reafirmado por dentro. Daquilo que nos é dado a observar, concluímos que a sua atuação é pedagógica, crítica e emocional e traduz uma consciência rara da importância de cultivar uma genealogia literária de mulheres.

A análise do vasto conjunto de autoras referenciadas por Luzia demonstra que, mais do que uma escritora isolada, ela foi uma catalisadora de outras vozes femininas na literatura. Inserida num tempo de transição, em que as mulheres conquistavam gradualmente espaços de expressão, Luzia serviu de ponte entre o passado e o futuro: tinha um pé na geração anterior (aprendendo com precursoras como Maria Amália Vaz de Carvalho) e outro pé na modernidade (estendendo a mão a jovens autoras e absorvendo

---

<sup>480</sup> [Carta n.º 83], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 11.02.1929 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

<sup>481</sup> *Ibidem*.

influências estrangeiras contemporâneas). Através do seu diário e cartas, Luzia mapeou uma constelação de escritoras que vão das portuguesas, regionais, às celebridades internacionais, provando que a literatura feminina do início do século XX era rica, diversificada e interconectada.

Podemos concluir que o desenvolvimento da escrita feminina em Portugal, no final do século XIX e início do século XX, foi marcada pela existência de redes de colaboração e apoio mútuo entre as escritoras, ou, conforme regista Catarino Cardoso, em 1917, um “movimento feminino intelectual em Portugal”, composto por “muitas poetisas” cujo nome e obra “não careciam de apresentação”<sup>482</sup>.

Ainda que não constituídos formalmente, aquilo a que hoje chamaríamos de “círculos de escrita femininos”, desempenharam, em nosso entender, um papel fundamental no desenvolvimento da produção literária de mulheres como Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro, Laura Veridiana de Castro e Luzia, e de tantas outras com quem conviveram e as que as seguiram, no sentido em que terão representado uma forma invisível de apoio, incentivo e troca de conhecimentos, permitindo que as escritoras desenvolvessem as suas habilidades e explorassem temas relevantes para a sociedade, partilhando os conhecimentos que adquiriam e as relações que travavam que se tornavam de grande utilidade às mulheres que aos poucos se iam afirmando no meio literário.

Não temos como aferir se todas as mulheres escritoras à época já consagradas se comportavam desta forma, mas atendendo ao exemplo de Luzia, é fácil imaginar que sim, que as que seguiam na frente de um caminho de afirmação iam, aos poucos, abrindo caminho para as outras, ou pelo menos mostrando o caminho.

No entanto o que observamos, seguindo o modelo de comportamento de Luzia, é que esta aliança feminina, consciente ou inconscientemente estabelecida entre as escritoras portuguesas, permitiu que elas ultrapassassem as barreiras impostas ao seu género e fortalecesse a sua voz, a sua presença e sua produção literária.

---

<sup>482</sup> Cardoso, N. (1917). *Poetisas portuguesas: prefácio, antologia contendo dados de 106 poetisas*. Lisboa: Livraria Científica, p. XIII.

### 3. A constituição de um “sistema literário feminino”?

Após a análise da produção literária de autoria feminina do início do século XX e das relações estabelecidas entre mulheres escritoras, pretende-se, neste último capítulo, refletir sobre a existência de marcas de expressão feminina na literatura e indagar se, no período em estudo, a escrita das mulheres em Portugal terá assumido contornos suficientes para configurar um “sistema literário”, e, usando como exemplo o caso da revista *Atlântico*, refletiremos sobre os mecanismos de invisibilidade que condicionaram a projeção pública das suas vozes e sobre a sua presença no cânone literário nacional.

#### A consciência da expressão feminina na literatura

Partamos da questão: “existirá uma consciência de expressão feminina na literatura”? De acordo com Maria João Cameira, “a existência ou não de uma escrita com características femininas é um tema que tem sido alvo de discussão entre os críticos literários da poesia portuguesa do século XX”<sup>483</sup>. O *Dictionnaire Universel des Littératures* define, ainda que de forma breve, a literatura feminina como toda uma série de obras escritas por intenção de mulheres e por mulheres para tratar a condição feminina<sup>484</sup>.

---

<sup>483</sup> Cameira, M. J. (2018). A problemática da escrita feminina no século XX: As três poetisas de poesia 61. *Polissema - Revista de Letras do ISCAP*, pp. Vol. 18 – p. 34.

<sup>484</sup> cf. Didier, B. (. (1994). *Dictionnaire Universel des littératures* (Vols. I (A-F)). Paris: Presses Universitaires de France.

Tal como observa Mónica Sant'Anna, o conceito de *écriture féminine* que problematiza a especificidade de “marcas do feminino no discurso e na escrita de mulheres”, desenvolvido pela crítica feminista dos anos 70, do séc. XX é traduzido por:

uma prática alternativa à cultura literária homológica e patriarcal, ou de uma «escrita do avesso» que inverte a tradição e sublinha sempre a obliquidade em que se estrutura a relação que as mulheres mantêm com a linguagem, com a cultura e com o poder dominantes<sup>485</sup>.

Esta dimensão identitária referida pela autora manifesta-se na forma como a experiência feminina se inscreve nos textos, não apenas pela escolha temática, mas também pelo posicionamento crítico face à estrutura social e literária vigente.

Por seu turno, Chatarina Edfeldt alerta para o facto de não encontrarmos “uma categorização dum género literário como masculino, ou um subcapítulo designado por «A autoria masculina»”<sup>486</sup>. A investigadora identifica, no entanto, o rótulo de “autoria feminina”, tal como utilizado pela historiografia literária, como associado a “uma escrita poética marcada por feminilidade e intimidade”<sup>487</sup> que remete para uma esfera privada, mas que também pode “caracterizar uma temática de «algo» de carácter emancipatório”<sup>488</sup>. Ainda que muitas vezes descritas de forma vaga, estas características apontam, no entender da autora, para uma consciência identitária que, mesmo silenciada ou marginalizada, resiste no corpo da obra.

Edfeldt identifica uma “temática feminina”, entendida como uma reflexão sobre questões existenciais, incluindo a problemática de ser mulher numa sociedade patriarcal, marcada por desigualdades, notando que “em alguns dos textos problematiza-se provavelmente a condição de ser mulher escritora”<sup>489</sup>.

---

<sup>485</sup> Sant'Anna, M. (2006). A escrita feminina e as suas implicações: a recorrência ao corpo como signo de identidade. *REEL - Revista Eletrónica de Estudos Literários* (2), p. 1.

<sup>486</sup> Edfeldt, C. (2006). *Uma história na História: Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*. Montijo, p. 113.

<sup>487</sup> Edfeldt, C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>488</sup> Edfeldt, C., *op. cit.*, *idem*.

<sup>489</sup> Edfeldt, C., *op. cit.*, p. 137.

Teresa Leitão de Barros na apresentação do seu livro *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* refere o “desdém dos mestres”<sup>490</sup>, numa alusão à sujeição das mulheres ao poder legitimador atribuído aos “mestres”, que atuavam como verdadeiros guardiões do cânone, rotulando a escrita das mulheres como “literatura feminina”, um termo por eles considerado pejorativo. Esta rotulagem acaba por confirmar a perceção, entre críticos e leitores, de que existe uma diferença reconhecível – e, portanto, identitária – nas formas de expressão literária das mulheres.

Assim, emergem, tanto dos traços internos da obra como das respostas externas, marcas reveladoras de um género autoral. Depois de analisadas as autoras citadas nesta dissertação, podemos inferir que as marcas de identidade presentes na literatura feminina desse período estão vincadas nas temáticas que abordam – amores/desamores/amizades, família, educação, maternidade, dramas psicológicos e a condição da mulher –, nos géneros literários que adotam – romance, diarística, epistolografia, literatura infantil, poesia – e no público-alvo que escolhem – crianças e as próprias mulheres.

No entanto, de acordo com esta perspetiva comumente aceite de que a literatura feminina se centra na subjetividade e intimidade, com uma linguagem mais metafórica e sensorial, o que dizer dos textos escritos por mulheres utilizando pseudónimos masculinos? Estes traços estão patentes nesses textos? Ou essas mulheres procuram mascarar a sua identidade utilizando estratégias de disfarce não apenas através do nome, como também do estilo e temática que empregam na sua escrita?

A adoção de pseudónimos masculinos por escritoras, sobretudo entre o final do século XIX e o início do século XX, constituiu, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, uma estratégia multifacetada de inserção no campo literário. Não se tratava apenas de ocultar o nome real, mas de negociar ativamente com as convenções de estilo e temática associadas à autoria masculina. De acordo com Mihaela Georgiana Manasia, as escritoras vitorianas usavam pseudónimos masculinos não como uma mortalha para esconder a sua identidade, mas como uma armadura estratégica que lhes permitia entrar no campo de batalha literário em pé de igualdade com seus colegas homens, criando

---

<sup>490</sup> Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. I).. Lisboa: [s.n.], p. 19.

personagens que buscavam confinar as mulheres à esfera doméstica<sup>491</sup>. O mesmo se poderá dizer das portuguesas.

No entender de Roberta Matkovic, é possível determinar o género autoral de um texto, bastando para isso um estudo apurado ao contexto da obra. De acordo com a autora, todo o autor escreve sobre experiências pessoais e por meio de uma percepção pessoal. Devido a essa participação emocional e intelectual direta, é inevitável que ele revele a sua verdadeira natureza e a sua posição na sociedade e/ou na família. A autora defende que independentemente da máscara de um pseudónimo – e citando *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare – se chamássemos uma rosa por qualquer outro nome, ela teria o mesmo perfume<sup>492</sup>.

Em concordância com Edfeldt, pode-se interpretar de “maneira ambígua o uso frequente de pseudónimos masculinos e femininos pelas escritoras: não só para se protegerem do desprezo social, como também para aumentar a probabilidade dos seus textos serem levados a sério pelo público”<sup>493</sup>.

Assim, o pseudónimo masculino pode ser lido simultaneamente como máscara e como instrumento de afirmação, oscilando entre a dissimulação identitária e a persistência de marcas autorais no texto. É possível concluirmos então que, ainda que disfarçadas por estratégias de ocultação, subsistem nos textos marcas discursivas e temáticas que permitem reconhecer o género autoral.

Aceitando a hipótese de existência de uma consciência feminina na escrita e partindo do conceito de literatura feminina e das relações estabelecidas entre as mulheres escritoras do início do século passado, será que podemos pensar nesta forma de escrita enquanto um sistema autónomo?

---

<sup>491</sup> cf. Manasia, M. (2023). Disguised defiance: the hidden female voices of Victorian literature. *Research and Science today*, p. 80.

<sup>492</sup> Matkovic, Roberta. (2015). Female Authors under the Mask of a Male Pseudonym - Some Approaches to Revealing Authors' Gender. *European Journal of Language and Literature Studies*, 1(3), p. 72.

<sup>493</sup> Edfeldt, C. (2006). *Uma história na História: Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*. Montijo, p. 48.

## Por um “sistema literário feminino”

Em 2005, no livro *Cruzeiro do Sul, a Norte – Estudos Luso-Brasileiros*, Fernando Cristóvão lança as bases para a concepção da literatura como sistema comunicativo, oferecendo um quadro teórico particularmente útil para compreender fenómenos literários que se desenvolvem de forma autónoma no interior da literatura nacional. No entender deste académico, “aos três elementos básicos da comunicação linguística – emissor, mensagem, receptor – correspondem três elementos essenciais na comunicação estética: autores (emissor), obras literárias (mensagem), leitores (receptor)”<sup>494</sup>.

De acordo com Fernando Cristóvão, este sistema não é abstrato, mas “enraizado numa realidade bem concreta, a de uma Nação”<sup>495</sup>, integrando, para além dos agentes diretos, as estruturas de suporte que asseguram a criação, difusão e preservação das mensagens literárias – escolas, academias, sociedades de escritores, editoras, bibliotecas, arquivos, livrarias e também críticos, professores, investigadores e círculos de leitores. A sua eficácia assenta numa “consciência colectiva de integração no conjunto, um património reconhecido como próprio, uma tradição que é, simultaneamente, repositório e elemento verificador da identidade”<sup>496</sup>.

Partindo desta ideia, Luísa Marinho Antunes [Paolinelli], em 2014, refletindo sobre a literatura madeirense, advoga que, seguindo o modelo de Fernando Cristóvão, esta deve ser entendida “como riqueza, e não dissolvida numa categoria de provincianismo ou falta de qualidade”<sup>497</sup>. A professora universitária descreve a “literatura da/na Madeira” como um “universo literário”, um mosaico de obras e autores que “ocupam em cada sistema posições diferentes, de acordo com o que é valorizado num determinado momento no interior desse sistema”<sup>498</sup>.

---

<sup>494</sup> Cristóvão, F. (2005). *Cruzeiro do Sul, a Norte – Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, p. 23.

<sup>495</sup> Cristóvão, F. (2005), *op. cit.*, *idem*.

<sup>496</sup> Cristóvão, F. (2005), *op. cit.*, p. 24.

<sup>497</sup> Antunes, L. M. (2014). Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira. Em Franco, J. E. & Trindade C., *Que saberes para o séc. XXI?* (pp. 403-412). Lisboa: Esfera do Caos, p. 407.

<sup>498</sup> Antunes, L. M., *op. cit.*, p. 409.

Esta perspetiva, tanto de Fernando Cristóvão, como de Luísa Marinho Antunes [Paolinelli], que reconhece a coexistência de múltiplos sistemas dentro de um sistema literário nacional, permite-nos pensar num exercício semelhante relativamente à hipótese de se considerar também a literatura feminina como um sistema autónomo, com a sua própria rede de emissores, recetores e mensagens, aplicando o mesmo raciocínio de modo a aferir se, no início do séc. XX, poderíamos estar perante aquilo que se poderia chamar de um “sistema literário”.

Se aplicarmos este enquadramento à literatura feminina portuguesa do início do século XX, encontramos um conjunto de características que a qualificam como o sistema literário proposto pelos dois teóricos da literatura. Vejamos: temos um emissor que é representado pelas escritoras – como Luzia, Ana de Castro Osório, Virgínia de Castro e Almeida, Branca de Gonta Colaço, Maria Amália Vaz de Carvalho, Fernanda de Castro, Teresa Barros Leitão, entre outras –; um recetor, constituído por um público leitor maioritariamente feminino, mas não exclusivamente; e uma mensagem repartida por uma diversidade de géneros: romances, contos, poesia, crónicas jornalísticas, textos diarísticos e epistolares. A este núcleo correspondem estruturas de mediação que asseguravam a circulação das obras, como suplementos e páginas femininas de jornais como *O Século* ou o *Diário de Lisboa*, revistas literárias como *Alma Feminina* ou *O Jornal das Senhoras*, entre outros, bem como editoras que, ainda que timidamente, incluíam mulheres nos seus catálogos.

Como vimos no capítulo anterior, os registos epistolares e diarísticos mostram que estas autoras não escreviam isoladamente, mas que integravam redes de leitura, de crítica e de recomendação mútua. Luzia, por exemplo, ao comentar a obra de Virgínia Vitorino diz “a mais bonita poetisa portuguesa, publicou um novo livro de versos: “Renúncia”, em que há dois ou três sonetos, para que não é exagerado o qualificativo de obra-prima”<sup>499</sup>. Este gesto não reconhecia apenas a qualidade literária da companheira de ofício, como também reforçava um código de identificação entre mulheres escritoras e leitoras.

---

<sup>499</sup> [Carta n.º 27], ao Conde de A., Lisboa, Avenida Palace, 10.03.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

Em *Cartas do Campo e da Cidade*, encontramos outro exemplo de como estas escritoras escreviam em jornais, liam-se umas às outras e teciam comentários aos trabalhos das suas pares: “A sua crónica, Clarinha, foi uma deliciosa diversão às notícias sinistras dos jornais”<sup>500</sup>. Neste livro, Luzia apresenta verdadeiras recensões críticas aos trabalhos de Carlota Serpa Pinto. Numa outra passagem, a ideia de que se juntavam para discutir o que escreviam: “discutia-se, ou antes, elogiava-se ardentemente a última crónica de Clarinha sobre o enterro de Sidónio, página mais bela que traçou a pena d’ouro, honra e glória do «Nacional»”<sup>501</sup>.

No caso da literatura feminina, olhando novamente para a do início do séc. XX, verificamos que este “sistema literário” detinha características próprias, com temas recorrentes, como a educação das mulheres, o direito ao trabalho, a denúncia de injustiças legais e sociais, e a valorização da experiência feminina como matéria literária legítima. Muitas vezes, estes temas eram tratados com subtilidade, contornando censuras sociais, mas criando, para o público-alvo, um espaço de reconhecimento mútuo.

Estes mediadores eram, muitas vezes, as próprias autoras, que funcionavam simultaneamente como criadoras, críticas e divulgadoras. Luzia, nas suas crónicas, não só comentava livros como também incentivava a leitura de autoras contemporâneas, reforçando o capital simbólico destas no campo literário.

A produção literária feminina deste período não era esporádica, apresentava continuidade e densidade. As autoras partilhavam temas, estilos e preocupações, mas também divergiam, criando um espaço de debate interno que é sinal de vitalidade sistémica. Verificamos isso numa das cartas de Luzia a Fernanda de Castro que, a propósito de um livro de Marta Mesquita Câmara, revela que, apesar de ver nela a inspiração e o dom de comover, “para o meu gosto, chora de mais, conta-se de mais... É, de princípio ao fim, a história dum amor infeliz, o amor dum mulher feia! Como a Jane Eyre de Charlotte Brontë exagera a sua fealdade, não sei se por *coqueterie* ou... para dramatizar mais o caso...”<sup>502</sup>. Ou como quando Luzia tece recorrentes críticas a Virgínia

---

<sup>500</sup> Luzia (1923). *Cartas do Campo e da Cidade*. Lisboa: Editora Portugália, p. 32.

<sup>501</sup> Luzia, *op. cit.*, p. 80.

<sup>502</sup> [Carta n.º 32], a Laura de Castro, Lisboa, Avenida Palace, 03.05.1926 – *Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001 – em *tratamento para publicação*.

de Castro e Almeida, de quem divergia, mas que era fortemente apoiada por Fernanda de Castro e António Ferro, como se pode ver na correspondência publicada em *Adeus por hoje...*<sup>503</sup>.

Assim, em nosso entender, ao articular a definição de “sistema literário” de Fernando Cristóvão com a proposta de Luísa Marinho Antunes [Paolinelli], conclui-se que a literatura feminina portuguesa do início do século XX reunia todos os elementos necessários para ser reconhecida como um sistema literário autónomo: emissores conscientes da sua função, recetores identificáveis, mensagens com identidade temática, estruturas de suporte, redes de mediação e uma tradição em construção que alimentava o sentimento de pertença.

---

<sup>503</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri.

### 3.1. A busca permanente por um lugar de voz

A participação das mulheres no campo literário português do final do século XIX e início do século XX, como vimos, decorreu num contexto de profundas desigualdades estruturais, em que o acesso à educação, à publicação e ao reconhecimento crítico permanecia condicionado por normas patriarcais. Este cenário implicou que muitas mulheres escritoras desenvolvessem estratégias de afirmação que, como já referimos anteriormente, iam desde a sua integração em redes de sociabilidade literária à publicação em periódicos especializados, procurando construir um espaço de expressão que lhes era sistematicamente negado.

Esta busca permanente por um lugar de voz traduz o esforço contínuo destas escritoras para inscreverem a sua produção no panorama literário nacional, enfrentando o duplo desafio de, por um lado, afirmar a legitimidade da sua obra e, por outro, contrariar a invisibilidade imposta pelo cânone dominante.

#### O caso da revista *Atlântico*

Luzia assumiu-se, desde sempre, como fiel e feroz defensora das mulheres na escrita. Em uma carta a Fernanda de Castro, a partir do Funchal, Quinta Carlos Alberto, datada de 26.06.1942, a escritora, a propósito da Revista Luso-Brasileira *Atlântico*<sup>504</sup>, dirigida por António Ferro, do Secretariado de Propaganda Nacional e marido da escritora Fernandes de Castro, critica o facto de poucas mulheres serem consideradas na área da literatura em Portugal:

E... porquê tão poucas representantes da literatura feminina, quando as há entre nós que valem a pena ser conhecidas?! Nem a Virgínia de Castro, a Teresa, a Virgínia Vitorino, a Maria de Carvalho e a Clarinha – embaixatriz da graça e...?

---

<sup>504</sup> A Revista *Atlântico* foi um periódico que nasceu de um acordo cultural entre Portugal, representado por António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, e Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda. Este periódico foi publicado em Lisboa e no Rio de Janeiro, entre maio de 1942 e 25 de março de 1950. Eça de Queirós foi um dos Diretores da Revista (1950) que teve três séries, num total de 16 números.

Veja se acode ao segundo número que, de resto, entre os homens já conta nomes tão importantes! De mulheres vejo apenas a Raquel Bastos – autora de “Um fiozinho da música”, não é verdade? Acho bem, eu gostei muito do tal “Fiozinho”, mas as outras?! Não me interessam como pessoas, nem todas são minhas amigas, ao contrário, a Fernanda bem sabe; o que digo é por amor da arte, para que o Brasil saiba o que valem, o que podem dar...<sup>505</sup>

Em *Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro*, há um conjunto composto por nove cartas escritas entre 03.01.1942 e 27.02.1944, através das quais Luzia aborda a revista *Atlântico* e onde tece duras críticas à pouca representatividade das mulheres naquela publicação.

Por entendermos que estas observações mereciam ser averiguadas e por considerarmos que, sendo pertença do Estado, esta revista podia representar uma tendência na forma como a escrita de autoria feminina era considerada, pareceu-nos pertinente estudar, ainda que de forma breve, esta publicação.

A revista *Atlântico: Revista Luso-Brasileira*, publicada entre 1942 e 1950 no âmbito de um protocolo diplomático e cultural entre Portugal e o Brasil, pretendia projetar uma imagem idealizada e humanista do português no mundo. A sua direção, partilhada por António Ferro e Lourival Fontes, um, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional e outro, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda dos referidos países, assegurava uma orientação política e ideológica desta revista publicada, simultaneamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro, entre 1942 e 1950, num total de 16 números, divididos em três séries. Foi um periódico vocacionado para levar ao mundo uma visão de um Brasil humanista e o período do colonialismo português, através da publicação de autores literários de língua portuguesa. Luzia, foi colaboradora pontual da revista:

achei duas cartas do Secretário da Redação da *Revista Atlântico* pedindo-me amavelmente para colaborar no primeiro número da dita – como não desejei parecer desagradável e sobretudo... *despeitada*, mandei-lhe, com a possível brevidade, um capítulo do meu próximo livro (...) com franqueza também nenhum empenho sinto em colaborar na tal revista. O que não quero é que me acusem, com aparente razão aliás, de mostrar-me o que me parece não sou. Isto é

---

<sup>505</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 115.

malcriada – Mas gostaria de ler o primeiro número, pois caso ele me agradasse, ficaria assinante<sup>506</sup>.

A escritora participa efetivamente do primeiro número da revista, publicado na primavera de 1942 e, de imediato, denuncia a Fernanda de Castro a ausência de mulheres nas publicações: “Porquê tão poucas representantes da literatura feminina, quando as há entre nós que valem a pena ser conhecidas?”<sup>507</sup> Esta pergunta, lançada à amiga com responsabilidade editorial e mulher de um dos diretores, mostra que Luzia tinha plena consciência do carácter estrutural da exclusão feminina e do seu dever em intervir nesse campo:

Recebi ontem o Atlântico que longe esteve de fazer-me delirar. Tanta gente escreve bem em Portugal... Agostinho de Campos, o Luiz V. de Castro, outros – E as mulheres, excetuando com honrosas exceções – só ali aparecem ilustres desconhecidas. Em vão procurei ainda uma pequena crónica sobre as ruas de Lisboa. O artigo do Júlio Dantas, ainda a Rachel Bastos... que lástima! Lindos versos do Cabral Nascimento e parece-me que... *voilà tout*<sup>508</sup>.

A análise crítica de Luzia, expressa na sua correspondência, denuncia não apenas a invisibilidade das mulheres escritoras, mas também a qualidade desigual dos textos publicados, criticando a “pobreza... Franciscana”<sup>509</sup> de alguns textos e lamentando que, com exceção de alguns autores consagrados, a *Atlântico* se limitasse à publicação de “massudos escritores”<sup>510</sup>.

No entender de Luzia, a presença feminina era pontual, pouco valorizada e, frequentemente, remetida para um espaço periférico no projeto editorial. Esta perceção crítica é amplamente corroborada pelos dados recolhidos no levantamento realizado (APÊNDICE 4): dos 511 textos publicados ao longo das três séries, apenas 73 (14%) são de autoria feminina, face aos 438 (86%) assinados por homens. Mas o desequilíbrio não se limita ao número de colaborações: reflete-se igualmente na tipologia dos textos atribuídos a homens e mulheres.

---

<sup>506</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 111.

<sup>507</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C., *Op. cit.*, p. 115.

<sup>508</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 127.

<sup>509</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C., *Op. cit.*, p. 125.

<sup>510</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C., *Op. cit.*, p. 136.

A revista *Atlântico* estruturava-se editorialmente em torno de dois grandes eixos: por um lado, textos de estudo e artigos de investigação e ensaios – dedicados à história, literatura, cultura, espiritualidade, religião ou filosofia – e, por outro, textos de cariz literário, incluindo poesia e prosa de ficção. A partir deste estudo observámos que a maioria dos textos ensaísticos, de análise ou investigação, são de autoria masculina, assumindo assim uma posição de autoridade discursiva e interpretativa dentro da revista.

As exceções são pontuais:

- **Teresa Leitão de Barros** assina o artigo "*Presença feminina na épica brasileira*" (n.º 4, 1.ª série), um dos raros exemplos assinado por uma mulher; este é o primeiro do género e surge no quarto número da revista.
- **Rosário Fusco**, brasileira, publica o artigo "*O Esforço Intelectual na Criação*" (n.º 6, 1.ª série), de cariz reflexivo.
- **Natércia Freire** surge com dois textos ensaísticos em edições da 2.ª série: "*Duas poetisas brasileiras*" (n.º 4) e "*Alphonsus de Guimarães Filho*" (n.º 7). Na 3.ª série (n.º 2), Natércia Freire volta a contribuir com o artigo "*Poetisas do Brasil*", reforçando o seu papel de mediadora entre a crítica e a criação.

Estas autoras constituem exceções num panorama dominado por nomes masculinos como Fidelino de Figueiredo, Vitorino Nemésio, Hernâni Cidade, Eduardo Portella ou Cabral do Nascimento, entre dezenas de outros, que assinam a maioria dos textos de análise histórica, crítica literária, reflexão filosófica ou intervenção política ou cultural.

Por contraste, as mulheres colaboradoras da revista, que escrevem preferencialmente sobre mulheres, são, na maioria dos casos, remetidas para os géneros considerados menores ou menos racionais do ponto de vista da tradição patriarcal: a poesia e a prosa ficcional. Autoras como Luzia, Fernanda de Castro, Cecília Meireles, Clarisse Lispector, Maria da Graça Azambuja, Dinah Silveira de Queiróz ou Rachel Bastos, entre outras, contribuem sobretudo com poemas, contos ou excertos de romance.

Importa sublinhar que o espaço da poesia na revista não era exclusivo das mulheres, muitos dos grandes nomes masculinos aparecem também nesse registo:

Eugénio de Castro, Carlos Queirós, Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral do Nascimento foram presença regular no campo poético da revista. Todavia, a autoria masculina era diversificada e ocupava todos os géneros e secções, ao passo que a autoria feminina era quase sempre confinada aos domínios da expressão lírica ou narrativa curta.

Assim se compreende a crítica insistente de Luzia ao apagamento de mulheres que, como Teresa Leitão de Barros, “tão bem escreve português”<sup>511</sup>, ou a frustração por ver publicados nomes “ilustres desconhecidas”<sup>512</sup>, em detrimento de autoras com obra e reconhecimento. A recusa em renovar a assinatura da revista é o culminar da decepção de Luzia:

Acabam de dizer-me que a revista *Atlântico* vai continuar a publicar-se. Eu muito gostosamente assinei os quatro números que me tinham anunciado, mas não desejo continuar. Grande favor me fará, querida Fernanda, em prevenir a redação. Desculpe esta maçada, sim?<sup>513</sup>

Estamos em crer que a revista *Atlântico*, num período em que o país estava mergulhado no Estado Novo, não será uma exceção na forma como a escrita de autoria feminina era perçecionada em meados dos anos 40, do séc. XX, se tivermos em conta a forma como as mulheres eram vistas por aquele regime fascista. Este contexto representou para as mulheres das letras um desafio acrescido na sua busca por um lugar de voz.

---

<sup>511</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 114.

<sup>512</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C., *Op. cit.*, p. 127.

<sup>513</sup> Paolinelli A. & Trindade, A. C. (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri, p. 151.

### 3.2. Para uma maior presença das mulheres

Nos capítulos anteriores observámos que é sobretudo a partir das primeiras décadas do séc. XX que a escrita de autoria feminina começa a ganhar um espaço de maior visibilidade. No entanto, no entender de Paula Morais Cunha, “as principais narrativas históricas literárias não dão destaque a essa produção, chegando mesmo a suprimir obras críticas contemporâneas que antologiam as obras de escritoras das primeiras décadas do século XX em Portugal”<sup>514</sup>. A autora nota que o mesmo pode ser observado relativamente às escritoras dos anos 30 e 40<sup>515</sup>, indiciando uma fraca presença das mulheres no cânone literário português.

#### As mulheres no cânone literário português

A presença das mulheres no cânone literário português constitui um dos debates mais persistentes e complexos da crítica contemporânea, cruzando-se com questões de representatividade, poder simbólico e legitimação cultural. No entanto, importa aqui referir que a temática do cânone literário português a abordar nesta dissertação está circunscrita ao período em estudo.

Durante séculos, a historiografia literária nacional privilegiou uma narrativa centrada em autores masculinos, relegando as escritoras para lugares periféricos. Importa não esquecer que a canonização literária, enquanto processo de consagração de determinados nomes e obras, não se limita a refletir a qualidade estética ou a relevância histórica, mas resulta também de mecanismos institucionais e ideológicos que condicionam a visibilidade das autoras. Filipa Lowndes Vicente sustenta que:

Durante tantos séculos, a cultura vigente implicou a representação do feminino enquanto ausência, *tabula rasa*, vazio, negação ou silêncio: o modelo da pena/pênis que escreve sobre a folha virgem participa numa longa tradição que

---

<sup>514</sup> Cunha, P. (2015). *Novas Cartas Portuguesas: o gênero epistolar e a releitura do cânone literário português*, p. 15.

<sup>515</sup> cf. Cunha, P., *op. cit.*, *idem*.

identifica o autor como masculino, que é primário, e o feminino como sendo a sua criação passiva<sup>516</sup>.

Paula Morais Cunha, por seu turno, nos seus estudos sobre o cânone literário português, infere que “em Portugal, está por escrever uma história da literatura que conceda espaço à emergência da autoria feminina e apresente uma reflexão epistemológica que acolha a legitimação canônica das autoras”<sup>517</sup>.

No entender da investigadora, “a história da autoria feminina em Portugal regista uma evolução descontínua e fragmentária, com lacunas que resultam, em grande medida, da marginalização que as escritoras sofreram nos registos oficiais de consagração literária”<sup>518</sup>, devido sobretudo ao facto de a literatura portuguesa ter sido dominada por homens, “ao ponto de alguns dos textos paradigmáticos da literatura nacional assinalarem justamente essa ausência, plasmando vozes e discursos femininos sem um correspondente de mulher historicamente possível”<sup>519</sup>, na medida em que, no entender da investigadora, “o cânone literário português ainda se presta a projetos revisionistas de resgate de autoras que a memória cultural apagou”<sup>520</sup>.

Biguelini por seu turno, aponta que “a autoria feminina era considerada inferior quando comparada com a produção masculina. Logo, poucas mulheres tiveram sua obra aceite pelo cânone literário português”, excetuando-se aqui, segundo a investigadora, “as poesias da marquesa de Alorna e da viscondessa de Balsemão”. Biguelini coloca, a propósito do cânone, questões sobre as quais importa pensar:

teriam estes textos sido aceitos pelo público (e pelo cânone) português se tivessem sido assinados por mãos menos famosas? Ou se tivessem aparecido em periódicos femininos com assinaturas anónimas? Ou ainda, se fossem de autoria de mulheres de outras classes da sociedade portuguesa?<sup>521</sup>

---

<sup>516</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L. (2015). Fora dos cânones: artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX. *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, 33, p. 19.

<sup>517</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L., *op. cit.*, p. 29.

<sup>518</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L., *op. cit.*, pp. 40-41.

<sup>519</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L., *op. cit.*, *idem*.

<sup>520</sup> Vicente, A., & Vicente, F. L., *op. cit.*, *idem*.

<sup>521</sup> Biguelini, E. E. (2017), *op. cit.*, *idem*.

Mas Biguelini vai mais além: “teria o romance de Teresa de Mello Breyner sido ganhador na Academia de Ciências se tivesse como assinatura ‘por sua authora’ ou ‘por huma senhora’?”<sup>522</sup>.

Vanda Anastácio assinala que “quando pegamos nas Histórias da Literatura Portuguesa e nos apercebemos da escassez de referências a autoras anteriores ao século XX, a pergunta que nos ocorre é esta: onde estão as mulheres?”<sup>523</sup>. A autora refere que “a ausência das mulheres é notória em obras consideradas “fundadoras”, como o *Bosquejo de Literatura Portuguesa* de Almeida Garrett (1826) – que não refere nenhuma escritora – e nos três volumes *da Recapitulação da História da Literatura Portuguesa*, de Teófilo Braga – publicados entre 1909 e 1918, onde se mencionam (de passagem) três –, e continua nas narrativas historiográficas posteriores e nos manuais destinados às escolas, no qual o número de autoras mencionadas oscila entre os 3% e os 5%”<sup>524</sup> demonstrando, no quadro que aqui reproduzimos a sua afirmação:

AUTOR	TÍTULO	DATA	HOMENS	MULHERES
BOUTERWECK	Geschichte von spanisch und portugiesisch Literatur	1805	85	3
Almeida GARRETT	Bosquejo de Literatura Portuguesa	1826	58	0
Ferdinand DENIS	La littérature du midi de l'Europe	1826	143	9
F. Freire de CARVALHO	Primeiro Ensaio de História da Literatura Portuguesa	1845	39	5
J. M. COSTA E SILVA	Dicionário Biográfico-crítico dos melhores poetas portugueses	1851	95	5
Teófilo BRAGA	História da Literatura Portuguesa (recapitulação)	1909-18	155	3
Aubrey BELL	Literatura Portuguesa. História e Crítica	1921	267	7
Fidelino de FIGUEIREDO	História Literária de Portugal (secs. XII-XX)	1944	513	11

Quadro 3 - Anastácio, 2022, p. 13

<sup>522</sup> Biguelini, E. E. (2017), *op. cit., idem*.

<sup>523</sup> Anastácio, V. (2022). Onde estão as mulheres? Um percurso didático pela história da literatura portuguesa. *Convergência Lusitana*, p. 13.

<sup>524</sup> Anastácio, V., *op. cit., idem*.

A este propósito, Anna M. Klobucka insiste na “observação preliminar de que a admissão das mulheres portuguesas à cultura letrada e o eventual extravasamento dos efeitos desta admissão no exercício da produção intelectual, incluindo a autoria literária, foram muitas vezes, ao longo dos séculos, tema explícito de deliberações e debates protagonizados maioritariamente por homens portugueses”<sup>525</sup>, o que por si só poderá justificar a exclusão de que foram alvo.

No entender de Klobucka, “o cânone da literatura portuguesa é composto exclusivamente por autores de sexo masculino até meados do século XX, abrindo-se eventuais e questionáveis exceções a esta regra para algumas freiras-poetisas barrocas, principalmente Violante do Céu, para a Marquesa de Alorna e, já no século XX, para Florbela Espanca e Irene Lisboa, todas elas canonizáveis, até certo ponto, mas (por enquanto) sem hipótese de inclusão inequivocamente consensual no panteão histórico-literário português”<sup>526</sup>.

Assim, no entender da autora, as variadas tentativas de estabelecimento de um cânone literário nacional “demonstram com uma eficácia muito persuasiva que seria, no mínimo, lamentavelmente empobrecedor para o futuro do cânone literário português não refletir um reconhecimento amplo e aprofundado das riquezas ocultas que o seu passado desconheceu”<sup>527</sup>.

Vanda Anastácio encontra as causas para o facto de o cânone literário português do séc. XIX ser masculino: a explosão da imprensa periódica e a redução do custo do livro impresso, conjugados com o contexto social em que as mulheres se encontravam no domínio da esfera doméstica e do espaço privado, “essa associação contribuiu para a exclusão das mulheres da publicação e da narrativa da História Literária, pensada para o ensino e para a formação de cidadãos com direitos jurídicos e políticos, ou seja, dos rapazes”<sup>528</sup>. Assim, no entender da autora, “os autores acolhidos no cânone literário são homens, originários dos grupos sociais mais próximos do campo do poder”<sup>529</sup>, deixando assim de haver lugar para as mulheres “na narrativa das grandezas cívicas da Nação”<sup>530</sup>

---

<sup>525</sup> Klobucka, A. (s.d.). O cânone literário português e as mulheres, p. 2.

<sup>526</sup> Klobucka, A. (s.d.). O cânone literário português e as mulheres, p. 165.

<sup>527</sup> Klobucka, A. (s.d.), *op. cit.*, p. 166.

<sup>528</sup> Anastácio, V. (2022). Onde estão as mulheres? Um percurso didático pela história da literatura portuguesa. *Convergência Lusíada*, pp. 32-33.

<sup>529</sup> Anastácio, V., *op. cit.*, p. 33.

<sup>530</sup> Anastácio, V., *op. cit.*, *idem*.

De acordo com Paula Cunha, “não se pode simplesmente escamotear uma tradição literária feminina, apresentando-a como nula ou inexistente até um período tão avançado da história literária portuguesa, sem pesquisar e estabelecer aquilo que, para dizer numa linguagem orteguiana, precedeu à fase das conquistas e que Klobucka define como a fase «heroica» da autoria feminina em Portugal”<sup>531</sup>.

Klobucka questiona qual será, no entanto, a importância de um “eventual esforço de reconstrução dos cânones institucionalizados da literatura portuguesa”<sup>532</sup> no sentido de “tornar, visível o que o discurso histórico-literário dominante teimou sempre e ainda teima em ocultar a existência secular da produção literária e cultural protagonizada por mulheres e o entrosamento instrumental desta produção com o cânone nacional dito universal, isto é, o cânone da autoria masculina”<sup>533</sup>.

No entender de Annabela Rita, no seu livro *Luz e Sombra do Cânone Literário*, “a comparação e a visão mais adequada do Cânone/dos Cânones não é uma esfera concluída, imóvel, monolítica, rigidamente contraposta a outras esferas igualmente monádicas, mas um conjunto sistemático de múltiplas relações”<sup>534</sup>. Ainda no entender desta académica:

Só pensando-o/os segundo uma mesma complexidade e plurivalência de sistemas e subsistemas em relacionamento dinâmico entre si, é, de facto, possível compreender plenamente a realidade literária (“multicêntrica”, como observa oportunamente Annabela Rita) do Cânone ou dos Cânones: construção, substituição e eventual reintegração de valores que o nosso olhar vai captando...<sup>535</sup>

Assim, a autora propõe que “ninguém pode excluir por experiência que o que no passado foi menos considerado durante séculos possa ser reavaliado e muito mais revisitado no futuro”<sup>536</sup>, considerando a importância de uma revisão sistémica do cânone.

---

<sup>531</sup> Cunha, P. (2015). *Novas Cartas Portuguesas: o gênero epistolar e a releitura do cânone literário português*, p. 26.

<sup>532</sup> Klobucka, A. (s.d.), *op. cit., idem.*

<sup>533</sup> Klobucka, A. (s.d.), *op. cit., idem.*

<sup>534</sup> Rita, A. (2014). *Luz e Sombra do Cânone Literário*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, p. 14.

<sup>535</sup> Rita, A., *op. cit., idem.*

<sup>536</sup> Rita, A., *op. cit., idem.*

Klobucka, por seu turno, considera “empobrecedor para o futuro do cânone literário português não refletir um reconhecimento amplo e aprofundado das riquezas ocultas que o seu passado desconheceu”<sup>537</sup>.

Em nosso entender, é essencial que quando se pensa numa maior presença das mulheres se coloque como hipótese uma revisão do cânone literário. Vimos que no início do séc. XX, a presença das mulheres na literatura era já uma realidade muitas vezes escondida por estratégias de invisibilidade. O que faltou foi que a sua presença fosse refletida em igualdade de circunstâncias com a dos homens. Consideramos inexplicável a ausência de nomes como Maria Amália Vaz de Carvalho, Ana de Castro Osório, Luzia, Fernanda de Castro, Clarinha ou Maria Pusich, entre tantas outras dignas de canonização. Só assim o cânone nacional português poderia cumprir a sua função de testemunho crítico da memória literária nacional, refletindo de forma mais justa e abrangente as múltiplas identidades que o compõem.

A investigação conduzida ao longo deste capítulo demonstra que, no final do séc. XIX, início do séc. XX, a produção literária de autoria feminina em Portugal apresentava já uma densidade temática, uma rede de sociabilidade e um conjunto de estruturas de mediação suficientes para sustentar a sua inclusão plena na narrativa literária nacional enquanto subsistema autónomo. Contudo, como evidenciam os casos analisados quer da invisibilidade das escritoras nas publicações de referência, como a *Atlântico*, quer da sua sub-representação sistemática nas histórias da literatura, essa presença foi condicionada por mecanismos de exclusão alicerçados em tradições patriarcais, tanto no plano social como no crítico-institucional.

O cânone literário português foi, durante largos períodos, uma construção quase exclusivamente masculina, legitimada por instâncias de consagração que relegaram as mulheres para a margem. Reconhecer que para a literatura feminina muito contribuiu um sistema literário também feminino e proceder a uma revisão do cânone, incorporando mulheres escritoras em quantidade condizente com a sua produção devia ser uma exigência crítica para que a história literária portuguesa possa refletir, de forma justa e plural, a riqueza e a multiplicidade das vozes que a compõem.

---

<sup>537</sup> Klobucka, A. (s.d.). O cânone literário português e as mulheres, p. 171.

## Conclusão

Ao longo da sua obra epistolar e diarística, Luzia constrói um espaço literário povoado por mulheres – escritoras, amigas, mestres e confidentes – que interagem numa rede que ultrapassa a mera afinidade pessoal para se tornar também uma rede de suporte de um ofício das letras no feminino. Esta constelação de mulheres lê-se mutuamente, comenta, critica e divulga a obra umas das outras, funcionando como um núcleo de circulação de ideias, de textos e de legitimação recíproca. Não se trata apenas de um conjunto de relações informais, mas de uma dinâmica com objetivos evidentes: afirmar e consolidar a presença da voz feminina num campo literário dominado por homens.

O modo como Luzia escreve sobre e para estas mulheres revela uma prática consciente e insistente de sororidade nas letras, entendida não como mera retórica de género, mas como um gesto contínuo do reconhecimento mútuo, incentivo e resistência à exclusão feminina do cânone literário.

A partir do mapeamento das autoras referidas por Luzia, torna-se para nós evidente que ela não era uma simples espetadora da produção alheia, mas sim uma agente cultural ativa no ecossistema literário do seu tempo, ainda que esses conceitos não estivessem desenvolvidos na sua época. A sua atuação manifestou-se de múltiplas formas complementares – reconhecer, comentar, aconselhar, legitimar – que, em conjunto, ajudaram a tecer uma rede de solidariedade e de valorização mútua entre mulheres das letras. Não será, portanto, difícil visualizar Luzia como o centro de uma constelação literária feminina, na qual cada estrela (autora) brilha com luz própria, mas também reflete o brilho das outras.

Luzia foi, em nosso entender, uma agente cultural ativa, interessada em construir um espaço de visibilidade para as suas companheiras de ofício, uma espécie de “curadora” e “crítica” das obras das suas contemporâneas. Como vimos, a escritora lia atentamente livros escritos por mulheres de diferentes origens e não hesitava em emitir juízos sinceros. Essa crítica – fosse positiva, como no caso do entusiasmo por Fernanda de Castro ou por Clarinha, ou fosse negativa, como a opinião desfavorável sobre o livro de Maria de Carvalho, ou nas apreciações que fez a Virgínia de Castro Almeida a quem chamava de

“D. Redonda”, numa alusão aos seus livros *História de Dona Redonda e de sua gente* e *Aventuras de Dona Redonda* – tinha a função construtiva de discutir a qualidade literária de obras femininas com a mesma seriedade dedicada às dos homens.

Luzia atuou como mentora e incentivadora direta de escritoras, fossem elas emergentes ou não. O caso exemplar é o de Fernanda de Castro, mas também de Laura de Castro ou Teresa Leitão de Barros, que beneficiaram dos conselhos, incentivos e amizade, e que lhe devolveram os conselhos, incentivos e amizade. Luzia insistia para que escrevessem, revia os seus textos e até cobrava produtividade – funções típicas de uma “editora informal” ou madrinha literária, mas também dava a sua produção a ler.

Outro aspeto que detetámos na relação de Luzia com outras escritoras foi a mediação cultural, usando outro termo dos nossos dias, que protagonizou uma vez que era dotada de uma vasta rede de contactos – que incluía não apenas mulheres, mas também homens influentes como o escritor e político António Ferro. Luzia recomendava escritoras para revistas e ela própria parece ter planeado publicar a correspondência que mantinha com algumas delas, consciente do valor documental desse registo. Por exemplo, a escritora deixou organizadas mais de 300 páginas de cartas, num total de quase 100, sob o título “Correspondência”, enviadas a Laura de Castro, ao Conde de Aurora e a Manuel Ribeiro, intencionando possivelmente publicá-las, como a página com o título “Correspondência” indica, o que nos leva a crer que Luzia queria tornar pública a rede privada de afinidades literárias, talvez como forma de afirmar perante a posteridade a existência dessa constelação de escritoras interligadas.

Por fim, Luzia desempenhou também o papel de guardião da memória literária feminina e fez das suas amigas mais próximas também guardiãs. No seu testamento, ao invés de confiar os seus escritos e arquivos a familiares, legou-os a Laura de Castro Soares e a Teresa Leitão de Barros. Essa escolha deliberada por mulheres das letras para conservarem o seu legado representa um gesto simbólico: Luzia entregou às suas pares a continuidade da sua voz e das histórias que juntas vivenciaram. E, de facto, tanto Laura quanto Teresa honraram esse encargo – Teresa, juntamente com Fernanda, publicou a obra inacabada de Luzia, garantindo que a sua última palavra literária visse a luz do dia. Assim, observamos que esta constelação não se desfez com a morte de Luzia. As demais integrantes asseguraram que o seu brilho perdurasse, mantendo vivo o diálogo entre gerações.

Salientamos a relevância do material apresentado nos apêndices desta dissertação. Longe de constituírem mera documentação complementar, os apêndices fornecem dados concretos sobre a rede de escritoras com quem Luzia manteve contacto, as publicações onde colaboraram e as opiniões que partilhou. Estes elementos documentais sustentam empiricamente a análise aqui desenvolvida e reforçam a ideia de uma constelação de escritoras que se relacionavam entre si.

A temáticas da “saudade” e da “solidão”, recorrentes na escrita de Luzia e analisadas no segundo capítulo, complementadas pelo Apêndice 2, funcionam como eixos estruturantes da identidade literária e pessoal da escritora, ao mesmo tempo que dialogam com modelos estrangeiros, como a Condessa de Noailles ou Katherine Mansfield. A leitura destas autoras, a sua apropriação e reinterpretação, demonstram como Luzia se inscreve numa tradição europeia mais ampla, mas adaptada à experiência portuguesa e madeirense. Assim, a “saudade” e a “solidão” em Luzia não são apenas sentimentos individuais: constituem categorias estéticas e existenciais que a aproximam de outras escritoras e que permitem pensar a sua obra num contexto transnacional.

Importa também realçar a importância da imprensa periódica, que, no período em análise, se tornou um espaço privilegiado de maior produção feminina e de afirmação pública de muitas autoras. Como se demonstrou, as revistas e jornais funcionaram como canais de circulação e como palco de uma progressiva afirmação feminina, ainda que muitas vezes velada por pseudónimos ou estratégias de disfarce. A presença das mulheres nos periódicos não apenas democratizou o acesso à escrita, como também lhes permitiu intervir nos debates sociais e literários do seu tempo, conquistando gradualmente visibilidade e legitimidade.

A partir deste estudo, torna-se evidente que, de acordo com a proposta teórica de Fernando Cristóvão e Luísa Marinho Antunes [Paolinelli] sobre a literatura enquanto sistema comunicativo, podemos reconhecer a existência, no final do século XIX e sobretudo no início do século XX, de um verdadeiro “sistema literário feminino”. Este sistema, embora não institucionalizado, apresenta todos os elementos essenciais: um emissor – um conjunto de escritoras que produzem literatura com marcas identitárias próprias; um receptor – um público leitor, maioritariamente feminino, mas também masculino, que se reconhece e se interessa por essa produção; uma produção literária com características próprias – em que coexistem traços estilísticos, temáticos e perspectivas associadas à experiência de género; canais de circulação – cartas, diários, salões literários,

revistas e editoras que dão visibilidade às autoras; e uma função social – a busca incessante por um lugar de voz no panorama cultural e no debate público.

A “constelação literária feminina” a que aludimos não é, pois, uma mera metáfora: através das suas cartas e registos no seu diário, Luzia efetivamente teceu uma rede de relações literárias que conferiu às escritoras maior visibilidade e sentido de pertencimento a uma tradição coletiva cuja existência podia e devia ser mais considerada e valorizada pelo cânone literário nacional.

## Bibliografia

### Corpus

- Luzia (1923). *Cartas do Campo e da Cidade*. Lisboa: Editora Portugália.
- Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos – PT/ABM/FPS-LUZ/001- em tratamento para publicação.
- Paolinelli, L. A., & Trindade, A. C. (2023). *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um Jornal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- \_\_\_\_\_ (2024). *Adeus por hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*. Lisboa: Edições Colibri.
- Trindade, A. C., & Paolinelli, L. A. (2025). *Cartas d'uma Vagabunda*. Edições Esgotadas.

### Obras de Apoio

- Almeida, V. d. (1913). *A Mulher*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Altman, J. (1982). *Epistolarity: Approaches to a form*. Columbus, OH: Ohio State University Press.
- Antunes, L. M. (2014). Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira. Em Franco, J. E. & Trindade C., *Que saberes para o séc. XXI?* (pp. 403-412). Lisboa: Esfera do Caos.
- Barreira, C. G. (1991). *Universos Femininos em Portugal: Retrato da Burguesia em Lisboa (1890-1930)*. Lisboa.
- Barreiro Bráz, J. M. (2011). “1890-1910: A eficácia republicana e o Ultimatum - aparentes sucessos e fracassos”. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Do Ultimato à República: Variações Literárias e Culturais* (pp. 225-239). Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Barthes, R. (2002). *Alain Girard: Le Journal Intime, Oeuvres Complètes, tome 2*. Paris: Seuil.
- Brah, A. (1996). *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. Londres: Psychology Press.

- Caetano, J. (2011). "O lugar da República, em Portugal, entre o séc. XIX e o séc. XXI". Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Do Ultimato à República: Variações Literárias e Culturais* (pp. 201-223). Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Calderón, E. (1996). *Dicionário de términos literários*. Madrid: Alianza Editorial.
- Cardoso, N. (1917). *Poetisas portuguesas: prefácio, antologia contendo dados de 106 poetisas*. Lisboa: Livraria Científica.
- Carvalho, M. V. (1911). *Cartas a uma noiva*. Lisboa: Editores Santos & Silveira.
- Castilho, J. (1956). *Lisboa Antiga: O Bairro Alto*. 3.<sup>a</sup> Edição, Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas C.M.L.
- Castro, F. (1986). *Ao fim da memória: memórias I (1906-1939)*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Clode, L. (1983). *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal.
- Coelho, J. (1990). *Dicionário de Literatura* (Vol. 1.º vol.). (4. Edição, Ed.) Figueirinhas.
- Conde, J. M. (1990). *Luzia, o Eça de Queirós de Saias*. Portalegre: Edição de Autor.
- Costa, A. C. (2025). *A Corte das Mulheres*. Quetzal.
- Cristóvão, F. (2005). *Cruzeiro do Sul, a Norte – Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda
- Didier, B. (. (1994). *Dictionnaire Universel des littératures* (Vols. I (A-F)). Paris: Presses Universitaires de France.
- Edfeldt, C. (2006). *Uma história na História: Representações da autoria feminina na História da Literatura Portuguesa do século XX*. Montijo.
- Emonts, A. (2001). *Onde há Galo não Canta Galinha: Discursos Femininos, Feministas e Transgressivos nos Anos Vinte em Portugal. O caso do suplemento literário e ilustrado de A Batalha (1923-1927)*. Organizações Não Governamentais do Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Emonts, A. (2008). Cartas do Campo e da Cidade: Luzia no seu jogo de identidades. *IX Congresso AIL: Lusofonia e Reciprocidades* (pp. 207-213). Funchal: Edições Afrontamento.
- Esteves, J. (2005). "Grupo das Treze", *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, Livros Horizonte.
- Guinote, P. (1997). *Quotidianos femininos (1900-1933), Vol. I*. Lisboa.

- Homem, A. C. (2011). “Linhas de Clivagem do Ultimato Inglês”. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Variações Literárias e Culturais* (pp. 11-17). Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Horta, M. T. (2009). *Poemas do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- Klobucka, A. (2020). Cântone 2. Em A. Feijó, J. Figueiredo, & M. Tamen, *O Cântone* (pp. 165-171). Lisboa: Edições Tinta da China.
- Kristeva, J. (1994). *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Leitão de Barros, T. (1924 (a)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. I).. Lisboa: [s.n.].
- \_\_\_\_\_ (1924 (b)). *Escritoras de Portugal: Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa* (Vol. II). Lisboa: [s.n.].
- Lopes, A. C. (2005 (a)). *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de modernidade*. Quimera.
- Macedo, L. A. (2013). *Da voz à pluma: escritoras e património documental de autoria feminina Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde, Guia Biobibliográfico*. Ribeira Brava: Amazon.
- Mariano, F. (outubro de 2022). *Às urnas: a reivindicação do voto feminino na Península Ibérica (1821-1934)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Mónica, M. (1978). *Educação e sociedade no Portugal de Salazar (A Escola Primária Salazarista 1926-1939)*. Lisboa: Editorial Presença.
- Neves, C. (2017). *O Reino Encantado de Luzia A crónica da vivência e a eterna busca do “Eu*. Lisboa: Clepul.
- Osório, A. d. (1905). *Às Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Livraria Editora Viúva Tavares Cardoso.
- Paolinelli, L. A. (2022). “A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita”. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas.
- \_\_\_\_\_ (2024). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates.
- \_\_\_\_\_ L. A. (2024). Na balança da Europa. Em J. E. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 381-390). Lisboa: Temas e Debates.
- Rita, A. (2014). *Luz e Sombra do Cânone Literário*. Lisboa: Esfera do Caos Editores.

- Sage, L. (2001). *Moments of Truth: Twelve Twentieth-Century Women Writers*. Londres: Fourth Estate.
- Serrão, J. V. (1988). *História de Portugal, Vol X: A queda da Monarquia (1890-1910)*. Editorial Verbo.
- Silva, M. T. (1982). *Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do séc. XX*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Silveira, O. M. (1906). *Problema Feminista*. Lisboa.
- Smith, S. (1993). *Subjectivity, Identity, and the Body: Women's Autobiographical Practices in the Twentieth Century*. Bloomington: Indiana University Press.
- Trindade, C., & Paolinelli, L. (2025). *Almas e Terras por onde eu passei*. Edições Esgotadas.
- Vicente, F. (2012). *A arte sem história: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX)*. Lisboa: Babel.

### **Bibliografia Digital**

- Abrantes, E. S. (2017). A instrução feminina como dote moderno: estudo comparado entre Brasil e Portugal na virada do século XIX. *XXXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia*. [Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502844691\\_ARQUIVO\\_TrabalhocompletoBethAnpuh2017.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502844691_ARQUIVO_TrabalhocompletoBethAnpuh2017.pdf), consultado em 20.12.2024, às 12:07 ].
- Allegro, Á. L. (2004). *Mansfield e Lispector: Diálogos (des)concertantes*. [Tese de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de São Paulo] Disponível em [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04012023-114918/publico/2004\\_AlziraLeiteVieiraAllegro.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04012023-114918/publico/2004_AlziraLeiteVieiraAllegro.pdf), consultado em 25.7.2025, às 11:57].
- Almeida, J. S., & Boschetti, V. R. (2018). A Educação feminina e propostas coeducativas (séculos XIX/XX): A Igreja Católica como mediadora educacional. *Revista História de la Educación Latinoamericana*, vol. 20, n.º 31, pp. 143-163 [Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6797236.pdf>, DOI: 10.19053/01227238.8700, consultado em 15.12.2024, às 14:02].
- Alves, F. d., & Lousada, I. (2020). A luta pela emancipação feminina através da imprensa: dois breves estudos de caso. *Cadernos Literários [v. 27, n.º 1]*, pp. 20-28 [Disponível em

[https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/29274182/12187\\_Texto\\_do\\_artigo\\_37167\\_1\\_10\\_20201005.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/29274182/12187_Texto_do_artigo_37167_1_10_20201005.pdf), consultado em 16.01.2025, às 12:04].

Anastácio, V. (2022). Onde estão as mulheres? Um percurso didático pela história da literatura portuguesa. *Convergência Lusíada*, pp. 12-38. [Disponível em <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/513>, doi:<http://doi.org/10.37508/rcl.2022.n48a513>, consultado em 20.07.2025, às 17:02].

Andrade, G. (2012). A Natureza como Símbolo do Nascisismo Noailiano [Disponível de <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/fbffcda2-86e2-4831-9ef2-96cefa69c045/download>, consultado em 29.07.2025, às 17:00].

\_\_\_\_\_ (2018). Estética impressionista na obra de Noailles [Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26496>, consultado em 29.07.2025, às 17:27].

Andrade, M. d. (2011). Um salão oitocentista. *Cultura*, vol. 28, pp. 203-16 [Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/265>, consultado em 26.02.2025, às 15:23].

Araújo, H. C. (1990). As mulheres professoras e o ensino estatal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, pp. 81-103. [Disponível em: [https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/029/Helena\\_C.Araujo\\_pp.81-103.pdf](https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/029/Helena_C.Araujo_pp.81-103.pdf), consultado em 08.06.2025, às 12:05]

Barreiro Bráz, J. M. (2011). 1890-1910: A eficácia republicana e o Ultimatum - aparentes sucessos e fracassos. Em A. Rita, & D. Vila Maior, *Do Ultimato à República: Variações Literárias e Culturais* (pp. 225-239). Lisboa: Esfera do Caos Editores.

Biguelini, E. (2015). O travestismo na literatura escrita por mulheres em Portugal no final do século XVIII e início do século XIX. *Anais do VII Seminário Internacional e XVI Seminário Nacional Mulher e Literatura: Mulheres de Letras - do Oitocentismo à Contemporaneidade: transformações e perspectivas*, pp. 280-291 [Disponível em <https://www.academia.edu/24237033>, consultado em 27.02.2025, às 10:46].

\_\_\_\_\_, E. (2017). *Tenho escrevinhado muito. Mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*. [Tese de Doutoramento em Altos Estudos em História, ramo Economias e Sociedades, submetida à Universidade de Coimbra]. Repositório institucional da UC. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/79402/1/Tenho%20escrevinhado%20muito.pdf>, consultado em 16.01.2025, às 14:41.

Bittencourt, R. d. (2020). As instituições literárias em Portugal no século XIX. *Revista Terceira Margem* (v. 24, n.º 43), pp. 8-22 [Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/download/31117/19186/90624>, consultado a 10.01.2025, às 18:43].

- Cameira, M. J. (2018). A problemática da escrita feminina no século XX: As três poetas de poesia 61. *Polissema - Revista de Letras do ISCAP*, pp. Vol. 18 - pp. 33-59 [Disponível em <https://parc.ipp.pt/index.php/Polissema/article/view/3197>, consultado em 17.01.2025, às 12:07].
- Capelo-Pereira, B. (2015). Guiomar Torrezão em Almanach de lembranças luso-brasileiro. Em I. Lousada, & V. P. Chaves, *As mulheres na imprensa periódica*. [Disponível em [https://issuu.com/clepul/docs/as\\_mulheres\\_e\\_a\\_imprensa\\_peri\\_dica](https://issuu.com/clepul/docs/as_mulheres_e_a_imprensa_peri_dica), consultado em 17.01.2025, às 14:10].
- Carreira, S. d. (2023). Literatura e diáspora: passado e presente. Em S. d. Carreira, *Deslocamentos espaciais, culturais e identitários na literatura contemporânea* (pp. 32-69). Rio de Janeiro: Dialogarts [Disponível em <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2023/12/DeslocamentosEspaciais.pdf>, consultado em 18.01.2025, às 17:01].
- Coelho, S., & Fontes, S. (2021). Vozes femininas a favor da instrução das mulheres nos jornais oitocentistas: *A Assembleia Literária e A voz feminia*. *Revista de História da Sociedade e da Cultura* (v.21), pp. 241-262 [Disponível em <https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/article/view/8843>, consultado em 17.01.2025, às 12:52].
- Cunha, P. (2015). Novas Cartas Portuguesas: o gênero epistolar e a releitura do cânone literário português. [Disponível em [https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3137876](https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3137876), consultado em 08.08.2025, às 12:00].
- Dias, F. R. (S.d.). Mobilizações e Modelos Culturais. pp. 47-69 [Disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30313/2/ULFBA\\_Carmo%20Chiado%20e%20a%20Republica%20Litteraria\\_FernandoRosaDias.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30313/2/ULFBA_Carmo%20Chiado%20e%20a%20Republica%20Litteraria_FernandoRosaDias.pdf), consultado em 07.01.2025, às 14:32].
- Esteves, J. (2010). Lagos da República. [Disponível em <http://lagosdarepublica.wikidot.com/associativismopacifista>, consultado em 10.01.2025, às 10:55]
- Esteves, J. (2014). Da esperança à decepção: a ilusão do sufrágio feminino na revolução republicana portuguesa de 1910. *História Constitucional* (15), pp. 471-507 [Disponível em <https://www.redalyc.org/comocitar.ou?id=259031826016>, consultado em 02.01.2025, às 12:17].
- Flores, C. (2010). Escrita feminina em Portugal. *Interdisciplinar, Ano 5, v. 10*, pp. 19-27 [Disponível em <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1284>, consultado em 02.01.2025, às 08:55].

- Foucault, M. (1982). A escrita de si. *Corps écrit, n.º 5, L'autoportrait*, pp. 3-23. [Disponível em [http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A\\_escrita\\_de\\_si.pdf](http://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf), consultado em 28.07.2025, às 13:15].
- Hemeroteca Municipal de Lisboa (30.07.2025). *Atlântico: Revista Luso-brasileira*. [Disponível em: [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/atlantico\\_revistalusobrasileira/atlantico.htm](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/atlantico_revistalusobrasileira/atlantico.htm), consultado em 20.06.2025, às 8:55].
- Klobucka, A. (s.d.). O cânone literário português e as mulheres. [Disponível em [https://www.academia.edu/16572677/O\\_c%C3%A2none\\_liter%C3%A1rio\\_portugu%C3%AAs\\_e\\_as\\_mulheres](https://www.academia.edu/16572677/O_c%C3%A2none_liter%C3%A1rio_portugu%C3%AAs_e_as_mulheres), disponível em 20.08.2025, às 13:45].
- Lejeune, P. (2009). Le journal au seuil de l'intimité. *Itinéraires*, pp. 75-90 [Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/276383217\\_Le\\_journal\\_au\\_seuil\\_de\\_l'intimite](https://www.researchgate.net/publication/276383217_Le_journal_au_seuil_de_l'intimite), consultado em 13.07.2025, às 20:52].
- Lopes, A. C. (2005 (b)). A situação das mulheres de oitocentos. *Povos e culturas (10)*, pp. 169-176 [Disponível em <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2005.8815>, consultado em 17.01.2025, às 12:20].
- Lopes, M. A. (2017). Estereótipos de 'a mulher' em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro). Em M. A. Rossi, *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)* (pp. 27-44). Sette Città: Viterbo [Disponível em [https://www.academia.edu/34344301/LOPES\\_Maria\\_Ant%C3%B3nia\\_Estere%C3%B3tipos\\_de\\_a\\_mulher\\_em\\_Portugal\\_dos\\_s%C3%A9culos\\_XVI\\_a\\_XIX](https://www.academia.edu/34344301/LOPES_Maria_Ant%C3%B3nia_Estere%C3%B3tipos_de_a_mulher_em_Portugal_dos_s%C3%A9culos_XVI_a_XIX) , consultado em 13.12.2024, às 11:10].
- Lourenço, C. d. (2022). *O espaço para uma editora feminista*. [Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa] . Repositório Institucional da UNL. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/142780/1/O%20Espa%C3%A7o%20Para%20Uma%20Editora%20Feminista%20%28Catarina%20Louren%C3%A7o%2C%20n%C2%BA%2054821%29.pdf>, consultado em 09.01.2025, às 9:53].
- Magalhães, M., Rodrigues, R., Beires, A., & Iglésias, C. (2020). Dos tempos da urgência de pensar e agir: educação, cidadania e prevenção da violência de género em Portugal. *Seminário Internacional Gêneros e Interdisciplinaridades: A Práxis da Interseccionalidade na Contemporaneidade*, (pp. 21-34) [Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/131591>, consultado em 12.12.2024, às 20:42].
- Manasia, M. (2023). Desguised defiance: the hidden feminist voices of Victorian literature. *Research and Science today*, pp. 77-81. [Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/376568648\\_DISGUISED\\_DEFIANCE\\_THE\\_HIDDEN\\_FEMINIST\\_VOICES\\_OF\\_VICTORIAN\\_LITERATURE](https://www.researchgate.net/publication/376568648_DISGUISED_DEFIANCE_THE_HIDDEN_FEMINIST_VOICES_OF_VICTORIAN_LITERATURE),

doi:DOI: 10.38173/RST.2023.26.2.8:77-81, consultado em 08.08.2025, às 20:33].

- Martins, C. A. (1997). Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913). *Análise Social, Vol. XXXII (142), (3.º)*, pp. 483-535 [Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218710671V6sUD4kn5Ud40EI2.pdf>, consultado em 03.12.2024, às 14:50].
- Matkovic, Roberta. (2015). Female Authors under the Mask of a Male Pseudonym - Some Approaches to Revealing Authors' Gender. *European Journal of Language and Literature Studies, 1(3)*, pp. 68-75 [Disponível em <https://revistia.com/ejls/article/view/781>, consultado em 08.08.2025, às 12:26].
- Neves, C. (2012). *O reino encantado de Luzia: a crónica da vivência e a eterna busca do "Eu"*. [Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira] Repositório Institucional da UMa, disponível em <https://digituma.uma.pt/entities/publication/a691fa2c-8e52-4f0f-9d9d-41cb72634fcb>, consultado em 13.07.2025, às 20:07].
- Oliveira Martins, J. (2002). Diálogos Epistolares de Jorge de Sena e João Gaspar Simões. *Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos, 36(3)*, pp. 41-52. [Disponível em <https://revistas.uminho.pt/index.php/diacritica/article/view/5084>, doi:doi.org/10.21814/diacritica.5084, consultado em 01.07.2025, às 16:45].
- Paolinelli, L. A. (2022). A modernidade de Luzia - a inquietação da leitura e da escrita. Em C. Trindade, & L. M. Paolinelli, *Almas e Terras por onde eu passei* (pp. 27-35). Edições Esgotadas.
- \_\_\_\_\_ (2024 (a)). 1849 - Mulheres e letras: da imprensa periódica ao livro, a afirmação feminina. Em J. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 415-420). Lisboa: Temas e Debates.
- \_\_\_\_\_ (2024 (b)). Na balança da Europa. Em J. E. Franco, *História Global da Literatura Portuguesa* (pp. 381-390). Lisboa: Temas e Debates.
- Pereira, M. H. (2014). A 1.ª República e o sufrágio em Portugal: o debate de 1911 em perspetiva diacrónica. *História Constitucional (15)*, pp. 509-527 [Disponível em [www.historiaconstotucional.com](http://www.historiaconstotucional.com), consultado em 02.01.2025, às 13:38].
- Pinto, A. C. (2004). A queda da 1.ª República: uma interpretação. Em M. Baiôa (ed.), *Elites e Poder* (pp. 165-183). Publicações do CIDEHUS, Edições Colibri [Disponível em <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.3786>, consultado em 03.12.2024, às 15:32].
- Pinto, M. M. (2017). *Bibliotecas populares em Portugal: práticas e representações esboçar de uma missão (1870-1930)*. [Tese de Doutoramento submetida à Universidade de Lisboa]. Repositório da UL, disponível em

[https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/28321/1/ulsd730676\\_td\\_Maria\\_Pinto.pdf](https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/28321/1/ulsd730676_td_Maria_Pinto.pdf), consultado em 10.01.2025, às 9:38].

- Rafael, G. G. (2011). *A Leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal: testemunhos e problemas*. [Dissertação de Mestrado submetida à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa]. Repositório institucional da UNL. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/6015/2/gina.pdf>, consultado em 09.01.2025, às 10:16.
- Salvador, T. (2009). Em torno dos periódicos femininos. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias* (v.6), pp. 95-117 [Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/425>, consultado em 12.01.2025, às 18:07].
- Silveira, A. F. (2017). O protagonismo de Beatriz Pinheiro na revista viseense Ave Azul (1899-1900). *Historae*, Rio Grande, v. 8, n.º 2, pp. 77-95 [Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/download/7912/5165/22633> consultado em 12.01.2025, às 19:12].
- Sant'Anna, M. (2006). A escrita feminina e as suas implicações: a recorrência ao corpo como signo de identidade. *REEL - Revista Eletrónica de Estudos Literários*(2), pp. 1-26 [Disponível em <https://periodicos.ufes.br/reel/article/view/3437>, consultado em 25.05.2025, às 19:07].
- Vaquinhas, I. (2002). Linhas de investigação para a história das mulheres nos séculos XIX e XX. Breve esboço. *Revista da Faculdade de Letras História, III Série, vol. 3*, pp. 201-221 [Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/28166258\\_Linhas\\_de\\_investigacao\\_para\\_a\\_historia\\_das\\_mulheres\\_nos\\_seculos\\_XIX\\_e\\_XX\\_breve\\_esboco](https://www.researchgate.net/publication/28166258_Linhas_de_investigacao_para_a_historia_das_mulheres_nos_seculos_XIX_e_XX_breve_esboco), consultado em 12.01.2027, às 17:55]
- Vaquinhas, I. (2004). As Mulheres na Sociedade Portuguesa Oitocentista. Algumas Questões Económicas e Sociais (1850-1900). Em B. M. Vieira, *Grupos Sociais e Estratificação Social em Portugal no séc. XIX* (pp. 149-164). Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa CEHCP-ISCTE [Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/36869>, consultado em 08.12.2024, às 12:04].
- Vaquinhas, I. (2009). Estudos sobre a História das Mulheres em Portugal: as grandes linhas de força no início do século XXI. *Revista Internacional INTERthesis, Florianópolis, v. 6, n.º 1, jan./jul.*, pp. 241-253 [Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/271162861\\_Estudos\\_sobre\\_a\\_historia\\_das\\_mulheres\\_em\\_Portugal\\_as\\_grandes\\_linhas\\_de\\_forca\\_do\\_seculo\\_XXI/link/57bd0b2908ae6c703bc52b9b/download](https://www.researchgate.net/publication/271162861_Estudos_sobre_a_historia_das_mulheres_em_Portugal_as_grandes_linhas_de_forca_do_seculo_XXI/link/57bd0b2908ae6c703bc52b9b/download), consultado em 13.12.2024, às 11:20].
- Vicente, A., & Vicente, F. L. (2015). Fora dos cânones: artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX. *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, 33, pp. 37-51

[Disponível em [https://www.academia.edu/36023522/\\_Fora\\_dos\\_c%C3%A2nones\\_mulheres\\_artistas\\_e\\_escritoras\\_no\\_Portugal\\_de\\_princ%C3%ADpios\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XX\\_Faces\\_de\\_Eva\\_estudos\\_sobre\\_a\\_mulher\\_33\\_2015\\_pp\\_37\\_51](https://www.academia.edu/36023522/_Fora_dos_c%C3%A2nones_mulheres_artistas_e_escritoras_no_Portugal_de_princ%C3%ADpios_do_s%C3%A9culo_XX_Faces_de_Eva_estudos_sobre_a_mulher_33_2015_pp_37_51), consultado em 09.12.2024, às 15:50].

## Periódicos

Pinto, M. d. (04.01.1922). A mulher e a literatura moderna. *Diário de Lisboa*, p. 3.

s.n. (04.04.1926). *Domingo Ilustrado*, Ano II, n.º 64, 4 de abril de 1926, p. 9.

Carvalho, M. (13.04.1926). A mulher de letras profissional e a mulher de letras que escreve por "coqueterie". *Diário de Lisboa*, p. 8.

Araújo, N. (15.05.1928). Página de Quinta-feira por Norberto de Araújo: Literatura Feminina. *Diário de Lisboa*, p. 3.

Soares, F. (11.12.1956). Luísa a Vagabunda. *Jornal da Madeira*, p. 1 e 5.

Alves, R. D. (24.10.1991). "Simplesmente Luzia". *Diário de Notícias*, p. 2 e 25.

Paolienlli, L. (07.04.2021). Luzia (1875-1945) - Quinta das Cruzes. *Diário de Notícias* [<https://www.dnoticias.pt/2021/4/7/256870-luzia-1875-1945-quinta-das-cruzes/>, consultado em 20.04.2025, às 18:12].

Paolienlli, L. (12.05.2021). Maria Celina, Maria das Dores e Matilde Isabel Sauvayre da Câmara: Da literatura à música – o talento e cosmopolitismo das irmãs Sauvayre marcam a afirmação das artes declinadas no feminino. *Diário de Notícias* [Disponível em <https://www.dnoticias.pt/2021/5/12/261081-maria-celina-maria-das-dores-e-matilde-isabel-sauvayre-da-camara/>, consultado em 20.04.2025, às 18:07].

Hemeroteca Municipal de Lisboa (30.07.2025). *Atlântico: Revista Luso-brasileira*.

[Disponível em: [https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/atlantico\\_revistalusobrasileira/atlantico.htm](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/atlantico_revistalusobrasileira/atlantico.htm), consultado em 20.06.2025, às 8:55].

## Fontes Arquivísticas

*Auto de Abertura de Testamento Cerrado de Luísa Grande Freitas Lomelino* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundos Notariais, Liv. 12047, f. 9-14 v.º.

*Auto de Aprovação de Testamento Cerrado de Luísa Grande Freitas Lomelino* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundos Notariais, Liv. 12050, f. 8-8 v.º.

*Auto de Divórcio de D. Luísa Grande de Freitas Lomelino de Vasconcelos e Francisco João de Vasconcelos do Couto Cardoso* (1913). Arquivo Regional da Madeira, Fundos Judiciais, Comarca do Funchal, cx. 2668, n.º 14.

*Evocação de Luzia, no 11.º aniversário da sua morte* (1956). Biblioteca da Universidade da Madeira, Florival de Passos, s.e., s.d.

*Manuscritos de Luzia* (1924-1931). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Florival de Passos PT/ABM/FPS-LUZ/001- *em tratamento para publicação*.

*Registo de casamento de Luísa Grande de Freitas Lomelino e Francisco João de Vasconcelos Couto Cardoso* (1868). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Paroquiais (Paróquia de São Pedro – Funchal), reg. n.º 2, Liv. 1372-A, f. 1 v.º-2, PT/ABM/PFUN08/001/00036/000002.

*Registo de nascimento de Ana Luísa Grande de Freitas Lomelino* (1896). Arquivo Regional da Madeira, Fundo Paroquiais (Paróquia de São Pedro – Funchal), reg. n.º 10, Liv. 6814-A, f. 7 v.º-8, PT/ABM/PFUN08/002/00053/000010.

*Processo de Imposto sobre Sucessões e Doações* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundo da 1.ª Repartição de Finanças do Funchal, n.º 12346, cx. 256, cap. 44.

*Registo de óbito de Eduardo Frederico Dias Grande* (1885). Arquivo Nacional Torre do Tombo, Fundo da Paróquia dos Mártires, Lisboa, fl. 59 v.º.

*Registo de óbito de Luísa Grande* (1945). Arquivo Regional da Madeira, Fundo da Conservatória do Registo Civil do Funchal, reg. n.º 1569, PT/ABM/CRCFUN/003/00141.

## Apêndices

## Apêndice 1:

Periódicos de e para mulheres em Portugal, no final do séc. XIX,  
início do séc. XX<sup>538</sup>

## Periódicos literários e/ou com componente literária ou de instrução

Anos	Periódicos	Localidade
1836 1840-1843 1844-1853	<i>L' Abeille</i>	Lisboa
1836-1846 1849-1852	<i>O Correio das Damas Ed. de modas. Semanal</i>	Lisboa
1849-1851	<i>A Assembleia Literária Jornal d' instrução</i>	Lisboa
1850-1851	<i>O Judeu Errante Jornal de modas e de literatura amena dedicado às senhoras; Jornal de modas dedicado às senhoras</i>	Lisboa
1851	<i>A Açucena Jornal de modas e literatura</i>	Lisboa
1851	<i>A Quinzena Literatura, modas e teatros</i>	Lisboa
1858-1859	<i>A Cruzada Jornal religioso e literário</i>	Lisboa
1858-1860	<i>Mundo Elegante Periódico das modas, literatura, teatros, belas-artes, etc.* * A 2.<sup>a</sup> série de <i>Mundo Elegante</i> intitula-se <i>O Mundo Elegante</i>, Vila Nova, 1960.</i>	Porto
1839	<i>O Romancista</i>	Lisboa

<sup>538</sup> A partir da listagem apresentada por Teresa Salvador (Salvador, T. (2009). Em torno dos periódicos femininos. *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias* (v.6), pp. 95-117 [Disponível em <https://journals.openedition.org/cultura/425>, consultado em 12.01.2025, às 18:07]).

	<i>Jornal de recreio. Dedicado em especial ao belo sexo</i>	
1842	<i>O Toucador das Damas Hebdomário literário</i>	Lisboa
1849-1851	<i>A Assembleia Literária Jornal d' instrução</i>	Lisboa
1850-1851	<i>O Judeu Errante Jornal de modas e de literatura amena dedicado às senhoras; Jornal de modas dedicado às senhoras</i>	Lisboa
1851	<i>A Açucena Jornal de modas e literatura</i>	Lisboa
1851	<i>A Quinzena Literatura, modas e teatros</i>	Lisboa
1858-1859	<i>A Cruzada Jornal religioso e literário</i>	Lisboa
1858-1860	<i>Mundo Elegante Periódico das modas, literatura, teatros, belas-artes, etc.* * A 2.ª série de Mundo Elegante intitula-se O Mundo Elegante, Vila Nova, 1960.</i>	Porto
1862	<i>Emancipação da Mulher</i>	Porto
1862	<i>Mensageiro das Damas Jornal de literatura e modas</i>	Lisboa
1863-1865	<i>Boudoir Crítica, teatros, música, modas, notícias, caricaturas</i>	Lisboa
1865	<i>A Esperança Semanário de recreio literário dedicado às damas</i>	Porto
1867-1879	<i>Jornal das Damas Revista de leitura e modas</i>	Lisboa
1867	<i>Flor Literária Periódico científico, instrutivo, literário e de modas</i>	Lisboa
1868	<i>A Ilustração Feminina Semanário de instrução e recreio dedicado ao sexo feminino</i>	Lisboa
1868-1869	<i>A Voz Feminina Jornal seminal científico, literário e noticioso. Exclusivamente colaborado por senhoras</i>	Lisboa
1869	<i>O Progresso Jornal político, literário e noticioso</i>	Lisboa
1875	<i>Bouquet Literário</i>	Porto
1876	<i>Teatro e Modas Publicação hebdomadária</i>	Porto
1877	<i>Jornal das Senhoras Publicação diária</i>	Porto
1879	<i>O Pirlampo Folha quinzenal literária e filosófica, dedicada às damas bracarenses</i>	Braga
1882	<i>As Damas Portuguesas Jornal literário</i>	Porto

1884-1885	<i>As Crianças</i> <i>Jornal de educação dedicado às mães</i>	Lisboa
1886	<i>A Mocidade</i> <i>Semanário de instrução e de recreio dedicado às damas portuguesas</i>	Porto
1886	<i>O Sinapsismo</i> <i>Jornal em prosa e verso</i>	Ponta Delgada
1886-1887	<i>Lisboa Elegante</i> <i>Contos, versos, teatros e bailes</i>	Lisboa
1887	<i>A Arte</i> <i>Semanário literário dedicado às damas reguenses</i>	Régua
1887	<i>O Cisne</i> <i>Semanário literário, noticioso e charadístico dedicado às damas lamacenses</i>	Lamego
1887	<i>A Corbeille</i> <i>Semanário literário d'instrução e recreio, dedicado às damas portuenses</i>	Porto
1887	<i>O Escalpelo</i> <i>Semanário literário e de crítica imparcial</i>	Lisboa
1887	<i>A Grinalda</i> <i>Semanário literário, científico, noticioso e charadístico. Dedicado às Exmas. damas desta cidade</i>	Elvas
1887	<i>A Jóia</i> <i>Revista quinzenal de literatura dedicado às damas vimaranenses</i>	Guimarães
1887	<i>A Rosa</i> <i>Publicação quinzenal literária. Dedicada às damas portuguesas</i>	Porto
1888	<i>O Dedal</i> <i>Quinzenário noticioso e literário dedicado às costureiras</i>	Porto
1890	<i>Gazeta das Salas</i> <i>Periódico literário dedicado às damas portuguesas e brasileiras</i>	Lisboa
1890	<i>A Pérola</i> <i>Semanário literário destinado às Exmas. damas desta cidade</i>	Elvas
1890	<i>A Religião da Mulher</i> <i>Jornal noticioso e auxiliador do professorado</i>	Albergaria-a-Velha
1894	<i>O Jornal das Damas</i>	Porto
1894-1985	<i>A Estação de Paris</i> <i>Revista de modas, literatura, elegância e bom tom</i>	Lisboa
1896	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Semanário ilustrado colaborado por damas</i>	Lisboa
1899-1900	<i>Ave Azul</i>	Viseu
1902	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Publicação trissemanal ilustrada</i>	Lisboa

1902-1904	<i>A Sociedade Futura</i> <i>Publicação quinzenal de literatura, ciência e arte</i>	Lisboa
1904-1905	<i>Jornal das Senhoras</i> <i>Retratos, biografias, romances, letras e contos, teatro e salões. modas, contos e charadas</i>	Lisboa
1906-1910	<i>Jornal da Mulher</i> (Secção de <i>O Mundo</i> )	Lisboa
1910-1937	<i>O Jornal da Mulher</i> <i>Revista quinzenal ilustrada</i>	Lisboa
1914 1915	<i>Parisiana</i> <i>Revista Ilustrada de elite e literatura, arte e música</i>	Porto
1925-1927	<i>Mulheres do Norte Mensário de arte e literatura</i>	Porto
1926	<i>Femina</i> <i>Literatura, arte e moda</i>	Lisboa
1942-1958 1964	<i>Os Nossos Filhos</i> <i>Mensário de puericultura, enfermagem, psicologia, educação, vida escolar, literatura, moda infantil, etc.</i>	Lisboa

### Almanaques

Anos	Periódicos	Localidade
1870-1890 1928	<i>Almanaque das Senhoras</i>	Lisboa
1885-1888	<i>Almanaque das Senhoras Portuenses</i>	Porto

### Periódicos ligados ao movimento feminista

Anos	Periódicos	Localidade
1907-1908	<i>Alma Feminina</i> – do Conselho Nacional das Mulheres (movimento feminista)	Lisboa
1909-1911	<i>A Mulher e a Criança</i> Revista quinzenal ilustrada – direitos das mulheres e movimento feminista – da Liga das Mulheres	Lisboa
1911-1918	<i>A Madrugada</i> <i>Propriedade da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
1912	<i>A Mulher Livre</i> <i>Centro da Mocidade Republicana Intransigente</i> <i>Número único</i>	Braga

1912	<i>A Mulher Livre</i> <i>Revista mensal educativa. Órgão da Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
1912-1913	<i>A Mulher Portuguesa.</i> <i>Revista mensal educativa</i> <i>Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
1913	<i>Educação Feminista</i> <i>Quinzenário literário, científico e artístico</i>	Lisboa
1914-1917	<i>Boletim Oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa
1915-1918	<i>A Semeadora</i> <i>Associação de Propaganda Feminista</i>	Lisboa
1917-1946	<i>Alma Feminina</i> <i>Boletim oficial do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas</i>	Lisboa

## Apêndice 2:

### A “saudade” e a “solidão” como princípios estruturantes da personalidade e percurso de Luzia

#### Estudo Breve

##### Quadro resumo:

Termo	Frequência / Objeto	<i>Diário de Luzia: Caminhos da vida, um jornal</i>	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i>	<i>Cartas d’uma vagabunda</i>	<i>Manuscritos de Luzia (cartas a Laura de Castro, Conde de A. e António Ribeiro)</i>	<i>Adeus por hoje... Cartas de Luzia a Fernanda de Castro e António Ferro</i>
		[1902-1915]	[1918-1919]	[1923-1924]	[1924-1931]	[1928-1945]
“saudade” / “saudades”	Frequência dos termos	137	34	28	96	67
	Objeto da saudade	1. Pai 2. Irmã 3. Família 4. Inflância 6. Os que partiram 7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 9. Tempos distantes 10. Alentejo 11. Madeira 12. Monte 13. Monte Palace 14. Casa das Cruzes 16. Saudade 18. Lembranças 19. Monte Estoril 20. Monarquia 21. Salesas 23. Cadela Rilka 24. Séc. XVIII 25. Bridge	7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 8. Estar num lugar com saudades de outro 16. Saudade 17. Regressar 21. Salesas	7. Os lugares de onde parte (no dia da partida) 8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 15. Lisboa 16. Saudade 21. Salesas	5. Amigas 8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 11. Madeira 16. Saudade 22. Gassion 26. Trabalhar	8. Estar num lugar com saudades de outro 9. Tempos distantes 15. Lisboa 16. Saudade
			20	5	6	7
“solidão”	Frequência do termo	31	6	10	35	9

## Termo: “Saudade” / “Saudades”

## Registo das principais ocorrências:

Objeto da saudade	Citação	Referência
1. Pai	“Aniversário da morte do meu pai, que foi a minha grande paixão e é a minha maior saudade...”	Diário [12.09.1902, p. 36]
2. Irmã	[Em Valles, quando vai desocupar a casa da irmã, após a sua morte] “todas as pequenas coisas que pareciam invocá-la, faziam-me ternura e <i>saudades</i> , como se também um pouco da minha vida tivesse ficado ali!”	Diário [02.08.1907, p. 96]
	“Fazia hoje anos a minha pobre irmã. Todo o dia pensei nela, todo o dia estive triste. As saudades levaram-me longe, ao há muitos anos das Cruzes. A Emília era já uma mulherzinha, mas endiabrada, sempre em terríveis <i>equipées</i> de rapaz, com a Matilde Sauvayre e a Rita Carvalhal, suas companheiras prediletas, e como ela, levadas da breca! Eu, muito pequena – havia entre nós uma grande diferença de idade – muito séria, um pouco triste, sentindo uma ternura inquieta, dolorosa por tudo e por todos que me rodeavam, desde o meu Pai que adorava e via sempre doente, sempre tossindo – oh! a sua tosse, como a oiço ainda! – até as minhas bonecas, a que a Emília fazia tremendas diabruras: pendurava-as pelos pés, rapava-as à escovinha, abria-as para ver o que tinham dentro, e o meu pobre coração batia de susto, de terror... Tudo me fazia chorar.”	Diário [07.12.1908, p. 131]
	“E agora, neste adormecimento moral em que caí, em que me afundei, se alguma coisa posso sentir ainda, é a saudade desse tempo tão distante, desse coração que foi meu e que já não é, não será nunca mais.”	Diário [17.08.1913, p. 305]
	“nesta hora de lembranças e de saudades, saudades do passado, dos mortos vivos e dos vivos mortos, penso nas desilusões, nas humilhações da sua pobre vida, e elas tornam maior a minha tristeza, são mais uma gota de amargura, no cálice da minha amargura...”	Diário [07.12.1908, p. 133]
	“Faz hoje dois anos que a minha pobre irmã morreu. Sinto saudades dela, era quase o que me restava de família. Quem a tem, parece-lhe pouca coisa, até por vezes lhe é importuna. Quem a não tem, percebe que é tanto, que salva de tanto, e nos piores momentos, nos agarra à vida... Com família, eu não tomaria veronal à <i>bruta</i> , como fiz anteontem	Diário [30.03.1910, p. 195]

	– Mas só tenho saudades da minha irmã, não tenho pena que ela morresse. Sei que foi uma grande miséria que acabou; assim eu acabasse também...”	
<b>3. Família</b>	“(…) que saudades da família que quase não conheci, que teimosa obsessão de um passado distante, distante! A minha vida de criança, uma alegre árvore de Natal nas Cruzes, as vésperas de Festa no meu querido Alentejo, a missa do galo em noites frigidíssimas, depois o conchego, a alegria de roda da braseira, comendo as primeiras filhoses! Como tudo vai longe! Todos mortos, dispersos... Só eu fiquei, sem saber porque me deixaram, inútil, abandonada!”	Diário [24.12.1912, p. 258]
	[último dia na Madeira] “Que grande solidão a minha e como sinto saudades de tudo o que me falta, saudades do que nunca tive, do que quase todos têm e tão mal apreciam!”	Diário [09.08.1913, p. 302]
<b>4. Infância</b>	“saudades da minha já tão distante vida de criança.”	Diário [30.07.1903, p. 53]
<b>5. Amigas</b>	“Ah! também dessa Clarinha eu tenho e terei sempre saudades – mais triste, sobretudo mais amarga, do que as da Maria Amália, porque da Maria Amália foi a morte que me separou e da Clarinha separou-me... a vida...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 81, 22.01.1929]
<b>6. Os que partiram</b>	Prima Anica: “Voltei hoje às Angústias, fui rezar junto à campa da minha grande amiga, pedir à sua alma que me seja sempre doce, benéfica, inspirando-me a saudade, doce vida dos mortos no coração que os amou, e nunca o terror que já é um afastamento...”	Diário [04.03.1910, p. 183]
	Prima Anica: “Tantas vezes o meu coração está com ela e os olhos da minha saudade a procuram e sinto a pena, uma imensa, dilacerante pena, de lhe ter roubado tantos prazeres, que para mim representavam insignificantes sacrifícios...”	Diário [12.03.1910, p. 185]
	Prima Anica: “saudade do seu carinho, do seu interesse constante, da sua pena, das minhas penas, da sua dor ainda maior quando alguma coisa me doía...”	Diário [18.03.1910, p. 188]
	[Ribeira Formosa] “Estas árvores, esta divina solidão, no abençoado silêncio, a saudade mais viva «das queridas vozes que se calaram» e... tantas outras coisas deliciosamente indefinidas estão nos reconciliando”. “... da tristeza que tudo isso exala, tristeza, saudade, ansiosa e vaga; um não sei quê que encanta e faz mal.” (p.15)	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [06.10.1918, p. 13]

	“Consolam-me da saudade dos meus mortos - que já são tantos!”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [20.09.1919, p. 216]
	“Sim, a vida toda faz-me companhia... Lembranças e saudades estendem-me os misericordiosos braços, cantam-me aquela doce canção do velho tempo, embaladora de mágoas. Nos retratos dos meus mortos, tantos já, quase todos os que me quiseram bem, parecem acordar os olhos, humedecidos de ternura, a seguir-me, a envolver-me... E dizem os olhos dos meus mortos: – O melhor de nós mesmo não morreu, está contigo...”	<i>Cartas d’ Uma Vagabunda</i> [Natal 1923, p. 306]
	“É que, em dia de Natal, lembranças e saudades não bastam. E não basta a companhia dos mortos, o silêncio que fala pelos olhos dos retratos.”	<i>Cartas d’ Uma Vagabunda</i> [Natal 1923, p. 308]
<b>7. Os lugares de onde parte (no dia da partida)</b>	[Jardim do Mar] “Tenho já saudades tuas, oh! minha velha casa! Sob os teus tetos, a minha alma sentia -se menos desamparada.” – <b>Este é efetivamente o último dia que passa no Jardim do Mar</b>	Diário [08.06.1904, p. 74]
	[Funchal] “Parto amanhã [para o Mont’ Estoril] Tenho o coração triste, atormentado de saudades e pressentimentos, a cabeça estonteada de receber caseiros e mais caseiros, cheios, carregados de presentes e... de petições, em conferências que levam horas – repetindo mil vezes a mesma coisa – Um até veio pedir-me para fazer testamento a seu favor!”	Diário [02.09.1909, p. 160]
	[Mont’Estoril] “Que saudades vou ter do meu quatinho do Estoril, da voz do mar que todas as noites me embalava, e da sua imensa amplidão azul que, cada manhã, eu tinha pressa de contemplar! Ainda esta noite adormecerei com a doce certeza de estar perto de mim, o meu velho amigo, mas amanhã outra vida começará, com outros horizontes, outra companhia... Ah! Quanto vou sofrer!”	Diário [18.11.1909, p. 169]
	[Quinta Palmeira] “Coração que a tudo se prende, que não sabe, não pode dizer adeus, sem a tristeza, a saudade, a dolorosa sensação do nunca mais, que me invadiram hoje, ao deixar a Quinta Palmeira.”	Diário [03.08.1913, p. 300]
	[Madeira] “É que, no meu coração, soa, a cada instante, como um dobre de finados, a palavra sinistra: – Último! Último! – E parece-me que esta terra, a que tanto quero, simpatiza com a minha saudade, tem também pena de ver-me partir!”	Diário [09.08.1913, p. 302]

	[ainda sobre a mesma partida] “[o sofrimento] é já quase tão grande como o terror de não voltar, o terror de chegar e sentir, outra vez, o abandono, a solidão, a saudade sem fim...”	Diário [09.08.1913, pp. 302-303]
	[ainda sobre a mesma partida, já a bordo do “Hildebrande”, defronte da Madeira] “Parto, mas contigo, assim prodigiosamente linda, no encanto da manhã, sob um céu tão azul, banhada por um tão azul mar, ficam os olhos maravilhados da minha saudade.”	Diário [10.08.1913, p. 303]
	[Ribeira Formosa] “Partir, sempre partir! Oh! como estou cansada de dizer adeus, de ter saudades!”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [27.10.1918, p. 36]
	[Alentejo] “Quantas vezes, avistando, após uma longa ausência, as oliveiras cinzentas do meu Alentejo, ou os luminosos jardins dessa terra que, por ser tua, eu queria escolher também, penso: Aqui é que vou ficar para sempre, fazer o meu ninho, descansar. Enfim! E, pouco depois, invade-me a nostalgia de outro país, outras saudades chama-me, levam-me...”	<i>Cartas d’uma Vagabunda</i> [27.04.[1924], p. 371]
<b>8. Estar num lugar com saudade de outro</b>	“A quem espalhou tantas saudades pelo mundo é difícil escolher canto para o ninho, porque, todos os lugares atraem ao mesmo tempo e nenhum contenta... A lembrança deste estraga aquele. No Alentejo eu teria a nostalgia da viçosa Madeira, no inverno da Madeira, cheio de flores e de sol, lembrar-me-ia dos Pireneus, sob o seu manto de neve. . . E em toda a parte - Ai de mim! – hei de sofrer da minha estranha dualidade, a minha alma decadente de civilizada, há de lutar com a outra, a minha alma simples de provinciana...”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [18.11.1918, p. 62]
	[Paris] “(...) desatámos a falar da Madeira. E eu só vi então o bailado das minhas saudades.”	<i>Cartas d’uma Vagabunda</i> [24.11.[1923], p. 246]
	[Paris] “Esteja onde estiver – seja embora em Paris, que é como quem diz o Paraíso – uma flor, um perfume, uma palavra, oh! Qualquer pequenino nada, bastam para que a minha inquieta alma vá habitar a saudade do país onde não estou!”	<i>Cartas d’uma Vagabunda</i> [24.11.[1923], p. 247]
	[Solidão] “Ainda aqui estou... estarei e já tenho saudades dela!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 20, 21.06.1925]
	[Lisboa] “Também jogo o <i>bridge</i> e de vez em quando o <i>bluff</i> , que me faz doidas saudades de aquele tão alegre, que se passava na sala Ouro	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 26, 01.02.1925]

	Velho do Gassion, com a assistência do barãozinho...”	
	[Lisboa] “Continuarei afirmando-lhe que tenho umas doidas saudades da primavera de Pau”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 34, 25.05.1926]
	“Chego sempre amuada, com saudades do que deixei, tenho os olhos e o coração preguiçosos, raramente gosto à primeira vista.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 40, 03.10.1926]
	[Saint Christau] “E que saudades do <i>meu</i> Hameau, o parque que não se parece com nenhum outro!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 71, 13.07.1928]
	[Pau] “Expatriam-se por esse desejo de aventuras, de... correr terras, que há em todas as nossas imaginações. Depois sentem a nostalgia, têm saudades e o fado melancólico chora... Ah! saudades portuguesas, saudades como só nós sabemos sentir, saudades de que se vive e de que se morre! Por elas é que eu percebo quanto profundamente sou ainda, <i>serei sempre</i> , da minha terra, apesar de querer tanto à França e em tantas coisas me sentir mais de cá do que de lá... cultivo-as terna e dolorosamente essas tristes flores da alma... São toda a minha razão de ser, toda a minha razão de sofrer...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 76, 02.11.1928]
	[Pau] “Aqui tenho-me agora afogado num mar de saudades: saudades próximas e distantes... Ah! tantas, tantas saudades do querido Hameau que deixei chorando e com a consolação, triste aliás, de ver lágrimas em todos os olhos, até naqueles que eu julgava mais indiferentes à minha pessoa.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 76, 02.11.1928]
	[Hameau] “Mas tenho também muitas saudades do céu de Lisboa, das minhas amigas de Lisboa...”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 4, 09.10.1928, p. 36]
	“tenho saudades de Londres na primavera”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 17, 10.03.1939, p. 67]
<b>9. Tempos distantes</b>	“Acabámos por cair molemente num banco do jardim público e veio-nos uma vaga saudade de tardes distantes, quando era moda ir à música...” [Numa visita a Miss Turner à Quinta da Esperança, no Caminho do Palheiro, Santa Maria Maior, Funchal]	Diário [07.05.1913, p. 282]
	“Ah! Como <i>Miss C.</i> , que fazia o meu pasmo, me fazia também saudades do longínquo tempo da minha mocidade, quando, no trémulo segredo da	<i>Cartas d’uma Vagabunda</i>

	alma, eu me apaixonava pelos cabelos loiros de D. Lourenço de Almeida!”	[20.07.[1923], pp. 208-209]
	“E, na longa noite de insónia, janela aberta sobre o parque inundado em luar, quantas lembranças, quantas saudades passaram, quantas coisas mortas visitaram a minha já quase morta alma!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 19, 09.06.1925]
	“Saudades, saudades, sobretudo dum Paris que já não existe, como já não existe também a Luzia que o conheceu e tão ardentemente sabia gozá-lo; pena de partir na incerteza de voltar”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 42, 15.12.1926]
	“quando olho para trás, tenho saudades minhas, dos defeitos e talvez... das qualidades que perdi, que ficaram pelo caminho, agarradas aos espinhos... parece-me que esta mulher sempre serena, sempre amável, sempre de bom humor, uma Luzia que certamente agrada muito mais do que a outra, em toda a parte tão rodeada, quanto a triste rapariga se sentia apagada e só, é uma estranha que trago comigo, uma companheira forte da minha alma tão fraca, é... tudo menos <i>eu!</i> Chegando-me para ti, tenho a impressão, a ilusão, de que, para mim me chego também, de que se torna um pouco menos fundo o abismo entre a minha vida passada e a minha vida presente...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 69, 06.06.1928]
	“Tenho muitas saudades dos <i>dias que já lá vão</i> – como Valery Larbaud adoro esta linda expressão de nossa língua e tudo o que ela exprime de pesar, ansiedade e doce, amargo gozo.”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 31, 16.05.1941, p. 99]
<b>10. Alentejo</b>	“Outras lembranças, outras saudades, me vêm ainda, mais distantes do que as do convento... Lembranças, saudades das primaveras no Alentejo, na terra onde nasci e que se parece comigo: serena, e ao mesmo tempo tão nostálgica, com as suas largas planícies, os seus longos horizontes, paisagem de paz, de monotonia... aparentes, como aparente é a paz, a monotonia da minha alma, que, no fundo, encerra tanta ansiedade, tanto desejo do infinito!”	Diário [30.03.1910, p. 190]
<b>11. Madeira</b>	“E do meu coração, foge uma saudade para o anoitecer na quintinha distante, quando eram mais ativos, mais penetrantes os perfumes: perfumes de daturas e perfumes de jasmims...”	Diário [20.01.1911, p. 228]
	“Tenho saudades da Madeira, da minha casa, dos meus cães, da <i>chaise-longue</i> onde costumava estender-me na varanda para ler, algumas vezes para sonhar, muitas... para chorar. Estou velha, velha e gasta!”	Diário [24.10.1909, p. 163]
	“Acordei hoje cheia de saudades da Madeira. Saudades dessas montanhas tão verdes e sempre	Diário

	lindas (...), saudades das doidas partidas de <i>bridge</i> (...), saudades de perder muito dinheiro e de dizer muitas extravagâncias e de me embebedar com o meu riso nervoso, tenho saudades das boas palestras, na tua linda salinha, fumando um cigarro perfumado (...) das noites na varanda do Alberto e das tardes de música na minha varanda.”	[27.12.1912, p. 260]
	“Madeira, este ano? Tinha-me me preparado para ela. – As saudades já tantas já! Mas não ousou afirmar que terei ânimo para arrancar-me de Pau.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 42, 15.12.1926]
<b>12. Monte</b>	“Penso no Monte que vou deixar amanhã, que será, na minha triste, solitária vida, mais uma lembrança, mais uma saudade.”	Diário [01.11.1902, p. 42]
<b>13. Monte Palace</b>	“a saudade das primaveras passadas”	Diário [25.09.1905, p. 115]
	“Esta tarde, nas Cruzes, mais do que nunca se apoderou de mim a saudade, a nostalgia dos anos ali vividos.”	Diário [16.09.1903, p. 60]
<b>14. Casa das Cruzes</b>	“Se as saudades pudessem entrar comigo, na terrível disposição em que estou, teria hoje saudades das alegres noites de S. João, no feliz tempo da minha infância, quando adorava as fogueiras, os foguetes, toda esta doce festa uma nadinha pagã!”	Diário [24.06.1904, p. 80]
	“[casa das Cruzes] Mais uma tristeza, mais uma saudade, mais um lugar vazio...”	Diário [02.09.1904, p. 89]
<b>15. Lisboa</b>	“Entretanto este nevoeiro faz-me saudades, sim, muitas saudades, da minha terra, do sol sobre o Tejo, das pombas no Terreiro do Paço, a praça mais linda do mundo...”	<i>Adeus por hoje</i> [Carta n.º 13, 29.09.1938, p. 58]
	“as minhas loucas saudades de Lisboa – de França nem falo!!	<i>Adeus por hoje</i> [Carta n.º 38, 03 e 16.06.1942, p. 58]
	“Aquele que eu amo, que mais me interessa quando estou perto e me sorri nas lindas aparições da saudade quando dela ando apartada, é a Lisboa dos bairros antigos, cantante de antigos pregões...”	<i>Cartas duma Vagabunda</i> [02.04.[1923], p. 127]
<b>16. Saudade</b>	“Mas a saudade é um sentimento delicado, em que se compraz suavemente a alma...”	Diário [24.06.1904, p. 80]
	“Ter saudades: eis uma das minhas ocupações, a principal talvez...”	Diário [19.10.1911, p. 239]
	“Tarde luminosa, tarde perturbadora, tarde nostálgica... Tarde feita para sonhar, para desejar, para ter saudades...”	Diário [01.07.1912, p. 247]
	“saudade do que passou, desencantamento do presente, terror do futuro e a imensa desconsolação de mudar, enquanto a natureza fica, tão imutavelmente bela, na sua esplêndida indiferença”	Diário [24.10.1909, p. 162]

“Guardo preciosamente as coisas agradáveis que oiço – e oiço muitas! – para mais tarde as lembrar, para serem mais uma saudade nesta memória – jardim de saudades.”	Diário [19.02.1914, p. 335]
“(…) como tenho saudades de alguém que goste de mim, como a minha pobre alma suspira pela sua metade!”	Diário [16 de novembro 1913, p. 321]
“ainda não deixei de ter saudades da antiga Luzia, pena de vê-la transformada.”	Diário [18.11.1913, p. 330]
“Talvez o visse [os girassóis] na minha infância, talvez em sonhos... Que extraordinária coisa é a saudade! Temos tantas – pelo menos eu tenho – e algumas tão vagas, que nem sei donde vêm! Uma flor, um perfume, um compasso de música, qualquer pequenina, quási impercetível coisa, basta para acordá-las...”	Diário [26.06.1914, p. 279]
“Saudades e esperanças andam sempre de mão dada. Todas as esperanças choram um bocadinho de saudade e nem por isso são tristes, tristes são as saudades que choram sem esperança.”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [10.10.1918, p. 18]
“Decerto, o que avidamente procuro, n'esses volumes amarelecidos pelo tempo, é a minha alma de rapariga romanesca e cheia de ilusões e, o que n'elles me encanta e prende, é a saudade de mim mesma .. .	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [16.10.1918, p. 25]
“Vivo com as saudades: único bem de que jamais se despoja o coração.”	<i>Cartas d'uma Vagabunda</i> [20.07.[1923], p. 190]
“Depois, há por vezes, entre os tangos dengosos e os <i>fox trots</i> selvagens, uma valsa cantante, ondeante, cheia de ritmo, cheia de melodia, que acorda, na minha alma, vagas, indefinidas saudades... Ouvi-a não sei onde, não sei quando, lembra-me não sei o quê, traz-me a nostalgia de não sei que país, restitui-me não sei que sonho...”	<i>Cartas d'uma Vagabunda</i> [22.12.[1923], p. 301]
“E é talvez num desejo de morrer ainda mais, enterrar tudo o que resta da inquietação e tormento – saudades vãs e vãs esperanças, último rumor da mocidade vã... que eu volto ao Hameau.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 19, 09.06.1925]
“Matei saudades, mas arranjei outras...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 24, 08.11.1925]
“Chopin encheu-me a alma de harmonia e... de saudades – tudo me acorda saudades!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 64, 13.02.1928]

	“Mas eu hei de ter sempre saudades de alguma coisa, resultado do tanto que espalhei por esse mundo o meu coração!”	<i>Adeus por hoje</i> [Carta n.º 7, 06.11.1933, p. 41]
	“Na minha idade a gente gosta sobretudo do que nos faz recordação e saudades.”	<i>Adeus por hoje</i> [Carta n.º 20, 06.11.1933, p. 41]
<b>17. Regressar</b>	“Mas é sempre doce voltar, encontra-se a saudade: um bocadinho ainda do bem perdido . . .”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [16.10.1918, p. 25]
<b>18. Lembranças</b>	[no Jardim do Mar, ao descrever os seus dias e falando a noite] “É a hora em que dou rendez-vous às mil saudades, às mil lembranças do passado...”	Diário [30.03.1903, p. 44]
<b>19. Monte Estoril</b>	“[o cheiro das violetas do Estoril] trouxe-me a saudade dos dias serenos, sem lutas, sem insultos, sem complicações que passei no Estoril. Saudade que me fez chorar.”	Diário [27.11.1909, p. 170]
<b>20. Monarquia</b>	“Pensei que nunca mais via a linda bandeira azul e branca e veio-me uma saudade, uma pena, uma nostalgia de todo esse passado, cheio de tradições, que ia morrer...”	Diário [14.07.1912, p. 247]
	“Tudo sonho, tudo quimera, tudo saudade! Real, neste momento, apenas a sova republicana!”	Diário [05.08.1912, p. 251]
<b>21. Salesas</b>	“Uma saudade das Salesas, onde, para todas nós, o mês de maio era o mês de Maria...”	Diário [01.05.1913, p. 279]
	“Vêm-me uma saudade das Salesas. Ah! foi o melhor tempo! Ignorávamos o mal. Acreditávamos no bem. Pensávamos que a vida podia resumir-se n'essas duas tão doces coisas: rezar e sonhar!”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [10.03.1919, p. 147]
	“Julgo preferível continuar a vê-la, como se vêem os mortos, com os olhos fiéis da memória, abençoados olhos da saudade, que me a têm conservado, tal e qual a encontrei, tal e qual a deixei... Há quantos anos! Oh! Como o tempo passa, como os dias morrem! Que seria de nós se a misericórdia de Deus não nos concedesse o imenso poder de recordar, segunda vida mais completa, mais perfeita, antegosto da eternidade, pressentimento do céu sem fim?”	<i>Cartas d'uma Vagabunda</i> [18.04.[1923], p. 157]
	“Aqui tens, feita em espírito e em saudade, a nossa piedosa romagem.”	<i>Cartas d'uma Vagabunda</i> [18.04.[1923], p. 175]
<b>22. Gassion</b>	“lembro, com saudades, da atmosfera mística em que vivia, na minha... “cela” do Gassion, apenas separada da igreja, por um pequeno jardim, como	Manuscritos de Luzia [20.06.1927]

	aqueles que abrem claridades e festivas, na sombra dos claustros.”	
<b>23. Cadela Rilka</b>	[no dia em que a teve de mandar abater] “Tenho saudades tuas, de quando te enroscavas na ponta do meu vestido, e te deitavas na grande cadeira da sala, que foi sempre tua, enquanto te não tornaste a hedionda chaga que já ninguém podia ver!”	Diário [20.06.1904, p. 78]
<b>24. Séc. XVIII</b>	“Como as <i>toilettes</i> , as maneiras, os assuntos do século XX me fazem saudades do <i>meu</i> século, das suas cabeças empoadas, da graça dos <i>paniers</i> , da suprema arte de conversar! Porque não fui eu a Marquesa de Sabran, a Duquesa de Choiseul, ou simplesmente a garota <i>Madame</i> de Cambise?”	Diário [15.07.1910, p. 209]
<b>25. Bridge</b>	[Está na Madeira com saudades de Lisboa] “ <i>Bridge</i> na quinta Stanford. Dores de cabeça. <i>Spleen</i> . Saudades dos <i>bridges</i> de Lisboa.”	Diário [05.03.1913, p. 271]
<b>26. Trabalhar</b>	“Deus lhe dê sempre a faculdade de trabalhar. É a melhor e mais pura e mais completa fonte de alegria, a que me deixou mais saudades, mais pena!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 39, 22.08.1926]

**Termo: “Solidão”****Registo das principais ocorrências:**

<b>Citação</b>	<b>Referência</b>
“Sinto-me envolvida, impregnada de solidão...”	Diário [30.03.1903, p. 44]
“Ah! Quem não gosta da solidão?! Como eu tenho pena de todos os mártires da sociedade, de todos os escravos do snobismo!”	Diário [30.03.1903, p. 44]
“Pesa-me agora a minha solidão.”	Diário [04.05.1903, p. 47]
“(…) meu Deus, como as companhias que conheço, me fazem desejar a solidão!”	Diário [30.07.1903, p. 53]
[a propósito da morte de uma criança conhecida, filho do Visconde de M. que cedo perdeu a mãe, o dinheiro, a saúde, “para quem a vida foi madrasta] “E quando me lembro que podia ter filhos, morrer e deixá-los naquele tremendo desamparo, agradeço a Deus a minha solidão, prefiro-a mil vezes ao grande encanto que poriam, em tão desgraçada vida, os braços de uma criança, estendendo -se para mim!	Diário [30.07.1903, p. 57]
[saudades dos tempos das cruces onde podia] “embebedar-me de solidão, de tristeza, e chorar, chorar sem fim, sobre a infelicidade dos meus e sobre a minha infelicidade...”	Diário [16.09.1903, p. 60]
[acerca de Simy] “(…) senti a solidão da sua alma, procurei fazer-lhe companhia, ser o coração que compreende (...)”	Diário [28.08.1908, p. 106]
[apesar de estar rodeada de muitas pessoas] “Estou só, só, na vida? Pois tenho um excelente remédio: habituar-me à minha solidão.”	Diário [01.02.1909, p. 139]
“E semelhante aos animais quando se sentem doentes, quando estão perto de morrer, tenho a avidez da solidão.”	Diário [19.12.1909, p. 176]
“Adiante só avisto doença, solidão, morte...”	<i>Cartas do Campo e da Cidade</i> [10.10.1918, p. 18]
“(…) a solidão é completa.”	<i>Carta d’uma Vagabunda</i> [02.04.1923, p. 132]
“Não foi no convento que aprendi a amar a solidão. Esse amor nasceu comigo. Mas, em parte alguma impregnou de tanta suavidade a minha alma!”	<i>Carta d’uma Vagabunda</i> [02.04.1923, p. 168]
“Fugi delas [as senhoras Albuquerque]. Vim para o meu quarto, para a minha solidão, para os meus livros.”	<i>Carta d’uma Vagabunda</i> [07.07.1923, p. 183]
“Em dia de Natal, não se pode, oh! não se pode amar a solidão!”	<i>Carta d’uma Vagabunda</i>

	[Natal 1923, p. 307]
“(...) este doloroso sentimento de abandono e solidão que hoje me punge.”	<i>Carta d’uma Vagabunda</i> [Natal 1923, p. 312]
“(...) até para mim, que tenho horas de naufrágio naquele imenso mar que se chama a solidão e, mesmo nessas, amo a vida...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 5, 05.03.1924]
“pesa-me agora muito mais a solidão que não posso encher com as mil coisas que ma tornavam preferível a qualquer companhia...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 10, 09.10.1924]
“tinha o pavor da minha solidão...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 13, 20.02.1925]
“Se quisesse não teria tido uma única hora de solidão...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 14, 02.03.1925]
“Gostarias de estar aqui? Não sei. É preciso amar extremamente o silêncio, solidão – porque há muitas horas em que toda esta gente se isola. E tu desde pequena viveste sempre rodeada e tens um género de atividades que talvez não pudesses despende no Hameau.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 20, 21.06.1925]
“Antes, mil vezes antes, a solidão de Pau, do que esta solidão por entre gente que invade a minha vida, altera todos os meus hábitos, vem visitar-me à hora em que costume jantar e fica até às nove, muitas vezes nove e meia, falando de coisas que não me interessam, <i>potins</i> duma sociedade que se julga civilizada e é apenas uma paródia da civilização, em que todos disputam os lugares mais honrosos e todos se rasgam entre si... já me tinha esquecido de tanta má língua, de tanta intriga, da inconsciência e inconsistência das opiniões, das pseudo – amizades – porque amizades a valer, não existem, creio eu – os que deixei mal, jurando que nunca mais se falavam, são agora inseparáveis, os que deixei íntimos... <i>amicíssimos</i> , andam em encarniçada luta.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 46, 14.05.1927]
“eu vim para o hotel, resmungando ... <i>prague</i> praguejando ainda... esperava-me o silêncio, a bendita solidão do meu quarto e o veronal, irmã do sono, irmã da morte...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 48, 25.05.1927]
“Sinto-me na maior solidão, entre gente que não me entende. Não digo a ninguém as minhas tristezas, a minha neurastenia, a minha pena!... Para quê? Quem se importa com ela?”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 51, 29.06.1927]
“A ideia de todo um dia na solidão da minha cela não me assusta. Escrevo, faço <i>crochet</i> para os pobrezinhos de Pau e às	Manuscritos de Luzia

duas horas, Mademoiselle Cros, a minha leitora, quebra o silêncio, interrompe a solidão...”	[Carta n.º 64, 13.02.1928]
Aqui [Saint Christau] a solidão é completa. Não conheço ninguém e num lugar que não tem para mim recordações nem saudades, acho-me perdida, abandonada... Robinson Crusoe na ilha deserta. Quando se é nova, gosta-se da novidade, quando se é velha só se gosta do que já se conhece, do que nos evoca alguma coisa do nosso passado, ainda que essa alguma coisa seja uma tristeza.”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 72, 21.07.1928]
“Tu estás longe, no teu querido Til, tens perto de ti todos os teus vivos e todos os teus mortos, estás entre as queridas coisas que, desde criança, aprendeste a amar, não podes – oh! com certeza não podes! – realizar o que é esta solidão e este horror da solidão, este abandono, este cerrar os dentes para que um grito de sofrimento, há tanto contido, não se exale, enfim!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 75, 27.09.1928]
“A minha orgulhosa solidão conhece essas horas de ansiedade pelo som de uma voz amiga que quebre o silêncio, quase tão profundo como deve ser o da morte. Ai de mim, ai de todos nós! Tudo na terra contém o seu perfume de doçura e o seu travo de amargura. A solidão pode ser um tesouro e pode ser um deserto, sem oásis, onde morre de sede a alma! Dantes, quando trabalhava, quando, sem cansaço e sem esforço, passava horas – dias inteiros! – a ler, a solidão era para mim o tesouro e nem supunha, nem admitia a possibilidade dela se tornar o deserto, sem oásis, onde morresse de sede a minha alma! Agora... mas não quero, não devo queixar-me. Deu-me o Senhor a certeza consoladora de que todo o sofrimento que vem ao nosso caminho, serve para nosso bem e para o bem dos outros. A solidão que nos dói, ensina-nos muito mais do que a solidão a que se quer egoistamente, ensina-nos a fazer companhia aos que, como nós, sofrem de estar sós, dá-nos a compreensão: esse dom maravilhoso!	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 78, 26.06.1928]
“A solidão que foi o meu grande bem, deixou de sê-lo, desde que pouco, quase nada, posso ocupar-me. Quem substituiria os meus pobres, fúteis amigos? As senhoras ultra devotas, ultra virtuosas, as senhoras da Liga da Caridade oficial?”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 81, 22.01.1929]
“Ah! quem me dera fugir, meter-me numa cama do Hameau, passar dez dias a leite e... solidão! Quando poderei oferecer-me esse... luxo? Sei lá!”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 83, 11.02.1929]
“Procuro apenas agarrar-me a uma coisa que me interessa, recuperar alguma alegria do trabalho, que através da doença, da cegueira, da solidão, pode tornar-me contente, feliz...”	Manuscritos de Luzia [Carta n.º 83, 11.02.1929]
“Que mais lhe hei de dizer? Vivo numa grande solidão que muitas vezes acho triste – Se pudesse ler e escrever quanto quero, nunca a acharia...”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 7, 06.11.1933, p. 43]

“Adoro a solidão, sob estas maravilhosas árvores e em tantos cantinhos verdes, onde começam a despontar as cabecinhas cor-de-rosa das <i>belladonas</i> ...”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 19, 03.10.1939 p. 71]
“Nunca mais sofrer, nunca mais ter desilusões, nunca mais sentir o horror da solidão!”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 23, 30.12.1939 p. 82]
“Sou, na verdade, uma freira. Amo, sempre amei, a solidão e prefiro-a a todas as companhias.”	<i>Adeus por hoje...</i> [Carta n.º 35, 03/05.03.1943 p. 131]

### Apêndice 3:

#### "Femmes de lettres" (escritoras e salonières) portuguesas e estrangeiras

##### *Levantamento*

##### *Quadro-Resumo*

Origem:	Lusófona (Portugal Continental e Brasil)	17
Origem:	Lusófona (Madeira)	2
Origem:	Francófona	49
Origem:	Anglófona	5
		<b>Total: 73 mulheres</b>

Nome	Nota biográfica	Fonte
Branca Eva de Gonta Syder Ribeiro Colaço, conhecida como <b>Branca de Gonta Colaço</b> (1880-1945)	Intelectual portuguesa que se destacou como escritora, poetisa e conferencista. Monárquica, nunca se aproximou dos republicanos, o que não a impediu que, na companhia de outras mulheres ativistas, lutasse pela afirmação dos direitos femininos, tornando-se sócia do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas onde pontificava Adelaide Cabete, por exemplo.	<i>Cartas d'uma Vagabunda</i>

<p>Carlota Laura de Serpa Pinto Moreira, conhecida como <b>Carlota Serpa Pinto</b> (1872-1948), pseud. <b>Clarinha</b></p>	<p>Escritora e cronista. A sua casa em Beirós, distrito de Viseu, a partir de onde escreve sobre o ambiente político e cultural de Lisboa dos anos 20, chamada o chalé do Paço, torna-se lugar de reunião de figuras culturais monárquicas mas também apoiantes da Primeira República, como Fernanda de Castro, António Ferro, Sousa Costa, Luísa Grande (Luzia) e Afonso Lopes Vieira. Juntamente com Veva de Lima, Elisa de Sousa Pedroso, Branca de Gonta Colaço e Madalena Martel-Patricio, entre outras, preside a salões de Lisboa, alternativas aos encontros literários (exclusivamente masculinos) que se realizava nos cafés A Brasileira e Martinho da Arcádia.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Florbelá Espanca</b> (1894-1930)</p>	<p>Famosa poetisa portuguesa. Escreveu também contos, um diário e epístolas, traduziu vários romances e colaborou em revistas e jornais.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Genoveva de Lima Mayer Ulrich, mais conhecida como <b>Veva de Lima</b> (1886-1963)</p>	<p>escritora (<i>O Único Vencido da Vida que Também o Foi da Morte</i>, de 1945, e <i>D'Aquém e D'Além Mar Crónicas de Viagem</i>, de 1923-1924), ficou também conhecida por receber a elite intelectual e social de Lisboa em sua casa – o palácio Ulrich, em Campo de Ourique, foi um dos últimos <i>salons littéraires</i> que a capital portuguesa teve.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Maria Amália Vaz de Carvalho</b> (1847-1921)</p>	<p>Escritora, jornalista poeta, e ativista feminista, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Portuguesa das Ciências, em junho de 1912. Mantinha na sua residência, ao n.º 7 da Rua de Santa Catarina, um dos principais salões literários de Lisboa, frequentado por Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Conde de Sabugosa, Bulhão Pato, Sousa Martins, Bernardino Machado e João de Deus, entre muitos outros nomes do panorama literário português. Esta casa ainda existe, encontrando-se hoje assinalada com uma placa de mármore, colocada pela Câmara de Lisboa, em 1934.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>

<p><b>Maria Amélia Teixeira</b></p>	<p>Escritora brasileira que viveu em Portugal, onde fundou a revista <i>Portugal Feminino</i>, publicada entre 1930 e 1937. Nesse periódico, colaboraram Sara Beirão, Maria Lamas, Ana de Castro Osório e Fernanda de Castro, entre outras. A filha homónima e igualmente poetisa morreu aos 26 anos em 1937.</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira, conhecida como <b>Maria Archer</b> (1899-1982)</p>	<p>Jornalista e escritora portuguesa antifascista que pertenceu ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) e foi perseguida pela PIDE. As suas obras foram censuradas pelo Estado Novo o que a levou a refugiar-se no Brasil em 1955. Durante o seu exílio manteve-se ativa e colaborou com os jornais <i>O Estado de S. Paulo</i>, <i>Semana Portuguesa</i>, <i>Portugal Democrático</i> e a <i>Revista Municipal de Lisboa</i>. Em 1979 regressa a Portugal onde passou os seus três últimos anos de vida, internada na Mansão de Santa Maria de Marvila, em Lisboa.</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Maria Fernanda Teles de Castro de Quadros Ferro, conhecida como <b>Fernanda de Castro</b> (1900-1994)</p>	<p>Escritora e poetisa portuguesa de relevo, tendo ainda fundado e dirigido a Associação Nacional de Parques Infantis e da revista <i>Bem Viver</i>. De entre as suas obras em prosa destacam-se <i>As aventuras de Mariazinha</i>, <i>Vicente e Companhia</i>, romance para meninos, <i>Maria da Lua</i>, <i>Fontebela</i>, entre outros. Como poetisa foi igualmente reconhecida e deu à estampa variados livros de versos. Escreveu também algumas peças de teatro. Foi casada com António Ferro, o homem da propaganda do regime de Salazar, e foi uma das grandes amigas de Luzia.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Maria Franco</b> (1908-1975)</p>	<p>Era casada com João Cabral do Nascimento e sobrinha dos artistas Henrique e Francisco Franco. Colaborou como ilustradora na revista <i>Panorama</i>. Escritora de menor envergadura que o marido, Maria Franco fez, sobretudo, muitas traduções.</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Maria Marques de Carvalho Ferreira, conhecida como <b>Maria de Carvalho</b> (1879-1973)</p>	<p>Poetisa, foi também jornalista, conferencista e colaboradora na rádio.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a</i></p>

		<i>Fernanda de Castro e António Ferro</i>
<b>Maria Palmira de Távora Folque</b> (1882-1951), pseud. <b>Maria Paula de Azevedo</b>	Escritora e pianista portuguesa que pertenceu à Liga Católica Feminina e colaborou com as revistas <i>Menina e Moça</i> (da Mocidade Feminina), e <i>Femina</i> (da Obra das mães pela educação nacional) e nos jornais <i>A voz</i> e <i>Novidades</i> .	Manuscritos de Luzia (em tratamento)
<b>Marta de Mesquita da Câmara</b> (1895-1980)	Professora, poetisa e escritora para crianças. Como poetisa, recebeu os maiores elogios de figuras conceituadas da literatura portuguesa: Jaime Cortesão, João Gaspar Simões e José Régio, por exemplo. Para crianças escreveu <i>Conte uma história</i> , <i>Era uma vez...</i> , <i>Canteiro dos meus amores</i> , entre outros. Foi igualmente colaboradora de vários periódicos. Os primeiros versos, a que se refere Luzia, integram a obra chamada <i>Arco-Íris</i> , publicada em 1925.	Manuscritos de Luzia (em tratamento)
<b>Raquel Bastos</b> (1903-1984)	Escritora, cantora e tradutora portuguesa. Dedicou-se à ópera, como soprano ligeiro e, no âmbito da literatura, pertenceu a uma geração de escritoras que, entre 30 e 50, se dedicaram à temática das vivências femininas. Em 1937, lança a sua primeira obra, a novela <i>Um Fio de Música</i> . Escreveu obras diversas, entre as quais o <i>Destino Humilde</i> . Foi galardoada com o prémio Ricardo Malheiro Dias em 1942.	<i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i>
<b>Sara de Vasconcelos Carvalho Beirão</b> (1880-1978)	Foi uma feminista portuguesa que também se destacou como escritora, sobretudo na área da literatura infanto-juvenil, durante as décadas de 30 e 40 do século XX.	<i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i>
Teresa Emília Marques Leitão de Barros, conhecida como <b>Teresa Leitão de Barros</b> (1898-1983)	Foi uma importante autora portuguesa que escreveu para crianças, e não só, pois também publicou romances: <i>Heróis da Tomada de Lisboa</i> , <i>As Heroínas de Diu e Varinha de Condão</i> , este último em coautoria com Fernanda de Castro de quem era muito amiga. Dela são, ainda, alguns livros de carácter didático como os Cadernos de Gramática Portuguesa para a 1ª e 2ª Classes dos Liceus.	Manuscritos de Luzia (em tratamento)  <i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i>

<p><b>Virgínia de Castro e Almeida</b> (1874-1945)</p>	<p>Escritora portuguesa que se dedicou sobretudo à literatura infantil e juvenil, além de publicar obras de divulgação da história e da cultura portuguesas em francês e em inglês. Fluente em diversas línguas, escreveu, em 1934, diretamente em francês <i>La vie de Camões: le poète des Lusíadas et le Portugal de son temps</i>. Luzia, ao referir-se à escritora, por vezes usa o nome de uma das suas personagens, D. Redonda (<i>História de Dona Redonda e de sua gente e Aventuras de Dona Redonda</i>).</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Virgínia de Sousa Vitorino</b> (1895-1967)</p>	<p>Licenciada em Filologia Românica, foi professora de português francês e italiano no Conservatório, atividade que desenvolveu em paralelo com a de dramaturga, a qual lhe valeu o prémio Gil Vicente, em 1938.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>

**Origem:**

**Lusófona (Madeira)**

**Nome**

**Nota biográfica**

**Fonte**

Laura Veridiana de Castro Almeida, conhecida como **Laura Veridiana e Laura de Castro** (1871-1964), pseud. **Maria Francisca Teresa**

Escritora natural da Ilha da Madeira. Filha de D. Francisco Xavier de Castro e Almeida, natural de Goa, na então Índia Portuguesa, e de Maria Antónia de Bettencourt Pestana, do Funchal. Frequentava um círculo de senhoras refinadas, cultas e viajadas, a que pertencia Luzia. Em Lisboa, privava com intelectuais e artistas como a sua prima Virgínia de Castro e Almeida (1874-1945) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921).

*Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal*

*Cartas do campo e da Cidade*

*Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro*

Maria Celina Sauvayre da Câmara, conhecida como **Celina Sauvayre da Câmara** (1856-1929)

Autora madeirense que em 1899 publicou a obra *De Nápoles a Jerusalém*, na qual descreve uma viagem que, em companhia de uma amiga apenas, efetuou na Páscoa de 1898 a Jerusalém, partindo de Nápoles.

*Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal*

Nome	Origem:	Francófona
	Nota biográfica	Fonte
<p>Adelaïde Charlotte Louise Éléonore (1771-1866), também conhecida como <b>Adèle Osmond</b>, tornou-se <b>Condessa de Boigne</b> pelo casamento.</p>	<p>Pertencente a uma família da aristocracia francesa, foi muito próxima da casa de Orleães, pois a sua mãe foi dama de companhia da rainha Adelaide. Separada do marido, teve em Paris um salão notável, onde se reuniam políticos, intelectuais e escritores da época. Sempre bem informada, a condessa decidiu escrever as <i>Memórias</i> a que o texto alude, e que cobrem um período de cerca de setenta anos que decorre entre o fim da monarquia absoluta e 1848. A obra tornou-se um documento imprescindível para o conhecimento daquela época não só pela quantidade de pormenores que integra mas também pela crítica impiedosa que a condessa faz da sua própria classe social.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Adélaïde de la Briche</b> (1755-1844)</p>	<p>Escritora de viagens, memorista e dona de salões literários francesa, viúva de Alexis Janvier de La Live de La Briche, o Secretário Privado da Rainha de França, proprietária do Château du Marais, manteve uma longa correspondência e relação amorosa com o Marquês de Bonnay. Organizava todos os verões um salão no Marais: ali recebia muitos convidados ilustres e organizava festas com a ajuda do fabulista Florian, sobrinho de Voltaire. De ideias liberais, era cunhada de Madame d'Épinay e Madame d'Houdetot, protetoras de Jean-Jacques Rousseau. Reinava na sua sala “um espírito de tolerância e amizade, uma doçura de vida”, segundo Chateaubriand.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>

<p><b>Alice Jeanne Victoire Loiseau</b> (1854-1921), pseud. <b>Daniel Lesueur</b></p>	<p>Autora francesa que cultivou diversos gêneros entre os quais a poesia, o teatro, o romance, a crítica literária, novelas e traduções. Feminista, distinguiu-se também pela sua ação filantrópica, tendo fundado e dirigido várias instituições de solidariedade que protegeram, sobretudo, refugiados e viúvas de combatentes da I Guerra Mundial. O uso do pseudónimo masculino foi-lhe imposto pelo editor dos seus dois primeiros romances a solo, derivando-o de Daniel O'Connell, antepassado materno, e do nome de solteira da sua mãe, Marie Henriette Lesueur. Embora tenha escolhido o nome à pressa, e nunca tenha gostado dele, manteve este pseudónimo até ao fim da vida, apenas lhe acrescentando um hífen após o casamento com Henry Lapauze para evitar equívocos.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant</b> (1804-1876)</p>	<p>Romancista e memorialista francesa. A escritora começou a escrever para o jornal <i>Le Figaro</i>, usando o pseudónimo Jules Sand, inspirado no nome de Sandeau. Em 1831, publicou o livro <i>Rose et Blanche e, em 1832, o romance Indiana</i>. Para poder publicar as suas obras e ser respeitada pelos escritores homens da sua época, foi obrigada a usar o nome masculino George Sand, passando a ser este o seu pseudónimo literário.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Andrée Martignon (1888-1977), nascida <b>Marie Yvonne Andrée Paule Czerniewski</b></p>	<p>Romancista francesa, cuja obra marcou a sua época com o seu amor pela natureza e pela vida rural. Os seus romances, contos e livros infantis didáticos destacam a beleza das paisagens, a simplicidade da vida no campo e o valor do trabalho agrícola.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Anna-Élisabeth Brancovan de Noailles, <b>Condessa de Noailles</b> (1876-1933)</p>	<p>Poetisa e romancista, foi membro da Academia da Bélgica e recebeu o Prémio Archon Despérouses e o Grande Prémio de Literatura da Academia Francesa. Foi a primeira mulher a quem foi atribuída a distinção da Legião de Honra francesa.</p>	<p><i>Diário de Luzia</i> <i>Cartas d'uma Vagabunda</i>  <i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Anne Louise Germaine de Staël-Holstein, comumente conhecida como <b>Madame de Staël</b> (1766-1817)</p>	<p>Autora francesa, romancista e ensaísta que personifica o verdadeiro espírito do Iluminismo francês. Na senda da mãe, teve, em Paris um dos mais brilhantes salões da cidade. Foi amante de Benjamim</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i>  <i>Cartas do campo e da Cidade</i></p>

	<p>Constant entre 1794 e 1812, e na sua companhia viajou muito pela Suíça e Alemanha, país onde se cruzou com vultos de relevo como Goethe e Schiller. Mulher de letras e teórica política, filha do banqueiro e ministro das Finanças francês Jacques Necker. Foi considerada a voz da moderação na Revolução Francesa e na era napoleónica, até à Restauração Francesa. Esteve presente nos Estados Gerais de 1789 e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Colaborou com Benjamin Constant e viveu exilada – primeiro durante o Reinado do Terror e depois devido à perseguição pessoal de Napoleão. As suas obras, sejam romances, literatura de viagem ou polémicas, marcaram o pensamento europeu e o romantismo literário.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Anne-Françoise-Aimée de Franquetot de Coigny, <b>Duquesa de Fleury</b>, e mais tarde <b>Condessa de Fleury</b></p>	<p>Mulher mundana e <i>salonnière</i> francesa. Conseguiu escapar à Revolução, embora tenha sido encarcerada em Saint-Lazaire, onde foi celebrizada por André Chénier no poema <i>La Jeune Captive</i>, um tocante hino à vida.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p>Béatrix de Choiseul-Stainville, <b>Duquesa de Gramont</b> (1729-1794)</p>	<p>Distinta bibliófila e <i>salonnière</i> francesa. Mantinha um salão literário que rivalizava com o de Madame de Pompadour. Condenada pelo Tribunal Revolucionário, morreu guilhotinada em Paris em 1794.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Caroline Rémy (1855-1929), pseud. <b>Séverine</b></p>	<p>Escritora e jornalista francesa, libertária e feminista. Foi a primeira mulher a dirigir um grande jornal diário, <i>Le Cri du peuple</i>, de 1885 a 1888. Durante o período do julgamento de Germaine, o jornal anarquista <i>Le Libertaire</i> organizou uma campanha de solidariedade para a apoiar, e vários ativistas anarquistas conhecidos, como Séverine, compareceram ao julgamento.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>

<p>Caroline-Stéphanie-Félicité, <b>Madame de Genlis</b> (1746-1830)</p>	<p>Escritora francesa, do final do século XVIII e início do século XIX, conhecida pelos seus romances e teorias sobre a educação infantil. Os seus livros eram inspiradores, apresentando a mãe como uma heroína educativa poderosa que criava objetos de alfabetização caseiros, como cartões de memória e outros materiais didáticos. Os seus diários ficaram célebres, pela perspectiva histórica que eles forneceram sobre sua vida e a sua época. Genlis aparece ainda como personagem em obras como <i>As ilusões Perdidas</i>, de Honoré de Balzac; <i>Os Miseráveis</i>, de Victor Hugo; <i>Guerra e Paz</i>, de Liev Tolstói, entre muitas outras.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Charlotte Aïssé</b> (c.1694–1733)</p>	<p>Foi uma escritora francesa. As suas cartas à amiga Madame Calandrini, editadas por Voltaire (1787), contêm muitas informações sobre as celebridades contemporâneas, especialmente Mme. du Deffand e Mme. de Tencin.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Claire de Duras</b> (1777-1828)</p>	<p>Escritora francesa, por alguns considerada um dos grandes talentos pouco conhecidos da literatura do século XIX em França. Foi autora de <i>Ourika</i>, uma obra que aborda questões de igualdade racial e sexual, e a sua figura serviu de inspiração a John Fowles para a composição de uma personagem na obra <i>A amante do tenente francês</i>, publicada em 1969.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Claire Louisa Rose Bonne de Coëtnempren</b> (1777-1828)</p>	<p>Escritora francesa precursora do feminismo, mas também autora de mérito e prosa realista, longe do habitual na época.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Eugénie de Guérin</b> (1805-1848)</p>	<p>Escritora francesa, conhecida sobretudo pelas numerosas cartas que trocou com o irmão, o também escritor Maurice Guérin, de cuja morte prematura se ressentiu muito.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Françoise Eléonore Dejean de Manville, <b>Condessa de Sabran</b>,</p>	<p>Foi uma dama da nobreza e uma escritora francesa que viveu o Antigo Regime, a Revolução Francesa, o Primeiro Império e a Restauração. É conhecida pela</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>

<p>depois <b>Marquesa de Boufflers</b></p>	<p>correspondência que manteve com Stanislas de Boufflers, com quem acabou por se casar.</p>	<p><i>Cartas do Campo e da Cidade</i></p>
<p><b>Gabrielle Basset D'Auriac</b> (1888-1924).</p>	<p>Foi sobretudo uma libretista e poetisa francesa que, apesar disso, também escreveu romances de que a obra referida é um exemplo.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p><b>Gabrielle Élise Victoire Logerot</b> (1869-1938), pseud. <b>Gabrielle Réval</b></p>	<p>Ensaísta e escritora francesa que aborda em alguns dos seus romances a vida das raparigas e o seu lugar na sociedade, como em <i>Lycéennes</i> (1902) e <i>La Bachelière</i> (1910).</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Jeanne Françoise Julie Adélaïde Bernard, conhecida como <b>Madame Jacques Récamier</b> ou <b>Julie Récamier</b> (1777-1849)</p>	<p>Foi uma mulher de letras francesa cujo salão parisiense reuniu, do Diretório até a Monarquia de Julho, as maiores celebridades do mundo político, literário e artístico. Foi amante, amiga e confidente de Chateaubriand. Amiga de Madame de Staël e depois, durante o Império, amiga e companheira de Chateaubriand, foi uma figura chave na oposição ao regime de Napoleão Bonaparte, graças ao seu salão cultural, que era um centro político e intelectual. Conheceu B. Constant e teve um relacionamento romântico com o escritor. As cartas de B. Constant a Madame Récamier foram publicadas por Louise Colet: <i>Lettres de Benjamin Constant a Madame Récamier, avec introduction et épilogue par Louise Colet.</i></p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Jeanne Galzy</b> (1883-1977), nascida Louise Jeanne Baraduc</p>	<p>Romancista, biógrafa, poetisa, ensaísta, dramaturga e crítica literária de Montpellier, hoje bastante esquecida. Autora de biografias de Santa Teresa de Ávila, da rainha Margot e de George Sand, distinguiu-se por ter ousado escrever sobre o lesbianismo. Em 1923 venceu o Prémio Femina, do qual mais tarde se tornou júri, por um longo período.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>

<p>Jeanne Julie Éléonore de <b>Lespinasse</b> (1732-1776)</p>	<p>Mantinha um salão de destaque em Paris durante o Iluminismo e celebrizou-se como escritora de cartas, publicadas pela primeira vez em 1809. O matemático e escritor Jean le Rond d'Alembert tornou-se um amigo íntimo, juntou-se ao seu novo salão e, eventualmente, veio morar em sua casa, embora não estivessem romanticamente envolvidos. O salão de Mlle de Lespinasse tornou-se um centro para os escritores da <i>Encyclopédie</i>. Diderot fez dela uma protagonista dos seus polémicos diálogos filosóficos intitulados <i>O Sonho de D'Alembert</i>.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p>
<p><b>Jeanne Marnière</b> (c.1854-1910), pseud. <b>Jeanne Marni</b></p>	<p>Mulher de letras francesa que usava vários pseudónimos, principalmente o de Jeanne Marni. A sua abundante produção de obras curtas publicadas na sua maior parte na imprensa e encenadas no teatro tiveram um sucesso significativo: deve-se à autora os vaudevilles e cenas de diálogo, mas também alguns romances que desenvolvem análises psicológicas.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Jeanne Ramel-Cals</b> (1883-1976), nascida Jeanne Eugénie Augustine Gibert</p>	<p>Jornalista, romancista e ilustradora francesa.</p>	<p><i>Cartas do campo e da Cidade</i> <i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Jeanne-Marie Leprince de Beaumont</b> (1711-1780)</p>	<p>Escritora francesa que se celebrizou por ter reinterpretado uma obra anterior de Gabrielle-Suzanne de Barbot, intitulada <i>A Bela e o Monstro</i>. A sua versão da história veio a tornar-se a mais conhecida, mas, a par dela, Madame de Beaumont também se dedicou à escrita de um conjunto de obras de carácter moralizador, destinadas à promoção das virtudes entre os jovens. Entre estas últimas contam-se, por exemplo: <i>Le Magazin des Enfants</i>, <i>Le Magazin des Adolescents</i> e <i>Le Magazin des Pauvres</i>.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p>Léontine Lippmann, mais conhecida pelo seu nome de casada <b>Madame Arman</b> ou <b>Madame Arman de Caillavet</b> (1844-1910)</p>	<p>Foi a musa de Anatole France e a anfitriã de um salão literário muito elegante durante a Terceira República Francesa.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>

<p><b>Louise Honorine Crozat du Châtel</b> (1691-1750).</p>	<p>Manteve correspondência com vários intelectuais e personalidades e foi amiga de Voltaire. A correspondência entre Louise Honorine Crozat e Marie Du Deffand foi publicada em 1866, mas já antes tinha saído <i>Correspondance inédite de Mme du Deffand avec D'Alembert, Montesquieu, le président Hénault, la duchesse du Maine, mesdames de Choiseul, de Staal, le marquis d'Argens, le chevalier d'Aydie, etc. Suivie des lettres de M. de Voltaire à Mme du Deffand...</i>, Paris, L. Collin, 1809, 2.º vol.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p><b>Lucie Félix-Faure Gouyau</b> (1866-1913)</p>	<p>Escritora francesa, filha do presidente da República. Leitora ávida na infância e adolescência, foi também grande viajante, descrevendo pormenorizadamente os aspectos novos com que se deparava. Viajava imenso, muitas vezes na companhia do pai. Exímia observadora, admirava a arte e a cultura dos países por onde passava, como Argélia, Tunísia, Egito, Grécia e Itália, etc. Escreveu as memórias e as experiências detalhadas das suas viagens. Católica devota, escreveu também obras de caráter religioso, e para além delas é ainda autora de <i>A árvore das fadas</i> e <i>A vida e a morte das fadas</i>, ensaio de história literária.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i> Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p><b>Lucile de Chateaubriand</b> (1764-1804)</p>	<p>Literata francesa, autora de contos e poemas em prosa. É a irmã mais velha do escritor François-René de Chateaubriand, que fala dela com emoção nas suas <i>Memórias</i>. O poeta Chênedollé pede a sua mão em casamento, mas ela recusa-o, porque este já era casado.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Madeleine Angélique Neufville de Villeroy, Duquesa de Boufflers e Luxemburgo</b> (1707-1787)</p>	<p>Ficou conhecida na literatura como Marechala de Luxemburgo, do segundo casamento com o Marechal de Luxemburgo, em 1750. No castelo de Montmorency, com o marido acolheu e foi amiga de Jean-Jacques Rousseau. Após a morte do marechal de Luxemburgo, em 1764, abriu a sua casa a todos os grandes nomes nobres, artísticos e literários de Paris.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>

<p>Madeleine de Scudéry (1607-1701), conhecida como <b>Mademoiselle de Scudéry</b>, pseud. <b>George</b></p>	<p>Escritora francesa de estilo literário conhecido como preciosismo. Conduziu um importante salão literário de meados do século XVII e foi a primeira mulher a obter o prémio da Academia Francesa.</p>	<p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p>
<p><b>Marcelle Tinayre</b> (1870-1948)</p>	<p>Prolífica escritora francesa, frequentadora do salão de Madame Caillavet, onde se cruzava com Anatole France e Paul Bourget. Autora de vários romances, foi também colaboradora em diversos periódicos e membro de júris literários. Em 1908 recusou receber a Legião de Honra, com que a queriam condecorar por entender que medalha atrairia demasiadas atenções sobre si e por não se identificar com anteriores galardoados, o que foi objeto de bastante celeuma na imprensa. Não obstante, recebeu outros prémios, nomeadamente o Montyon, em 1900, o Vitet em 1907, o Alice Louis-Barthou em 1938 e o Georges Dupau em 1943. Viajou muito, proferindo conferências em diversos países do mundo.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p><b>Marguerite Burnat-Provins</b> (1872-1952)</p>	<p>Escritora e pintora francesa e suíça.</p>	<p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p>
<p><b>Marguerite de la Sablière</b>, com o nome de solteira Marguerite Hessein (1640-1693)</p>	<p>Foi uma <i>salonnière</i> famosa no seu tempo, esposa de Antoine Rambouillet (1624-1679), e patrona de vários escritores como Jean de La Fontaine e Charles Auguste, marquês de Fare com o qual vai viver uma paixão fora do casamento. Depois do fim do relacionamento, ela, que era protestante, converteu-se ao catolicismo e tornou-se grande benemérita, colaborando ativamente com um hospital de incuráveis.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p>Marguerite Teilhard-Chambon et de Aragonnès (1880-1959), pseud. <b>Claude Aragonnès</b></p>	<p>Escritora francesa que se dedicou sobretudo à escrita de biografias, entre as quais se conta a de Marie d'Agoult (1805-1876), de seu nome de casada, que usava como pseudónimo literário Daniel Stern.</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Maria Rosette Shapira, pseud. <b>Myriam Harry</b> (1869-1958)</p>	<p>Escritora francesa. Educada em Berlim e Paris, falava russo, alemão, árabe e hebraico. Trabalhou como secretária do crítico francês Jules Lemaître. Iniciou a sua carreira literária em 1898, com o conto <i>Noël à Bethléem</i>, publicado na edição de Natal da revista La Fronde. Venceu a primeira edição do Prémio Femina, com o</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>

	<p>seu romance <i>La Conquête de Jérusalem</i>, em 1904.</p>	
<p>Marie de Rabutin-Chantal, <b>marquesa de Sévigné</b> (1626-1696)</p>	<p>Foi uma nobre e escritora francesa. Escreveu cerca de 1500 cartas, a maior parte delas dirigidas à sua filha, Adame de Grignam, constituem um marco da literatura francesa. O testemunho que essas cartas preservam é de grande importância para o estudo do quotidiano do seu tempo, bem como sobre a vida das personagens que as povoam. Nas missivas, Madame de Sévigné faz um extraordinário relato da sua época, ao mesmo tempo que apresenta os seus sentimentos.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do Campo e da Cidade</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Marie de Vichy-Chamrond, marquesa du Déffand, geralmente conhecida como <b>Madame du Déffand</b> (1696-1780)</p>	<p>Epistológrafa e <i>salonnière</i> (frequentadora e/ou anfitriã de salões literários) francesa. A correspondência de Madame du Deffand (1697-1780) começou a ser editada a partir de 1809, inicialmente com dois volumes publicados em Paris, contendo a correspondência trocada com D'Alembert, Hénault e Montesquieu, entre outros. A correspondência com Horace Walpole foi publicada em 1810, pela escritora inglesa Mary Berry (1763-1852).</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do Campo e da Cidade</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Marie-Anne Detourbay</b> (1837-1908)</p>	<p>Foi uma figura com algum destaque no Segundo Império e Terceira República francesa, dona de um salão literário frequentado por figuras importantes da época. Manteve, igualmente, uma relação com Jules Lemaître.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p><b>Marie-Charlotte Hippolyte de Campet de Saujon - Comtesse de Boufflers</b> (1711-1786)</p>	<p>Foi uma nobre francesa que escrevia poesia e também pintava em pastel. Bonita e educada, Madame foi de Boufflers, casada com Louis François de Boufflers, marquês de Amestranges, tornou-se amante do rei da Polónia e Grão-Duque da Lituânia, Stanislaw Lescyński, entre</p>	<p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>

	<p>muitos outros. Pela sua tumultuosa vida sentimental ficou conhecida por Madame Sensualidade.</p>	
<p>Marie-Jeanne 'Manon' Roland de la Platière, mais conhecida pelo nome de <b>Madame Roland</b> (1754-1793)</p>	<p>Foi uma revolucionária francesa, <i>salonnière</i> e escritora. Era na sua casa que se reuniam os amigos do deputado Brissot: os “Brissotins” ou os “Girondins”, principal grupo político no início da República, do outono de 1792 à primavera de 1793. Madame Roland tornou-se assim uma política feminina de alto perfil. Os historiadores robespierristas ou dantonistas criticaram o seu papel nocivo no fracasso da política girondina. Mesmo Lamartine, que era seu admirador, escreveu palavras duras sobre ela. No entanto, e embora tenha influenciado alguns dos deputados como Buzot (seu amante), Barbaroux e Louvet, não tinha poder sobre os outros deputados. Morreu na guilhotina.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p>
<p>Marie-Louise-Antoinette de Régnier Herédia (1875-1963), pseud. <b>Gérard d’Houville</b></p>	<p>Romancista, poetisa e dramaturga francesa que usava o pseudónimo literário Gérard d’Houville, que vem de “Girard d’Ouille”, nome de um cavaleiro normando. Filha do poeta José-Maria de Herédia, cuja vida literária se iniciou em 1903, com a publicação da sua primeira obra, <i>L’Inconstante</i>. Em 1928 foi a vez do aparecimento de <i>La vie amoureuse de la Belle Hélène</i>, precedida, em 1924, pela publicação de <i>La vie amoureuse de l’Impératrice Josephine</i>. Em 1918, recebeu o 1º prémio de literatura da Academia Francesa, em 1955, recebeu o Prémio Gustave Le Mallais-Larivière, e, em 1958, foi agraciada com o Grande Prémio de Poesia, por toda a sua obra poética.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p> <p><i>Cartas d’uma Vagabunda</i></p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>

<p>Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, <b>Madame de La Fayette</b> (1634-1693)</p>	<p>Escritora francesa, autora de <i>La Princesse de Clèves</i> (1678), o primeiro romance histórico da França e um dos primeiros romances da literatura. A sua mãe casou, em segundas núpcias com o cavaleiro Renaud de Sévigné, tio da Marquesa de Sévigné, de quem se tornaria mais tarde grande amiga. Com 16 anos ela se tornou dama de honra da rainha Ana de Áustria e começou a receber educação literária de Gilles Ménage, que a introduziu aos salões de Madame de Rambouillet e Madeleine de Scudéry.</p>	<p><i>Cartas do campo e da Cidade</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Marie-Thérèse Piérat</b>, nascida Marie Panot (1883-1934)</p>	<p>Foi uma atriz e escritora francesa. Escreveu a peça <i>Pour régner</i> (1926). Foi casada com o famoso Lucien-Victor Guirand de Scevola.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Marthe Lahovary</b> (1886-1973)</p>	<p>Escritora francesa, nascida na Roménia, que se dedicou a variados tipos de textos, desde os romances até à literatura de viagens, para além de artigos, contos e novelas. Pertenceu, como estrangeira, à Academia Real da Bélgica.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p>
<p>Pauline de Montmorin Saint-Hérem, <b>Condessa de Beaumont</b> (1768-1803)</p>	<p>Mulher mundana e letrada, mais conhecida por ter sido amante de François-René de Chateaubriand e por ter realizado um salão literário onde os intelectuais mais brilhantes de Paris se reuniam no crepúsculo do Século das Luzes.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p>Philomène Marie Charlotte Gaudérique Felicité Gislaine de Lévis-Mirepoix, <b>Condessa Jules de la Forest Divonne</b> (1888-1978), pseud. <b>Claude Silve</b></p>	<p>Escritora francesa galardoada com o Prix Femina pelo seu romance <i>Bénédiction</i>. Esta obra retrata a vida de província de uma pequena nobreza rural, preenchida com insignificâncias.</p>	<p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p>Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau (1849-1932), pseud. <b>Gyp</b></p>	<p>Romancista francesa autora de inúmeras obras, das quais a última foi publicada em 1931, ou seja, com 82 anos.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>

<p><b>Sidonie-Gabrielle Colette Willy</b>, conhecida como <b>Colette</b> (1873-1954)</p>	<p>Foi uma prolífica escritora francesa da Belle Époque que ficou famosa tanto pelas muitas obras de sua autoria, em grande parte das quais promoveu a emancipação feminina, como pela sua vida pessoal. Apesar de se ter casado três vezes, Colette não engeitava o amor homossexual, sendo mesmo o amor o tema maior da sua produção que, em descrições bastante sensuais, se ocupava das suas dores e prazeres.</p>	<p><i>Diário de Luzia</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>
<p><b>Sofia Feodorovna Rostopchine</b> (1799-1874)</p>	<p>Escritora de origem russa que casou com Eugène, conde de Ségur, com quem teve oito filhos. Tornou-se uma reconhecida autora de obras para crianças, de entre as quais se destacam <i>Os desastres de Sofia e Meninas Exemplares</i>.</p>	<p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>

**Origem:****Anglófona**

<b>Nome</b>	<b>Nota biográfica</b>	<b>Fonte</b>
<p><b>Ann Radcliffe</b>, nascida Ann Ward (1764-1823)</p>	<p>Romancista inglesa, pioneira da ficção gótica. A sua técnica de explicar elementos aparentemente sobrenaturais nos seus romances foi o que trouxe o estatuto e a respeitabilidade para a ficção gótica na década de 1790.</p>	<p><i>Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal</i></p> <p><i>Cartas d'uma Vagabunda</i></p>
<p><b>Charlotte Brontë</b> (1816-1855)</p>	<p>Escritora e poetisa inglesa que, sob diversos pseudónimos, escreveu alguns dos mais notáveis romances da literatura inglesa, entre os quais se conta precisamente <i>Jane Eyre</i>, o qual assinou como Currer Bell. Era irmã de outras duas notáveis romancistas, Emily Brontë, autora de <i>O Monte dos Vendavais</i>, e Anne, que escreveu os menos conhecidos <i>Agnes Grey</i> e <i>The Tenant of Wildfell Hall</i>.</p>	<p>Manuscritos de Luzia (em tratamento)</p> <p><i>Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro</i></p>

**Elizabeth Cary,  
viscondessa Falkland**  
(1585–1639)

Poeta, dramaturga e historiadora inglesa, tendo sido a primeira mulher a escrever e publicar uma peça original em língua inglesa, “A Tragédia de Miriam”. A peça aborda o tema do casamento tumultuoso entre Herodes e Miriam, provavelmente refletindo os próprios problemas conjugais de Elizabeth com o marido, Sir Henry Cary, mais tarde visconde Falkland, com quem o seu pai havia concertado o casamento quando tinha apenas 15 anos. Ao mudar-se para a casa de Henry Cary, Elizabeth foi proibida de ler pela sogra, dedicando-se então a escrever poesia. Originária de uma família protestante, Elizabeth viria a converter-se ao catolicismo, na sequência da sua mudança para a Irlanda, o que originou um processo de divórcio movido pelo marido, e a perda da guarda dos filhos, que apenas conseguiu recuperar após a morte do marido em 1633.

*Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal*

**Florence Barclay** (1862-1921)

Romancista inglesa, autora de muitos romances, entre os quais se conta o *Auréole Brisé*, publicado em 1913. A trama do romance gira à volta de um médico jovem e pobre que tem como paciente uma senhora que poderia ficar rica se se casasse pela segunda vez. O jovem não resiste à tentação e o casamento acaba mesmo por se dar, apesar da senhora saber que era um enlace por interesse.

*Cartas d'uma Vagabunda*

**Katherine Mansfield**  
(1888-1923)

Foi uma escritora neozelandesa, de vida rebelde e prosa sombria, vertida, sobretudo, em contos de cariz modernista. Além de contos e poesia, dedicou-se também à diarística e à epistolografia. Com 19 anos, deixou a Nova Zelândia e estabeleceu-se na Inglaterra, onde se tornou amiga de D. H. Lawrence, Virginia Woolf, Lady Ottoline Morrell e outros escritores que pertenciam à órbita do Grupo de Bloomsbury. Teve grande influência nas escolhas estéticas da obra de Luzia.

*Adeus por hoje... Cartas a Fernanda de Castro e António Ferro*

## Apêndice 4:

### As mulheres na *Atlântico: Revista luso-brasileira*

#### *Levantamento*

*Atlântico: Revista luso-brasileira*, foi um periódico nascido de um acordo cultural Luso-Brasileiro que foi assinado em 4 de setembro de 1941, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, por António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, e Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, que partilharam a direção da revista, publicada, simultaneamente, em Lisboa e no Rio de Janeiro, entre 1942 e 1950, num total de dezasseis números, divididos em três séries. Foi um periódico vocacionado para levar ao mundo uma visão de um Brasil humanista e o período do colonialismo português, através da publicação de autores literários lusófonos. Esta revista teve como Diretor, em 1950, Eça de Queirós. Fernanda de Castro foi uma das colaboradoras portuguesas desta revista.

- 1.<sup>a</sup> Série: maio 1942 a abril 1945 (6 números)
- 2.<sup>a</sup> Série: maio 1946 a outubro 1948 (7 números)
- 3.<sup>a</sup> Série: setembro 1949 a março 1950 (3 números)

#### Quadro-resumo

		<i>Percentagem</i>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>73</b>	14%
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>438</b>	86%
<b>Total de autores</b>	<b>511</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 1 - março 1942
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
Adalgisa Nery	Brasil	Poesia
Fernanda de Castro	Portugal	Poesia
Cecília Meireles	Brasil	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Luzia	Portugal	Prosa
Maria Archer	Portugal	Prosa
Guilhermina de Azevedo	Portugal	Prosa

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>7</b>	<b>21%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>26</b>	<b>79%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>33</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 2 - outubro 1942
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
Merícia Lemos	Moçambique	Ilustração
Sofia de Mello Breyner Andersen	Portugal	Poesia
Rachel Santos	Portugal	Prosa

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>3</b>	<b>10%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>28</b>	<b>90%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>31</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 3 - março 1943
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
Ana de Castro Osório	Portugal	Narrativa
Maria Manuela Couto Vieira	Portugal	Poesia
Maria da Graça Azambuja	Portugal	Narrativa
Maria Franco	Portugal	Narrativa

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>4</b>	<b>10%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>36</b>	<b>90%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>40</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 4 - novembro 1943
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
Teresa Leitão de Barros	Portugal	<b>Artigo - "Presença feminina na épica brasileira"</b>
Natércia Freire	Portugal	Narrativa
Rachel de Queiróz	Portugal	Narrativa
		<i>Percentagem</i>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>3</b>	<b>8%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>34</b>	<b>92%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>37</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 5 - julho 1944
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
Maria do Carmo	Desconhecida	Poesia
Dinah Silveira de Queiróz	Brasil	Narrativa
Adelaide Felix	Portugal	Narrativa
Fernanda de Castro	Portugal	Romance
Rachel Bastos	Portugal	Narrativa
		<i>Percentagem</i>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>5</b>	<b>16%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>26</b>	<b>84%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>31</b>	

	1. <sup>a</sup> Série	N.º 6 - abril 1945
<i>Mulheres</i>	<i>Origem</i>	<i>Tipo de texto</i>
<b>Rosário Fusco</b>	Brasil	<b>Artigo - "O Esforço Intelectual na Criação"</b>
Maria Eugénia Celso	Brasil	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Lygia	Brasil	Poesia
Maria Elvira de Castro Barroso	Portugal	Poesia
Dinah Silveira de Queiróz	Brasil	Prosa

Maria da Graça Azambuja	Portugal	Prosa
Clarrise Lispector	Brasil	Prosa
		<b>Percentagem</b>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>8</b>	<b>21%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>30</b>	<b>79%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>38</b>	

	<b>2.ª Série</b>	<b>N.º 1 - maio 1946</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Lila Ripoll	Brasil	Poesia
Lila Ripoll	Brasil	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Prosa

		<b>Percentagem</b>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>3</b>	<b>9%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>30</b>	<b>91%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>33</b>	

	<b>2.ª Série</b>	<b>N.º 2 - setembro 1946</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Henriqueta Lisboa	Brasil	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Rachel Bastos	Portugal	Prosa

		<b>Percentagem</b>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>4</b>	<b>13%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>28</b>	<b>88%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>32</b>	

	<b>2.ª Série</b>	<b>N.º 3 - fevereiro 1947</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Maria da Graça Azambuja	Portugal	Prosa
Isabel de Castro	Desconhecida	Poesia

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>2</b>	<b>6%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>30</b>	<b>94%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>32</b>	

	<b>2.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 4 - junho 1947</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Natércia Freire	Portugal	<b>Artigo - "Duas poetisas brasileiras"</b>
Rachel Bastos	Portugal	Prosa
Fernanda de Castro	Portugal	Romance

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>3</b>	<b>9%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>29</b>	<b>91%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>32</b>	

	<b>2.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 5 - dezembro 1947</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Lígia Fagundes Teles	Brasil	Prosa
Ruth Guimarães	Brasil	Poesia
Ruth Guimarães	Brasil	Poesia
Maria Franco	Desconhecida	Poesia
Maria Franco	Desconhecida	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Prosa
Eugénia Aurora	Desconhecida	Prosa

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>7</b>	<b>27%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>19</b>	<b>73%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>26</b>	

	<b>2.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 6 - junho 1948</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Cecília Meireles	Brasil	Prosa

Cecília Meireles	Brasil	Poesia
Rachel Bastos	Portugal	Prosa
Ruth Guimarães	Brasil	Prosa
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Maria da Graça Azambuja	Portugal	Prosa
Maria Elvira Barroso	Portugal	Poesia

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>7</b>	<b>21%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>26</b>	<b>79%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>33</b>	

	<b>2.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 7 - outubro 1948</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Maria Manuela Couto Viana	Portugal	Poesia
Natércia Freire	Portugal	<b>Artigo - "Alphonsus de Guimarães Filho"</b>
Isabel de Castro	Desconhecida	Prosa

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>3</b>	<b>9%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>31</b>	<b>91%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>34</b>	

	<b>3.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 1 - setembro 1949</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Natércia Freire	Portugal	Poesia
Isabel de Castro	Desconhecida	Poesia

	<i>Percentagem</i>	
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>2</b>	<b>9%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>20</b>	<b>91%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>22</b>	

	<b>3.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 2 - dezembro 1948</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Maria Elvira Barroso	Portugal	Poesia

Maria Cecília Correia	Portugal	Poesia
Natércia Freire	Portugal	Prosa
Maria Henriqueta	Desconhecida	Prosa
Maria da Graça Azambuja	Portugal	Prosa
		<b>Percentagem</b>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>5</b>	<b>18%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>23</b>	<b>82%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>28</b>	

	<b>3.<sup>a</sup> Série</b>	<b>N.º 2 - dezembro 1948</b>
<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>Tipo de texto</b>
Natércia Freire	Portugal	<b>Artigo - "Poetisas do Brasil"</b>
Cecília Meireles	Brasil	Poesia
Sophia de Mello Breyner Andersen	Portugal	Poesia
Sophia de Mello Breyner Andersen	Portugal	Poesia
Ester Lemos	Portugal	Poesia
Rachel Bastos	Portugal	Prosa
Fernanda de Castro	Portugal	Prosa
Heloísa Cid	Portugal	Prosa
		<b>Percentagem</b>
<b>Total de textos de autoria feminina</b>	<b>7</b>	<b>24%</b>
<b>Total de textos de autoria masculina</b>	<b>22</b>	<b>76%</b>
<b>Total de autores</b>	<b>29</b>	

**Lista de Autoras**

<b>Mulheres</b>	<b>Origem</b>	<b>N.º de textos</b>
Adalgisa Nery	Brasil	1
Adelaide Felix	Portugal	1
Ana de Castro Osório	Portugal	1
Cecília Meireles	Brasil	4
Clarrise Lispector	Brasil	1
Dinah Silveira de Queiróz	Brasil	2
Ester Lemos	Portugal	1
Eugénia Aurora	Desconhecida	1
Fernanda de Castro	Portugal	3
Guilhermina de Azevedo	Portugal	1
Heloísa Cid	Portugal	1
Henriqueta Lisboa	Brasil	1
Isabel de Castro	Desconhecida	3
Lígia Fagundes Teles	Brasil	1
Lila Ripoll	Brasil	2
Luzia	Portugal	1
Lygia	Brasil	1
Maria Archer	Portugal	1
Maria Cecília Correia	Portugal	1
Maria da Graça Azambuja	Portugal	5
Maria do Carmo	Desconhecida	1
Maria Elvira de Castro Barroso	Portugal	3
Maria Eugénia Celso	Brasil	2
Maria Franco	Portugal	3
Maria Henriqueta	Desconhecida	1
Maria Manuela Couto Viana	Portugal	2
Merícia Lemos	Moçambique	1
Natércia Freire	Portugal	12
Rachel Bastos	Portugal	5
Rachel de Queiróz	Portugal	1
Rachel Santos	Portugal	1
Rosário Fusco	Brasil	2
Ruth Guimarães	Brasil	3
Sophia de Mello Breyner Andersen	Portugal	3
Teresa Leitão de Barros	Portugal	1